



C. Peter Wagner

Igrejas que Oram

Como a oração pode mudar sua igreja, sua comunidade e derrubar as muralhas entre a igreja local e a comunidade.

Digitalizado por BlackKnight
Revisado por SusanaCap
PDL & Semeadores da Palavra

Série Guerreiros da Oração
Editora Bompastor
Título original: Churches That Pray
Tradução: João Marques Bentes

Sumário

INTRODUÇÃO

1. O GRANDE MOVIMENTO DE ORAÇÃO
2. ORAÇÃO RETÓRICA *VERSUS* ORAÇÃO DE AÇÃO
3. OUVINDO A VOZ DE DEUS
4. IGREJAS QUE ORAM
5. PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA ORAÇÃO COMUNITÁRIA
6. A ORAÇÃO PODE MUDAR A SUA COMUNIDADE
7. MARCHAS DE LOUVOR
8. PASSEIOS DE ORAÇÃO
9. EXPEDIÇÕES DE ORAÇÃO
10. JORNADAS DE ORAÇÃO

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante aos deficientes visuais e a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.



CONTRACAPA

O Reavivamento virá quando derrubarmos as muralhas entre a Igreja Local e a Comunidade.

Jack Graham

PASTOR, IGREJA BATISTA PRESTONWOOD, DALLAS, TEXAS.

A Oração de ação pode mudar sua igreja, sua comunidade e sua vida.

Quando as igrejas se reúnem em oração, vemos sucederem coisas notáveis, coisas que a maioria de nós, apenas poucos anos atrás, pensaria serem impossíveis: a União Soviética desintegrou-se, o Muro de Berlim foi derrubado e Deus abriu a Cortina de Ferro, permitindo que o evangelho se derramasse sobre aquela terra faminta. Em cada continente é evidente que Deus está fazendo coisas poderosas em resposta à oração.

Talvez ainda mais notáveis sejam os resultados, em resposta à oração, que um número crescente de pessoas está vendo em sua própria vida. Mais e mais, ao redor do mundo, as pessoas estão orando com a expectativa de que Deus ouvirá suas orações e lhes responderá. E esse tipo de oração eficaz foi posto à disposição de cada crente.

Igrejas Que Oram dá exemplos concretos de como Deus está respondendo às "orações de ação" fervorosas, em todos os recantos do planeta. Este livro também confere ao leitor passos práticos a serem dados, para que possa usar a "oração de ação" em sua igreja e em sua comunidade. Você aprenderá que Deus geralmente espera por nossas orações antes de agir; e você também descobrirá como você e outros crentes poderão orar com maior poder.

* * *

C. PETER WAGNER tem dado palestras sobre missões e desenvolvimento eclesiástico no Fuller Theological Seminary, em Pasadena, Califórnia, desde 1971. Antes disso, ele e sua esposa, Doris, serviram por dezesseis anos como missionários na Bolívia, América do Sul. Ele já publicou mais de trinta títulos, incluindo muitos sobre batalha espiritual, alguns dos quais publicados em português pela Bompastor Editora.

* * *

Alguém, que tinha lido este livro, declarou: "Dentre a série inteira chamada *Guerreiros da Oração*, este é o volume que o diabo mais odeia!" Acredito nisso. Este livro, sem dúvida nenhuma, ajudará mais pessoas a se envolverem pessoalmente no grande movimento mundial de oração do que o fizeram os três primeiros. E o diabo tem boas razões para odiá-lo, porquanto sabe qual é o dano que um exército de oração, motivado devidamente e altamente organizado, pode fazer ao seu império do mal!



C. Peter Wagner

* * *

Amorosamente dedicado
à minha mãe e ao meu pai,
C. Graham Wagner e
Phyllis H. Wagner

* * *

INTRODUÇÃO

Este quarto livro da série *Guerreiros da Oração* foi originalmente planejado para ser o primeiro. Quando comecei a pesquisar acerca do movimento de oração, em 1987, descobri três áreas centrais que não haviam ainda sido ventiladas em qualquer profundidade significativa pela vasta literatura acerca da oração: (1) a oração e a igreja local; (2) a intercessão em favor dos líderes evangélicos; e (3) a intercessão em nível estratégico. Na qualidade

de professor de crescimento eclesial há muito tempo, planejei começar pela primeira dessas três áreas. No entanto, logo tomei consciência de que eu não era capaz de iniciar explorando o ministério local das igrejas locais ou a relação entre a oração e o crescimento da igreja local. Mas eu não sabia exatamente por qual motivo. Portanto, escrevi primeiro *Oração de Guerra*. Em seguida, escrevi *Escudo de Oração*. E, antes que eu pudesse iniciar este livro, fiquei tão impressionado diante da urgente necessidade de um livro sobre mapeamento espiritual que ampliei a série de três volumes para quatro e editei *Derrubando as Fortalezas em Sua Cidade*.

Por essa altura, eu estava preparado para que Deus me mostrasse claramente por que ele não me havia ainda permitido que escrevesse antes *Igrejas Que Oram*. A razão disso é que eu estava trabalhando em cima de apenas metade da premissa correta. Eu estava prestes a escrever um livro inteiro sobre a oração no seio da igreja local. Embora isso fosse bom e muito necessário em um livro como este, foi apenas bem mais recentemente que percebi que deveria abordar o assunto da outra metade deste livro.

Tanto quanto qualquer outra coisa, as palavras que ouvi da parte do pastor Jack Graham, da Igreja Batista Prestonwood, completaram a minha maneira parcial de pensar. Em um sentido perfeitamente profético, o pastor Graham havia dito: "O reavivamento ocorrerá quando derrubarmos as muralhas entre a igreja local e a comunidade".

E assim, realmente, aconteceu!

Sim, as igrejas devem orar por mais tempo, mais intensamente e com maior eficiência, dentro de suas próprias paredes. Mas também deveriam estar orando na comunidade, fora da igreja. Minhas pesquisas sobre o movimento de oração têm trazido à superfície métodos de orar na comunidade, e prontamente vi como as duas coisas se ajustam uma à outra.

Os cinco primeiros capítulos deste livro tratam do movimento da oração, da natureza da oração e das orações na igreja local. Os últimos cinco capítulos destacam a necessidade de orarmos na comunidade, por meio de marchas de louvor, passeios de oração, expedições de oração e viagens de oração. Juntos, esses métodos

têm o potencial de fazer da oração um dos mais estimulantes e produtivos ministérios da sua igreja.

1. O GRANDE MOVIMENTO DE ORAÇÃO

Eu estava assistindo ao maciço II Congresso de Lausanne sobre Evangelização Mundial, em 1989. Minhas décadas de experiência em tais reuniões levaram-me à conclusão de que, amiudadas vezes, as coisas mais importantes acontecem nos corredores e nos períodos de descanso para um cafezinho, e não durante as sessões plenárias. Portanto, naquele dia, eu me estava mostrando bastante malcriado por não me fazer presente à sessão plenária.

Trabalhei por duas horas em meu quarto de hotel e, então, fui até à seção de exposições do centro da convenção. Eu levava uma garrafa de Coca-Cola e, então, orei em um sussurro audível: "Senhor, por favor, permite-me conversar com a pessoa que escolheres." Depois, fui deslizando até à livraria.

Meu amigo, Jim Montgomery, achava-se ali. Indaguei: "*Senhor, por que o Jim?*" Ele é meu vizinho, e nos vemos quase todas as semanas em nossa classe de Escola Dominical, em Pasadena, na Califórnia. Não precisaria viajar metade do mundo somente para ver o Jim.

"VOCÊ É O ORADOR!"

Jim deu início à conversação ao dizer "Há um bom número de pessoas registradas para o almoço." Eu não sabia qual era o almoço sobre o qual ele estava falando, enquanto ele não me disse que se tratava de um evento importante, que fora marcado para informar e motivar líderes de muitas nações do mundo sobre o movimento de Disciplinamento de Uma Nação Inteira (DUNI), encabeçado por ele. Não somente isso, mas também eu seria o orador principal! Ademais, tudo começaria dentro de menos de duas horas! De alguma maneira, aquele compromisso, com o qual eu tinha concordado alguns meses antes, não havia sido anotado em minha agenda. Primeiramente eu disse: "Estarei lá!" Em

seguida, exclamei: "Muito agradecido, Senhor." Aquele incidente, por si mesmo, ter-me-ia satisfeito por uma manhã de oração respondida; mas a bênção ainda não havia terminado. Antes de ir-me embora, comecei a conversar com Rey Halili, um filipino, gerente de uma livraria evangélica, e ele compartilhou comigo que, nas ilhas Filipinas, meus livros eram caros demais, porque a Regal Books não estava em posição de conceder direitos aos publicadores filipinos a fim de publicá-los localmente, em vez de terem de importá-los. Respondi que examinaria a questão.

ONDE ESTÁ A GEORGALYN?

Quando deixamos a livraria, encaminhei-me até à escadaria de um grande salão de estar público, onde se podia descansar para tomar um cafezinho. Percebi que a pessoa com quem eu deveria conversar, a respeito dos livros nas ilhas Filipinas, era Georgalyn Wilkinson, que encabeça a Gospel Literature International (GLINT). Eu sabia que ela estava presente no congresso; mas eu ainda não tinha falado com ela, e nem fazia idéia sobre onde ela estaria acomodada ou quais seriam as suas atividades. Esperar encontrá-la, em meio àqueles quatro mil e quinhentos delegados, era uma expectativa pouco razoável. Assim, de novo orei em voz audível: "Senhor, permite-me encontrar-me com a Georgalyn."

Eu me estava dirigindo para o salão de estar, para poder ficar sozinho e preparar-me para o meu discurso da hora do lanche, na reunião da DUNI. Senti-me muito aliviado quando não vi senão duas pessoas, no salão de estar, e que elas estavam aparentemente tratando de algum negócio, mais ou menos no meio do salão. Então, quando olhei com maior atenção, quase não pude crer no que vi — uma daquelas pessoas era Georgalyn Wilkinson!

"Muito agradecido, Senhor."

A VIDA CRISTÃ NORMAL?

É assim que deveria ser a vida cristã. Deus é uma Pessoa. Ele não é um estranho para nós; ele é nosso Pai. Falar com ele sobre

questões até mesmo secundárias da vida e ver provas tangíveis de sua resposta amorosa deveria ser algo normal para os crentes.

Não acredito que aqueles dois incidentes daquela manhã foram apenas coincidências. Também não creio que foi apenas uma questão de sorte. Mas creio que o Deus soberano estava controlando as coisas, pessoalmente interessado pelo movimento DUNI, pela GLINT e pelo preço dos livros evangélicos nas ilhas Filipinas, e por Rey Halili, Jim Montgomery, Georgalyn Wilkinson e Peter Wagner. Aquela era uma das manhãs em que eu estava espiritualmente sintonizado com o que Deus Pai estava fazendo; e, assim, tudo constituiu experiências maravilhosas.

Quando afirmo que é assim que deveria ser a vida cristã, percebo claramente que não é assim que as coisas sempre acontecem. Tais manhãs são raras o bastante, de tal modo que, depois de ter falado com Georgalyn, passei alguns minutos tomando notas sobre o que tinha acontecido. Entretanto, se estou observando com exatidão o que está acontecendo no presente, entre os crentes, em quase todos os lugares do mundo, nestes nossos dias, essas manhãs deveriam tornar-se cada vez mais freqüentes para pessoas como você ou como eu.

Para algumas pessoas, talvez as orações sobre um discurso a ser feito ou um encontro com uma amiga sejam apenas coisas triviais e sem grande importância. Não teria Deus coisas mais importantes para fazer?

Naturalmente, Deus tem coisas mais importantes do que essas em sua agenda. Mas, o que há de glorioso no tocante a Deus é que ele não impõe limites às coisas, conforme nós, seres humanos, costumamos fazer. De fato, ele cuida até daquilo que é trivial, ao mesmo tempo que, sob hipótese nenhuma, evita tratar de questões que exercem um impacto mais universal, como, por exemplo, a derrubada da chamada Cortina de Ferro.

A ORAÇÃO E A CORTINA DE FERRO

Desde a desintegração da União Soviética, em 1991, muitas histórias de intercessão intensa têm vindo à superfície, parte dessa intercessão feita por crentes dentro da ex-União Soviética, e parte

feita por crentes que vivem em outros lugares do mundo. Um dos meus desejos é que uma pessoa criativa e bem informada venha a compilar eventualmente esses episódios. Isso nos conferiria aquilo que Paul Harvey poderia chamar de "o resto da história".

Uma peça-chave do quebra-cabeça já foi revelada. Meu amigo Dick Eastman publicou a história em sua obra clássica a respeito da intercessão, *Love on Its Knees*, antes que ruísse por terra a Cortina de Ferro. Ele contou acerca de seu amigo, Mark Geppert, a quem Deus chamou, em 1986, para passar duas semanas na União Soviética e nada mais fazer ali senão orar. Mark relatou que Deus lhe deu um itinerário específico e também uma agenda de oração, antes de partir para a União Soviética. Sua derradeira tarefa era passar quatro dias de oração em Kiev, a cidade maior e mais próxima da pequena aldeia de Chernobyl, onde estava localizado o infame reator nuclear que explodiu alguns anos atrás.

Na manhã de seu último dia de jornada de oração, a 25 de abril de 1986, Mark foi até à praça, no centro de Kiev, e começou a orar, à sombra de uma grande estátua de Lênin. Ele pregou em segmentos de quinze minutos, cada qual assinalado pelo toque do gigantesco relógio da cidade, que havia na praça. E foi no período de quinze minutos, imediatamente antes do meio-dia, que ele sentiu que estava liberado de sua tarefa. Ele sentiu que Deus, em resposta às orações dele, dizia que algo estava acontecendo que sacudiria a União Soviética, abrindo caminho para mais liberdade. Deus disse dentro do espírito de Mark: "Comece a louvar-me, pois eu fiz isso!" E Mark começou a glorificar abertamente ao Rei dos reis, ali, perto da estátua de Lênin. Ele, então, mostrou-se ousado o bastante para sacudir o pulso diante da estátua, bradando com profundo sentimento: "Lênin, agora você é apenas parte da história!"

Em seu sentimento de júbilo, Mark teve a coragem de pedir a Deus uma confirmação. "Ó Deus", clamou ele, "dá-me um sinal, mesmo que seja pequeno." Foi exatamente naquele momento que os imensos ponteiros do relógio chegaram ao meio-dia. Durante quatro dias, aquele relógio havia soado sem falhar, a cada hora. Mas daquela vez, às doze horas do dia, o relógio manteve completo silêncio!

A história agora registra que ao meio-dia, ou ligeiros momentos mais tarde, foi cometido o primeiro equívoco por um

único operário da planta nuclear de Chernobyl, o que, por fim, resultou em um grande desastre, cerca das 13 horas de 26 de abril de 1986, mais ou menos treze horas depois que Deus havia liberado Mark Geppert.¹

"A História Pertence aos Intercessores"

Esse incidente estava longe de ser um acontecimento trivial. Dick Eastman, mais tarde, compartilhou comigo de um recorte extraído do jornal *Washington Post*, escrito cinco anos após aquele desastre em Chernobyl, o qual argumentou que a explosão em Chernobyl, "cada vez mais, está sendo encarada como o momento culminante no colapso de um sistema político e econômico que era, ao mesmo tempo, cruel e desesperadamente ineficiente".²

Ora, a questão se isso poderia ter acontecido por coincidência torna-se mais crucial do que se o encontro de Peter Wagner com Georgalyn Wilkinson teria ocorrido ou não por mera coincidência. Poderia acontecer que as orações de Mark Geppert (juntamente com as orações de incontáveis outros crentes) realmente tiveram algo a ver com a liberação de centenas de milhões de homens e mulheres de uma tirânica opressão política? Será possível que a oração pode fazer tanta diferença assim? Poderia Walter Wink estar com a razão, quando disse: "A história pertence aos intercessores"?³

O GRANDE MOVIMENTO DE ORAÇÃO

Um número cada vez maior de pessoas, nas nações ao redor do mundo, que dispõem de uma presença evangélica significativa, está respondendo "sim" às perguntas feitas no parágrafo acima. Um movimento de oração que ultrapassa em muito qualquer coisa de que há memória entre pessoas vivas, talvez em toda a história do cristianismo, está tomando impulso, e isso com tremenda rapidez. Em todos os anos em que venho ministrando a pastores por todo o território da América do Norte, nunca vi a oração ocupar posição tão importante em suas agendas coletivas.

A fome de oração desconhece fronteiras denominacionais. Evangélicos, crentes de grupos tradicionais, carismáticos, pentecostais, episcopais, fundamentalistas, luteranos, batistas, restauracionistas, reformados, menonitas, dos grupos "holiness", calvinistas, dispensacionalistas, wesleyanos e muitos outros grupos de crentes estão ficando surpresos diante do crescente interesse pela oração. Em conferências do clero, os pastores estão convidando uns aos outros, embora ainda em tons um tanto comedidos: "Aquilo que estamos vendo seria o fenômeno que os historiadores dizem que usualmente antecede aos reavivamentos verdadeiros?" Nesse caso, eles estão percebendo que não se trata de algo gerado por alguma extraordinária força de vontade humana, mas pelo Espírito de Deus.

Ministérios especializados em oração estão sendo organizados por todo o nosso país e ao redor do mundo. Alguns desses ministérios aparecem e desaparecem, mas outros parecem mais estáveis, pois contam com juntas de diretores, recolhimento regular de fundos e divulgação de notícias regulares. A comunidade evangélica está atualmente sendo beneficiada pela Concerts of Prayer, de David Bryant, pela Intercessors for America, de Gary Bergel, pela Breakthrough, de Leonard LeSouds, pela Generals of Intercession, de Cindy Jacobs, pela Esther Network International, de Esther Ilnisky, pela United Prayer Ministries, de Evelyn Christenson e pela Intercessors International, de Beth Alves, somente para mencionar alguns desses grupos de oração. Alguns concentram a sua atenção na intercessão pessoal, outros nas orações pelas autoridades, outros na evangelização do mundo, outros na guerra espiritual, e alguns outros nas crianças.

Quase todos esses ministérios de oração são interdenominacionais. Ao mesmo tempo, porém, as próprias denominações estão reconhecendo a importância crucial da oração e estão organizando os seus próprios departamentos voltados para ministérios denominacionais de oração. Muitas, se não mesmo a maioria, das denominações dos Estados Unidos da América agora dispõem de líderes de oração entre o seu pessoal administrativo. A antes improvável combinação de líderes denominacionais de oração, formada pela Igreja Cristã Reformada, pelas Assembléias de Deus e pelos Batistas do Sul, tem-se reunido e orado junto, não faz muito tempo. E até já decidiram formar a Rede Denominacional

de Líderes da Oração. Alvin Vander Griend encabeça a comissão orientadora e é quem supervisiona a reunião anual do grupo.

O Movimento do Ano 2000

Atualmente, esses movimentos mundiais de oração, denominacionais ou independentes, estão sendo coordenados e sincronizados pelo A. D. 2000 and Beyond Movement (Movimento A.D. 2000 e Além). Esse movimento enfoca a sua atenção procurando catalisar as forças existentes visando ao evangelismo mundial, tendo em vista alcançar o maior número possível de pessoas durante esta década. Seu lema é: "Uma igreja para todas as pessoas e o evangelho para cada pessoa, aí pelo ano 2000". Seu enfoque central recai sobre estes pontos: (1) As mil cidades menos evangelizadas do mundo; (2) cerca de seis mil grupos populacionais que ainda não foram alcançados; e (3) a janela 10/40 — um retângulo geográfico que fica entre os graus dez e quarenta norte, de latitude, que vai desde o norte da África até à parte ocidental do Japão e até às ilhas Filipinas, para o oriente. Calcula-se que mais de 90% dos grupos populacionais não alcançados do mundo vivem dentro ou nas fronteiras dessa janela 10/40.

O Movimento do Ano 2000, dirigido por Luís Bush, de Colorado Springs, no estado de Colorado, nos Estados Unidos da América, é o primeiro movimento coordenador internacional de suas dimensões que combina oração e evangelismo mundial do mais alto quilate. O Movimento do Ano 2000 foi constituído em torno de dez veredas semi-autônomas ou redes de captação de recursos, uma das quais é a United Prayer Track. Minha esposa Doris e eu temos tido o privilégio de coordenar a United Prayer Track desde os seus primórdios, e isso nos tem colocado na posição estratégica de observar e avaliar o grande movimento mundial de oração. Por onde quer que vamos, encontramos grupos de oração que querem entrar em contato com outros grupos de oração para, então, juntos, invadirem os lugares celestiais em favor daqueles que continuam perdidos em meio às trevas.

Pela primeira vez, até onde vai a memória, líderes de nomeada de grupos evangélicos de todas as colorações têm

concordado que a eficácia final de atividades essenciais como saturação de implantação de igrejas, penetração em cidades não-evangelizadas — particularmente em favor dos pobres — e evangelização de povos não-alcançados, com missões transculturais, depende do soerguimento ou da queda, quanto à qualidade e à quantidade, do ministério de oração que antecede e acompanha essas atividades.

Oração Entre os Grupos Liberais

O movimento de oração não se tem confinado às igrejas evangélicas. Altos representantes do campo mais liberal, de ativistas sociais, como Walter Wink e Bill Wyllie-Kellermann, estão advogando a oração como o principal meio de enfrentar os poderes que estão corrompendo a sociedade humana em todos os níveis.

Referindo-se à falência da ex-União Soviética, Walter Wink afirmou: "Podemos acreditar que nada disso teria ocorrido sem as demonstrações e orações durante as décadas do movimento pela paz." Ele não se sente capaz de explicar como o mais vocífero presidente anticomunista dos Estados Unidos da América, Ronald Reagan, tenha negociado o primeiro tratado de redução de armas nucleares que houve com a União Soviética, a não ser como resposta às orações. A ciência política internacional, por si mesma, jamais poderia ter predito tal coisa. Mas, considerando o poder da oração, Wink afirmou: "Deus achou uma brecha e foi capaz de produzir uma miraculosa mudança de direção."⁴

Conforme venho escrevendo a respeito da oração durante os poucos anos passados, encontrei-me desenvolvendo uma crescente sensibilidade para muitas das causas esposadas por alguns de nossos irmãos e irmãs de tendências liberais. E digo "muitas" porque devo admitir que algumas das causas que alguns estão apoiando contradizem de tal maneira a moralidade bíblica que, em minha opinião, devemos orar *contra* essas causas, e não *em favor* delas. Mas entre essas causas não figuram questões como a paz entre os Estados Unidos da América e a ex-União Soviética, a liberdade e os direitos humanos na Romênia, vítimas da *fome* na África e a reconciliação *entre grupos* étnicos na América do Norte. É claro que orar por causas assim está em consonância com a

vontade do Pai; e os evangélicos podem orar fervorosamente, lado a lado com os liberais, dizendo: "Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu" (Mt 6.10).

Aqueles que têm acompanhado de perto os meus escritos sabem que, em anos passados, participei ativamente na polêmica acerca do evangelismo *versus* ação social. E penso que ainda posso defender com sucesso um hígido caso bíblico que defende a priorizado do evangelismo, no cumprimento de nossas responsabilidades diante do Reino de Deus. Agora, entretanto, parece que estamos discutindo sobre as coisas a partir de um plano mais elevado. Em vez de planejarmos os nossos ministérios primeiramente a partir de técnicas evangelísticas ou de ação política, estamos descobrindo ambos que a verdadeira batalha é a batalha espiritual e que nossa ação primária deve estar alicerçada sobre o uso de armas espirituais, e não de armas carnavais. Em todos os campos vemos que o consenso é que a oração bíblica encabeça a lista de armas espirituais. Mais importante do que a priorização do evangelho sobre a ação social é a priorização dos fatores espirituais sobre os fatores tecnológicos.

A oração não serve de substituto para a ação social agressiva ou para o evangelismo de persuasão. Mas as melhores estratégias, em ambos os casos, mostram-se mais eficazes quando escudadas sobre oração de alta qualidade do que sem ela.

Isso não subentende, em qualquer sentido, que a oração seja um *substituto* para a ação social agressiva ou para o evangelismo de persuasão. Mas serve para sugerir que as melhores estratégias, em ambos os casos, mostram-se mais eficazes quando escudadas sobre oração de alta qualidade do que sem ela.

O CORDÃO DE TRÊS DOBRAS

No primeiro livro desta série, *Guerreiros da Oração*, cujo título é *Oração de Guerra*, falei sobre a palavra profética que recebi, em 1989, através de Dick Mills, acerca do "cordão de três dobras", referido em Eclesiastes 4.12. Por meio daquela palavra profética,

compreendi que Deus me usaria como catalisador que ajudaria a reunir três grupos diferentes de crentes que ele desejava usar para os seus propósitos, na década de 1990: os evangélicos conservadores, os carismáticos e os liberais conscienciosos. E prossegui a fim de apresentar muitas evidências, naquele livro, do fato que as duas primeiras cordas estão realmente começando a juntar-se. Contudo, não tratei especificamente do caso dos liberais conscienciosos.⁵

Na ocasião, eu não tinha certeza sobre quem poderiam ser esses liberais conscienciosos; e até hoje ainda não tenho muita certeza. Todavia, tenho avançado para o estágio de "algo parecido". Penso que eles seriam alguém como Walter Wink, a quem conheço pessoalmente e a quem eu descreveria, para meus amigos evangélicos, como um crente regenerado, cujo coração visa a servir a Deus e que está aberto para a plenitude e para o ministério do Espírito Santo.

Wink e eu temos lutado contra desacordos substanciais sobre certas coisas, como a identidade dos principados e das potestades sobrenaturais e as posições que assumimos quanto a certas questões éticas. Sem embargo, concordo com Walter quando ele diz: "Confio que você e eu concordemos que não é tão importante assim que resolvamos as nossas diferenças, mas que o que realmente importa é que oremos juntos, lutando lado a lado para que Deus nos faça irromper juntos até à nova realidade... Pelo que quero afirmar o meu compromisso de lutar, junto com você, em uma frente comum, contra as potestades, sem importar como as entendamos ou se as entendemos erroneamente."⁶

Estamos começando a perceber que, se o povo de Deus tiver de reunir-se a fim de implementar a vontade do Senhor durante esta década, provavelmente a oração será a força primária que haverá de entretecer aquelas três dobras.

SUBINDO A CORRENTE PARA A CORÉIA

Ainda que, para muitos, o movimento de oração pareça novo e excitante, está longe de ser uma novidade na Coréia. O movimento de oração começou ali na primeira década do século XX, e vem adquirindo cada vez maior impulso desde então. Costumo

usar a data de 1970 como o ano em que o movimento de oração começou a transbordar da Coréia para o resto do mundo. Nós, crentes norte-americanos, temos dito: "Algum dia, não somente enviaremos missionários ao Terceiro Mundo, mas também receberemos missionários das igrejas dali, e seremos enriquecidos pelo que aprendermos da parte deles." Esse dia é chegado sobre nós. Juntamente com muitos outros exemplos desse fato, nós e o resto do mundo estamos aprendendo muita coisa da parte de nossos irmãos coreanos.

Nos últimos cem anos, o cristianismo protestante tem crescido de zero para mais de 30% da população da Coréia do Sul. À noite, na cidade de Seul, pode-se contemplar a paisagem urbana e ver meia dúzia de cruzes vermelhas de lâmpadas de gás neon assinalando locais onde há igrejas evangélicas. Dentre as vinte igrejas no mundo que contam com freqüências de fim de semana de vinte mil pessoas ou mais, nove delas acham-se na Coréia. A maior igreja batista, a maior igreja metodista, a maior igreja presbiteriana, a maior igreja "holiness" e as maiores igrejas pentecostais do mundo encontram-se todas na Coréia. A Igreja Yoido Full Gospel Church, de David Yonggi Cho é a maior delas todas, pois conta com setecentos mil membros.

Como teve lugar esse crescimento espetacular? Muitos têm feito essa pergunta a líderes evangélicos coreanos, e virtualmente todos têm recebido a mesma resposta que consiste em uma só palavra: *oração*!

Seul foi a sede dos Jogos Olímpicos de 1988. Se houvesse alguma medalha de ouro dada à oração, a Coréia teria ganho tal medalha. Uma reunião especial de oração, ao ar livre, foi convocada para as Olimpíadas, a 15 de agosto de 1988. Um milhão de crentes apareceu a fim de orar. Mas já tinha havido algo semelhante antes daquela ocasião. Outra reunião de oração com um milhão de crentes, ocorreu no Dia Nacional de Oração, no mês de outubro do ano anterior.

Padrões de Oração na Coréia

Muitos programas e eventos especiais de oração acontecem na Coréia no período médio de um ano. Mas há três padrões bem

pronunciados, que têm emergido e agora estão sendo adaptados para uso em outras nações, enquanto avança o grande movimento de oração.

1. Orações Todas as Manhãs. Orar de manhã cedo faz parte da vida diária das igrejas da Coreia tanto quanto ouvir sermões, cantar hinos ou levantar ofertas nas igrejas que a maioria dos crentes frequenta. Nenhuma igreja da Coreia deixa de ter as suas reuniões de oração bem cedo a cada manhã. Igrejas grandes e igrejas pequenas, igrejas urbanas e igrejas interioranas, igrejas ricas e igrejas pobres — todas elas dispõem de reuniões de oração em seus santuários, antes do alvorecer, por nada menos de trezentos e sessenta e cinco dias por ano.

Estando na Coreia recentemente, visitei meu bom amigo, o pastor Sundo Kim, da Igreja Metodista Kwang Lim. Essa visita ocorreu no fim de um período especial de quarenta dias, chamado "Reuniões de Oração do Monte Horebe", durante o qual ele convocou a sua congregação para orações diárias cedo pela manhã. E mesmo aqueles que ordinariamente não vinham a essas orações pelas madrugadas, foram exortados a vir a cada manhã e orar das cinco às seis da manhã. Ele me disse que a frequência era entre três mil e quatro mil pessoas a cada manhã.

Isso foi algo que eu quis ver. O pastor Kim concordou em prover o transporte. Na manhã seguinte, seu motorista haveria de apanhar Dóris e eu em nosso hotel; mas não foi nada fácil. Uma tempestade de fúria extraordinária tinha engolfado a Coreia naquela noite, e mais de sessenta pessoas perderam a vida por causa da borrasca. A chuva e o vendaval estavam tão ferozes, às cinco horas da madrugada da manhã seguinte, que perguntei se alguém deixaria sua casa para ir à reunião de oração. Mas o motorista apareceu, fomos à reunião e chegamos depois que a reunião já havia começado; e se alguém não tivesse reservado assento para nós, não contaríamos com dois lugares para nós. O santuário, para quatro mil pessoas sentadas, estava repleto! Que tremenda reunião de oração!

Em outra recente visita à Coreia, tive o privilégio de estar presente à maior oração matinal que há no mundo, na Igreja Presbiteriana Myong-Song, pastoreada por Kim Sam Hwan. O grupo com o qual eu estava precisou reservar assentos de antemão, na reunião das seis horas da manhã, onde estavam quatro mil

peessoas. Entretanto, aquela já era a terceira reunião daquela natureza, naquela manhã; pois outras já tinham tido lugar às quatro horas e às cinco horas da madrugada. A reunião usual da manhã, na Igreja Presbiteriana Myong-Song, geralmente conta com doze mil pessoas.

Comecei a visitar a Coréia em começos da década de 1970 e fiz-me presente a reuniões de oração antes do alvorecer, em algumas das igrejas. Logo tornou-se evidente que uma porcentagem relativamente pequena dos membros habitualmente freqüentavam os cultos. Posso lembrar-me de ter registrado conscientemente um cálculo mental: nas igrejas maiores, essa atividade por certo é algo que o pastor principal atribuiria a outros membros de seu pessoal administrativo. Errado! Eu não poderia estar mais enganado. Fiquei atônito ao descobrir que essas reuniões, quase invariavelmente, eram lideradas pelo pastor-presidente.

Isso encorajou-me a perguntar a meus amigos pastores-presidentes por qual motivo eles participavam de cada uma dessas reuniões de oração cedo pela manhã. Primeiro eles olhavam para mim com uma expressão abismada, como que dizendo: "Por que uma pergunta tão tola como essa?" E, então, percebendo que eu era apenas um daqueles crentes norte-americanos, todos me davam uma resposta idêntica: "Porque é aí que reside o poder espiritual!" Eles tinham um dia inteiro de ministério à frente e não queriam atirar-se à execução da tarefa sem o poder de Deus. Eles teriam concordado plenamente com o título do excelente livro de Bill Hybel: *Too Busy Not to Pray* [Ocupados Demais Para Não Orarem], publicado pela InterVarsity Press.

2. *Reuniões de Oração de Sextas-Feiras à Noite.* Reuniões de oração de noite inteira são marcadas em quase todas as igrejas evangélicas coreanas. Muito tipicamente, um grupo substancial de pessoas reúne-se às vinte e duas horas, para orarem juntos até o alvorecer do dia seguinte.

Na maior parte de nossas igrejas ocidentais, uma reunião de oração de noite inteira, quando porventura chega a ocorrer, assinala alguma ocasião muito especial. Ir a uma dessas reuniões e permanecer até o fim é considerado como uma realização espiritual deveras extraordinária. Mas os coreanos consideram isso um feito comum. Isso não significa que todos os crentes coreanos ajam

assim, mas muitos deles assim fazem. Para exemplificar, isso é comum na Igreja Yoido Full Gospel, onde mais de dez mil pessoas costumam orar por toda uma noite a cada semana. E há um número crescente de igrejas que também determinam reuniões de noite inteira de oração, às quartas-feiras, cuja frequência é similar. Se considerarmos o fato que há cerca de sete mil igrejas evangélicas em Seul, eu não duvidaria que, nas sextas-feiras à noite há mais de um quarto de milhão de crentes que oram a noite inteira, somente naquela cidade.

3. *Orações nos montes.* De acordo com a última contagem, mais de duzentas igrejas, na Coreia, têm adquirido montes onde foram construídos centros de retiro e oração. Alguns desses centros são espaçosos, como é o caso do monte de oração do pastor David Yonggi Cho, onde três mil pessoas estão sempre presentes e mais de dez mil pessoas aparecem nos fins de semana. Alguns desses centros chegam a ser luxuosos, como é o caso do monte de oração do pastor Sundo Kim, que exibe um elegante jardim de oração com mais de um quilômetro e meio de extensão. Esse jardim inclui nove áreas especialmente construídas para oração, capazes de acomodar de trinta a duzentas pessoas dedicadas à oração cada um, adornados com estátuas em tamanho natural que representam Jesus e seus discípulos em vários episódios do ministério deles.

Muitas igrejas dispõem de grutas de oração, escavadas nos lados do próprio monte, onde uma pessoa pode abrigar-se ali para orar, durante horas ou mesmo dias. Nessas grutas não há lugares para servir refeições, porque fica entendido que o jejum acompanhará essas orações. Em certo monte de oração que visitei, o único serviço que havia era um centro designado para servir refeições bem balanceadas e próprias para os que estivessem terminando jejuns prolongados. Jejuns de vinte e um dias não são incomuns ali. E jejuns de quarenta dias também ocorrem, embora mais ocasionalmente.

Gabinetes de Oração

Os pastores coreanos que têm igrejas numerosas o bastante, mandam construir duas coisas no gabinete do pastor, dentro do

templo, como ainda não encontrei em qualquer outro lugar do mundo.

Uma dessas coisas é um gabinete de oração literal que não contém outra coisa senão uma almofada no chão e um pequeno aparador para a Bíblia, e talvez um quadro ou dois na parede. Ali eles passam um mínimo de uma hora a cada dia, e, algumas vezes, mais do que isso, orando naquele gabinete, com a porta fechada.

A segunda coisa é um dormitório com banheiro, vinculado a esse gabinete. Muitos desses pastores passam, rotineiramente, todo o sábado à noite em seu gabinete, orando e jejuando para que Deus abençoe os cultos de domingo.

Não admira, portanto, que tantos pastores norte-americanos e outros líderes evangélicos, que têm visitado a Coreia, tenham testificado que a vida de oração deles nunca mais foi a mesma. Larry Lea apresentou muitas dessas práticas coreanas na América quando ele pastoreava a Igreja Sobre a Rocha, no Texas. Por muitas vezes, ouvi o meu próprio pastor executivo, Jerry Johnson, da Igreja Congregacional Lake Avenue, de Pasadena, na Califórnia, testificar publicamente que a sua vida espiritual foi revolucionada quando ele passou alguns dias em um desses montes de oração, na Coreia.

Uma anedota humorística teve origem no Segundo Congresso de Lausanne, em Manila, em 1989. A certo ponto, os participantes de várias nações estavam efetuando reuniões nacionais por todo o complexo. Aconteceu que me deparei com alguém que pertencia ao pessoal do congresso que tinha recebido a responsabilidade de averiguar, nas reuniões, se tudo estava funcionando devidamente. Perguntei o que ele havia descoberto, e ele respondeu:

- Na reunião dos americanos, os negros queixavam-se dos brancos.
- Na reunião dos japoneses, os evangélicos queixavam-se dos carismáticos.
- Na reunião dos alemães, os teólogos queixavam-se uns dos outros.

- Na reunião dos coreanos, os delegados estavam todos de joelhos, orando juntos.

Ainda temos muito que aprender sobre a oração, da parte de nossos irmãos coreanos.

COMPREENDENDO A ORAÇÃO EFICAZ

Nem toda oração é igual.

A eclosão do grande movimento de oração fez vir à tona algumas verdades sobre a oração que estão produzindo uma mais clara compreensão a respeito. Para exemplificar, a oração não consiste somente em oração. Algumas orações são embotadas e enfadonhas, uma mera rotina desde o começo até ao fim. Mas há orações que são excitantes, e excitantes por serem eficazes.

Que dizem as Escrituras a respeito de oração eficaz?

Uma das mais citadas passagens da Bíblia, acerca da oração, é aquela de Tiago 5.16, que diz: "A oração feita por um justo pode muito em seus efeitos."

Alguns crentes tratam essa passagem bíblica de maneira casual, como se ela dissesse que toda oração é igualmente eficaz. Porém, um exame mais detido mostrará que somente certo tipo de oração, oferecida por certo tipo de pessoa, tem grande valor. Ora, se alguma oração é *eficaz*, segue-se que alguma oração também é *ineficaz*.

Como podemos distinguir entre a oração eficaz e a oração ineficaz?

O trecho de Tiago 5.16, 17 responde a essa pergunta usando Elias como exemplo de oração eficaz. Quando Elias orou para que não chovesse, não choveu por três anos e meio. E quando ele orou para que voltasse a chover, choveu. A oração eficaz é a oração que é respondida. Naturalmente, algumas vezes as respostas às nossas orações não são tão óbvias quanto de outras vezes.

Muitas variedades de oração são usadas, todas as quais, ou nenhuma das quais, podem mostrar-se eficazes. Certa ocasião

perscrutei cuidadosamente o livro de Atos, e ali achei vinte e três instâncias de oração. Dependendo de como as queiramos reunir em blocos, várias formas de oração foram modeladas para nós naquele livro bíblico. Encontramos orações coletivas, orações em grupos e orações individuais. Temos também ali orações intercessórias e orações de petição. Temos orações pedindo cura física, orações pedindo perdão, orações de louvores e orações de ação de graças. A oração é usada para comissionar pessoas para o ministério e há também orações que rogam que pessoas sejam cheias do Espírito Santo. Algumas orações são de uma só via, e outras, de duas vias.

Como poderíamos ter a certeza de que qualquer tipo de oração que cheguemos a usar é uma oração eficaz?

Duas declarações de Jesus, no evangelho de João, fornecem-nos algumas diretrizes claras:

- "E tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei" (Jo 14.13).
- "Se vós permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes, e vos será feito" (Jo 15.7, V. R.).

1. Devemos pedir no nome de Jesus. A razão para isso é que, por nós mesmos, não temos qualquer autoridade. Nossa autoridade é apenas derivada da autoridade de Jesus. Todavia, se ele nos der autoridade, estaremos representando nada menos do que o próprio Rei dos reis! Esse é o tipo de autoridade que um guarda de trânsito exibe, em uma cidade qualquer, ou que tem um embaixador que represente o seu presidente ou rei, em um país estrangeiro. Sem a autoridade de Jesus, pois, nenhuma oração pode ser eficaz.

2. Devemos permanecer em Jesus. Quando permanecemos em Jesus, antes de tudo tornamo-nos justos. Não que tenhamos qualquer justiça própria; mas é que Jesus nos proporciona a sua própria justiça. A oração eficaz e fervorosa de um homem *justo* tem grande valor.

Igualmente importante é que, quando permanecemos em Jesus, ficamos sabendo de qual seja a vontade do Pai. Quando oramos, pois, nessa condição, oramos de acordo com a vontade do Pai. Foi isso que Elias fez. Notemos que a narrativa dos capítulos dezessete e dezoito do livro de 1 Reis não fala tanto sobre as "orações" de Elias, como sobre a sua proclamação daquilo que ele sabia ser a palavra e a vontade de Deus (veja 1 Rs 18.1, 41-45). As únicas orações que nos são respondidas são aquelas feitas de acordo com a vontade de Deus. A intimidade com o Pai não é apenas a chave para a oração eficaz, mas é também a própria essência da oração.

A combinação de autoridade e intimidade empresta eficácia às nossas orações. Minha esposa, Dóris, tem servido como minha secretária pessoal pelo espaço de quase trinta anos. Quando o telefone chama, geralmente estão à minha procura, e ela responde: "Ele não está disponível agora; mas posso servi-lo em alguma coisa? Eu sou a Sra. Wagner." Isso faz toda a diferença no mundo. Aqueles que me chamam pelo telefone no mais das vezes permanecem no telefone e suas perguntas são respondidas. Dóris pode tomar decisões que uma secretária comum não conseguiria fazer. Em primeiro lugar, ela está revestida de autoridade, transmitida pelo nome. Em segundo lugar, ela sabe de minha vontade e age de acordo com o que sabe. Deus espera que façamos a mesma coisa.

Perguntas para refletir

1. Este capítulo começa com testemunhos de orações respondidas, algumas acerca de pequenas coisas e outras acerca de coisas importantes. Como é que podemos afirmar que tais coisas são respostas à oração, em vez de mera coincidência natural?
2. Durante os poucos últimos anos, você tem notado um crescente interesse pela oração entre as igrejas e os crentes em geral? Procure relembrar e compartilhar alguns exemplos concretos com base naquilo que você tem visto, ouvido ou lido.
3. Alguns que têm escrito os escritos passados de Peter Wagner ficarão surpreendidos diante de certas coisas que ele diz a respeito

da oração como uma base com muitos liberais. Você pensa que ele foi longe demais nessa direção?

4. Reveja os exemplos da notável vida de oração dos crentes coreanos. Qual desses exemplos você pensa que poderiam ser sucessivamente introduzidos nas igrejas de sua cidade?

5. Se é verdade que nem toda oração é eficaz, poderia você pensar em alguns exemplos específicos de oração *ineficaz* que você ou pessoas que você conhece têm tentado? Como isso poderia ser mais eficaz?

Notas

1. As informações sobre esse caso foram extraídas do livro de Dick Eastman, *Love on Its Knees* (Grand Rapids, MI, Chosen Books, 1989), p. 13-17, de um panfleto por Dick Eastman, "A Promise to Moscow", e de conversas pessoais com Eastman.

2. DOBBS, Michael, artigo no *Washington Post*, edição de 26 de abril de 1991.

3. WINK, Walter. *Engaging the Powers*. Minneapolis, MN, Fortress Press, 1992. p. 298.

4. Idem, ibidem, p. 310.

5. WAGNER, C. Peter. *Warfare Prayer*. Ventura, CA, Regal Books, 1992. p. 40,1.

6. WINK, Walter. "Demons and DMins: The Church's Response to the Demonic", *Rewiew Expositor* (vol. 89, n° 4, outono de 1992), p. 512.

2. ORAÇÃO RETÓRICA VERSUS ORAÇÃO DE AÇÃO

Estou muito interessado na relação entre a oração e o desenvolvimento das igrejas locais. Durante mais de vinte anos, tenho atuado como professor de desenvolvimento eclesiástico no Seminário Teológico Fuller e nos últimos cinco anos tenho-me

dedicado a pesquisas sobre a oração. Tenho falado diante de muitas reuniões de pastores, por todo o país, a respeito dessa questão, e alguns padrões ultimamente se têm tornado mais claros.

Um desses padrões é a diferença entre o que tenho chamado de "oração retórica" e "oração de ação".

A ORAÇÃO E O CRESCIMENTO ECLESIAÍSTICO

Penso que aquilo que passo a dizer é exato, embora eu tenha de admitir que não disponho de muitas pesquisas estatísticas para confirmar a minha contenção. Não obstante, suponhamos que eu selecionasse um grupo de cem pastores de igrejas crescentes. Suponhamos que eu fizesse a cada um deles a seguinte pergunta: Em sua experiência, que papel a oração tem desempenhado no crescimento de sua igreja?

Estou razoavelmente certo de que virtualmente cada um deles responderia: "Oh! a oração tem desempenhado um papel central em nosso desenvolvimento".

Também tenho uma certeza razoável de que 95% dos pastores que dão essa resposta fazem-no apenas como um argumento retórico. Ao assim dizer não quero dar a entender que os pastores não acreditam em oração, ou que, em qualquer sentido, tencionem dar uma resposta enganadora. Mas quero asseverar que, se fosse feito um estudo cuidadoso da vida de oração de suas igrejas, eu não ficaria surpreso se pouca ou nenhuma diferença fosse encontrada entre eles e a vida de oração de igrejas que não crescem, na sua mesma comunidade.

Será que eu poderia estar equivocado? Naturalmente. Chego mesmo a *esperar* estar enganado. Conhecendo o poder da oração, antecipei que eu haveria de encontrar uma forte correlação entre a quantidade e a qualidade das orações e a taxa de crescimento de uma igreja local. Não que a correlação se faça totalmente ausente. Pesquisas feitas por C. Kirk Hadaway sugerem que a maior dedicação à oração tem acompanhado o crescimento numérico em algumas igrejas dos Batistas do Sul.¹ Eis a razão pela qual permiti que uma porcentagem hipotética de cinco igrejas, em cada cem, realmente mostrasse uma correlação entre a sua vida de oração e o

seu crescimento numérico. Fornecerei algumas ilustrações sobre isso, no devido tempo. Mas, depois de tudo ter sido cuidadosamente considerado, temo que a minha observação mostre-se correta.

O "Deve" e o "É"

Quero reforçar o meu argumento com uma pontinha de ironia. De acordo com o meu conhecimento, o homem que assumiu a liderança na tentativa séria de pesquisar sobre essa questão é Terry Teykl, pastor da Igreja Metodista Unida de Aldersgate, em College Station, estado do Texas. Seu livro, intitulado *Pray and Grow*,² é o único livro que conheço que aborda a relação entre a oração e o crescimento eclesiástico. Daí parte a pesquisa do pastor Teykl, mas o aspecto estatístico, acima referido, ainda não ficou pronto. Desnecessário é dizer que Teykl concorda comigo que *deveríamos* encontrar uma correlação, e escreveu o seu livro com base nessa premissa.

Mas, que dizer sobre esses pastores hipotéticos? Aparentemente, se não pressionarmos, perguntando-lhes diretamente qual papel a oração desempenha no crescimento de suas igrejas, o mais certo é que eles não farão qualquer menção à oração. Isso foi afirmado no preâmbulo do livro de Terry Teykl, escrito por Ezra Earl Jones, da Junta Geral do Discipulado dos Metodistas Unidos, uma agência que se conserva em contato próximo com os pastores metodistas de toda a nação.

Ezra Earl Jones cita algumas pesquisas que, na verdade, têm sido levadas a efeito. Eles selecionaram igrejas metodistas crescentes e pediram aos pastores que alistassem, em ordem decrescente de importância, os dez principais fatores do crescimento de suas igrejas. Eis esses dez fatores, por sua ordem decrescente: cultos de adoração vital, comunhão, o pastor, ministério de alvos claros, influência sobre a comunidade e o mundo, educação cristã, planejamento de crescimento eclesiástico, instalações materiais e localização, ministérios laicos e esforço evangelístico. *Nenhum desses dez fatores principais é a oração!*

Naturalmente, esses pastores talvez tenham sentido ser impróprio mencionar a oração; mas, a ironia do caso é que no

preâmbulo de um livro que argumenta que a oração deveria ser um poderoso fator de crescimento tenha-se produzido evidência que *não é* assim. No mínimo, a oração não é algo que os pastores de igrejas crescentes queiram verbalizar como um dos fatores importantes desse crescimento.

Que Significa a Retórica?

Espero que fique claro que não estou criticando esses pastores metodistas. Estou simplesmente tentando prover uma descrição precisa da situação real entre muitas igrejas norte-americanas de nossos dias. O que querem dizer os pastores de igrejas crescentes quando afirmam que a oração é uma das chaves do crescimento de suas igrejas, embora não a tivessem incluído na lista dos dez principais fatores de crescimento numérico?

Estou certo de que eles queriam dizer:

- O poder de Deus está por detrás de nosso crescimento numérico. Disse Jesus: "Edificarei a minha igreja" (Mt 16.18). Paulo escreveu: "Eu plantei, Apoio regou; mas Deus deu o crescimento" (1 Co 3.6). Nossa igreja está crescendo, não primariamente devido ao esforço humano, mas devido à bênção divina.
- Pregoo com freqüência sobre a oração. Não que eu tenha apresentado sermões inteiramente sobre a oração; antes, com freqüência menciono a oração e ensino a minha gente que a oração é algo extremamente importante para nossa vida pessoal e para a vida das igrejas locais.
- Oro regularmente pela igreja, bem como por sua vida e crescimento. Muitos outros irmãos de nossa congregação também oram com freqüência pela nossa igreja.

Embora as assertivas acima sejam verazes e recomendáveis, se a vida semanal das igrejas fossem submetidas a um estudo que as taxasse, dentro de uma escala de um a dez, elas receberiam

notas bastante baixas, mesmo que essa avaliação fosse feita pelos seus próprios pastores.

Nem sei quantas vezes já ouvi pastores dizerem: "A reunião de oração de quarta-feira à noite é a reunião mais importante da semana, em nossa igreja." Porém, com raras exceções, na prática não é nada disso. Essa é a reunião mais enfadonha, menos freqüentada, mais rotineira e que exige maior dose de paciência, em toda a semana. Na maioria dos casos, a igreja local cresce com a mesma taxa com ou sem a reunião de oração das quartas-feiras à noite.

A conclusão honesta de tudo isso é que a maioria das igrejas crescentes, pelo menos na América do Norte, está crescendo por causa da aplicação consciente ou inconsciente de sãos princípios de crescimento eclesial, acompanhada por um nível de oração bastante deficiente. Ainda estou por descobrir uma igreja que não creia na oração e que não pratique a oração, em um ou outro grau. Entretanto, concordo com Terry Teykl. Creio que o crescimento numérico dessas igrejas seria muito mais dinâmico se fosse acompanhado pela oração de *alto nível*. No momento, essas igrejas são como automóveis com motor de oito cilindros, mas que funcionam somente com quatro ou cinco de seus cilindros.

Neste livro, pois, quero encorajar os pastores a fazer a transição da oração retórica para a *oração de ação*.

Acredito que a oração de ação pode:

- Ajudar as igrejas locais a aumentar a sua taxa de crescimento e aprofundar a sua qualidade espiritual.
- Fazer começar a crescer as igrejas que não estejam crescendo.
- Alterar a atmosfera espiritual da comunidade como um todo, quanto a uma maior justiça social e atividade evangelística.

Da Retórica à Ação

Considero-me um conhecedor bastante razoável da oração retórica. Pratiquei a oração retórica durante os primeiros vinte e

cinco anos de minha carreira como pastor consagrado. Após vários anos de transição, agora tento pôr em prática a oração prática. Nos últimos cinco anos de meu ministério, tenho experimentado os mais excitantes e recompensadores anos de pastorado. A oração prática tem feito toda a diferença.

Quando analiso a transição da retórica para a ação, no campo da oração, costumo salientar pelo menos três áreas sobre as quais as igrejas e os líderes eclesiásticos fariam bem em concentrar a sua atenção. Sem dúvida alguma, há mais do que três dessas áreas, mas essas três parecem revestir-se de suprema importância. Essas três áreas são: (1) Compreender a natureza da oração; (2) reconhecer o poder da oração; e (3) seguir as regras da oração.

A maneira mais útil de compreender a oração de ação é reconhecer que se trata, basicamente, de um relacionamento pessoal. Por meio da oração, permanecemos em Deus. A oração nos coloca em intimidade com o Pai. Trata-se de um relacionamento pessoal.

COMPREENDENDO A NATUREZA DA ORAÇÃO

Geralmente, as pessoas pensam na oração em termos de petição de alguma coisa a Deus. Mas isso é apenas uma parte daquilo que está envolvido na oração, e não descreve, de forma perfeita, a *essência* da oração. A maneira mais útil de compreender a oração de ação é reconhecer que se trata, basicamente, de um relacionamento pessoal. Por meio da oração, permanecemos em Deus. A oração nos coloca em intimidade com o Pai. Trata-se de um relacionamento pessoal.

Quando Jesus estava ensinando os seus discípulos a orar, ele recomendou que comessem dizendo: "Pai nosso, que estás nos céus" (Mt 6.9). Temos aí a descrição não somente de um relacionamento pessoal, mas também de um relacionamento em família. A coisa mais notável sobre a oração é que ela nos leva à presença de Deus, não como se estivéssemos sentados em um

estádio, olhando para a figura de Deus lá na plataforma, mas como se estivéssemos junto com ele em nossa sala de estar.

A Oração Agrada a Deus

O livro de Apocalipse refere-se à oração somente por duas vezes, mas em ambas as vezes a oração aparece sob a figura de incenso. No quinto capítulo do Apocalipse, vemo-nos a contemplar a cena majestosa do salão do trono, onde Jesus toma um rolo fechado com sete selos, que estava com o Pai. Vinte e quatro anciãos prostraram-se para adorar, e cada um deles trazia "uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos" (Ap 5.8, V. R.). E novamente, no oitavo capítulo do Apocalipse, aparece um anjo diante do altar a fim de oferecer incenso, juntamente com as orações de todos os santos. "E o fumo do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do anjo até diante de Deus" (Ap 8.4).

Enquanto escrevia o Apocalipse, o apóstolo João certamente mostrava estar familiarizado com Salmos 141.2, onde lemos: "Suba perante a tua face a minha oração como incenso, e seja o levantar das minhas mãos como o sacrifício da tarde." Temos nesse passo bíblico uma referência ao altar do incenso, no tabernáculo. Arão, o sumo sacerdote, queimava ali o incenso, cada manhã e cada tarde, a fim de simbolizar o relacionamento diário entre Deus e o seu povo.

Graças a Jesus Cristo e à sua morte na cruz, não precisamos depender de um sacerdote, como Arão, para queimar incenso e lembrar-nos de nosso relacionamento com Deus. As nossas orações são, elas mesmas, esse relacionamento, e cada um de nós, crentes regenerados, pode dirigir-se diretamente a Deus.

Deus aprecia esse relacionamento de oração. Deus aprecia a atmosfera produzida pelo incenso. Parece quase uma arrogância dizê-lo, mas Deus sente-se abençoado pelas nossas orações. Por causa do sangue derramado de Jesus temos o avassalador privilégio de gozar da relação de Pai-filho, com nada menos que o Criador do universo. Sentamo-nos em companhia dele, em nossa sala de estar.

A Oração de Ação Tem Duas Vias

Embora alguns crentes talvez nunca tenham pensado em definir a oração como uma comunhão íntima com o Pai, poucos que lerem essa definição haverão de discordar dela. Mas algo fica implícito, paralelamente à compreensão da oração como uma intimidade, que muitos crentes não aceitam conscientemente. Se a oração é mesmo um relacionamento pessoal, esse relacionamento precisa ter duas vias de comunicação, e não apenas uma.

O Novo Testamento instrui-nos a nos relacionarmos com Deus como o nosso Pai, dando a entender que saberemos como fazer isso, mediante aquilo que tivermos aprendido através de nossos relacionamentos humanos. Enquanto estou escrevendo este livro, meu pai está com oitenta e sete anos, e vive a mais de 4800 quilômetros de distância. Amamo-nos um ao outro e sempre tivemos excelente relacionamento pessoal. Mantemos sempre vivo o nosso relacionamento por meio de um substituto funcional da oração — o telefone. Costumo chamá-lo pelo menos uma vez por semana; e, quando assim faço, ambos ficamos conversando. Nem uma vez sequer esperei que eu é quem falaria o tempo todo.

Entretanto, durante todos os anos em que fiquei fazendo orações retóricas, era mais ou menos isso que eu estava fazendo com meu Pai celestial. Eu falava com ele, mas nunca ficava à espera da resposta. Oh! sim, eu esperava que minhas orações fossem atendidas, mormente através de circunstâncias reformuladas de minha vida. Mas ouvir a voz dele? Eu sabia que João deixara escrito: "...o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo" (1 Jo 1.3). No entanto, nunca cheguei à conclusão de que, como parte de nosso companheirismo, Deus desejava "um diálogo, uma conversa em duas vias de comunicação.

Ouvir a voz de Deus é tão importante para a oração de ação que, no próximo capítulo, haverei de tratar sobre a questão com maior profundidade.

RECONHECENDO O PODER DA ORAÇÃO

A fim de que a oração retórica torne-se oração de ação, é essencial que reconheçamos uma verdade bem simples: *a oração funciona!*

Com isso, quero dizer que, quando oramos corretamente, vemos as respostas às nossas orações. Essas respostas nem sempre adquirem a forma que estávamos esperando, embora no mais das vezes assim aconteça. Essas respostas também nem sempre chegam no tempo em que esperamos por elas, embora também aconteça assim quase sempre. Algumas vezes, as respostas são parciais, mas com maior frequência não somente satisfazem as nossas expectativas, mas até as ultrapassam.

Sabemos que Deus "é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos" (Ef 3.20).

Entendo claramente que muitos daqueles que estão lendo estas palavras já costumam fazer orações de ação e não precisam ser convencidos de que a oração funciona. Para alguns, é difícil acreditar que, em nosso mundo evangélico de hoje, haja crentes que pretendem desencorajar-nos a pedir qualquer coisa a Deus em oração, na expectativa da resposta, esperando que Deus nos conceda a petição. Mas a verdade é que existem crentes assim.

As Respostas à Oração Devem Excitar-nos?

Usualmente evito polêmicas, e continuarei a fazer assim neste volume, dando outros nomes a pessoas e a lugares. Mas penso que essa questão seja absolutamente crucial para a nossa plena participação no grande movimento de oração que vemos hoje em dia; e, assim, vou esclarecer a questão o mais nitidamente que me for possível. A fim de identificá-la, direi que estou citando um editorial oficial de um periódico evangélico proeminente e conservador, escrito e publicado nos últimos cinco anos.

O pano-de-fundo desse artigo editorial foi uma experiência no campo da oração que obteve ampla publicidade, feita pelo cardiologista Randolph C. Byrd, do Hospital Geral de São

Francisco, na Califórnia. Referi-me a esse estudo no meu livro *How to Have a Healing Ministry* (Regal Books). Byrd dividiu quatrocentos pacientes cardíacos, ao acaso, em dois grupos de duzentos cada um. Nenhum dos participantes, nem os pacientes, nem os médicos atendentes sabiam quem estava neste ou naquele grupo. Um dos grupos era formado por pessoas em favor das quais crentes regenerados estavam orando; mas ninguém orava em favor das pessoas do outro grupo. O grupo agraciado pelas orações desenvolveu um número bem menor de complicações, e um número menor deles morreu.

A maior parte dos crentes que conheço regozijar-se-ia diante dos resultados da experiência. Mas o editor particular daquele artigo sentiu que deveria advertir os seus leitores sobre algo que se ocultava ameaçadoramente por detrás das evidências colhidas. Para exemplificar, ele contendeu que não deveríamos usar esse tipo de evidência para ensinar nossos filhos a orar. Se assim fizermos, eles poderiam perder de vista a lição mais importante do caso: a obediência. O argumento dele foi: "Oramos primariamente para obedecer, e não em proveito próprio."

E ele também sugeriu que não deveríamos usar essa evidência para convencer nossos amigos a orar mais. Se a usarmos, e se mais tarde alguma oração não for respondida, a oração em geral poderia perder a sua força de atração. Ele pensa que compartilhar as boas-novas da oração respondida é como dar guloseimas a nossos meninos. Pode parecer gostoso no momento, "mas uma contínua dieta de bombons não é a que melhor contribui para uma boa nutrição."

E o editor sumaria a sua posição ao dizer: "Reduzir a oração a uma técnica de auto-gratificação apenas adoece a nossa teologia."

Perpetuando a Oração Retórica

Vai bem e viçosa a noção de que é teologicamente mais saudável se não esperarmos que as nossas orações sejam respondidas. Dentre tudo quanto conheço, nada contribui tanto para perpetuar a oração retórica como essa noção. Durante o meu próprio treinamento para o ministério, fui programado para conservar essa maneira de pensar. Mas duvido que algum de meus professores tenha-se mostrado tão claro na emissão de suas idéias

como aquele editor. E fico a indagar a mim mesmo qual teria sido a reação dele se a sua esposa, por exemplo, fosse uma das pacientes cardíacas que foram alvo das orações.

Um estudo recente, dirigido por Margaret Poloma e George Gallup, Jr., descobriu que, embora 88% dos norte-americanos orem a Deus, de uma maneira ou de outra, menos da metade deles (apenas 42%) pede dele as coisas materiais de que necessitam. E somente 15% deles experimentam regularmente o recebimento de pedidos específicos feitos em oração.³ Uma das razões pelas quais tão poucos cidadãos praticam a "oração de petição" bem pode ser que a teologia de nosso amigo editor esteja na crista da onda em nossos dias, incluindo entre os evangélicos.

Poloma e Gallup descobriram que "muitos daqueles que pedem recebem aquilo pelo que haviamorado." O comentário deles foi: "Uma visão global moderna e racional pode considerar a oração de petição como uma forma de mágica, mas essa forma de oração conta com incontáveis exemplos bíblicos."⁴

E eu acrescentaria a isso que um exemplo bíblico primário de oração que pede coisas materiais é a própria oração do Pai-nosso, onde Jesus nos instrui a orar: "... o pão nosso de cada dia nos dá hoje" (Mt 6.11).

A Soberania de Deus e a Lei da Oração

Conforme me lembro, fui instruído no seminário que a mais importante função da oração consistia em transformar-me e moldar a minha personalidade. Deus nunca muda. Ele é soberano e fará sempre o que tenciona fazer, sem se importar se orarmos ou não. Uma santa voz do passado, a de R. A. Torrey, soa como se estivesse falando em nossos dias. Torrey lamentou-se de que as igrejas de seus dias não costumavam orar. Conforme ele escreveu, os crentes "acreditam na oração como se ela tivesse apenas uma 'influência reflexa' benéfica, ou seja, beneficia a pessoa que ora... mas quanto à oração fazer acontecer qualquer coisa que não aconteceria se não orássemos, eles não crêem nisso, e muitos deles exprimem claramente essa sua opinião." ⁵ A oração retórica era comum naqueles tempos de Torrey, tal como continua sendo hoje em dia.

Afortunadamente, a atitude diante da oração está-se modificando rapidamente, nesta nossa época. O grande movimento de oração não estaria varrendo o globo, se a oração fosse inoperante. Os advogados da oração de ação de maneira alguma põem em dúvida a soberania de Deus. Mas entendem, pelas Escrituras, que a soberania de Deus estabeleceu uma lei da oração. Deus *deseja fazer* muitas coisas; mas ele *não as fará* enquanto o povo crente, usando a liberdade que lhes foi conferida por Deus, não orar e não pedir para que assim Deus o faça (veja Tg 4.2). Ora, esse princípio de oração *não viola* a nossa obediência a Deus. Muito pelo contrário. Assim *fazemos* em obediência a Deus (veja Mt 6.8; 7.7-11 e Lc 11.9-13).

Ninguém pode modificar a Deus; as nossas orações podem exercer e realmente exercem uma influência direta sobre aquilo que Deus faz ou deixa de fazer. Foi assim que o próprio Deus estruturou a realidade. "Clama a mim, e responder-te-ei e anunciar-te-ei coisas grandes e firmes, que não sabes" (Jr 33.3). Suponhamos que não invoquemos o Senhor! A resposta é por demais óbvia para termos de dá-la.

Quando oro, não estou dizendo a Deus o que ele deve fazer; pois Deus não pode fazer coisa alguma contra a sua vontade. Mas oro para que aquilo que ele quiser fazer, de fato seja feito. Minha suposição é que, se eu não orar, algo que o próprio Deus deseja fazer, na verdade não será feito. Aprecio muito o título de um capítulo do livro popular de Jack Hayford, *Prayer Is Invading the Impossible* (Ballantine Books). Esse capítulo é intitulado "Se Não o Fizermos, Ele Não o Quererá."

Nenhum grupo exalta com maior estima a soberania de Deus do que os irmãos calvinistas. Eis por que penso que a opinião de meu amigo Alvin Vander Griend sobre essa questão é tão importante. Alvin vem da denominação dos Cristãos Reformados, cujo seminário teológico recebeu seu nome em honra a João Calvino. Disse, pois, Vander Griend:

Deus espera ser solicitado não porque lhe falta poder, mas por causa da maneira como preferiu exercer a sua vontade. Não somos peões de um gigantesco tabuleiro de xadrez. Estamos pessoalmente envolvidos. Somente uma visão fria, inflexível e mecânica da soberania e da predestinação de Deus supõe que

Deus não dá atenção às nossas orações e simplesmente move a sua mão de acordo com um plano predeterminado de uma vez por todas. Isso não reflete o conceito bíblico de Deus; mas assemelha-se mais a uma visão fatalista e muçulmana da soberania divina, visão essa que a Bíblia repudia.⁶

A Oração Modifica a História

Ninguém expressou toda a questão melhor do que o fez Richard Foster, em sua obra clássica, intitulada *Celebration of Discipline*. "Estamos trabalhando junto com Deus para determinar o futuro. Certas coisas acontecerão na história, se nos pusermos a orar corretamente."⁷

Um dos livros que tratam da oração, e que atualmente estou recomendando a meus alunos do Seminário Fuller, tem um título provocativo: *And God Changed His Mind*. Esse volume foi escrito por Brother Andrew, que disse: "Os planos de Deus para nós não foram moldados em concreto. Somente o seu caráter e a sua natureza é que são imutáveis; suas decisões não!"⁸

A Bíblia fornece-nos vários exemplos de como Deus alterou os seus planos, em razão da intercessão de santos. Uma dessas ocasiões retrata a intenção de Deus de derramar a sua ira e consumir o povo de Israel, quando Moisés voltou do monte Sinai com as tábuas de pedra da lei. Mas Moisés intercedeu em favor dos israelitas. "Então o Senhor arrependeu-se do mal que dissera que havia de fazer ao seu povo" (Êx 32.14).

Importa percebermos que nem tudo quanto acontece neste mundo é da vontade de Deus. Não se trata de um pensamento agradável, mas Satanás é descrito nada menos como "o deus deste século" (2 Co 4.4). E da vontade de Deus, por exemplo, que ninguém pereça (veja 2 Pe 3.9), mas muitos seres humanos perecem, porquanto o deus deste século tem cegado a mente deles (veja 2 Co 4.3, 4).

As Escrituras revelam que Daniel orou e Deus deu-lhe resposta à sua oração no mesmo dia. Entretanto, a resposta precisou de vinte e um dias para chegar, não porque Deus fosse lento, mas porque o "príncipe da Pérsia" conseguiu entrar a

resposta (veja Dn 10). Ao reportar-se a esse problema, Walter Wink sugeriu: "Esse novo elemento interferidor na oração — a resistência das potestades à vontade de Deus — marca uma quebra decisiva com a noção de que Deus é a causa única de tudo quanto acontece."⁹ Se Daniel não tivesse continuado a jejuar e a orar, teria *algum dia* chegado a resposta divina? Provavelmente não. Eis a razão pela qual a oração é tão importante, e por qual motivo a história pertence aos intercessores, conforme diria Wink.

O Centro de Vida Cristã

O pastor Waymon Rodgers fundou o Centro de Vida Cristã em Louisville, Kentucky, no começo da década de 1980. O Centro cresceu bem até chegar a ter quinhentos membros; mas depois sofreu um retrocesso, e baixou para duzentos membros. Rodgers ficou desencorajado e começou a buscar outra igreja. Mas foi então que ele recebeu um recado da parte de Deus: "Eu te chamei para Loiusville e te darei as chaves da cidade."

A chave mostrou ser a oração. Rodgers, que atualmente está na companhia do Senhor, desafiou sete diáconos a orar com ele por uma hora a cada dia. Ele também apresentou a necessidade à congregação e metade dos duzentos membros concordaram em orar regularmente em favor da igreja. Ele começou a orar e manteve uma corrente de oração de vinte e duas horas por dia. A igreja avançou pela fé e adquiriu um terreno com cerca de mil e seiscentos quilômetros quadrados, para instalar um monte de oração parecido com o modelo coreano, completo com grutas de oração, saletas e uma capela. E toda a quinta-feira foi assinalada como dia de oração e jejum.

No Centro de Vida Cristã, a oração não é apenas a oração retórica, e, sim, a oração de ação, oração viva. A igreja começou a desenvolver-se quase instantaneamente. Cresceu para dois mil membros, e depois para seis mil. Agora, tem-se tornado um centro de onde têm emergido cinquenta e cinco novas igrejas por todo o estado de Kentucky.

A oração tem poder. A oração funciona!

SEGUINDO AS REGRAS DA ORAÇÃO

Já perdi a conta dos muitos livros a respeito da oração que tenho lido nos últimos poucos anos. Uma das coisas mais notáveis a respeito é que dificilmente há dois livros desses que se assemelhem entre si. Provavelmente a oração é um assunto quase inexaurível. Há muitas "regras da oração", mas quero aqui destacar as quatro regras que devem ser endereçadas àqueles dentre nós que estão praticando a oração retórica, e às quais regras eles devem dar atenção especial, se é que desejam mudar para a oração de ação.

As quatro regras da oração que, conforme sinto, são as mais cruciais, são estas:

- Orar com fé
- Orar de coração puro
- Orar com poder
- Orar com persistência.

REGRA 1: ORAR COM FÉ

Tiago ensinou-nos que, se nos faltar sabedoria, deveremos pedir sabedoria a Deus (veja Tg 1.5). E, então, acrescentou: "Peça-a, porém, com fé, não duvidando; porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento" (Tg 1.6). Quão importante é essa regra? Tiago disse que ela faz toda a diferença. Pois, acerca daquele que duvida, disse o escritor sagrado: "Não pense tal homem que receberá do Senhor alguma coisa" (Tg 1.7).

Jesus ensinou sobre a fé aos seus discípulos, utilizando-se de uma ilustração gráfica: Se orassem com fé, poderiam dizer a uma montanha que se projetasse no mar, e assim sucederia (veja Mc 11.23). E a isso adicionou: "Por isso vos digo que tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e tê-lo-eis" (Mc 11.24).

No que consiste a fé? "Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem" (Hb 11.1). Naturalmente, não pedimos a Deus algo que já temos, mas algo que ainda não possuímos. Ainda estamos esperando pela bênção pedida.

Ainda não a estamos vendo. Mas, se tivermos fé, as coisas invisíveis pelas quais esperamos adquirirão substância. Essa substância, ainda que não seja material, e, sim, espiritual, ainda assim será a substância de nossas petições. Se não emprestarmos substância às coisas pelas quais pedimos, sem dúvida seremos duvidosos como as ondas do mar, e nossas orações não nos serão respondidas. Assim teremos violado uma das regras da oração.

Há muitos crentes que não gostam desse ensino. Eles pensam que ele é perigoso, porquanto nos impõe uma responsabilidade demasiada. Não gostam de enfrentar o fato de que, algumas vezes (embora certamente não o tempo todo), nós mesmos nos mostramos culpados de nossas orações não nos serem respondidas. A oração de ação requer fé. Deus alguma vez permite exceções a essa regra? Afortunadamente, para a maioria de nós, incluindo eu mesmo, ele as permite. Porém, fique isto bem claro — essas são exceções, e não a regra geral.

A Teologia da Prosperidade

Faz anos agora que venho ouvindo críticas à "palavra de fé" ou "teologia da prosperidade". Porém, conforme tenho chegado a entender, seus melhores advogados estão simplesmente procurando trazer certo equilíbrio à Igreja ao enfatizarem uma verdade bíblica que muitos dentre nós têm-se inclinado por ignorar, a saber, o papel crucial que a nossa fé humana tem para que seja feita a vontade de Deus.

Também tenho ouvido críticas à prática da "visualização". Quando ouvi falar pela primeira vez na visualização da parte de amigos íntimos, como David Yonggi Cho e Robert Schuller, pude reconhecer somente que aquela gente sabia algo que eu não sabia. Eles me ajudaram a compreender o que o trecho de Hebreus 11.1 entende por "substância"; e fiquei agradecido.

Alguns daqueles que pregam a teologia da prosperidade ou a visualização terão ido longe demais? Sem dúvida alguma que sim; mas isso já seria de esperar sempre que ocorre uma grande correção no curso médio da vida do Corpo místico de Cristo. Assim, alguns presbiterianos foram longe demais no caso da predestinação? Alguns da Igreja de Cristo foram longe demais no caso da regeneração batismal? Alguns das Assembléias de Deus foram longe demais no caso do falar em línguas? Alguns luteranos foram longe demais no caso da lei e do evangelho? Naturalmente que sim.

Mais tarde, ocorre o equilíbrio. Alguns daqueles que defendem a teologia da prosperidade já admitiram que eles exageraram no papel da fé no campo da resposta às orações. Alguns têm percebido que havia o perigo de eles sentirem que poderiam manipular a Deus; mas eles sabem que não deveriam fazer isso. Alguns têm reconhecido que a linha entre a prosperidade concedida graciosamente por Deus e a ganância franca foi quase inteiramente apagada. E alguns deles têm confessado que têm pedido mas não têm recebido, porque pediram erroneamente, ou seja, para esbanjarem em seus prazeres (veja Tg 4.3).

Considerados os riscos, todavia, não obstante devemos concordar que orar com fé é uma das regras cardeais da oração. As respostas serão dadas ou serão negadas com base nesse princípio.

Como poderíamos orar com mais fé?

A chave principal para orarmos com fé consiste em conhecer a vontade de Deus. João esclareceu: "E esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve" (1 Jo 5.14).

O Grande "Se"

Algumas pessoas não sabem como manusear a oração com fé, e, em resultado disso, sua vida de oração tem sofrido prejuízo. Têm-se preocupado tanto com os perigos da presunção e da manipulação de Deus, que chegaram a desenvolver um método de oração vacinado contra as falhas. Elas descobriram que, quando

introduzem prudentemente a palavra condicional "se", em pontos estratégicos, não precisam preocupar-se se as suas orações serão respondidas ou não.

Em seu livro, *The Power of Positive Praying*, John Bisagno deu como título de um capítulo "Se For Tua Vontade". Escreveu ele: "Muitas orações maravilhosas não têm sido respondidas por terem perdido a sua força mediante o uso da palavra condicional 'se' entre elas." Por que as pessoas fazem isso? Bisagno sugere que a razão real por detrás disso é: "Realmente não cremos que Deus fará alguma coisa, pelo que dispomos de uma maneira fácil de escapar, caso ele não responda — uma cláusula de segurança, escrita em letras miúdas."¹⁰ Em outras palavras, muitas pessoas não possuem a fé bíblica.

João Calvino concordaria com Bisagno. Em suas *Institutas da Religião Cristã*, Calvino perguntou que tipo de oração seria uma oração como esta: "Ó Senhor, estou em dúvida se queres ouvir-me, mas visto que estou premido pela ansiedade, recorro a ti, para que, se eu tiver merecimentos, tu me possas ajudar." Calvino asseverou que as orações dos santos, registradas nas Escrituras, nunca seguem esse padrão. E, então, ele nos admoestou a seguirmos a instrução do Espírito que diz: "Cheguemos, pois, com confiança, ao trono da graça" (Hb 4.16). E, então, João Calvino concluiu: "Só é aceitável diante de Deus a oração que nasce, se assim quisermos expressar, do pressuposto da fé, alicerçada sobre a inabalável certeza da esperança."¹¹

Com freqüência há um pressuposto sutil por detrás da frase "se for da tua vontade". A suposição é que não é possível conhecer a vontade de Deus antes de orarmos. Alguns chegam a citar a passagem de Tiago 4.15: "Em lugar disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo" (V. R.). E citam-na a fim de justificar a sua suposição, talvez sem notarem que o contexto consiste em planejar alguma viagem de negócios, e não dirigir-se ao Pai em oração.

Como Saber a Vontade de Deus?

Porém, poderíamos conhecer a vontade de Deus antes mesmo de orarmos?

Certamente que sim. As duas principais maneiras de conhecermos a vontade de Deus são: (1) Ler a respeito dela nas Escrituras (veja 2 Tm 3.15, 16); e (2) perguntar ao Senhor e obter a resposta (veja Jo 14.26; 16.13; 2 Tm 2.7; Tg 1.5-7).

A maior parte daquilo que precisamos saber acerca da vontade de Deus nos foi revelado na Bíblia. Sabemos qual a vontade de Deus acerca de dar comida aos famintos, sexo extra-marital, justiça em favor dos oprimidos, pagar os nossos impostos, obedecer aos nossos pais e fomentar a harmonia entre as raças. A Bíblia mostra-se perfeitamente clara sobre essas questões; e, assim, quando oramos por elas, sabemos que estamos orando de acordo com a vontade de Deus.

Está ficando cada vez mais popular, em alguns círculos evangélicos, passar uma boa porção do tempo de nossas orações em *Orar Segundo as Escrituras* (em inglês, o título original é *Praying the Scriptures*), para usar o título de um excelente livro sobre o assunto, da autoria de Judson Cornwall. Nesse livro, Cornwall sugeriu que o texto bíblico pode tornar-se a oração que oramos. Afirmou ele: "Quando é usada como o veículo de nossas orações, a Palavra de Deus é capaz de declarar profundos desejos interiores e pensamentos da alma-espírito."¹² Quando usamos as palavras das Escrituras em nossas orações, estamos orando de acordo com a vontade de Deus.

A segunda maneira de orar em consonância com a vontade de Deus consiste em pedir-lhe que determine a sua vontade, antes de orarmos. Jesus disse que ele só fazia aquilo que via o Pai fazendo (veja Jo 5.19). A nós compete agir do mesmo modo.

Uma das principais chaves para quem quer saber qual a vontade do Pai consiste em passar tempo em companhia dele. Podemos saber qual a vontade de nosso cônjuge? Depois de estar convivendo por mais de quarenta anos com minha esposa, seria mesmo bom que eu soubesse a vontade dela, e, de fato, sei. E ela sabe qual é a minha vontade. No dia de nosso casamento, nenhum de nós dois sabia o que sabemos agora. Mas aprendemos, e logo descobrimos que quanto mais prontamente sabemos da vontade um do outro, mais felizes nos sentimos. Outro tanto aplica-se no caso de nosso Pai celeste. Quanto mais tempo passarmos com ele, mais certos nos tornaremos do que é ou do que não é de sua vontade.

Como podemos ouvir a voz dele, enquanto estamos passando tempo com ele, é algo que será pormenorizado no próximo capítulo.

Quando realmente sabemos qual seja a vontade de Deus, ou por meio das Escrituras, ou por meio da comunicação direta com Deus, então é que podemos orar com toda a fé que de nós é esperada, para, então, recebermos as respostas que esperamos da parte de nossas orações.

REGRA 2: ORAR DE CORAÇÃO PURO

Relembrando que a essência da oração é um relacionamento íntimo com Deus Pai, torna-se óbvio que qualquer pecado que obstrua esse relacionamento, mesmo que somente em parte, reduzirá a eficácia das nossas orações.

Isaías afirmou o desejo de Deus em ouvir e dar resposta às nossas orações: "Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem o seu ouvido agravado, para não poder ouvir" (Is 59.1). O pecado, não obstante, pode impedir isso de acontecer. "Mas as vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça" (Is 59.2). Tratar da questão do pecado e ter um coração puro é uma regra fixa da oração.

Jesus reconheceu isso quando, na oração do Pai-nosso, ele nos ensinou a orar diariamente: "...e perdoa-nos as nossas dívidas..." (Mt 6.12). Contudo, essa tradução, "dívidas" representa uma linguagem ultrapassada em português, que mascara o verdadeiro sentido dessa sentença do Pai-nosso. Visto que todos os crentes pecam vez por outra, precisamos ficar certos de que nossa ficha está limpa diante do Senhor, a cada dia, se esperamos que nossas orações sejam respondidas. Pedro nos fez lembrar do fato que "Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos, atentos às suas orações; mas o rosto do Senhor é contra os que fazem males" (1 Pe 3.12).

O arrependimento e a confissão de pecados são medidas essenciais para que haja boas orações. De igual valor é que não haja pecados a serem confessados de novo no futuro. Foi por essa razão que Jesus nos ensinou a orar: "...e não nos deixes cair em

tentação" (Mt 6.13, V. A.). Essas medidas contribuem decisivamente para que tenhamos corações puros. Mas parece que entre todos os pecados que precisamos eliminar de nossas vidas, a fim de orarmos bem, é aquele que se destaca acima de todos os demais: *não querer perdoar*.

Perdoando o Próximo

A seqüência de "perdoa-nos as nossas dívidas" é "assim como nós perdoamos aos nossos devedores" (Mt 6.12). O motivo pelo qual eu afirmei que não querer perdoar o próximo destaca-se acima de todos os outros pecados que impedem a boa oração é que essa é a única porção da oração do Pai-nosso que o Senhor Jesus reforçou, depois de ter salientado algo. Pois em seguida ele disse: "Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas" (Mt 6.14, 15).

Suponhamos que você realmente tenha sido injustiçado. Suponhamos que você seja uma vítima em boa fé. Suponhamos que as faltas não foram suas, mas que você foi severamente ferido por alguma outra pessoa. Suponhamos que os seus ofensores recusem-se a pedir-lhe desculpas. Suponhamos que digam que a falta foi sua. O que você deveria fazer diante disso?

Perdoe-os! Foi o que Jesus fez.

Se você perdoar, isso purificará o seu coração. As respostas para as suas orações não dependem do que o seu adversário fizer ou deixar de fazer. Mas dependem do que você fizer.

O quarto capítulo de Tiago aborda a questão das orações que não são respondidas porque violam a regra do coração puro. "Pedis, e não recebeis" (Tg 4.3). Mas por quê?

- Tendes desejos errados. Desejais, lutais e cobiçais (veja 4.2).
- Tendes motivos errados. Pedis erradamente. Não pedis de acordo com a vontade de Deus, e, assim, vos desviais (veja 4.3).

- Tendes objetivos equivocados. Pedis para satisfazer vossos próprios prazeres. Mostrai-vos egoístas (veja 4.3).

O fruto do Espírito Santo em nossa vida reenfoca o modo como nos achegamos a Deus. O Espírito Santo nos dará: (1) Os desejos corretos — intimidade com o Pai; (2) os motivos corretos — glorificar a Deus; e (3) os objetivos corretos — fazer a vontade de Deus. Isso nos ajuda a entrar na linha certa, usando a regra da oração feita de coração puro.

REGRA 3: ORAR COM PODER

Uma das razões pelas quais nos inclinamos a manifestar falta de fé em nossas orações é que não percebemos plenamente quanto poder temos quando chegamos diante do Pai em nome de Jesus. Uma regra da oração que nos cumpre seguir é nos utilizarmos do poder que já nos foi conferido.

A diferença entre uma oração poderosa e uma oração sem poder é a presença do Espírito Santo. O Espírito Santo era a fonte do poder miraculoso manifestado pelo Senhor Jesus (veja Mt 12.28; Lc 4.1,14-18; At 2.2; 10.38). Jesus revelou aos seus seguidores que eles teriam o mesmo poder e que fariam as mesmas obras, e até maiores, que ele fez (veja Jo 14.12). Antes de partir deste mundo, Jesus disse a seus discípulos que seria vantajoso para eles se ele fosse, porque somente então poderiam receber o pleno poder do Espírito Santo (veja Jo 16.7-14). Jesus instruiu-os para que se demorassem em Jerusalém até que recebessem o poder do alto (veja Lc 24.49). E, então, pouco antes de subir para o céu, Jesus disse: "Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo..." (At 1.8, V. R.).

Embora cada crente regenerado desfrute da presença habitadora do Espírito Santo em sua vida, nem todos usufruem de sua presença com o mesmo grau. Alguns estão cheios do Espírito Santo a qualquer dado momento; mas com outros isso não acontece. Posso ser cheio do Espírito Santo hoje; mas amanhã precisarei renovar o meu relacionamento com ele (veja Ef 5.18). Alguns crentes preferem chamar essa experiência de batismo no Espírito Santo, e não enchimento com o Espírito. Diferentes grupos evangélicos têm revestido essa verdade com diferentes

arcabouços doutrinários e adornos práticos. Mas o fenômeno é o mesmo: embora todos contemos com a presença genérica do Espírito Santo, pode variar a manifestação do poder do Espírito (veja 1 Tm 4.14; 2 Tm 1.6).

Pedro foi um daqueles que foram "cheios do Espírito Santo" (At 2.4) no dia de Pentecostes. Sem embargo, Pedro foi novamente "cheio do Espírito" em Atos 4.8, para que pudesse ministrar poderosamente diante do Sinédrio. Uma vez só, ao que parece, não foi o suficiente.

Nossa constante e diária renovação da presença do Espírito Santo ajuda-nos nos demais aspectos da oração. Ele nos ajuda a manter um coração puro, porque uma das operações do Espírito Santo consiste em convencer-nos do pecado (veja Jo 16.8). Ele nos ajuda a ter a certeza de que conhecemos a vontade de Deus, quando entramos em oração, porquanto ele nos atrai para o Pai (veja Rm 8.16; Gl 4.6). Ele edifica a nossa fé porque somos encorajados ao ver o poder sobrenatural que flui através de nós e toca nas vidas de outras pessoas.

Quando temos o Espírito Santo, podemos verdadeiramente orar com poder.

REGRA 4: ORAR COM PERSISTÊNCIA

Já tive ocasião de mencionar que, algumas vezes, as respostas" às nossas orações não nos são dadas tão prontamente quanto esperamos. Quando isso sucede, devemos continuar orando. Daniel, conforme já vimos, orou por vinte e um dias em seguida, antes que a sua resposta chegasse (veja Dn 10.12, 13). Daniel demonstrou para nós a regra que nos manda orar com persistência.

Lemos em Lucas 18.1: "E contou-lhes também uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca desfalecer." Ato contínuo, Jesus passou a ilustrar esse conceito com a parábola da viúva pobre e do juiz injusto. Embora o juiz não estivesse disposto a tratar do caso da viúva, finalmente ele mudou de atitude mental, por causa da persistência dela. Ele era um juiz mau, mas a persistência dela deu certo. Deus não é mau; mas é bom. Se a persistência deu certo no meio ambiente mais adverso, quanto

mais Deus estará disposto a ouvir-nos, em face de seu amor e compaixão!

Como é óbvio, a persistência pode tornar-se exagerada. Acredito que se tivermos fé e um coração puro, o nosso padrão deve ser de continuarmos a orar até que aconteça uma destas três coisas:

Parar de orar quando a resposta é recebida. Essa é a medida mais óbvia dentre as três.

Lembro-me de que, durante uma interrupção em uma conferência que eu estava dirigindo no estado do Texas, aproximou-se de mim um homem que obviamente estava respirando com muita dificuldade. O homem sabia que se tratava de um crítico ataque de asma que poderia tirar-lhe a vida. Pouco depois que comecei a orar em favor dele, ele tossiu forte e alto, e uma misteriosa nuvem branca saiu de sua boca e se evaporou na atmosfera, e ele começou a respirar normalmente.

Menciono esse episódio porque foi uma daquelas ocasiões em que pude ver, realmente, a resposta à minha oração. Portanto, parei de orar, louvei ao Senhor juntamente com o homem, e ele esteve ótimo durante todo o resto da conferência. E nunca mais orei por ele.

Parar de orar quando o Espírito Santo nos der confiança de que a batalha espiritual foi ganha. Um pastor de Zâmbia, que vinha estudando no Seminário Teológico Fuller já fazia algum tempo, finalmente fez arranjos para trazer para os Estados Unidos sua esposa e seus cinco filhos. No início de um curso de duas semanas, ele pediu que orássemos por seus familiares, para que eles conseguissem um avião com assentos reservados, pois de outra sorte eles não teriam certeza se encontrariam seis assentos vazios.

No primeiro dia em que oramos, a família do pastor não conseguiu um avião naquelas condições, mas persistimos e oramos a cada dia durante aquela primeira semana. Por duas vezes mais, não houve assentos para os familiares do pastor. Na segunda-feira da segunda semana, sugeri gentilmente que continuássemos a orar pela família do pastor. Mas o pastor disse que não deveríamos continuar orando. Deus lhe havia dito, no fim daquela semana, que já havia respondido às nossas orações, e que sentia que, se continuássemos orando, isso exibiria falta de confiança no senso

de certeza que Deus lhe havia dado. E declarou que era tempo de mudarmos da fé para a expectativa.

Aquele tipo de experiência constituía uma novidade para mim, mas não para o pastor da Zâmbia. Os crentes africanos talvez conheçam coisas que os crentes norte-americanos não conhecem ainda. Segui a sugestão dele, e Deus mostrou ser fiel. A família dele chegou no próximo avião!

À medida que os crentes se sintonizam mais exatamente com a natureza da oração, à medida que se valem do poder da oração e à medida que aderem às regras da oração, eles verão muitas de nossas igrejas locais serem transformadas e nossas comunidades franqueadas ao evangelho.

Parar de orar quando Deus responder com um "não". O apóstolo Paulo queria livrar-se de seu espinho na carne, sem importar no que esse espinho tenha sido. Ele mostrou-se persistente o bastante para pedir do Senhor, por três vezes, que retirasse aquele espinho. Mas Deus acabou respondendo na negativa; e, embora nem sempre Deus faça assim, o Senhor deu a Paulo a razão para tal resposta.

Deus disse a Paulo que ele precisava do espinho na carne "para que me não exaltasse pelas excelências das revelações" (2 Co 12.7).

Naturalmente, não constitui uma regra fixa orar somente por três vezes a respeito de alguma coisa, conforme fez Paulo no caso mencionado. Talvez Deus queira que oremos por trinta vezes, ou mesmo por trezentas vezes. Penso que a nossa tendência humana é concluir que a resposta é um "não", antes mesmo de ter havido qualquer resposta do alto. Eu quase caí nesse erro ao orar pela salvação de meus progenitores. Foi somente após quarenta e dois anos de persistência (com muitos períodos em branco, devo confessar) que eles entregaram a sua vida a Jesus Cristo.

Nossas orações retóricas *podem* tornar-se orações de ação; e estou vendo isso suceder nas igrejas por todos os Estados Unidos da América, e em outras regiões do mundo. A medida que os crentes se sintonizam mais exatamente com a natureza da oração, à medida que se valem do poder da oração e à medida que aderem

às regras da oração, eles verão muitas de nossas igrejas locais serem transformadas e nossas comunidades franqueadas ao evangelho.

Perguntas para refletir

1. Por qual motivo muitos pastores dirão que a oração é a mais importante atividade de suas igrejas quando, na verdade, não se dá assim com elas?
2. Se concordarmos que a verdadeira essência da oração é a intimidade com o Pai, quais são algumas das aplicações concretas que terão de ser feitas em nossa vida pessoal de oração?
3. Alguns crentes sentem que devemos compartilhar de respostas tangíveis às nossas orações, com todo o entusiasmo, mas outros advogam uma atitude mais modesta e restrita para com o desejo por respostas explícitas. Discuta os pontos em favor e contra de cada um dos lados.
4. Em qual sentido a oração faz Deus "mudar a sua mente", conforme colocou certo autor? O que há em Deus que nenhuma iniciativa humana é capaz de mudar?
5. "Se for de tua vontade" é uma adição freqüente feita às nossas orações. Aliste algumas instâncias em que essa adição é apropriada, e, então, aliste outras instâncias nas quais ela não é apropriada.

Notas

1. HADAWAY, C. Kirk. *Church Growth Principles*. Nashville, TN, Broadman Press, 1991. p. 51.
2. TEYKL, Terry. *Pray and Grow*. Discipleship Resources, P. O. Box 189, Nashville, TN 37202, 1988.
3. POLOMA, Margaret M. & Gallup Jr., George H. *Varieties of Prayer*. Filadélfia, PA, Trinity Press International, 1991. p. 26 e 52.
4. Idem, *ibidem* p. 53.

5. TORREY, R. A. *The Power of Prayer*. Grand Rapids, MI, Zondervan Publishing House, 1955. p. 15.
6. GRIEND, Alvin Vander. *The Praying Church Sourcebook*. Church Development Resources, 2850 Kalamazoo Ave., S. E., Grand Rapids, MI 49560, 1990. p. 7.
7. FOSTER, Richard J. *Celebration of Discipline* [Celebração da Disciplina - São Paulo, Ed. Vida, 1983]. São Francisco, CA, Harper, São Francisco, 1978. p. 35.
8. ANDREW, Brother. *And God Changed His Mind* [Deus Mudou de Idéia - Belo Horizonte, Ed. Atos, 1981]. Grand Rapids, MI, Chosen Books, 1990. p. 15.
9. WINK, Walter. *Unmasking the Powers*. Filadélfia, PA, Fortress Press, 1986. p. 91.
10. BISAGNO, John. *The Power of Positive Praying*. Grand Rapids, MI, Zondervan Publishing House, 1965. p. 19,20.
11. CALVINO, João. *Institutes of the Christian Religion*, editado por McNeill, John T. Filadélfia, PA, The Westminster Press, 1960, livro III, capítulo XX:2, p. 864,5.
12. CORNWALL, Judson. *Praying the Scriptures*. Lake Mary, FL, Creation House, 1990. p. 11.

3. OUVINDO A VOZ DE DEUS

Certa noite de sábado, no ano de 1991, foi uma noite sem descanso para mim. Vez por outra eu pressentia que estava ocorrendo alguma espécie de batalha espiritual. Quando despertei do sono, eu estava com uma vaga impressão de que tinha sonhado com um espírito de homossexualismo.

Ora, tudo isso era extremamente incomum. Ordinariamente durmo bem e não sonho muito. Até algum tempo atrás, diferente de muitos de meus amigos crentes, eu não recebia revelações de Deus sob a forma de sonhos; mesmo quando sonhava, eu dava bem pouca atenção aos sonhos. E, de acordo com meu velho costume, também não liguei muito a esse último sonho. Tenho enfrentado muitos problemas na vida, mas o homossexualismo nunca tinha aparecido no meu horizonte, mesmo remotamente.

UMA PALAVRA DA PARTE DO SENHOR

Entretanto, na minha classe de Escola Dominical, na manhã seguinte, senti-me impulsionado a dirigir uma palavra aos alunos. Isso também me pareceu incomum, pois nos últimos poucos anos, posso contar nos dedos as vezes em que agi desse modo. Eu sentia, contudo, que era uma palavra da parte do Senhor, pelo que falei publicamente.

"Está alguém presente esta manhã que está sendo convidado por outra pessoa para que tenha uma relação homossexual? Esse alguém não quer fazer isso, mas está achando difícil recusar-se e está precisando de ajuda. Deus proporcionará ajuda a esse alguém." Eu sabia que se tratava de um caso de homossexualismo masculino, mas não mencionei esse detalhe.

No dia seguinte, o tesoureiro da classe, Rocky Lloyd, telefonou para mim e disse-me que no domingo à noite tinha vindo ao culto da igreja, onde recebeu excelente ensino bíblico. Contento com os ensinamentos recebidos, voltou para casa para passar o resto da noite estudando a Bíblia. Mas naquela mesma noite recebeu chamadas telefônicas de dois homens diferentes, que não se conheciam, aos quais Rocky tinha testemunhado sobre Cristo, em algum tempo no passado. Ele também sabia que ambos viviam como homossexuais, e ambos solicitaram uma relação homossexual com ele, naquela noite.

A oração de ação é oração de duas vias. Falamos com Deus e ele fala conosco, tal como meu pai terreno e eu falamos um com o outro.

Embora Rocky nunca se tivesse sentido pessoalmente inclinado nessa direção, ele telefonara para mim para dizer que estava agradecido a Deus por tê-lo advertido, por meio da palavra que me havia sido dada, e que louvava a Deus porque, naquela mesma noite, fora armado com a espada do Espírito. E acrescentou que havia recebido ajuda direta, por meio de oração, naquela mesma manhã. Durante o período da Escola Dominical, sem que houvesse o mínimo indício acerca de a quem se aplicaria aquela revelação pessoal, Dave Rumph foi falar com Rocky e lhe

disse: "Deus está me dizendo para orar por você, embora eu não faça idéia do motivo." Dave orou em favor de Rocky, e aquele foi um dia vitorioso em todos os sentidos.

De onde teria vindo aquela informação?

Como é óbvio, aquela foi uma instância de comunicação direta de Deus comigo e também com Dave Rumph. E mais importante ainda foi que, através de Dave e de mim, aquela era uma palavra de revelação da parte de Deus para Rocky Lloyd.

No capítulo anterior, mencionei o fato que a oração de ação é oração de duas vias. Falamos com Deus e, então, ele fala conosco, tal como meu pai terreno e eu conversamos um com o outro, quando telefono para ele. Isso deveria ser auto-evidente para os crentes bíblicos, o que, realmente, acontece com muitos deles. Sem embargo, um segmento bastante apreciável da Igreja estranha a idéia de que podemos receber recados da parte de Deus, nesta nossa época e tempo. As pessoas geralmente aceitam a idéia de que Deus nos lidera e dirige na vida mediante um divino arranjo das circunstâncias na vida diária. Mas pensar que se "ouve" algo diretamente da parte de Deus é considerado como uma noção nada respeitadora. Isso torna-se particularmente suspeito quando, em algum sentido, transmitimos a impressão de que estamos citando palavras ditas pelo próprio Deus, ou que estamos parafraseando aquilo que pensamos que ouvimos.

Teria sido apropriado para mim levantar-me em público e compartilhar o que pensei ser uma palavra da parte de Deus?

Teria sido apropriado para Dave Rumph dizer: "Deus me está dizendo..."?

"JOHN MAXWELL ORA HOJE"

Eu estava ensinando um curso de doutorado para o ministério, no Seminário Teológico Fuller, para cerca de cinquenta pastores, não faz muito tempo. Para começar cada dia do curso intensivo de duas semanas, habitualmente convido um dos pastores como líder de oração da classe, e passamos cerca de quarenta e cinco minutos orando juntos. Bem cedo a cada manhã, em minhas orações pessoais, tomo a lista de meus alunos e oro em

favor deles, pedindo ao Senhor que me mostre qual deles devo escolher como líder de oração naquela manhã. Nos primeiros dois ou três dias, usualmente ponho um sinal ao lado dos nomes de cerca de dez ou quinze deles, que sinto poderem ser líderes potenciais das orações.

Meu bom amigo, John Maxwell, pastor da Igreja Wesleyana Skyline, em San Diego, na Califórnia, aconteceu estar fazendo esse curso. Todavia, não assinalei o seu nome, porque ele tem um perfil claríssimo como mestre de pastores, por todo o nosso país. Raciocinei: (1) John não precisa ser posto em destaque uma vez mais; e (2) não quero tornar-me conhecido como alguém que está lisonjeando uma celebridade em nosso meio. E resolvi que, dessa vez, outros estariam orando.

Deus, entretanto, tomou uma decisão diferente. Quando eu estava pregando em prol dos nomes assinalados, na segunda-feira pela manhã, na segunda semana do curso, ouvi claramente Deus falar em meu espírito: "John Maxwell é quem orará hoje." Isso foi o bastante para mim. Chamei John Maxwell para orar; ele o fez, e aquele foi o mais profundo e poderoso momento de oração que tivemos em duas semanas.

No dia seguinte, John e eu jantamos juntos. Disse ele: "Eu sabia que você me iria convidar a orar ontem. Na noite anterior eu disse a Dave Freshour: "Vou orar amanhã pela manhã."

Dessa vez, nenhum de nós compartilhou em público o que tínhamos ouvido da parte de Deus, mas quando comparamos notas em particular, ficamos extremamente jubilosos. Ambos nos identificamos como membros de grupos de tradições teológicas bem conservadoras; mas ambos chegamos a crer que Deus fala hoje e que podemos ouvi-lo de modo claro o bastante para virtualmente citarmos as suas palavras. Nós o tínhamos ouvido naquela ocasião!

"E Eu Cito"

Jack Hayford aceitou essa verdade muito antes de John Maxwell ou eu a termos aceitado. Quando usa a expressão, "Deus falou comigo", Hayford costuma dizer: "Quero ser bem mais

específico do que falar sobre revelações gerais ou impressões particulares interiores. Reservo essa expressão intencionalmente para as ocasiões raras e especiais quando, em meu espírito, o Senhor tem falado comigo. Não quero dizer que 'senti' ou que, 'de algum modo, fiquei impressionado'." Hayford também afirma que o Senhor fala *palavras* com ele. "Essas palavras têm sido tão distintas que me sinto virtualmente capaz de dizer: 'E eu cito'".¹

Reconhecendo plenamente a minha pecaminosidade e humanidade, sinto que é apropriado para mim reivindicar que estou citando o Deus Todo-Poderoso, quando eu disse: "John Maxwell é quem orará hoje."

Também tenho consciência de que, para alguns crentes, isso parecerá pura arrogância. "Quem é que Peter Wagner pensa que é, ao ponto de o Criador do universo condescender em falar com ele?" Especialmente acerca de coisas relativamente insignificantes, como resistir a avanços homossexuais, quando provavelmente não havia ali qualquer tentação em andamento, ou chamar certa pessoa para orar em uma sala de aula.

HÁ REVELAÇÕES DE DEUS HOJE EM DIA?

Compreendo plenamente essa linha de raciocínio, porquanto ela foi a minha própria maneira de pensar durante boa parte de minha carreira como ministro ordenado.

No seminário, fui instruído que a revelação geral de Deus é posta à disposição de todos os seres humanos por meio da criação, e que a «sua revelação especial foi confinada às Santas Escrituras. Deus pode ter falado diretamente aos apóstolos e profetas, mas eles anotaram por escrito o que Deus disse, e quando o cânon do Antigo e do Novo Testamentos se completaram, tendo os crentes concordado a esse respeito, tornou-se desnecessária qualquer outra revelação. Afinal, lemos em Hebreus 1.1,2: "Havendo Deus, antigamente, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo."

Naturalmente, continuo defendendo o ensino da inerrância da Bíblia, mas também percebo que Deus tem coisas para dizer-nos que não se acham na Bíblia. Quando, por exemplo, tomei a decisão de casar-me com Dóris, não achei um único versículo que me dissesse que ela é quem devia ser minha esposa. Outro tanto pode ser dito quando aceitei o convite para fazer parte do corpo docente do Seminário Teológico Fuller. Ou quando convidei Alice Smith para ser a intercessora número um tanto de Dóris quanto de mim mesmo.

Aqueles que leram o livro *Escudo de Oração*, o segundo volume desta série, "Guerreiro de Oração", sabem que gosto de fazer a distinção entre intercessores de primeira, segunda e terceira ordens, a quem Deus chamou para orarem especificamente por nós e por nosso ministério. No momento, Dóris e eu contamos com dezoito intercessores de segunda ordem e uma intercessora de primeira ordem, formando assim uma equipe de dezenove intercessores íntimos. Minha crença é que somente Deus escolhe intercessores de primeira ordem, razão pela qual é imperativo ouvirmos Deus antes de estabelecermos tal relacionamento.

Uma das razões pelas quais é importante que o próprio Deus cimente esse relacionamento é que, ordinariamente, ele fala diretamente com o intercessor sobre a pessoa em favor de quem está orando. Para exemplificar, a 15 de novembro de 1990, Alice Smith escreveu no seu diário:

Aproximadamente às 13h15, horário de Houston, houve um perigo que ameaçou a Peter Wagner. Comecei a interceder, e o Senhor deu-me a visão de um principado que vinha do sul. Era tão grande quanto um homem e estava pairando por sobre Peter com uma flecha na mão, apontada na direção do coração dele. Pus-me a clamar: "Salva-o, Senhor. Tem misericórdia dele e salva-o." O Senhor revelou que se tratava de um espírito de morte. Perguntei ao Espírito Santo se Peter estava bem, e ele falou: "A vida dele está na balança."

Comecei a agoniar-me como que em trabalho de parto! Telefonei para Eddie [marido de Alice] e pedi que ele também orasse. Clamei por misericórdia, lembrando o Pai sobre os seus planos acerca de Peter, proferindo trechos

bíblicos, em batalha contra as forças das trevas, e o Senhor falou Salmos 144 em meu coração. Aquela era a palavra para Peter.

E, então, às 13h57, tão rapidamente quanto viera o espírito, vi um anjo do Senhor vir e tirar a flecha da mão daquele principado, quebrá-la em seu joelho, e partir depois na direção oeste! O espírito de morte simplesmente desapareceu.

Que devemos compreender daí?

Seria Alice uma mulher emocionalmente perturbada, dotada de uma imaginação hiperativa? Estaria ela lendo muito os livros de Frank Peretti? Seria ela uma fanática à beira de tornar-se uma lunática?

Não, se é que sou capaz de julgar razoavelmente o caráter das pessoas. Alice é uma maravilhosa esposa e mãe. Ela é competente em seu campo de corretora de imóveis. Seu marido, Eddie, é pastor batista do sul, e ela é mulher ativa na vida de sua igreja local. É uma mulher santificada, muito solicitada como mestra da Bíblia e conferencista. Também é uma intercessora reconhecida nacionalmente. E ela ouve recados de Deus em uma base um tanto mais regular do que acontece com a maioria de nós.

Os leitores de meu livro, *Escudo de Oração*, sem dúvida estão lembrados que já narrei ali esse episódio, com alguns outros detalhes. Conforme eu disse naquele livro, continuo acreditando que a oração de Alice salvou minha vida física em 1990.² Mas estou aqui reiterando o incidente a fim de sublinhar quão crucial tem sido o ministério dela e como grande parte desse ministério depende de ouvir a voz de Deus.

Anotando o Que Deus Diz

Embora eu não ouça diretamente recados de Deus, com muita frequência, a decisão de pedir a Alice que ela se tornasse nossa principal intercessora ocorreu depois de um daqueles eventos especiais. Quando eu estava ocupado em minhas orações matinais usuais, descobri que minha mente estava sendo invadida

por pensamentos que claramente não eram meus. Mas por aquela altura eu estava aprendendo como reconhecer a voz de Deus; e o que deveras me surpreendeu foi a clareza com que as próprias palavras estavam chegando. Tomei caneta e papel e comecei a anotar aquilo por escrito, percebendo que aquela era a primeira vez em que aquilo me estava sucedendo. Eis o que escrevi, sem fazer qualquer pausa:

Ainda não percebes quão importante virá a ser Alice Smith, na guerra espiritual em teu favor. Ela tornar-se-á tua mais poderosa intercessora. Não terás alguma relação pessoal particularmente chegada com ela. Não terás necessidade de dizer-lhe tudo sobre quanto ela tiver de orar, porque ela é pessoa muito próxima de mim, e me escuta bem. Eu a farei saber como ela deverá orar dia a dia e semana após semana. Não precisarás recompensá-la; a recompensa dela será recebida diretamente de mim.

Eu a tenho preparado para esse ministério, provendo-lhe um equipamento especial, e mostrando-lhe como usar o equipamento. C) nome dela será conhecido e temido entre as forças do mal. Elas a odiarão e tentarão destruí-la, mas os sofrimentos dela serão poucos. O marido dela servirá de apoio e proteção para ela.

listou fazendo isso porque te escolhi para um ministério que requererá o mais alto nível de intercessão. Estou fazendo tua vida entrar em contato com outras vidas, que amarão a ti e a Dóris, e que lutarão e ganharão batalhas espirituais. Não tomarás conhecimento de muitas dessas batalhas, mas elas te destruiriam sem essa intercessão. Os intercessores serão fiéis a ti e ficarás livre de restrições que o inimigo tentará impor sobre ti. Tens sofrido por mim, mas teus sofrimentos estão praticamente no fim.

Quando eu estava escrevendo essas palavras, minha sensação era que eu estava anotando alguma forma de revelação divina. Era uma palavra muito importante de Deus, em um momento crucial em minha vida e. ministério. Compartilhei o recado divino com Alice, quando Dóris e eu a convidamos para ser a nossa primeira intercessora; mas até onde sou capaz de lembrar, nunca antes eu havia compartilhado com alguém esse recado, palavra por palavra, até que o faço neste livro.

EVANGELICALISMO TIPO PADRÃO

O evangelicalismo tipo padrão tem posto em dúvida o comportamento a que acabo de me referir. "Assim diz o Senhor" seria uma frase apropriada para Isaías, Ezequias ou o apóstolo Paulo; mas nós temos uma coisa de que eles nunca desfrutaram — o cânon terminado das Escrituras. Deus trabalha de forma diferente hoje em dia. Meus professores de teologia ensinaram-me a dizer: "Não esperamos que Deus ocupe-se em uma atividade de revelação hoje em dia." Paulo escreveu a Timóteo dizendo que "Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2 Tm 3.16,17, V. R.).

Ora, se as Escrituras nos equipam plenamente, conforme prossegue esse argumento, de que mais precisaríamos? E ele conclui: Esperar ouvir a voz de Deus, hoje em dia, conforme fizeram os profetas antigos, vai além do que as Escrituras permitem.

Essa linha de pensamento, como é natural, restringe qualquer conceito da oração em duas vias. Desde que aprendi a respeito da oração em ação, não consigo falar muito sobre a oração sem falar também acerca de ficarmos atentos à voz de Deus. Mas essa maneira de ver as coisas é recente para mim. Portanto, não me surpreendi quando li um artigo, escrito por Billy Graham, "Poder Quando Orares", mas não encontrei nenhuma referência ao fato de que podemos ouvir a voz de Deus.³

Não estou tecendo essa consideração a fim de criticar Billy Graham em qualquer sentido, mas simplesmente porque, hoje em dia, ele é o principal e mais visível porta-voz de nossa corrente evangélica central. Também reconheço que um breve artigo não abre espaço para que alguém diga tudo quanto pode ser dito sobre a oração, e que Graham bem pode crer naquilo em que cremos, e, de fato, pode receber comunicações revelatórias atuais, da parte de Deus.

Porém, a fim de abrir mais ainda o leque, quero reportar-me à Comissão Lausanne para Evangelismo Mundial (CLEM), que efetuou uma maciça Assembléia Internacional de Oração em Seul, na

Coréia, em 1984. Vonette Bright e Ben Jennings dirigiram a reunião, juntamente com Kim Joon-Gon e Thomas Wang, a qual contou com a presença de representantes de nada menos de setenta e um países diferentes. O programa apresentou noventa e quatro oradores. Tudo foi publicado em seguida em um livro, *Unleashing the Power of Prayer*, noticiando os resultados obtidos por vinte e três daqueles notáveis líderes da oração.⁴

Meu ponto é o seguinte: Nenhuma daquelas tão significativas mensagens sobre a oração aborda a questão da oração em duas vias: falamos com Deus e ele fala conosco. Não quero dar a entender que qualquer ou que todos os oradores pretendessem negar que podemos ouvir a voz de Deus, mas simplesmente que naquele livro que deveria marcar época, esse aspecto de ouvirmos a voz de Deus não figura como uma questão prioritária.

RECEBENDO "IMPULSOS AVASSALADORES"

Quando medito sobre os anos em que passei como missionário, os anos em que eu nada esperava ouvir da parte de Deus, reconheço que, não obstante isso, criamos que Deus responde às nossas orações. Na época, não dizíamos uns aos outros: "Deus me disse isto ou aquilo". Antes, testificávamos, por exemplo, que Deus "me chamou para a Bolívia". Usualmente acreditávamos que as respostas às nossas orações eram dadas por meio das circunstâncias subseqüentes, todas elas arrumadas pela mão do Deus soberano, e não através de qualquer comunicação verbal direta. Mas um artigo de revista evangélica, que li ainda recentemente, lembrou-me que também éramos guiados por algo que nos acostumamos a chamar de "impulsos avassaladores".

Esse artigo girava em torno do ministério de um de meus chefes missionários na Bolívia, Bill Hammond. Lá pelo ano de 1950, ano em que me converti, Bill e outros missionários da South American Missions estavam tentando fazer um contato inicial com os índios Ayorés, uma tribo selvagem e aguerrida, que anos antes havia matado cinco missionários da New Tribes Mission.

Bill Hammond, que vinha orando para fazer contato com os indígenas Ayorés, certo dia "sentiu um impulso avassalador" para ir a El Encanto. Não era coisa natural a ser feito, mesmo porque

requeria uma exaustiva viagem de cerca de cento e vinte quilômetros em lombo de cavalo, atravessando um hostil trecho de florestas, além do que corria a estação chuvosa. No entanto, aquele impulso "não desaparecia". E assim Bill partiu, na companhia de um obreiro boliviano, Angel Bravo, que tinha vindo à sua procura. Naquela manhã, de acordo com a autora, Edith Norwood, "Angel tinha recebido idêntico impulso que não parecia razoável". E assim fizeram a viagem, que mostrou ser uma jornada histórica. Eles estabeleceram o primeiro contato pacífico com os índios Ayorés.⁵

Não há dúvidas, mesmo nas mentes dos evangélicos tradicionais, que Bill Hammond e Angel Bravo ouviram algo da parte de Deus. Deus disse a Hammond e a Bravo que fossem a El Encanto. Sem importar se chamamos isso de "impulso avassalador" ou "palavra de conhecimento", consideramos isso uma orientação suficientemente poderosa, da parte de Deus, para nos lançarmos em algo tão significativo como uma viagem ministerial que, potencialmente, punha em risco a vida dos missionários.

Talvez tudo se resuma a uma questão de semântica. Talvez a maioria dos evangélicos, ao pensarem a respeito por algum tempo, realmente creiam em alguma espécie de atividade revelatória, da parte de Deus, em nossos dias.

Mas que não se chame isso meramente de "profecia"!

O MODERNO MOVIMENTO PROFÉTICO

Quando escrevi o meu livro, intitulado *Your Spiritual Gifts Can Help Your Church Grow*, no ano de 1979, tive de enfrentar uma decisão difícil. Como eu definiria o dom da profecia, mencionado em Romanos 12.6; 1 Coríntios 12.10 e Efésios 4.11 — as três principais listas de dons espirituais do Novo Testamento?

Eu tinha retornado recentemente da Bolívia, onde tínhamos descoberto ser mais fácil falar sobre impulsos do que sobre palavras. A maior parte dos comentários que eu possuía diziam que o dom da profecia relaciona-se à prédica e exposição eficazes da Palavra de Deus. Naquela ocasião, contudo, eu tinha feito pesquisas em profundidade sobre o crescimento da igreja local,

entre os movimentos pentecostal e carismático, e tinha começado a ouvir pessoas corajosas o bastante para usarem as palavras de Cecil M. Robeck Jr., "reivindicar que ele ou ela está falando em favor de Deus."⁶

Após considerável oração, estudo e consulta, decidi mostrar-me mais franco, definindo aquela manifestação não como pregação, e, sim, como revelação. E disse: "O dom da profecia é aquela capacidade especial que Deus dá a certos membros do Corpo de Cristo para receber e comunicar uma mensagem imediata de Deus ao seu povo, através de uma declaração divinamente ungida."⁷ E não lamento por isso. Antes de mais nada, não recebi a crítica que eu tinha antecipado. Em segundo lugar, lancei os alicerces para a compreensão bíblica acerca da oração em duas vias, antes mesmo de ter começado a pô-la em prática.

Uma das principais razões, conforme creio, para a ausência de críticas, foi que, mais ou menos por esse tempo, o Espírito Santo tinha começado a falar às igrejas em geral acerca da renovação do ministério profético. Essa renovação já tinha começado antes nos círculos pentecostais e carismáticos; mas, durante a década de 1980, começou a espalhar-se entre os evangélicos e grupos protestantes. Naquele tempo, um dos principais eruditos evangélicos da Bíblia, Wayne Grudem, da Trinity Evangelical Divinity School, estava fazendo suas pesquisas doutorais para a Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Os achados de Grudem foram mais tarde publicados em seu influente livro, *The Gift of Prophecy in the New Testament and Today*. E, exatamente ao mesmo tempo, outros eruditos sérios, como David Hill e David Aune, estavam pesquisando e escrevendo sobre a profecia nos tempos do Novo Testamento.⁸

Sabedoria Para Ambos os Campos

Wayne Grudem dirigiu palavras de sabedoria para ambos os campos. Tal como eu, ele vem do campo evangélico tradicional, pelo que a ênfase geral de seu livro consiste em pedir que os evangélicos "considerem o ensino do Novo Testamento sobre o dom da profecia — e também a possibilidade de que, em certos meios, e seguindo certas salvaguardas escriturísticas, esse dom pode

produzir muita edificação pessoal e nova vitalidade espiritual à adoração".⁹ Em resultado da influência de Grudem, juntamente com muitos outros pontos luminosos similares que Deus tem usado, muitos evangélicos estão atualmente fazendo o que ele sugeriu.

Ao mesmo tempo, Grudem apelou para os pentecostais e carismáticos para se mostrarem levemente menos agressivos ao declararem "Assim diz o Senhor", pois a maneira tradicional deles soa, embora sem essa intenção, como se a sua palavra profética tivesse o mesmo nível de validade que a Bíblia. Esse autor salientou que, embora eles *ensinem* que as profecias não têm a mesma validade da Bíblia, a *prática* seguida por eles dá nitidamente essa impressão. Creio que a maioria dos crentes capazes de pensar, em ambos os lados da questão, concorda com Grudem quando ele afirma: "O que é dito hoje em dia por meio da profecia não é a Palavra de Deus, mas simplesmente as palavras ditas por um ser humano, a respeito daquilo que o Espírito de Deus fez surgir em sua mente."¹⁰

Visto que Deus está falando para o Corpo de Cristo em geral acerca do dom da profecia, nosso A. D. 2000 United Prayer Track, que reúne um grande número tanto de evangélicos quanto de carismáticos, tem tido de publicar uma declaração sobre o uso da profecia em eventos interdenominacionais. Embora reconheçamos que várias igrejas, denominações e ministérios queiram pôr em prática o ministério profético de diferentes maneiras, em suas próprias reuniões, e embora não tenhamos a mínima intenção de criticar a maneira de agir de outros crentes, nós, não obstante, requeremos normas capazes de manter a harmonia, quando estamos todos orando juntos. Eis a nossa norma:

Encorajamos que se dê ouvidos a Deus, mediante o uso do dom profético. A prudência na comunicação de recados vindos de Deus, em reuniões interdenominacionais evitará frases como "assim diz o Senhor", ou o uso da primeira pessoa dos verbos para Deus. Poderíamos moldar as profecias como se estivéssemos retrucando a Deus: "Deus, ouvimos-te dizendo..." ou, então, poderemos expressar-nos ao grupo, mediante declarações como: "Penso que Deus pode estar dizendo para nós..." na expectativa que outros

crentes concordem conosco que se trata de um recado verdadeiro.

Quão bem tem funcionado esse método? Preciso admitir que o difícil mudar hábitos, e que, vez por outra, as pessoas são emocionalmente arrebatadas em algum período especialmente fervoroso de oração e acabam violando essas regras. A maioria das pessoas presentes a tais reuniões assume aquela atitude que indaga: "E daí?" Sabemos de onde está vindo a outra pessoa. Mas em momentos de maior calma, ainda estou por ver um líder de oração que queira discordar dessa norma e que tenha resolvido violá-la de maneira habitual.

Um Terremoto no Seminário Fuller

Defini corretamente a profecia em meu livro de 1979, *Your Spiritual Gifts*, mas eu não estava ainda pronto para envolver-me na sua aplicação cação quando Paul Cain aterrissou na Califórnia, a 3 de dezembro de 1988. Eu não dispunha de meios para saber que John Wimber havia convidado aquele homem, que tinha a reputação de ser profeta, para falar à liderança de seu Vineyard Ministries International, por recomendação de Jack Deere, ex-professor do Seminário de Dallas. E nem podia saber que aquele estranho, vindo do Texas, tinha confirmado a John, pelo telefone, que ele havia recebido uma mensagem da parte de Deus: um terremoto sacudiria o sul do estado da Califórnia, no dia em que ele chegasse, e que o epicentro do sismo seria por baixo do Seminário Fuller.

Tudo quanto eu sabia na ocasião é que eu havia passado a maior parte do dia 3 de dezembro juntando livros do piso do meu escritório no Seminário Fuller, recolocando-os nas suas estantes, depois que um terremoto que atingiu a escala 5,0 abalara o estado naquela manhã. O epicentro ficou por baixo da Prefeitura de Pasadena, um quarteirão do campus do seminário. Realmente próximo!

Considerando aquele memorável incidente, ainda assim meu ceticismo persistia. Estive presente a uma conferência na igreja Vineyard, em Anaheim, estado da Califórnia, um mês mais tarde,

no mês de janeiro, ouvindo Paul Cain, e saí dali pouco convicto. Mas, depois que Dóris e eu jantamos com John e Carol Wimber, por duas vezes, naquele inverno e na primavera que se seguiu, fiquei convencido de que o novo movimento profético tinha chegado para ficar.

O livro de Wayne Grudem, *The Gift of Prophecy*, ajudou-me a compreender o movimento profético pelo lado evangélico. Contudo, o livro que mais satisfatoriamente ajudou-me a compreender o movimento foi o volume de Bill Hamon, *Prophets and Personal Prophecy*. Escrito da perspectiva pentecostal, esse livro de Hamon aborda tanto os pontos fortes quanto os pontos fracos da maneira como a profecia vinha sendo ensinada e praticada fazia algumas décadas. O livro ventila usos e abusos, igualmente. Apesar disso, usando todas as cautelas e desmentidos possíveis, Hamon afirmou ali que Deus "estabeleceu o ministério profético como uma voz de revelação e iluminação que revelará a mente de Cristo à raça humana".¹¹ Mesmo assim, recomendo esse livro como o mais esclarecedor livro sobre esse assunto.

A Demonstração de Cindy Jacobs

No começo do ano de 1989, minha esposa, Dóris, e eu conhecemos Cindy Jacobs, a qual, conforme logo fiquei sabendo, já havia acumulado alguns anos de experiência quanto ao ministério profético. Estabelecemos uma sólida amizade com Cindy e seu marido, Mike, e convidei-a para ser a oradora por ocasião do retiro anual de nossa classe de cento e vinte membros da Escola Dominical Fellowship, naquele outono.

Pedi que ela nos ensinasse acerca da profecia.

Cindy não somente nos ensinou acerca da profecia, mas também anunciou para nós, no segundo dia, que ela iria profetizar. Isso foi algo bastante diferente e um tanto arriscado para nós, congregacionalistas, pois a maioria de nós já tinha ouvido falar em profecias pessoais, mas nunca assim tão de perto. Quando me pus a observar Cindy, notei que ela estava seguindo todas as regras que Bill Hamon havia arrolado. Antes de tudo, ela insistiu que todas as suas profecias fossem gravadas, para que não houvesse dúvidas sobre o que ela sentia que Deus lhe estava dizendo.

O ministério dali resultante foi verdadeiramente notável; e até hoje muitos dos presentes datam importantes alterações em sua vida, a partir daquele retiro. Transcrevemos e publicamos essas profecias em nosso boletim, *Body Life*, e, em boletins subseqüentes, muitos membros da classe deram testemunhos de curas em sua vida. Uma das profecias que Dóris e eu nunca esqueceremos foi sobre a cura de certos vícios crônicos de nosso próprio sobrinho, Jon Mueller.

Por essa altura, não somente eu estava convencido de que a profecia pessoal está em vigor em nossos dias, mas também me senti confortável no ambiente ministerial em que ela estava sendo usada. Uma das mais notáveis experiências pessoais que tive com o dom profético ocorreu alguns poucos meses mais tarde.

PERIGO ESPIRITUAL EM UM SEMINÁRIO

Eu tinha viajado para outro estado, a fim de efetuar uma conferência anual para ministros, em um dos nossos principais seminários teológicos. Quando um daqueles professores e sua esposa levaram-me do aeroporto para o seminário, eles me contaram a respeito do notável despertar espiritual que vinha ocorrendo no seminário, fazia alguns meses. Regoziquei-me junto com eles, embora eu pudesse pressentir alguns poucos sinais amarelos de perigo, que lampejavam de quando em vez em minha mente.

Quando comecei a coligir maiores informações, fiquei um tanto ou quanto alarmado. Pois tornou-se claro que, juntamente com o grande movimento do Espírito Santo, um ataque em alto nível, partindo do mundo invisível das trevas, tinha sido desfechado contra o seminário, sem dúvida para decepar o botão do reavivamento, antes que ele pudesse adquirir grande impulso. Os detalhes continuarão sendo confidenciais; mas tratava-se de uma repetição, ao vivo, mais próxima daquilo que eu tinha lido no livro de Peretti, *Este Mundo Tenebroso* — parte I.

Em uma das noites, o presidente do seminário, ao qual chamarei aqui de Charles, convidou-me para jantar com ele e sua esposa. Já nos conhecíamos fazia alguns anos, pelo que não precisávamos passar muito tempo com formalidades, procurando

conhecer-nos. A conversação logo gravitou para as atividades espirituais, tanto positivas quanto negativas, no campus do seminário; e assim o quadro ficou muito mais nítido em minha mente. Depois de ter ouvido Charles por cerca de uma hora, eu disse: "Por que você me está contando isso? Você quer um conselho meu?"

"Sim", respondeu Charles. "O que você faria se estivesse em uma situação como esta?"

Respondi: "Charles, você e outros membros do corpo docente foram apanhados em um conflito espiritual de alto nível, para o qual nenhum de vocês dispõe dos instrumentos adequados para enfrentá-lo. A coisa toda está acima da cabeça de vocês. E eu mesmo também não tenho o instrumental necessário, mas sei exatamente quem o possui: Chamarei Cindy Jacobs."

Expliquei em seguida quem era Cindy Jacobs, bem como o enfoque de seu ministério chamado Gerais da Intercessão. E Charles perguntou se eu chamaria Cindy pelo telefone, indagando se ela gostaria de ajudar.

Depois que cheguei ao nosso quarto, terminado o jantar, chamei minha esposa, Dóris, que reagiu bastante indignada diante do que lhe relatei. Ela concordou comigo que o seminário realmente estava em perigo espiritual, mostrando-se muito aborrecida pelo fato de o maligno estar empregando táticas tão perversas.

Em seguida, telefonei para Cindy e contei-lhe a história. Ela concordou que eu desse a Charles permissão para chamá-la. Assim ele fez; e eles conversaram por cerca de uma hora. Aquela chamada telefônica foi um ponto de meia volta para aquele presidente de seminário, bem como uma profunda e comovente experiência pessoal para ele.

"O Nome Dele É Charles"

Meu terceiro telefonema foi para Cathy Schaller, minha intercessora de número um naquela ocasião. E é aqui que entra no quadro essa questão da oração em duas vias.

Eu esperava que Cathy estaria orando a respeito de meu ministério naquele seminário, pelo que apresentei a ela um breve relatório. Então afirmei que eu acreditava que Deus tinha uma razão maior ao levar-me até ao seminário, e Cathy disse: "Você está me contando sobre o que aconteceu; e eu lhe direi sobre o que eu estava orando o dia inteiro. Não foi acerca do seminário."

Quando terminei de contar a ela o que estava acontecendo no seminário, ela disse que tinha recebido uma palavra da parte do Senhor a meu respeito, quando estava orando, às nove horas da manhã. Aquela fora a mais clara palavra da parte de Deus que ela tinha recebido a meu respeito, durante bastante tempo. Ela tinhaorado a respeito dessa palavra durante o dia inteiro, e teria me chamado pelo telefone, se soubesse o número dele.

Entre outras coisas, o Senhor havia dito a Cathy que, durante o dia, um líder evangélico de nomeada aproximar-se-ia de mim para pedir conselho. *O nome dele era Charles!* As perguntas dele teriam a ver com demonismo e guerra espiritual. Deus me daria a palavra certa para dizer a ele. Eu cumpriria a minha parte, mas não continuaria envolvido na questão.

Desnecessário é dizer que dormi bem durante a noite inteira, tendo recebido certeza direta da parte do Senhor, por meio de uma intercessora, de que eu havia feito o que Deus queria que eu fizesse. Ouvir Deus com tanta clareza ao ponto de saber que o nome de meu amigo seria Charles, para mim foi equivalente a predizer um terremoto.

Várias outras coisas aconteceram, incluindo mais chamadas telefônicas para Cindy Jacobs. E nem é preciso dizer que o inimigo foi desmascarado e derrotado decisivamente. O que poderia ter sido um desastre literal para o seminário foi totalmente revertido, e o reavivamento tem continuado e até aumentado. Agora, quase três anos mais tarde, diz aquele presidente de seminário: "Estou profundamente admirado diante do derramamento das bênçãos de Deus. No seminário, as coisas não poderiam estar ocorrendo melhor. Louvado seja o nome do Senhor!"

Em retrospecto, no que consistiu a chave para fazer virar a maré de uma situação potencialmente devastadora, em um de nossos grandes seminários? Não tenho a mínima dúvida de que foi a intercessão de Cathy Schaller. Isso não era algo novo ou incomum para Cathy. Ela é uma líder de oração deveras experiente, além de

ser conferencista e fundadora do Ministério Amigos do Noivo. Ela pratica ouvir recados de Deus, em suas orações, e exerce um poderoso ministério profético.

* * *

Muitos crentes estão começando a experimentar a oração em duas vias, ouvindo assim a voz, de Deus. A medida que formos crescendo nessa área, poderemos esperar que grande parte de nossas orações retóricas sejam mudadas para a excitante oração de ação.

* * *

OUVINDO DA PARTE DE DEUS

Esse incidente no seminário mostra-nos a necessidade de ouvirmos a resposta de Deus quando oramos. Felizmente, muitos outros crentes, espalhados por todo o Corpo místico de Cristo, estão aprendendo como fazer isso e o estão ensinando a outros. Um livro que se tornou uma obra clássica sobre o assunto é aquele de Loren Cunningham, *Is That Really You, God?* (YWAM Publishing). O subtítulo desse livro é *Hearing the Voice of God*. Quando os evangélicos indagam a mim qual livro eu recomendo mais, falo sobre o livro de Peter Lord, *Hearing God*. Tendo escrito do ponto-de-vista evangélico, Peter Lord afirmou: "Não há como experimentar muitas das promessas das Escrituras a menos que conheçamos a Deus e ouçamo-lo falar conosco."¹² Quanto a isso ele se mostra bem claro.

Muitos crentes estão começando a experimentar a oração em duas vias, ouvindo assim a voz de Deus. A medida que formos crescendo nessa área, poderemos esperar que grande parte de nossas orações retóricas sejam mudadas para a excitante oração de ação.

Perguntas para refletir

1. Você conhece algum crente que queira argumentar que Deus não fala mais em palavras específicas à Igreja, em nossos tempos? Quais argumentos eles apresentam em defesa de sua posição?
2. Por outro lado, você conhece pessoalmente quaisquer crentes que estão tão certos de que têm ouvido da parte de Deus que se aliariam a Jack Hayford ao dizer ele "E eu cito"? Como eles responderiam às duas perguntas do primeiro ponto, acima?
3. Por que você supõe que alguns crentes alegrar-se-iam em admitir que eles recebem "impulsos avassaladores" da parte de Deus, embora não compreendendo isso como revelações proféticas?
4. Você já entrou pessoalmente em contato com o ministério profético que só pode ser explicado se admitirmos que a pessoa que o tem recebe informações sobrenaturais? Nesse caso, dê exemplos.
5. Discuta o incidente ligado ao seminário evangélico. Aliste pelo menos quatro coisas que o Deus soberano colocou em seus devidos lugares para livrar aquela instituição de um desastre. Onde entrou a obediência humana a Deus?

Notas

1. HAYFORD, Jack W. *Glory on Your House*. Grand Rapids, MI, Chosen Books, 1991. p. 139.
2. WAGNER, C. Peter. *Prayer Shield*. Ventura, CA. Regal Books, 1992. p. 154.
3. GRAHAM, Billy. "Power When You Pray", *Decision*, maio de 1989, p. 1-3.
4. BRIGHT, Vonette & JANNINGS, Ben A., editores. *Unleashing the Power of Prayer*. Chicago, IL, Moody Press, 1989.
5. NORWOOD, Edith. "SAM's Hall of Fame: William F. Hammond", *Windows*, abril/junho de 1989, p. 4.
6. ROBECK JR., Cecil M. "Gift of Prophecy", *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*, editado por Stanley M. Burgess e

Gary B. McGee. Grand Rapids, MI, Zondervan Publishing House, 1988. p. 738.

7. WAGNER, C. Peter. *Your Spiritual Gifts Can Help Your Church Grow*. Ventura, CA, Regal Books, 1979. p. 259.

8. Ver HILL, David, *New Testament Prophecy* (Atlanta, GA, John Knox Press, 1979) e AUNE, David, *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World* (Grand Rapids, MI, William B.Eerdmans Publishing Co., 1983).

9. GRUDEM, Wayne. *The Gift of Prophecy in the New Testament and Today*. Westchester, IL, Crossway Books, 1988. p. 14.

10. Idem, ibidem, p. 262.

11. HAMON, Bill. *Prophets and Personal Prophecy*. Christian International Ministries, P. O. Box 9000, Santa Rosa Beach, FL 32459, 1988. p. 13.

12. LORD, Peter. *Hearing God*. Grand Rapids, MI, Baker Book House, 1988. p. 15.

4. IGREJAS QUE ORAM

No segundo capítulo deste livro, mencionei que meu melhor cálculo seria que, entre as igrejas que estão crescendo no ministério de oração, 95% delas praticamente em nada se diferenciam do ministério de oração de dúzias de igrejas que não estão crescendo, em uma mesma comunidade. Até este ponto, ainda não foi encontrada uma correlação estatística entre a oração e o crescimento das igrejas locais.

PRIMEIRA CHAVE DO CRESCIMENTO ECLESIAÍSTICO

Entretanto, mais do que nunca antes, alguns dos mais notáveis pastores de igrejas em Crescimento estão afirmando quão importante é a oração, não simplesmente como retórica, mas a oração em ação, com vistas ao crescimento de suas igrejas. Exemplificando, quando John Maxwell, pastor da Igreja Wesleyana Skyline, de San Diego, na Califórnia, que tinha acabado de

adquirir (130 acres) uma vasta propriedade para suas novas instalações, fez uma conferência para pastores, intitulada "Seis Chaves para o Crescimento Eclesiástico", a chave de número um foi a oração. Disse Maxwell: "De cada vez em que consegui um novo irrompimento no crescimento e na vida de minha igreja, o motivo disso foi a oração intencional, com esse propósito."

Bob Logan é conhecido entre os líderes eclesiásticos por todo o nosso país, sendo por eles considerado como o maior conhecedor no campo da implantação de novas igrejas em nossos dias. Ele mesmo tem implantado uma igreja que cresceu até ter mil e duzentos membros e que, no processo, deu origem a muitas outras novas igrejas. Atualmente, ele dedica seu tempo integral a pesquisas, consulta, ensino e supervisão de implantação de igrejas locais. Quando ele fala a líderes eclesiásticos, ele esboça "As Sete Coisas Mais Importantes Que Aprendi Sobre a Implantação de Igrejas". A primeira dessas coisas é a oração. Ele costuma dizer: "Concordo com E. M. Bounds, o qual afirmava que 'a oração não é a preparação para a batalha; é a própria batalha.'"

George Barna, um dos mais astutos observadores das tendências das igrejas e da sociedade moderna, ainda recentemente pesquisou o que ele chamou de "igrejas de tendências amigáveis". Ele identificou certo número de igrejas que se destacam de outras por motivo da extraordinária vitalidade da congregação local e seu impacto positivo sobre a comunidade em derredor. Em seguida, ele relacionou as características que essas igrejas têm em comum. A oração, conforme ele descobriu, é o alicerce rochoso de todas essas igrejas. Disse Barna: "A chamada à oração é o grito de guerra de uma congregação: a oração convoca as tropas. Aquela gente compreendia o poder da oração."¹

A Igreja Wesleyana, uma denominação de tamanho médio, experimentou um platô quanto ao número de seus membros, entre 1982 e 1990. No entanto, em 1991 e 1992, a frequência aumentou em dez por cento, e eles implantaram mais igrejas do que qualquer outra denominação evangélica, desde a década de 1960. Asseverou Marlin Mull, diretor de evangelismo e crescimento eclesiástico daqueles irmãos:

Atribuímos esse irrompimento, em 1989, ao começo de uma ênfase anual, durante o período da Quaresma, chamada

"Quarenta Dias de Oração e Jejum". As igrejas que se deixaram envolver por esse programa, ou alguma modificação dele, foram as que mais se destacaram no evangelismo e no crescimento eclesial. No ano passado, participaram mais de mil e duzentas de nossas mil e setecentas igrejas. A oração e o crescimento eclesial parecem-se com os gêmeos siameses. Ninguém pode ter uma das coisas sem ter a outra.²

No cálculo que fiz, imaginei que, de cada cem igrejas, cinco têm um ministério de oração dinâmico e vivido. Neste capítulo, estou tratando sobre essa porcentagem menor de igrejas. Elas servem de exemplo para os outros 95% de igrejas, as quais, pelo menos em sua maioria, desejam segui-las de perto. Essas são igrejas como aquela chamada Christian Life Center, pastoreada por Waymon Rodgers, que já cheguei a mencionar páginas atrás. Afirmou Rodgers: "O ministério da oração é o mais importante de todos os ministérios de uma igreja. A oração cria a atmosfera e amarra os poderes das trevas, a fim de que o evangelho de Jesus possa avançar e a igreja local possa prosperar." É triste que ele tenha precisado adicionar: "É sobre essa área que a maioria de nossas igrejas mais fala e menos pratica."³

Um dos pastores que têm conduzido suas igrejas à oração de ação é Jack Hayford.

GLÓRIA NA TUA CASA

Jack Hayford usou o título *Glory on Your House* (Glória na Tua Casa), para o seu livro sobre o ministério da Igreja do Caminho, em Van Nuys, Califórnia. Uma das razões pelas quais ele usou esse título é que a glória de Deus apareceu visivelmente na Igreja em certa ocasião, o que deu impulso a um dos mais dramáticos crescimentos eclesiais nos Estados Unidos da América.

Porém, antes de a glória vir, os poderes das trevas tiveram de ser expelidos. Não muito depois que Hayford começou a pastorear a Igreja do Caminho, ele estava sozinho no santuário quando divisou um vislumbre bastante estranho na área em redor do altar.

Olhando para as vigas acima, ele discerniu por um instante um "pequeno objeto escuro, como se fosse uma nuvem", para logo em seguida desaparecer. Ele sentiu ali uma "presença viscosa". Foi então que ele reconheceu que havia ali uma opressão satânica dominadora e que Deus o estava chamando como pastor para cuidar da situação e expelir dali a opressão satânica. E ele também entendeu que sua arma principal seria a oração.

A forma particular de oração que Hayford sentiu que Deus o estava orientando a usar foi a oração de louvor. Por várias vezes a cada semana, ele caminhava pelo interior do santuário, batia palmas e elevava a sua voz, declarando a honra e a glória de Jesus Cristo. O espírito não partiu de imediato, mas Jack persistiu em sua guerra de oração por mais de um ano. Ele pôde mesmo precisar o tempo da vitória a um culto dominical e reforma, em um mês de outubro. Naquele dia, mediante louvor e adoração espontâneos, não planejados, por parte da congregação, foi quebrado o domínio exercido pelo espírito maligno, que vinha oprimindo a igreja.⁴

E foi então que o caminho ficou aberto para a glória de Deus. Certa tarde de sábado, quando ele entrou naquele mesmo santuário, a fim de ajustar o termostato, Jack Hayford de súbito notou que o santuário estava tomado por uma névoa prateada. Ele sabia que o fenômeno não podia ser algo natural. Declarou Hayford: "Nenhuma poeira terrena teria aquele resplendor que aquela névoa possuía, ao preencher o salão inteiro, mesmo onde a luz do sol não penetrava." Ele, então, começou a orar a oração em duas vias, aquela oração que não somente fala, mas também espera ouvir da parte de Deus. E a voz de Deus veio claramente a ele: "É o que estás pensando. Determinei que a minha glória habitasse neste lugar."⁵

Na época, a igreja estava-se debatendo e tinha atingido um platô de cerca de cem membros; mas, então, teve início um crescimento dramático. Já no dia seguinte, a frequência saltou para cento e setenta pessoas, e esse crescimento continua sem qualquer retrocesso. Enquanto escrevo, a Igreja do Caminho está-se aproximando de uma frequência de dez mil pessoas por semana. E a oração é o coração pulsante dessa explosão.

UM DINÂMICO MINISTÉRIO DE ORAÇÃO PARA A SUA IGREJA

Entre as igrejas que conheço que dispõem de um dinâmico ministério de oração, não há duas entre elas que sejam exatamente iguais. No entanto, entre elas há um número suficiente de elementos em comum para que possamos distinguir ingredientes-chaves que devem ser levados em conta, de um modo ou de outro, a fim de que haja o máximo de eficácia. Penso que os três principais componentes humanos são o pastor, os intercessores e o líder de oração. No que tange ao próprio programa, o treinamento reveste-se de alta prioridade, e, então, pode ser arranjada qualquer variedade de ministério de oração e de variedades que se queira pensar. O restante deste capítulo detalhará o que tenciono dizer com isso.

O PAPEL VITAL DO PASTOR

Ouvi John Maxwell dizer isso por uma vez, mas é como se o tivesse ouvido por cem vezes: "Tudo se mantém de pé ou cai junto com a liderança." Em meus vinte e cinco anos de envolvimento profissional pesquisando o crescimento eclesial, tenho descoberto, de forma coerente, que isso exprime uma verdade. Também tenho descoberto que muitos líderes evangélicos, pertencentes ao clero ou ao corpo laico, gostariam que isso *não fosse* uma verdade. Muitos deles vivem em um estado de negação; de alguma maneira insistem que esse conceito não é ensinado na Bíblia.

Quase vinte anos atrás, escrevi o meu primeiro livro sobre o crescimento das igrejas na América do Norte, chamado *Your Church Can Grow* (Regal Books). Naquele tempo, era muito mais vocífera a negação do papel vital desempenhado pelo pastor do que em nossos dias. No entanto, não dei atenção a isso e incluí um capítulo intitulado "Pastor, Não Tenha Receio de Poder!" Sugeri ali que o pastor é o primeiro sinal vital de uma igreja saudável. Alguns aceitaram esse fato mais facilmente do que outros.

Não é difícil compreender por que alguns não querem admitir que tudo permanece de pé ou cai junto com a liderança. Os pastores de igrejas crescentes e dinâmicas são apropriadamente modestos, e geralmente não assumem um crédito indevido pelo sucesso obtido. Não querem pôr-se sobre um pedestal acima dos seus colegas de ministério, que não estão vendo um crescimento similar em suas igrejas. Mas também não querem desempenhar um papel de inferioridade em relação ao que os líderes e obreiros leigos desempenham na vida e no crescimento de suas respectivas igrejas. Nem é preciso mencionar que os pastores de igrejas estagnadas ou em declínio preferem não aceitar o declínio por esse motivo.

Amo os pastores. Trabalho com eles constantemente. Tenho treinado a milhares deles a cada ano nas aulas do Seminário Teológico Fuller e em conferências várias. Sei quão duramente eles trabalham e quão dedicados são a Deus. A última coisa que quero fazer é impor sobre eles uma carga mais pesada do que aquela que são capazes de suportar. Não tenho nenhum desejo de contribuir para uma maior frustração e sobrecarga dos pastores.

* * *

O ministério de oração da igreja local permanece de pé ou cai juntamente com o papel de liderança do pastor.
--

* * *

Ao mesmo tempo, os pastores chegam até às minhas classes e conferências porque sabem que não cobrirei a pílula com açúcar. Eles sabem que aquilo que compartilho com eles é o que pode haver de mais exato sobre a realidade espiritual da época. Muitos mantêm comigo uma relação de amor-ódio, parecida com aquela que tenho com o meu dentista. De cada vez em que me encontro com ele, ele me faz sofrer; mas gosto dos resultados a longo termo e acabo descobrindo que todo sofrimento vale a pena. Meu dentista é um aspecto bem recebido da minha vida.

OS PASTORES E A ORAÇÃO

Tenho quase ódio por ter de dizer isso, embora creia que se trata de uma verdade: *o ministério de oração da igreja local*

permanece de pé ou cai juntamente com o papel de liderança do pastor.

Hesito em dizer isso, porquanto também ensino que os pastores devem delegar o ministério a membros de seu pessoal administrativo e a líderes leigos. Os pastores que usam o método pastoral e tentam realizar sozinhos todos os afazeres do ministério e manter um relacionamento tipo familiar com todos os membros de suas igrejas estão destinados a permanecer debaixo daquilo que costumamos chamar de barreira dos duzentos. Para ultrapassarem para além dessa barreira, os pastores devem estar dispostos a mudar do método pastoral para o método de rancho, permitindo que outros também liderem e dirijam áreas significativas do ministério, em suas congregações.

Os pastores-presidentes podem delegar serviços de administração eclesiástica a pastores executivos. Eles podem delegar as questões financeiras a gerentes de negócios. Podem ser delegados ministérios como música, ministério entre os jovens, educação cristã, visitação, celebração de casamentos, cuidados pastorais, programas de mordomia, alcance evangelístico e muitas outras atividades que ocupam tempo e energias a cada semana. De fato, eles devem fazer isso se quiserem que as suas igrejas se desenvolvam.

No entanto, isso não pode ocorrer no caso das orações.

As igrejas que tenho conhecido, e que são dotadas de um ministério dinâmico de oração congregacional, contam com pastores que dão à oração a mais elevada prioridade visível em sua vida e ministério, de modo a assumirem a liderança no terreno do ministério de oração. Isso não quer dizer que os pastores devam fazer todas as orações. Longe disso. Mas consideram-se responsáveis como quem prestará conta pela quantidade e qualidade da oração em suas igrejas. Eles não transferem a responsabilidade para outrem. Haverá exceções a essa regra? Alguns poucos casos, sim; mas são verdadeiras exceções, e não a regra geral.

MODELANDO AS ORAÇÕES NA IGREJA SKYLINE

Meu amigo John Maxwell tem exemplificado para mim como um pastor deve servir de modelo de oração. Quando comecei a pesquisar sobre a oração, a Igreja Wesleyana Skyline de San Diego foi uma das primeiras igrejas a serem visitadas por mim. Bem cedo, naquele domingo pela manhã, John permitiu que Dóris e eu observássemos alguma coisa que o público em geral usualmente não vê. Fomos admitidos ao santuário vazio, às 6h45 da manhã, onde, sem chamar a atenção de ninguém, encontramos assento em um banco afastado.

O pastor Maxwell entrou sozinho ali, conforme costuma fazer todos os domingos, e começou a "santificar o santuário" com orações estratégicas. Ele ficou a caminhar lentamente pelo corredor formado pelos bancos, impondo as mãos sobre cada banco. Ele tocou no aparelho de som, na balaustrada do púlpito, no piano, na mesa da comunhão, no coro e no órgão. E sobre o púlpito ficou orando por um período mais longo. Na extremidade de um dos bancos, ele parou, ajoelhou-se e começou a chorar. Seus soluços ecoavam por todo o santuário. Deus fizera subir à mente dele as necessidades especiais de certa família que geralmente ocupava aquele banco, e John derramou seu coração em oração, em favor deles.

Cerca das 7h da manhã, três ou quatro homens chegaram e iniciaram o mesmo tipo de oração silenciosa em redor do santuário. Eram alguns dos cem companheiros de oração do pastor Maxwell, um grupo de homens totalmente dedicados a orar diariamente pelo pastor.

Aquela equipe de colegas de oração é o grupo que, na igreja de Maxwell, forma uma equipe de mais de três mil pessoas que tem o mais próximo acesso pessoal com o pastor, excetuando a junta da igreja. E ninguém é convidado para participar da junta se não tiver servido como companheiro de oração pelo menos durante um ano. Não somente esses companheiros de oração oram diariamente por Maxwell, mas a cada mês, na data do aniversário deles, ficam orando o dia inteiro, como, por exemplo, o dia doze de cada mês. Um corretor, Mike Mullert, ajusta um relógio especial que emite um sinal naquele dia, por cinco vezes, e ora em favor de John às 6h, às 10h, às 14h; às 18h e às 22h. Se, porventura, ele

estiver em alguma reunião de negócios, ele se desculpa quando o relógio emite o sinal e ora por John.

Certa manhã de domingo a cada mês, um quarto dos sócios de oração reúne-se no gabinete de Mawxell antes do primeiro culto, para uma fervorosa reunião de oração. John compartilha seu coração com eles e, então, ajoelha-se quando eles se reúnem. Embora a Igreja Wesleyana Skyline possa ser caracterizada como uma igreja metodista não-carismática, a intensidade e o volume desse período de oração têm deixado envergonhados a muitos pentecostais. Esses homens sabem como orar, porque o pastor tem ensinado a eles. Ele marca um quebra-jejum de sábado pela manhã, com eles, três vezes por ano e um retiro de oração de dia inteiro, uma vez por ano.

Cada membro do pessoal administrativo da igreja Skyline assume a obrigação de recrutar, treinar e nutrir grupos similares de companheiros de oração. Em resultado disso, centenas de membros de igreja ocupam-se em um ministério regular, bem informado, em favor de seus líderes pastorais. Os pastores que não estejam dispostos a dar à oração a sua mais alta prioridade não precisam matricular-se para uma posição entre o pessoal administrativo de John Maxwell.

OS PASTORES ORAM PELA SUA GENTE

Um aspecto essencial para prover liderança pastoral para o ministério de oração da igreja consiste em orar pelos membros da congregação, em que o pastor permite que os membros saibam que ele está fazendo isso. Um ponto inicial para tanto consiste em "fazer menção", de maneira sistemática, a cada membro, nas orações, tal como Paulo fez com os crentes de Roma (veja Rm 1.9), de Éfeso (veja Ef 1.16), de Tessalônica (veja 1 Ts 1.2) e com Filemom (veja Fm 4). No entanto, isso é apenas o começo. Uma oração mais informada e consagrada é a ordem do dia. Dois dos melhores exemplos com que me tenho deparado são o pastor de uma igreja presbiteriana e o pastor de uma igreja das Assembléias de Deus.

Edward Langham, Jr. é pastor da Igreja Presbiteriana de Ooltewah, em Ooltewah, estado do Tennessee. Ele usa uma lista

dos nomes dos membros de sua igreja, postos em ordem alfabética e ora por uma das famílias da igreja a cada manhã, de terça a sexta-feira, sempre que se acha em seu gabinete nesses dias. Na semana anterior a que um nome chegue na sua vez, naquela lista, ele envia uma carta à família, dizendo-lhes que naquele dia estará orando por eles, e pergunta se têm algum pedido especial para fazer a ele, naquele tempo.

Ed Langham recebeu tanta resposta positiva quando iniciou esse ministério de oração que, finalmente, expandiu-o a fim de incluir mais pessoas na lista. Agora ele convida a congregação inteira para juntar-se a ele nas suas orações, em favor da família selecionada para cada dia determinado. No boletim de cada domingo aparecem os nomes de quatro das famílias, para receberem orações, cada qual em seu respectivo dia.

Em resultado disso, a Igreja Presbiteriana Ooltewah sabe que seu pastor dá elevada prioridade à oração, além de ser lembrada do fato a cada novo domingo. Os membros ficam assim sabendo que suas necessidades estão sendo cobertas pelas orações, e eles mesmos retornam o favor, orando uns pelos outros. Langham frisa a simplicidade desse método, pois para que funcione é suficiente que a secretária da igreja cuide de todos os detalhes e da logística. Assevera ele: "Fico no aguardo desse ministério a cada semana. Isso me fornece um modo especial de exercer cuidados pastorais através das orações em favor de cada pessoa sob a minha responsabilidade."⁶

Don George é o pastor da dinâmica Igreja Templo Calvário, perto de Dallas, no Texas, uma das maiores congregações das Assembleias de Deus em todo o país. Ele emprega um sistema de orações em favor dos membros de sua igreja, que ele ouviu, pela primeira vez, da parte de L. D. "Bill" Thomas, da Primeira Igreja Metodista Unida, de Tulsa, Oklahoma. Don escreve uma carta à sua gente, informando-lhe que estará se ausentando por quatro dias, para fazer um retiro solitário. A única coisa que Don anota em sua agenda é a intercessão pelos membros da Igreja Templo Calvário. Ele lhes envia um envelope com devolução paga pelo correio, assinalado "Confidencial", com uma folha de papel com o título: Pastor George, por favor, ore por esta necessidade.

Don diz aos membros da igreja: "A carta que você enviar de volta a mim só será aberta quando eu estiver sozinho com Deus.

Abrirei pessoalmente a sua carta e orarei por qualquer pedido que você fizer. Depois que eu tiver orado, a sua carta será destruída. Somente três pessoas saberão o que você tiver escrito: você mesmo, eu e Deus." De acordo com Don George, retiros de oração dessa natureza obtêm muitos relatórios de vitórias, e ele atribui grande parte da boa saúde e da vitalidade da congregação às respostas dadas por Deus a essas orações.

Embora a sua igreja seja tão numerosa que George jamais poderia orar por sua gente pessoa por pessoa, eles sentem que o seu pastor está orando por todos eles. E assim também ficam sabendo com certeza que o seu pastor dá elevada prioridade à oração.

O PODER NEGLIGENCIADO DOS INTERCESSORES

Se fossem reconhecidos os intercessores que Deus coloca em cada congregação, para, então, serem coordenados, treinados e liberados para cumprirem o seu ministério, seriam completamente transformadas para melhor as igrejas por toda a América do Norte e o mundo. Infelizmente, muitos crentes, incluindo os pastores, não percebem que os intercessores estão presentes, e nem estão preparados para reconhecê-los. O segundo livro desta série chamada *Guerreiros da Oração*, intitulado *Escudo de Oração*, foi escrito para ajudar a conectar pastores e outros líderes evangélicos com os intercessores, conseguindo o apoio do resto do Corpo de Cristo.

Não tentarei repetir o que ficou escrito nesse livro, mas reiterarei que, embora eu não encontre escrituras que assim ensinem explicitamente, estou pessoalmente convencido de que o Espírito Santo concedeu o dom espiritual da intercessão a certos membros do Corpo de Cristo. De todos os crentes espera-se que orem e intercedam por seus irmãos, tal como todos os crentes devem mostrar-se testemunhas ativas de Jesus Cristo. Mas Deus escolheu alguns para terem um ministério especial de oração, usando o dom da intercessão, tal como ele escolheu alguns para receberem o dom do evangelismo.

É a esses crentes espiritualmente dotados que me estou referindo nesta seção. Se um ministério de oração generalizado por

toda a Igreja tiver de lançar raiz e crescer, ele conseguirá fazer muito mais, se os intercessores espiritualmente dotados estiverem orando ativamente.

Um perfil bastante detalhado dos intercessores aparece no livro *Escudo de Oração*. Uma das primeiras coisas que devemos procurar são crentes que orem de duas a cinco horas por dia, tendo prazer nisso. Para a maioria dos crentes, isso parece próximo do impossível, mas não para os intercessores. Cálculos não confirmados mostram que em uma igreja média de cem membros, cinco ou seis possuem o dom da intercessão. É possível que alguns crentes possuam esse dom, mas ainda não foram reconhecidos. E outros demonstrarão isso prontamente.

A maioria dos intercessores ajustam-se, a grosso modo, em quatro ênfases ministeriais: os intercessores gerais, os intercessores em tempos de crise, os intercessores pessoais e os intercessores de guerra. Alguns ministrarão, de tempos em tempos, em todas essas quatro áreas. Outros ministrarão principalmente em alguma dessas áreas. Os pastores que desejem avivar os ministérios de oração em suas igrejas precisam identificar os intercessores, devem reunir-se com eles, devem compartilhar com eles, devem ouvi-los e desafiá-los a invadir o mundo invisível em favor da atmosfera de oração na Igreja como um todo. E, então, poderemos esperar resultados poderosos, especialmente quando começarem a ouvir juntos da parte de Deus.

"QUERO VÊ-LO MORRER"

Ted Haggard, pastor da Igreja Nova Vida, com quatro mil membros, de Colorado Springs, no estado do Colorado, é um pastor que lançou sua igreja em uma campanha de oração de ação, porquanto ele tem desenvolvido uma profunda apreciação pelo ministério da intercessão.

Algo de assustador aconteceu a Ted Haggard em uma terça-feira, no começo do ano de 1992. Um homem de sua igreja, que ele já conhecia fazia anos, sentou-se com Ted, no estúdio do pastor. Logo, para grande alarma de Ted, uma fria atitude de ódio manifestou-se no homem. Ele declarou que gostaria de matar Haggard. Ele sabia que matar o pastor arruinaria a sua família e a

sua própria posição na comunidade, mas disse que a alegria de ver Ted morrer valeria a pena.

Ted sabia muito bem que aquele homem era um ávido caçador e que costumava matar animais, e que possuía um verdadeiro arsenal de armas em sua casa. Com sua atitude brutal, facilmente ele poderia ter tomado uma de suas armas e ter cometido assassinato. A intensidade do ódio do homem aumentou, chamando nomes feios contra Ted e amaldiçoando os filhos deste. E, então, inesperadamente, ele relaxou um pouco, dizendo que o Espírito Santo não permitia que ele passasse daquele ponto; e, então, foi-se embora. Antes de partir, porém, também afirmou que ainda não havia decidido se obedeceria ou não ao Espírito Santo.

Pouco depois, Ted ficou sabendo qual o resto da história. Um grupo de intercessores, de outra igreja, liderado por Bill Anderson, que sucede ser também um dos nossos companheiros pessoais de oração, estava orando na sexta-feira anterior. O grupo reúne-se a cada semana de segunda a sexta-feira e ora das 12h às 13h. Naquela terça-feira, receberam um fortíssimo impulso para orar em favor de Ted Haggard. Ted pediu que pusesse no papel o que havia sucedido. E eis o que ele escreveu:

Quando eu estava intercedendo, recebi uma visão desse homem, que podia atingi-lo facilmente em sua congregação. Havia nele um espírito de violência e assassinato. Começamos a interceder e a agoniar-nos em oração, amarrando os planos que aquele homem estava traçando para prejudicá-lo. Citei esta passagem: "Jesus veio para destruir as obras do diabo". E quando sentimos que estávamos livres da imposição de interceder, então soubemos que realmente tínhamos vencido. Sabíamos que tínhamos paralisado as obras do diabo e que o tínhamos amarrado.⁷

O resultado é que o homem dotado do espírito de assassinato por esta altura dos acontecimentos arrependeu-se. Ele vendeu suas armas e está freqüentando, cheio de alegria, os cultos da igreja. A intercessão fez toda a diferença!

Coisa alguma poderia ser mais importante a um pastor, que deseja ver o poder de Deus crescendo por meio do ministério, do que ter um grupo de companheiros de oração pessoal para que eles

orem com regularidade. Se o grupo inclui intercessores espiritualmente dotados, chamados para a intercessão pessoal, tanto melhor. Como organizar e manter tal grupo é o tema principal do livro *Escudo de Oração*, pelo que não o repetirei aqui.

INSTALANDO UM LÍDER DE ORAÇÃO

Embora eu acredite que a responsabilidade final do pastor-presidente de uma igreja deva ser assumir a liderança do ministério de oração, o gerenciamento do ministério deveria ser ordinariamente delegado a um líder de oração. Quanto maior for a igreja, mais necessário será cuidar desse aspecto.

Muitas pessoas não percebem que nem todos os intercessores espiritualmente dotados são líderes de oração em potencial. É interessante que nem todos os líderes de oração possuem o dom espiritual da intercessão. E eu mesmo sou um exemplo disso.

Estou coordenando a atual maior teia de oração do mundo, por meio da A.D. 2000 United Prayer Track. Escrevo livros sobre a oração, ensino sobre a oração e sou totalmente dedicado à oração. Compreendo os intercessores e amo-os, além de sentir a necessidade deles em meu ministério; no entanto, não sou um intercessor. Minha vida pessoal de oração pode ser um pouco acima da média; mas nesse caso, deve ser acima da média por muito pouco. A grande razão pela qual vejo o fruto do meu ministério é que Deus pôs ao meu lado vários irmãos dotados do dom espiritual da intercessão como membros do círculo fechado de companheiros de oração meus e de Dóris.

* * *

Permite que tu mesmo e a tua igreja levem a oração tão a sério quanto a educação, a adoração, o evangelismo e a comunhão.

* * *

A combinação ideal é nomear um líder de oração que também seja possuidor do dom da intercessão. Isto é o que tenho feito em favor de equipes de intercessão que trabalham diretamente conosco. Bobbye Byerly, da Women's Aglow, e Bill Anderson, que acabei de mencionar, são os líderes de uma equipe de sessenta

intercessores que trabalham para a Spiritual Warfare Network. Ben Jennings, da Campus Crusade, e Bobbye Byerly dirigem uma outra equipe de cento e vinte intercessores. Eles são responsáveis pelo pessoal de suas equipes, pelas agendas, pelas tabelas, pelo estilo de oração, pela disciplina e por todo o esforço que se faça necessário. E todos eles prestam relatório a mim.

É muito importante que uma igreja local disponha de um líder de oração credenciado. Algumas vezes, esse líder é chamado de coordenador das orações ou diretor das orações. Um número crescente de igrejas está criando posições administrativas de tempo integral para um dos pastores tornar-se o ministro das orações. Concordo com Alvin Vander Griend, que tem dito: "Permite que tu mesmo e a tua igreja levem a oração tão a sério quanto a educação, a adoração, o evangelismo e a comunhão. O resultado dessas orações enriquecerá todos os ministérios da igreja com a visão e o poder de Deus".⁸

Os pastores que criam posições administrativas ou de liderança leiga enviam às suas congregações uma poderosa mensagem entre todos os membros, de que a oração é uma elevada prioridade. Com demasiada frequência, a oração é olhada como um subproduto das atividades de uma igreja, pois muitos partem do pressuposto que as orações ocorrem automaticamente, como algo livre, não requerendo qualquer esforço especial nem participando do traçado do orçamento da igreja. Como é óbvio, esse tipo de atitude é uma fórmula segura para uma igreja cujas orações, em sua grande maioria, são meramente retóricas, e onde os resultados da oração são virtualmente nulos.

Nestes dias em que um grande movimento de oração está varrendo a nossa nação, e mesmo o mundo, o surgimento de excitantes possibilidades e novos e vitais ministérios que envolvem a oração, nas igrejas, é praticamente ilimitado. As igrejas que esperam ter ouvidos para ouvir o que o Espírito está dizendo devem contar com um líder de oração que seja, ao mesmo tempo, chamado e dedicado a ouvir essas coisas, e que esteja motivando outros a participarem mais plenamente.

Não temos aí trabalho para uma figura qualquer. Alvin Vander Griend alista as seguintes qualificações como necessárias em um líder de oração de uma igreja:

- Uma poderosa vida pessoal de oração
- Maturidade espiritual
- Dons para organizar, encorajar e prestar liderança em oração
- Boa reputação na congregação e a confiança dos ministros da igreja
- Tempo suficiente para estar presente aos eventos de oração na igreja e na comunidade.⁹

ENSINANDO A IGREJA A ORAR

Algumas poucas igrejas que levam a oração a sério e são suficientemente grandes para ter acesso a bons recursos têm instalado programas de treinamento semi-informal, para ensinar sua gente a orar. Essas "escolas de oração" no presente são muito raras e estão muito distantes umas das outras; mas quando o movimento de oração espalhar-se, elas tornar-se-ão mais numerosas.

Um dos pioneiros no desenvolvimento daquilo que eles chamam, com grande coragem, de "Ginásio de Oração", é a Igreja da Comunidade da Alegria, em Fênix, Arizona. Meu amigo Walt Kallestad acha-se entre os mais inovadores pastores da Igreja Luterana Evangélica de nossa época e, como tal, lidera uma congregação de cerca de sete mil membros, enquanto escrevo este livro. Em 1989, a igreja estava acrescentando cerca de cinquenta novos membros por mês; mas um ano mais tarde, em 1990, esse número havia dobrado para cerca de cem pessoas por mês. "O que fez a diferença?", perguntou Kallestad. "A resposta é uma dedicação intencional à oração e à intercessão."¹⁰

A mudança na Igreja da Comunidade da Alegria ocorreu durante um curso, no programa doutoral do Seminário Teológico Fuller, dirigido por Walt, quando houve uma discussão em classe sobre companheiros de oração pessoal para os pastores. Ele e a sua igreja estavam agonizando diante de Deus, buscando receber uma nova visão, naquela oportunidade. Testificou Walt: "Meu estômago se sentia o tempo todo azedo devido à agitação constante."

Naquela tarde, Walt foi para seu quarto de hotel e resolveu jejuar e orar. Seu período usualmente breve de oração ampliou-se para diversas horas. Ele sentiu que estava em contato com o coração de Deus e emergiu daquele mais prolongado período de oração com uma visão clara acerca da igreja que lhe pareceu enganadoramente simples. E disse Walt: "A resposta era dar à oração a mais elevada prioridade possível, tanto em minha vida quanto na vida da Igreja da Comunidade da Alegria."¹¹

Entre outras coisas, Walt recrutou uma equipe de trinta companheiros pessoais de oração e estabeleceu um alvo de cem desses associados ao todo. Então abriu uma posição administrativa, em sua igreja, para um homem, que já tinha uma história conhecida como intercessor e líder de oração, Bjorn Pedersen, para tornar-se um pastor de oração de tempo integral.

TRINTA E OITO CURSOS SOBRE A ORAÇÃO

Bjorn Pedersen tem desenvolvido uma das mais avançadas escolas de oração em uma igreja que eu já vi. Afirma ele: "Os propósitos do Ginásio de Oração são aumentar a consciência dos crentes à necessidade de orar, prover instrumentos práticos sobre como orar e encorajar pessoas a *orarem*."¹²

O catálogo dessa escola alista trinta e oito cursos, que vão desde uma sessão até treze sessões cada um, ensinados durante o outono, o inverno e a primavera. O custo é de um dólar por hora de aula, e um mínimo de cinco dólares por curso. Pedersen tem desenvolvido programas de estudo que qualificam os estudantes para o Certificado de Bacharéis em Oração, para o Certificado de Mestres em Oração e para o Certificado de Doutores em Oração. Sei que esses cursos não foram ainda reconhecidos pela Associação de Escolas de Teologia, mas tenho certeza de que são reconhecidos por Deus.

Bjorn viaja por todo o país treinando líderes de oração não somente na organização de escola de oração de sua própria denominação, mas também em vários outros excitantes ministérios de oração de muitas igrejas locais.

Talvez a sua igreja não disponha dos recursos para dar início a uma escola de oração devidamente organizada. Sem embargo, parte do trabalho de um líder de oração deve ser desenvolver programas regulares de treinamento de algum tipo que ensine as pessoas a orar. As crianças também precisam aprender a orar; e, quando assim aprendem, muitas delas conseguem orar poderosamente. As famílias também precisam aprender a orar juntas, como também devem fazê-lo marido e mulheres. Os membros de uma igreja precisam aprender a orar com seus companheiros de oração, em pequenas células de oração (até três pessoas), ou em devoções privadas. Os membros das juntas e comissões das igrejas precisam aprender a passar maior parcela de seu tempo de reunião em oração, e menos tempo em discussões sobre questões que, no mais das vezes, merecem apenas decisões triviais.

Tudo isso poderá ser feito se o pastor-presidente priorizar a oração, instalando um líder de oração competente e mantendo liderança pessoal sobre todo o projeto, para que haja os recursos e o apoio de todo tipo, assim cuidando para que o ministério de oração torne-se um dos mais destacados ministérios da igreja local.

ORGANIZANDO UM MINISTÉRIO DE ORAÇÃO

Os componentes de um dinâmico ministério de oração variam de igreja para igreja, mas o menu para selecionar esses componentes está crescendo rapidamente. Mais adiante, neste livro, abordarei, em separado, tanto a oração coletiva quanto a oração na comunidade. Aqui, todavia, quero limitar-me a descrever seis das outras formas mais comuns de ministério da oração que atualmente desfrutam de bastante popularidade nas igrejas locais, e que dão à igreja uma elevada prioridade.

1. *Ministérios de Oração de Vinte e Quatro Horas.* O pastor Ed Young, da Segunda Igreja Batista de Houston, no Texas, sempre compreendeu que uma igreja local deve ser uma casa de oração. Ele relembra o ano de 1982, quando a Segunda Igreja Batista estabeleceu um ministério formal de oração, quanto então teve início um dos mais explosivos crescimentos eclesiais da

nossa nação. Agora, dependendo de como alguém fizer as medições, a Segunda Igreja Batista de Houston pode ser considerada a maior congregação batista do Sul dos Estados Unidos da América. Ed Young acredita firmemente que Deus tem honrado a forte dedicação da sua igreja à oração.

Entre muitas outras atividades de oração, a Segunda Igreja Batista dispõe de um dos mais notáveis ministérios de oração por vinte e quatro horas. Jill Griffith é a Diretora de Ministério de Oração, que funciona por tempo integral. Ela é tanto uma intercessora como uma líder de oração e dirige líderes leigos, intercessores e membros voluntários, os quais estão envolvidos em muitas das facetas do ministério da oração. Uma secretária que trabalha por tempo integral e muitos voluntários cuidam das miríades de detalhes associados à oração envolvidos em uma grande congregação e sua comunidade.

As instalações do ministério da oração incluem um salão de orações que consiste em dois segmentos, separados um do outro. Uma das metades está dedicada aos intercessores que recebem pedidos de oração pelo telefone, e a outra metade está reservada aos intercessores que oram em silêncio, pelos pedidos que vão sendo feitos, e onde também oram aqueles que oram em favor das petições feitas por telefone. Esse salão de orações sempre conta com alguém orando, vinte e quatro horas por dia. Cada intercessor é solicitado a servir uma hora por semana para preencher as cento e sessenta e oito horas que há por semana. Contando sempre com pelo menos dois intercessores no salão de orações, a cada hora de uma dada semana, em adição a substitutos voluntários, que são convidados quando isso se faz necessário, mais de trezentos e noventa membros da igreja estão envolvidos nesse aspecto do ministério, referido como "a Primeira Vigília".

Mais recentemente, foi organizada uma "Segunda Vigília". Ali os intercessores comprometem-se a orar semanalmente durante uma hora designada do dia, sem importar onde se encontrem, provendo uma "cobertura de oração" de vinte e quatro horas, em favor da congregação inteira da Segunda Igreja Batista de Houston. Vigílias separadas de vinte e quatro horas são organizadas para as regiões norte, sul, leste e oeste da grande cidade de Houston. Isso significa que um mínimo de seiscentos e setenta e dois voluntários (cento e sessenta e oito horas por semana, multiplicadas por

quatro) participam semanalmente das excitantes atividades de oração.

2. Salas de Oração. Essencial a uma vigília de oração de vinte e quatro horas é uma sala de oração. Muitas igrejas estão reformando antigas instalações, como capelas que não estejam sendo usadas ou estão construindo novas instalações a fim de prover o espaço necessário para servir de centro de orações da igreja.

Terry Teykl tem feito a Igreja Metodista Unida Aldersgate, em College Station, no estado do Texas, crescer de seis para mais de mil e duzentos freqüentadores. Ele é um dos principais pesquisadores e mestres sobre a oração, em nossos dias. Ainda recentemente ele publicou um livro excelente, *Making Room to Pray*. Nesse livro ele explicou como se desenvolve um centro de oração em uma igreja local, para ajudar a conquistar para Deus a cidade onde ela estiver sediada. Ali ele sugeriu que esse centro seja separado do salão de oração usado como ministério de oração por telefone, que funcione vinte e quatro horas por dia.

O centro de orações que Teykl planejou gira em torno destes alvos:

- Manter informações vitais disponíveis para ajudar os crentes a orar de maneira informal.
- Prover lugares inspirativos aonde as pessoas possam vir individualmente, ou como um grupo, a fim de orarem
- Lembrar visualmente as pessoas sobre a importância da intercessão, na igreja local, em favor de locais alvejados da comunidade
- Ajudar a desenvolver uma disciplina de oração na igreja local a fim de servir de combustível para outros ministérios de oração na igreja local.¹³

Enquanto escrevo este livro, cinqüenta das igrejas com as quais Terry Teykl tem entrado em contato, atualmente já dispõem de salões de oração.

3. Correntes de Oração. Conforme disse Alvin Vander Griend: "Uma corrente de oração é um sistema de alarma das necessidades da congregação. Possibilita um esforço concentrado em oração sobre qualquer questão específica, incluindo situações de emergência". ¹⁴

Vander Griend afirmou especificamente que isso inclui "situações de emergência", porque constitui um erro projetar a imagem que uma corrente de oração, feita por uma igreja, serve *somente* para situações emergenciais. A experiência demonstra que quando isso acontece há uma tendência para se usar cada vez menos a corrente de oração, até que ela perece de morte lenta.

Uma maneira usual de organizar uma corrente de oração consiste em criar uma lista de membros da corrente de oração, incluindo números de telefone deles. Tudo começa com o líder ou capitão da corrente de oração, que chama por telefone a pessoa seguinte da lista. Se não houver resposta para a chamada telefônica, será contatada a próxima pessoa da lista, até que toda a corrente de orações seja informada sobre a necessidade. Mais tarde, aqueles que não receberem resposta chamarão aqueles cujos nomes foram saltados, embora, entretantes, a corrente não se tenha partido.

Ninguém deveria ser encorajado a participar de uma corrente de oração, se não for um crente que tenha estas características: (1) Dedicado a orar imediatamente após um pedido ter sido recebido; (2) dedicado a fazer chamadas telefônicas até ter contatado outro membro da corrente; e (3) dedicado a repetir o pedido exatamente, palavra por palavra. Qualquer outra coisa contribuirá para formar um elo fraco.

Pequenas igrejas podem dispor apenas de uma corrente de oração. As igrejas maiores podem dispor de mais de uma. Sem importar se uma igreja é grande ou pequena, o líder de orações da igreja precisa assumir a responsabilidade pelo recrutamento, manutenção e qualidade de controle da corrente de oração. Isso, naturalmente, pode ser delegado a uma outra pessoa, mas deve ser

monitorado de perto, pois, do contrário, haverá de murchar. Um princípio para que uma corrente de oração prossiga consiste em continuar a usá-la. Tal como um músculo do corpo humano, quanto mais usarmos uma corrente de oração, mais forte ela haverá de tornar-se. As correntes de oração de uma igreja, que não se ponham a operar ao menos uma vez por semana, correm perigo de extinguir-se.

Outro princípio que contribui para a manutenção da vitalidade das correntes de oração consiste em planejar e implementar uma maneira eficiente de compartilhar as respostas obtidas pelas orações por meio de membros da corrente de oração. Se não houver respostas para as orações, tal ministério torna-se tedioso.

4. Retiros de Oração. Quando a oração torna-se uma parte importante da vida de uma congregação, aqueles que oram e intercedem passam a querer desfrutar de extensos períodos de tempo para orarem juntos em retiros de oração.

Antes de tudo, um retiro de oração deve ser algo fundamental no campo da oração, e não algum nome atrativo para outra conferência. O ensino que houver deve ser em torno de aspectos da oração. Uma grande proporção do tempo deveria ser passada em orações propriamente ditas, incluindo cânticos de louvor e adoração. Algumas orações deveriam ser coletivas, outras em pequenos grupos e algumas individuais. Compartilhar é uma atividade importante, mas o tempo dado à oportunidade de compartilhar não deve fazer sombra ao tempo das orações de petição diante de Deus.

O líder das orações da igreja deve ser habilidoso para liderar retiros de oração. Se essa habilidade tiver de ser desenvolvida, fundos deveriam ser postos à disposição para organizar seminários de treinamento ou visitas de aprendizado, para experimentados líderes de retiros. Uma vez que o líder de oração se desenvolva quanto a essas habilidades, elas deveriam ser ensinadas a outras pessoas na igreja.

Bjorn Pedersen, da Igreja da Comunidade da Alegria, efetua retiros de oração para os líderes de oração, para a liderança de igrejas, para famílias e também para todos os membros de

qualquer congregação que se interessem. Vários outros grupos de uma igreja também poderão marcar os seus próprios retiros de oração, vez por outra.

5. *Semanas de Oração.* Muitas igrejas agendam eventos anuais ou semestrais que destacam certos ministérios. A nossa igreja, para exemplificar, conta com uma semana de missões, uma semana para enfatizar ministérios leigos e outra semana para enfatizar o evangelismo local. Por que não fazer a mesma coisa no tocante à oração?

Consideradas as múltiplas idéias que estão sendo compartilhadas entre os líderes de oração de nosso país, nestes dias, essa poderia ser, verdadeiramente, uma semana excitante. No primeiro domingo, convide-se um notável líder de oração que desafie a congregação — sem dúvida, sua área conta com um líder assim. Planeje o programa da semana marcando poderosos eventos de oração. No último domingo, o pastor enfeixa tudo, apresentando uma mensagem sobre a oração e usando uma oração especial para o culto de oração.

Isso, novamente, enviará uma mensagem por toda a congregação mostrando que a oração é uma elevada prioridade da igreja. E isso deveria poder ser considerado um momento de "cinco estrelas" no programa da igreja.

6. *Equipes especiais de oração.* Muitas igrejas contam com ministérios especializados. Equipes de oração deveriam ser organizadas com crentes dedicados à oração que sintam interesse especial por certos ministérios; essas equipes deveriam ser ativadas e mantidas. Muitas igrejas estão fazendo isso, e algumas das mais freqüentes equipes de oração especializadas incluem estas atividades:

- *Evangelismo.* Essas equipes oram por quaisquer atividades evangelísticas que a igreja possa ter, bem como em favor daqueles envolvidos no evangelismo de linha de frente e pelo interesse crescente da igreja pela evangelização. Quando o programa de Explosão de Evangelismo experimentou

organizar equipes de oração com o intuito precípua de recrutar irmãos que se dedicassem ao evangelismo, para orarem por aqueles que sáíssem a ministrar, o número de profissões de fé duplicou!

- *Missões Mundiais.* Nem todos os crentes voltam a sua atenção para missões, mas aqueles que são crentes universais interessam-se por missões. Cada igreja precisa de uma forte equipe de crentes que orem por missões. Muitas igrejas já organizaram alguma Comunhão de Fronteira, recebendo pedidos de orações e respostas às suas orações por meio do Centro Americano de Missões Mundiais em Pasadena, estado da Califórnia.
- *Curas.* Um número crescente de igrejas, tanto carismáticas quanto não-carismáticas, está atualmente organizando equipes de crentes habilitados para orarem em favor de curas físicas e emocionais. Meu livro *How to Have a Healing Ministry in Any Church* (Regai Books) tem ajudado muitas igrejas a avançarem nessa área de compaixão e frutificação.
- *Livramento.* Está havendo uma crescente consciência, por todo o Corpo místico de Cristo, acerca da perniciosa atividade de Sata-nás e das forças demoníacas que ele controla. Muitos estão percebendo que temos aí um problema que afeta as coisas tanto aqui na América do Norte quanto no Terceiro Mundo. Um número muito pequeno de igrejas, em qualquer cidade que queiramos pensar, dispõe de crentes treinados a expelir demônios e livrar pessoas, de acordo com os padrões bíblicos. O livro de Charles Kraft, *Defeating Dark Angels* (Servant Publications) é altamente recomendado como guia. Que se multipliquem as equipes especializadas em oração de livramento!
- *Cultos de Adoração.* Muitas igrejas estão recrutando equipes que se especializem em orações através dos vários cultos de adoração da igreja. Algumas vezes, isso é feito em salas separadas, usando-se aparelhos de televisão de circuito fechado ou algum sistema de alto-falantes. Algumas vezes, os crentes que oram ajoelham-se sobre a plataforma dos pregadores ou nas proximidades. Spurgeon dispunha de grandes grupos de intercessores que oravam em uma sala no

porão, *debaixo* do seu púlpito, em cada reunião, e ele dizia que aquela era a sua "sala da fornalha".

SUMÁRIO

Como é óbvio, este capítulo somente arranha a superfície das possibilidades de vitais ministérios de oração nas igrejas locais. Muitos dos títulos que você encontrará nas notas finais oferecer-lhe-ão maiores instruções, como também sugestões. Alguns dos leitores devem ter observado que não mencionei, neste capítulo, a vida de oração da igreja como um corpo. Mas isso é assim porque penso que essa forma de oração é importante o bastante para merecer um capítulo separado, neste volume. (Veja o quinto capítulo.)

Perguntas para refletir

1. Várias igrejas que são abençoadas com notáveis ministérios de oração foram mencionadas neste capítulo. Você sabe de alguma outra que poderia ser incluída? Quais aspectos da oração parecem destacá-las de outras igrejas?
2. Seria um exagero dizer que o principal fator determinante da vida de oração de uma congregação é o exemplo dado pelo seu pastor? Poderiam outros membros da igreja desenvolver um ministério de oração dinâmico se o pastor relutasse ou simplesmente se mostrasse indiferente?
3. Peter Wagner fala sobre "intercessores espiritualmente dotados". Quais seriam as características desses crentes? Poderia você nomear alguém que você conhece que se ajusta a essa descrição?
4. Seria legítimo pagar a uma pessoa que ore ou que dirija o ministério de oração de uma igreja? Não se espera de todos os crentes que orem, mesmo sem esperarem recompensas materiais por suas orações?
5. Reveja as seis formas de ministério de oração que se estão popularizando em muitas igrejas. Quais são algumas outras maneiras

em que a oração é implementada nas igrejas modernas? Essas maneiras estão sendo ativadas em sua igreja? Deveriam sê-lo?

Notas

1. BARNA, George. *User Friendly Churches*. Ventura, CA, Regal Books, 1991. p. 116.
2. MULL, Marlin. Carta pessoal a C. Peter Wagner, 25 de janeiro de 1993.
3. RODGERS, Waymon. "The Seed of Prayer in Church Growth", *Church Growth*, setembro de 1987, p. 19.
4. HAYFORD, Jack. *Glory ou Your House*. Grand Rapids, MI, Chosen Books, 1991. p. 63-7.
5. Idem, ibidem, p. 13-6.
6. Carta pessoal de Edward Langham Jr., enviada a Peter Wagner a 8 de março de 1989.
7. Carta pessoal de Ted Haggard a Peter Wagner, escrita a 18 de março de 1992.
8. GRIEND, Alvin Vander. *The Praying Church Sourcebook*. Grand Rapids, MI, Church Development Resources, 1990. p. 9.
9. Idem, ibidem, p. 5 e 6.
10. KALLESTAD, Walt. *The Intercessor*, outono de 1990, p. 1.
11. Idem, ibidem,
12. Community Church of Joy College of Prayer Catalog., 1990-1991, p. 3.
13. TEYKL, Terry. *Making Room to Pray*. Renewal Ministries, Inc., 6501 East Highway 6 Bypass, College Station, TX 778454, 1991, última capa.
14. GRIEND, Vander. *The Praying Church*, p. 52.

5. PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA ORAÇÃO COMUNITÁRIA

A "oração comunitária", conforme estou usando o termo aqui, significa somente que os membros de uma igreja local reúnem-se com o propósito de orar. É uma expressão paralela de *adoração comunitária*, que usualmente tem lugar a cada domingo pela manhã. Não entendo com isso, todavia, que a oração e a adoração não devam fazer parte de muitas outras atividades eclesiais, igualmente. Assim deveria ser, e assim também acontece. Mas, um dos mais significativos aspectos do ministério de oração da Igreja como um todo pode envolver a convocação da congregação local ou de uma porção significativa da congregação local, para fins da oração comunitária.

A REUNIÃO DE ORAÇÃO DE QUARTA-FEIRA À NOITE

Gerações atrás, a noite de quarta-feira tornou-se o dia da semana mais comumente designado para a oração comunitária. Esperava-se que quase cada igreja de quase cada denominação evangélica efetuasse uma reunião de oração às quartas-feiras à noite. Essa tradição prossegue em muitas igrejas de hoje em dia. A despeito do fato que dificilmente alguém frequenta essas reuniões de oração, muitas igrejas pensariam que se estariam desviando se não marcassem uma reunião de oração às quartas-feiras à noite.

Na virada deste século XX, disse R. A. Torrey: "A reunião de oração deveria ser a mais importante reunião de uma igreja. Se for corretamente efetuada, é a mais importante reunião de toda a semana".¹

É muito difícil discordar de Torrey. Mas os líderes das igrejas modernas sentem-se frustrados. Muitas igrejas, em nossos dias, já descontinuaram as reuniões de oração das quartas-feiras. Muitas daquelas igrejas que continuam a ter essas reuniões sentem que elas tornaram-se rotineiras, embotadas e destituídas de vida, gerando pouca oração de ação em favor da igreja local ou da comunidade.

Uma das razões da frustração pode ser que os pastores não estão "conduzindo corretamente" as suas reuniões de oração, conforme Torrey diria. E chega a ser uma surpresa, para alguns leigos líderes da igreja, saberem que os seus pastores nunca foram ensinados no seminário sobre como deveriam liderar a oração comunitária.

Durante anos, o único seminário que eu conheci que oferecia ao menos um curso sobre oração foi o Seminário Teológico de Asbury, no Kentucky. Afortunadamente, devido à influência do atual grande movimento de oração, isso agora está mudando. Mas a maioria dos pastores que se ocupam do ministério, hoje em dia, nunca fez algum curso e nem tem algum livro, em sua biblioteca, que fale sobre a reunião de oração comunitária na igreja. Outros livros estão em circulação, mas as pesquisas que tenho feito sobre a oração conseguiram descobrir somente uma dessas obras, até agora. Trata-se de um admirável volume escrito por Sue Curran, *The Praying Church: Principles and Power of Corporate Prayer*.² Infelizmente, esse livro não tem usufruído da vasta circulação que merece.

Haverá alguma esperança de a oração comunitária prosseguir? Sim, de fato. Alvin Vander Griend relata que algumas igrejas da América do Norte contam com "reuniões de oração que estão explodindo por suas costuras com pessoas, ressoando de orações fervorosas — reuniões aonde as pessoas chegam, esperando ser transformadas e terem um encontro com Deus. Os estacionamento de muitas igrejas vivem repletos, os salões transbordando de tão cheios, algumas pessoas convertem-se ou são curadas e respostas específicas à oração ocorrem todas as semanas." ³

Reconheço muito bem que Deus pode não levar cada uma e todas as igrejas locais a fazerem das orações comunitárias um aspecto central de sua filosofia de ministério; mas muitas igrejas evangélicas de nossos dias estão se encaminhando nessa direção. Sem dúvida, a Bíblia é a primeira a nos encorajar a agir dessa maneira.

ORAÇÕES COMUNITÁRIAS NAS ESCRITURAS

Se a Igreja nasceu mesmo no dia de Pentecostes, então ela nasceu da oração comunitária. Antes de Jesus partir desta terra e deixar os seus discípulos, ele ordenou que eles se reunissem em Jerusalém, "até que do alto sejais revestidos de poder" (Lc 24.49). Eles seguiram as instruções do Senhor e se reuniram no cenáculo. O que eles estiveram fazendo ali? Somos informados que "Todos estes perseveravam unanimemente em oração..." (At 1.14). E as orações deles foram respondidas de forma dramática pela descida do Espírito Santo, no dia de Pentecostes. De acordo com as Escrituras, estar eles a orar "unanimemente" foi algo que desempenhou algum papel no derramamento do poder espiritual, naquele dia.

A Igreja foi assim estabelecida e teve início uma vida eclesiástica normal. A primeira descrição bíblica do que os crentes do Novo Testamento faziam na igreja aparece no segundo capítulo do livro de Atos. "E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas *orações*" (At 2.42; a ênfase é minha). A oração comunitária, naqueles primeiros dias, não era uma atividade periférica, conforme tão freqüentemente se vê em nossos dias. Antes, era uma atividade central.

Pouco tempo mais tarde, quando Pedro foi lançado na prisão e esperava o momento de sua execução, foi efetuada uma contínua oração comunitária. "Pedro, pois, era guardado na prisão; mas a igreja fazia contínua oração por ele a Deus" (At 12.5). E, logo adiante (At 12.12), lemos que essa reunião de oração teve lugar na casa de Maria, mãe de João Marcos, o que nos faz lembrar que, visto não haver templos cristãos naqueles dias, todas as reuniões das congregações eram efetuadas em residências. O resultado, como é evidente, é que Pedro foi miraculosamente libertado da prisão por meio de um anjo. Jesus declarou que o templo de Deus deveria ser "casa de oração" (veja Mt 21.13), e acredito que isso continua a ser da vontade de Deus para as igrejas locais. Cada igreja local deveria ser um centro de oração, não só para a congregação dos crentes, mas também para toda a comunidade. Efetivamente, alguns templos evangélicos assim continuam a ser, e, conforme vamos avançando nesta nossa década de 1990, mais e mais igrejas locais estão aumentando o número de igrejas pertencentes a essa categoria. Deus está produzindo uma nova

consciência de oração por todo o Corpo de Cristo, e essa é uma das razões pelas quais muitos têm começado a dizer que o reavivamento espiritual está nos esperando logo adiante, ao dobrar da esquina.

* * *

Há evidências de que a quantidade de orações é algo importante. Quanto maior for o número daqueles que oram, maior será a concordância. Quanto maior for o número daqueles que oram, maior será o poder em potencial.

* * *

O PODER DA CONCORDÂNCIA

A principal qualidade que a oração comunitária tem sobre outros tipos de oração é a força da concordância. Disse Jesus: "Também vos digo que, se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus" (Mt 18.19). A oração de concordância, que envolve duas ou duzentas pessoas, é mais eficaz do que as orações solitárias de algum crente individual, embora essas orações solitárias também não devam ser negligenciadas ou subestimadas. Nenhuma oração se perde. A oração comunitária, entretanto, cria a concordância mais do que qualquer outro tipo de oração na igreja local.

Há evidências de que a quantidade de orações é algo importante. Quanto maior for o número daqueles que oram, maior será a concordância. Diz Sue Curran: "Quando passamos das orações individuais para as orações comunitárias, movemo-nos para um terreno onde os resultados são calculados exponencialmente. Quando assim fazemos, movemo-nos do terreno da adição para o terreno da multiplicação: a cada nova pessoa que é adicionada, o poder da oração é multiplicado." ⁴

Sue citou duas passagens do Antigo Testamento que ilustram esse princípio. "Cinco de vós perseguirão um cento, e cem de vós perseguirão dez mil; e os vossos inimigos cairão à espada diante de vós" (Lv 26.8). E igualmente: "Como pode ser que um só perseguisse mil, e dois fizessem fugir dez mil...?" (Dt 32.30).

Naturalmente, não devemos usar essas passagens bíblicas como fórmulas matemáticas que calculem o poder das orações feitas nas reuniões de uma igreja, embora o princípio se faça presente ali. Quanto maior for o número daqueles que oram, maior será o poder em potencial.

Muitos líderes de igrejas usam o trecho de Hebreus 10.25 — "Não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns" — a fim de encorajar a frequência ao culto de adoração semanal. Temos aí, sem dúvida, uma aplicação legítima do trecho; mas o contexto também indica que esse princípio pode ser aplicado às reuniões de oração. Os versículos anteriores ensinam o sacerdócio de todos os crentes: por meio do sangue de Jesus, não apenas algum sumo sacerdote, mas *todos nós* temos acesso direto a Deus. Não podemos negligenciar os nossos ajuntamentos, como sacerdotes que se comunicam diretamente com Deus, mediante as nossas orações.

ARENAS PARA A ORAÇÃO COMUNITÁRIA

Existem duas arenas básicas para a oração comunitária. A arena maior ocorre em um nível de comunidade, onde certo número de igrejas da comunidade local reúne-se em pactos de oração. Isso é extremamente importante, mais importante do que muitos crentes estão pensando. Vou ventilar essa questão da oração comunitária, nas comunidades, com maiores detalhes, no próximo capítulo.

A outra arena é a mais comum das duas — a igreja local. Este capítulo abordará principalmente alguns dos segredos de como efetuar uma oração comunitária com a igreja local. Para ajudar-nos a separar esse método de tantas outras possíveis atividades de oração na igreja, estou enfocando a atenção, conforme já disse, sobre as *reuniões agendadas por e para a igreja como um todo, primariamente a fim de orar*. Embora muita oração seja usada nos cultos de adoração de muitos domingos, eu os estou excluindo das reuniões de oração comunitária.

	Classificação da Oração Comunitária		
ATIVIDADE	Superior	Igual	Inferior
Música/Adoração			
Cuidados Pastorais			
Evangelismo			
Educação Cristã			
Programas da Mocidade			
Pregação			
Koinonia/Comunhão			
Missões Mundiais			
Extensão Comunitária			
Grupos Pequenos			

Quão importante é a oração comunitária na vida de sua igreja? Como poderíamos aquilatar e relacionar isso? Creio que podemos fazer duas medições práticas, uma subjetiva e outra objetiva.

Medição Subjetiva. Pergunta: Qual nota tiraria a oração comunitária em nosso sistema de valores, em comparação com dez outras comuns atividades eclesiais?

Visto que essa medição é admitidamente subjetiva, pode ser reveladora ou não. Particularmente aqueles líderes eclesiais que proclamam que a reunião de oração do meio da semana é a mais importante reunião da semana, sem importar o interesse demonstrado e a qualidade dessa reunião, o valor da oração comunitária acha-se na extremidade mais elevada da escala. Eis a razão pela qual também deveríamos fazer uma medição mais objetiva.

Medição Objetiva. Pergunta: Como se compara a oração comunitária com as atividades eclesiais mencionadas acima em termos de:

- Alocação do orçamento?
- Tempo gasto pelo pessoal nas diversas ocupações?
- Tempo separado a partir do calendário semanal da igreja?
- Alvos eclesiais mensuráveis? Não tenho podido contar o número de igrejas que tenho visto que, conscientemente,

firmam alvos anuais mensuráveis para a vida e o crescimento de sua igreja, mas negligenciam totalmente estabelecer alvos para a oração comunitária. Considerando-se a propalação do grande movimento de oração, mudanças promissoras já começaram a ter lugar.

- Tempo dos sermões. Dentre os cerca de quarenta e cinco sermões anuais que um pastor-presidente prega durante os cultos de adoração semanais, quantos desses sermões versam explícita e primariamente sobre a oração?

Essas perguntas prestam-se bem para respostas de natureza numérica. Ao usá-las, as igrejas podem avaliar a si mesmas de forma acurada; e, se elas mostrarem-se corajosas o bastante, também podem comparar-se a igrejas similares em suas denominações ou comunidades.

QUÃO IMPORTANTES SÃO OS NÚMEROS?

Quanto a muitas das variedades de oração, grandes números de pessoas não são basicamente importantes. Relativamente poucas pessoas podem prover, e realmente provêem, poderoso apoio à oração. Exemplificando, Dóris e eu contamos apenas com dezenove membros do círculo mais íntimo de nossas equipes de oração e não estamos procurando um número maior deles. O apoio de oração que recebemos deles é incrível, e parece ser esse o número que Deus nos tem indicado no momento.

A situação altera-se, entretanto, quando estamos tratando especificamente com a oração *comunitária*. Se alguma igreja local sentir que a oração comunitária deve ocupar posição central em sua filosofia de ministério, então o número de membros da igreja que participam tornar-se-á algo muito importante. Em alguns casos, esse pode ser o melhor barômetro da qualidade espiritual da igreja como um todo.

Uma Escala de Medição

A maior parte dos crentes não tem o hábito de medir suas orações. Dessarte, não chegamos a um consenso geral, como líderes eclesiásticos, sobre como quantificar a vida de oração comunitária de nossas igrejas. Minha sugestão quanto a isso é extremamente simples: *Calcule a porcentagem daqueles que freqüentam os cultos semanais de adoração e que também voltam à igreja pelo menos mais uma vez, durante a semana, para participarem das orações comunitárias.*

Se calcularmos isso durante certo período de tempo, facilmente poderemos avaliar o que está fazendo a nossa própria congregação. Mas em que isso poderia comparar-se com outras igrejas, especialmente aquelas que estejam frisando a oração comunitária? A fim de responder a essa pergunta, pesquisei diversas igrejas que percebi possuírem ministérios de oração especialmente poderosos na ocasião. E digo "na ocasião" porque já aprendi, igualmente, que a oração está sujeita a altos e baixos em muitas igrejas. Acredito que o diabo concentra os seus ataques mais contra o ministério de oração das igrejas do que contra qualquer outro ministério, um fato que, por si mesmo, deveria mostrar-nos quão importante é o ministério da oração.

Eis alguns fatos que descobri naquela minha pesquisa:

- A igreja norte-americana que teve a mais alta porcentagem de adoradores que voltavam para as orações comunitárias foi a Igreja Batista de Alamo City, em San Antonio, no estado do Texas. Frances Smith, ministro coordenador das orações da igreja, afirmou: "O pastor David Walter nos tem dirigido por perto de quatro anos, em uma excitante e recompensadora aventura de oração".⁵ Quando fiz as medições na Igreja de Alamo City, 66% dos dois mil adoradores estavam envolvidos na oração comunitária a cada semana. Aí por 1993, eles tinham mobilizado um Exército de Oração de 560 Vigias/Guerreiros.
- A Igreja Metro Vineyard, de Kansas City, é pastoreada por Mike Bickle, um dos mais notáveis mestres e praticantes da intercessão. A oração comunitária é tão importante na igreja

Metro Vineyard que a descrição do trabalho de cada membro do pessoal requer que se faça presente a pelo menos uma reunião de oração comunitária por dia. Minha verificação *in loco*, ali, indicou que 43% dos três mil e quinhentos freqüentadores retornavam para fazer parte das orações comunitárias.

- Quando Larry Lea teve suas reuniões comunitárias cedo pela manhã, às quais deu grande importância, na Igreja Sobre a Rocha, em Rockwall, Texas, cerca de 24% dos cinco mil freqüentadores estavam participando.
- A igreja de John Wimber, Vineyard Christian Fellowship, em Anaheim, estado da Califórnia, ressalta fortemente a oração. Quando a submeti a teste, participavam das orações comunitárias 13% dos membros.
- Em nossa área do sul da Califórnia, a igreja que tem a reputação de ter as mais vividas reuniões de quartas-feiras à noite é a de Jack Hayford, a Igreja do Caminho. Na média, 29% de seus adoradores dominicais freqüentam também essas reuniões de oração.

INGREDIENTES BÁSICOS DA ORAÇÃO COMUNITÁRIA

No caso de igrejas que desejam ver a oração comunitária tornar-se uma atividade viva e um centro de ministério dinâmico em suas igrejas, percebo cinco ingredientes básicos, a saber:

1. O Pastor. O pastor-presidente deve cuidar diretamente do ministério de oração comunitária da igreja. A implementação diária dos vários aspectos do ministério de oração podem ser delegados ao líder de oração da igreja, ou a outras pessoas; mas se a congregação não notar que o pastor da congregação é o líder supremo da oração comunitária, o projeto não alçará vôo como é mister. Concordo com Sue Curran, que disse: "Minha própria convicção, formada à base da experiência pessoal e de consideráveis estudos quanto à história dos reavivamentos é que o

exemplo do pastor deve ser a força originadora do ministério de oração de uma igreja local".⁶

* * *

Os pastores deveriam criar excitação em torno das orações de suas igrejas, compartilhando regularmente, do púlpito, as respostas obtidas pelas orações.

* * *

Como isso deveria ser feito? O pastor precisa fazer uso constante do púlpito a fim de salientar a prioridade da oração e do programa de orações comunitárias. O ensino sobre a oração deveria fluir regularmente da parte do pastor como temas maiores e menores. Todo o sistema de comunicações da igreja deveria ser ativado para lembrar o povo da oração comunitária. O mais importante de tudo é que o próprio pastor deve dar o exemplo, participando regularmente das atividades de oração comunitária da igreja, juntamente com sua esposa e seus familiares. Um notável exemplo disso é a dos pastores coreanos, sobre os quais já dissemos que eles se fazem pessoalmente presentes a toda reunião de oração de antes do alvorecer, porque "é ali que reside o poder!"

Os pastores deveriam criar excitação em torno das orações de suas igrejas, compartilhando regularmente, do púlpito, as respostas obtidas pelas orações. Muitos pastores passam um ano inteiro sem nunca compartilhar qualquer coisa de dramático que tenha acontecido em sua própria vida em resultado de suas orações; mas, ao mesmo tempo, continuam dizendo à sua gente que deveriam orar e esperar respostas dramáticas. Ademais, deveria ser aberto um tempo regular, nos cultos de adoração semanal, para testemunhos por parte dos membros da igreja, cujas orações recentes tenham sido respondidas. Isso exerce um poderoso efeito, particularmente quando o pastor se posta sobre a mesma plataforma, demonstrando a sua aprovação com gestos de cabeça.

2. O pessoal administrativo da igreja local. Isso pode parecer um tanto radical, mas se a oração comunitária é tão importante quanto afirmamos, então todo pessoal administrativo de toda igreja deveria ter de participar pelo menos de um evento semanal de oração comunitária. Além disso, o pessoal envolvido

diretamente no programa (em contraste com o pessoal de apoio) deveria ser encorajado a envolver suas esposas e seus filhos na oração comunitária.

Alguém do pessoal administrativo que tenha sido dotado para o ministério deveria ser nomeado para conduzir a oração comunitária. Ao mesmo tempo, outros que pertencem ao pessoal administrativo não deveriam sê-lo. Tenho visto exemplos em que a direção das orações comunitárias foram deixadas ao encargo da junta da igreja em geral, com resultados desencorajadores, porquanto os dons do Espírito Santo, distribuídos individualmente, não têm sido abertamente reconhecidos.

Muitos pastores-presidentes de igrejas dedicadas à oração lideram a maior parte das orações comunitárias de suas igreja; mas isso não sucede com todos eles. Fiquei impressionado pelo pastor de uma igreja numerosa de Christ Church, na Nova Zelândia, que reconheceu que uma líder de orações da igreja era muito mais bem dotada para liderar as orações comunitárias do que ele. Ele se fazia presente a cada reunião, mas ela era a encarregada da liderança no campo das orações comunitárias. Ela se reunia com um pequeno grupo de intercessores naquela tarde e orava até que Deus revelasse a eles a sua agenda para a reunião de orações da noite. O resultado foi uma das reuniões de oração de dia de semana à noite mais bem freqüentada e mais excitante que já me foi dado estar presente.

3. Localização. É aconselhável usar a mesma localização física para as orações comunitárias que é usada para a adoração regular. É óbvio que não me estou referindo ao mesmo salão, porquanto esse santuário usualmente é amplo demais. Mas os crentes deveriam acostumar-se a orar juntos onde costumam adorar juntos.

4. Tempo. Tenho descoberto que o consenso de opiniões é que uma hora é tempo ideal para as reuniões de oração comunitária, pelo menos na maior parte dos Estados Unidos da América. Em nossa cultura, as pessoas correspondem melhor se essas reuniões começam e terminam prontamente. O horário pode variar, dependendo de quanto as pessoas estão mais disponíveis.

Muitas igrejas nos Estados Unidos estão descobrindo que as orações cedo pela manhã são eficazes, embora eu pense que ainda não podemos denominar isso de tendência. O número de vezes em que as reuniões de oração comunitária são efetuadas dependerá do número total de pessoas que delas estejam resolvidas a participar.

5. *Massa Crítica.* O meu conselho é que, quando planejarmos reuniões de oração comunitária, estejamos certos de começar e continuar pelo menos com vinte pessoas. Esse número poderia ser reduzido para dezessete, mas nunca menos do que isso. Se houver menos de dezessete pessoas, então seria melhor pensarmos em orações em pequenos grupos, e não em orações comunitárias. A teoria da dinâmica de grupo, que quase invariavelmente é apoiada pela prática, diz-nos que a *natureza* de um grupo com menos de dezessete pessoas é diferente da natureza de um grupo com mais de dezessete pessoas.

No tocante à mudança de categoria numérica, a próxima mudança de dinâmica de grupo ocorre quando esse número chega a quarenta. As reuniões de oração comunitária da qual participam de trinta e cinco a cinqüenta pessoas são reuniões em que as pessoas se reconhecem umas às outras e vêem poucas pessoas estranhas. Isso tem as suas vantagens. Mas há outras vantagens em uma reunião de cem ou duzentas pessoas, ou mesmo mais, onde as pessoas podem esperar ser relativamente estranhas umas às outras.

SETE BOAS RAZÕES PARA NÃO IR A REUNIÕES DE ORAÇÃO COMUNITÁRIA

Um amigo que tenho, que é pastor de uma igreja que está crescendo rapidamente, já tendo atingido quase três mil membros, aqui no sul da Califórnia, ficou muito impressionado diante das reuniões de oração de fim de madrugada na Coreia, e começou a pôr isso em prática em sua própria igreja. Ele não faltava a nenhuma dessas reuniões. Um saudável grupo de oitenta pessoas dedicou-se a orar junto, com regularidade, mas, depois de alguns

meses, essas oitenta tinham diminuído para uma ou duas pessoas! Que tinha acontecido?

Quando conversei com ele, concordamos que ele havia possibilitado diversas das razões abaixo, para alguém não ir a reuniões de oração comunitária; mas já era tarde demais. A oração comunitária até agora não pôde ser reavivada naquela igreja, por causa da dor e do desencorajamento residuais que se abateram sobre todos os membros da igreja.

Se supusermos que as pessoas de uma igreja são normais quanto à sua vida espiritual em geral, e que elas não se mantêm afastadas da oração comunitária porquanto, de alguma maneira, não estão andando retamente diante de Deus, eis algumas das coisas que precisaremos evitar.

"As reuniões são enfadonhas." Alistei essa razão como o motivo de número um, porque ela é a maior de todas as razões. A mais decisiva razão pela qual os membros de uma igreja não freqüentam as orações comunitárias de sua igreja é porque o que ali acontece as deixa enfadadas. Poucas pessoas se acordam pela manhã entusiasmadas diante do pensamento que mais tarde, na noite daquele mesmo dia, estarão novamente em uma reunião de oração.

"Não tenho nenhuma contribuição para fazer." Um grande número de pessoas vai às reuniões de oração como espectadores e não como participantes. Elas pensam que a única contribuição que têm a fazer às reuniões é aumentar um número ao total de presentes.

"Minhas necessidades pessoais não são satisfeitas." Alguns não somente pensam que não têm qualquer contribuição a fazer, mas também sentem que outras pessoas nada têm para lhes oferecer. Ter as necessidades pessoais satisfeitas não deveria ser o principal motivo para alguém fazer-se presente às reuniões de oração comunitária; mas se alguém fizer-se presente, trazendo necessidades pessoais urgentes, essas necessidades deveriam ser cobertas em oração, em algum ponto durante ou após a reunião.

"Não sei orar em público." As pessoas que ainda não aprenderam como unir-se em oração em voz alta, junto com outras pessoas, sentir-se-ão pouco à vontade, nas reuniões de oração comunitária, durante um certo período de tempo.

"O Espírito Santo não se manifesta." Esse argumento não é uma declaração teológica acerca da onipresença de Deus, mas reflete uma impressão exata, particularmente por parte daqueles que têm algum grau de discernimento espiritual. Se a dinâmica espiritual não for suficientemente forte para ser sentida, de que adiantaria alguém ir a essas reuniões?

"Oramos, mas nada acontece." Quando as pessoas oram mas não vêem respostas tangíveis às suas orações, então começam a sentir-se derrotadas. Com o tempo, isso fará a reunião de orações cair quanto à frequência, tal como as equipes atléticas vêem os seus torcedores diminuírem cada vez mais em número, se perderem partida após partida.

"Nossas reuniões de oração são um clube de maledicências." Com grande frequência, tenho ouvido alguém dizer, em uma reunião de oração: "Precisamos orar por esta ou aquela pessoa esta noite, porque..." E o resto da sentença revela alguma coisa sobre a vida daquela pessoa, o que, conforme costumava dizer a minha avó, "deve ser mantido dentro da família". Com grande frequência, isso é feito na carne, e não no Espírito. Uma motivação importante pode ser comunicada, "tomei conhecimento", e o resultado freqüente disso é que alguns dos outros indivíduos presentes perpetuam a maledicência a partir de uma hora após o fim da reunião, sob o verniz espiritual de um pedido de oração.

PRINCÍPIOS PARA PODEROSAS REUNIÕES DE ORAÇÃO

Como é óbvio, cada uma das razões acima para alguém não ir às reuniões de oração comunitária precisa ser evitada. Por experiência própria, adquirida como dirigente de reuniões de oração comunitária, tenho identificado sete princípios pelo lado positivo. Visto que aqui estamos tratando sobre questões de estilo e não de substância, percebo que alguns leitores sentirão que minhas sugestões são mais aplicáveis do que outros leitores.

1. Adoração. Os primeiros dez a quinze minutos da hora da reunião deveriam ser passados em *cantar* as orações. Hinos de adoração a Deus são os mais apropriados. Esses hinos devem ser encarados como uma forma de oração e não como cânticos que

preparam os crentes para as orações. Os líderes de adoração da maior qualidade deveriam cuidar desse segmento. Uma das razões pelas quais a massa crítica da oração comunitária deve ser no mínimo de vinte pessoas é que com menos do que vinte pessoas, a adoração sob a forma de cânticos pode tornar-se bastante anêmica.

2. Orações Verbais. Algumas poucas tradições cristãs, como a dos quacres, dão um grande valor ao silêncio por ocasião das orações. A grande maioria, porém, provenientes de várias culturas ao redor do mundo, prefere a oração verbal em suas reuniões de oração comunitária. As orações verbais cabem dentro de dois estilos gerais: a oração conjunta e a oração de concordância.

A oração conjunta indica que todas as pessoas presentes à reunião de oração oram em voz alta, ao mesmo tempo. Essa é a mais comum forma de oração, em igrejas de todas as denominações coreanas, as quais, como um grupo, lideram o mundo evangélico na prática da oração comunitária. O nível de ruído de quatro mil coreanos orando juntos precisa ser ouvido para que possa ser crido. E eles sustentam suas orações fervorosas por longos períodos de tempo, algumas vezes por vinte minutos, sem pararem. Durante esse tempo, o nível de ruído pode decair um pouco, mas outra onda de unção de oração aflora, e adquire força novamente.

As orações conjuntas são muito populares entre os carismáticos e os pentecostais nos Estados Unidos da América e ao redor do mundo. O que chamaríamos de movimento carismático independente é, em muito, a expressão cristã evangélica de mais rápido crescimento na maior parte do mundo; assim sendo, a oração conjunta é, ou breve será, a forma dominante de oração verbal das reuniões de oração comunitária em geral.

As orações de concordância formam o tipo de oração mais usado em nossas igrejas evangélicas tradicionais mais conhecidas. Uma pessoa ora em voz alta, enquanto as outras acompanham e concordam, demonstrando a sua concordância de forma mais ou menos enfática.

A forma bíblica de orar chamada de oração de concordância está-se tornando popular em muitas igrejas. Nesse caso, os crentes que oram abrem a Bíblia em alguma passagem, lêem parcialmente o texto e oram parcialmente, usando como alicerce aquilo que elas percebem que o Senhor lhes está mostrando no texto, aplicando a

passagem às situações reais que estejam vivendo. Quando isso é feito com os devidos cuidados, trata-se de uma forma comovente de oração, pois envolve orar a Palavra de Deus de volta aos ouvidos do Senhor.

Como Apagar o Espírito Santo

Nas reuniões de oração em que se esperam as orações verbais, o líder pode apagar o Espírito Santo de várias maneiras, embora três dessas maneiras me pareçam mais óbvias:

- Permitir períodos de silêncio. Quanto mais prolongado for o silêncio, menos pessoas voltarão na semana seguinte. Aqueles que participam das orações comunitárias podem ser ensinados a orar sem cessar, mantendo-se alertas e estando prontos a verbalizar as suas orações, sempre que surgir a oportunidade para tanto. Nas orações comunitárias, as pessoas deveriam acostumar-se a orar por muitas vezes, e não somente por uma vez.
- Orações de uma sentença ou orações de preenchimento de espaço em branco. No esforço de envolver mais pessoas nas reuniões de oração e evitar períodos de silêncio, alguns líderes de oração dizem: "Vamos invocar os nomes de Deus". Ou: "Vamos limitar nossas orações a uma sentença de ação de graças a Deus". Ou mesmo: "Vamos todos orar. Nós queremos agradecer-te, ó Deus, porque Tu és". Todas essas táticas são métodos bastante duros de criar um senso de vivacidade. Em última análise, contribuem para o sentimento de que as reuniões de oração são enfadonhas.
- Orar em grupos de dois ou três. Pedir que aqueles que fazem parte de uma reunião de oração comunitária voltem-se e formem grupos de dois ou três, para orarem juntos, definidamente satisfaz as necessidades dos presentes que se sentem à vontade na reunião e têm necessidades pessoais que gostariam que outros crentes também orassem a respeito. Mas com igual certeza apaga outros que se sentem pessoalmente desconfortáveis com a intimidade forçada sobre eles no momento. Ordinariamente, esses nada dirão; mas não

voltarão mais na semana seguinte. A menos que a reunião seja intencionalmente designada para servir às necessidades dos pequenos "grupos", é muito mais sábio permanecer com o menor denominador comum e manter o grupo como um grupo grande. Um compromisso consiste em dividir os presentes em grupos de quatro a seis, e não de dois ou três. Isso parecerá muito menos ameaçador para os solitários, embora ainda assim alguns se sintam desconfortáveis diante desse arranjo.

3. Apoio Mútuo. Aqueles que usam de orações verbais deveriam procurar obter respostas verbais. Pensemos sobre as maneiras de quem fala no telefone. Quando uma pessoa está ocupada em um monólogo no telefone, a outra pessoa deve ir fazendo pequenos sons encorajadores em número suficiente para encorajar àquela que está falando. A mesma coisa aplica-se no caso das orações comunitárias.

Alguns têm criticado os irmãos pentecostais severamente devido àquilo que eles consideram ruído excessivo. Mas suas próprias reuniões de oração soam como se elas estivessem tendo lugar em uma biblioteca pública ou em um necrotério. Os crentes não-pentecostais deveriam aprender boas maneiras de resposta verbal em suas reuniões de oração comunitária. Os pentecostais não têm o direito exclusivo do uso de expressões como "amém", "aleluia", "obrigado, Senhor" ou "glória a Deus". Admitimos que a intensidade das vozes e a frequência das expressões de louvor dependem de cada grupo; mas, em geral, quanto mais e mais alta for a concordância, contanto que esta não abafe a oração, melhor. Outrossim, as pessoas experimentarão excitação criada desse modo, sendo mais provável que elas voltarão à reunião de oração da semana seguinte.

A concordância verbal consegue realizar três coisas:

- Ela encoraja aqueles que oram
- Ela envolve mais os que estão concordando e ajuda na concentração das idéias
- Ela edifica a fé e a excitação do grupo inteiro.

4. A Oração Eficaz. Segundo eu já disse, a oração eficaz é definida como a oração que funciona. É a oração que obtém respostas da parte de Deus. A oração eficaz, mais do que qualquer outra coisa, sustenta a vida e a excitação da oração comunitária. Por conseguinte, devem ser encontrados meios e modos de compartilhar das respostas obtidas pelas orações em cada uma das reuniões de oração comunitária. Escreveu B. J. Willhite: "Os crentes ordinários devem estar convencidos de que suas orações fazem uma diferença. A menos que uma pessoa creia que suas orações realmente estabelecem diferença, provavelmente ela não orará de forma consistente."⁷

Em igreja local após igreja local, tenho visto serem publicadas listas de orações a serem feitas, por parte do escritório da igreja, alguma dessas listas bastante elaboradas. Mas em menos de 10% das igrejas tenho visto relatórios regulares de *respostas* a essas orações. As orações podem mudar a história, mas as pessoas que oram não se sentirão excitadas, a menos que saibam o que está acontecendo como respostas dadas por Deus.

Lembro-me de ouvir B. J. Willhite falar de uma igreja que ele visitou no Texas, que tinha aquilo que os seus membros chamavam de "muro das lamentações". Em uma das paredes do santuário havia um lugar onde as pessoas podiam segurar com um alfinete fotografias ou cartões de pessoas perdidas conhecidas. A um dado momento, durante o culto, a congregação inteira podia mover-se até aquele lugar defronte daquela parede, orando fervorosamente pela salvação das pessoas assim identificadas nela.

Maravilhoso! Willhite perguntou ao pastor da igreja o que estava acontecendo em resultado daquelas orações. "As pessoas estão sendo salvas", respondeu ele.

Então Bob Willhite fez uma sugestão incrivelmente simples. Ele sugeriu que do outro lado do santuário, preparassem um "muro da vitória", e que em cada culto fossem tiradas fotografias e cartões do "muro das lamentações" e postos sobre o "muro da vitória", sempre que uma daquelas pessoas tivesse sido beneficiada pelas orações, e que os crentes fizessem orações de ação de graças. É isso que entendo por orações eficazes demonstradas.

5. Orações Concretas. Armin Gesswein afirmou: "Orações gerais nunca são eficazes. Não há nelas fé e expectativa, e a oração sem fé é morta."⁸ Percebo que é possível que o Senhor se mova fortemente no tocante a uma dada reunião de oração para atendê-la; mas usualmente os pedidos de oração que procedem das emoções humanas, geradas pela leitura de cabeçalhos de jornal ou pelo ouvir notícias como: "Vamos orar pelas famílias daqueles que perderam suas vidas no acidente aéreo que houve na Índia", ou: "Vamos orar pelo acordo comercial da América do Sul, que começa hoje", são por demais abstratas para aqueles reunidos, para que haja qualquer significado, até onde aquela situação de oração está envolvida. Algo um tanto mais definido, como: "Uma amiga de minha mãe precisa de orações, porque o marido dela a está ameaçando com o divórcio", no mais das vezes é uma distração, e não uma bênção.

Um dos grande problemas com as orações de sentenças que apenas precisam que se preencha um espaço em branco é que elas também tendem por ser demasiadamente abstratas. As orações que fazemos nas reuniões de oração comunitária deveriam, ao máximo possível, atender às necessidades que as pessoas estejam sentindo. As orações precisam ser tão concretas quanto for possível.

6. Orações Personalizadas. Aqueles que freqüentam e participam de orações comunitárias deveriam envolver-se pessoalmente nessa atividade:

- Treine os participantes para usarem o pronome "eu", em vez de "nós", tanto quanto se sentirem confortáveis ao assim fazerem. Isso os atrai mais diretamente para a oração e permite que a sua individualidade se expresse no seio do grupo como um todo.
- Permita tempo, durante a reunião de oração, em que as pessoas possam exprimir necessidades pessoais urgentes, e que essas petições sejam feitas durante a reunião. Em uma reunião de uma hora, o tempo alocado para isso deve ser cuidadosamente controlado, pois de outro modo tudo pode transformar-se facilmente no tipo de reunião compartilhada,

que alguém poderia esperar em um grupo pequeno, e não em uma reunião de oração comunitária. Mas ninguém que chegue a uma reunião de oração comunitária, trazendo uma petição pessoal urgente e imediata, precisa ir-se embora sem ter recebido uma oração pessoal.

Compreendo por qual motivo alguns dizem que essa é a razão pela qual algumas reuniões de oração planejam tempo específico para orações em pequenos grupos; e já pude salientar as oportunidades que esse tipo de oração oferece. Outra maneira viável de manusear isso é fazer com que uma equipe de oração permaneça no lugar, depois de a oração comunitária ter terminado, a fim de cuidar das necessidades pessoais. Em uma reunião de oração comunitária da qual participem, digamos, cinquenta pessoas, é viável designar um período de dez minutos para isso, o que apenas adicionará um fator positivo à reunião. Se algumas das necessidades forem de cura física, então a imposição de mãos pode envolver diretamente um maior número de pessoas, nas atividades da reunião.

7. Instruções Práticas. Quando descemos até esse particular, a maneira como as pessoas oram nas reuniões de oração comunitária nada mais é do que um comportamento aprendido de um modo ou de outro. Alguns vinculam o seu comportamento, como a linguagem corporal ou o volume da voz, à presença do Espírito Santo; mas o Espírito de Deus não requer que oremos de qualquer maneira especial para que ele se faça presente poderosamente.

As pessoas podem aprender a orar de forma concordante. Podem aprender a verbalizar essa concordância. Podem aprender a orar por meio de parágrafos, em vez de fazê-lo por meio de sentenças. Podem aprender a falar prontamente o bastante para impedir que o silêncio amortença as coisas. Podem aprender a erguer ou baixar as mãos. Podem aprender a compartilhar das respostas às orações. Podem aprender a orar com olhos abertos ou fechados. Podem aprender a ter boas maneiras nas orações públicas.

Uma das funções das escolas de oração é ensinar essas coisas às pessoas, especialmente no começo de suas carreiras cristãs. A moldagem e o aprendizado em muito podem ajudar. O líder das orações pode fazer com que cada reunião de oração comunitária torne-se uma mini-escola de oração, lembrando ao povo o que se deve esperar, ensinando sobre a oração e encorajando aqueles que sabem mais do que os demais a demonstrarem isso, sem dominarem ou controlarem a reunião de oração.

Um ponto nevrálgico da história ocorreu quando os discípulos de Jesus se reuniram em oração de concordância, no cenáculo. Em resultado, o Espírito Santo foi dado no dia de Pentecostes. Após isso, os crentes nunca mais foram como tinham sido até ali, a Igreja nunca mais foi a mesma, e nem o mundo foi o mesmo. Você também poderá esperar contemplar isso, usando orações comunitárias de qualidade em sua igreja.

Perguntas para refletir

1. Discuta sobre os seus próprios sentimentos acerca da oração comunitária. Qual é a situação em sua igreja, quanto a esse particular?
2. Aliste todas as razões que você puder para explicar por que é importante que o maior número possível de crentes concorde quanto ao que está sendo pedido em oração.
3. Se a razão primária pela qual as pessoas resolvem não freqüentar as reuniões de oração de uma igreja é que elas são por demais enfadonhas, o que poderia ser feito a esse respeito?
4. Examine as três maneiras pelas quais podemos "apagar o Espírito Santo" nas reuniões de oração comunitária. Faça comentários pessoais sobre cada uma dessas maneiras.
5. "Oração concordante" significa que cada qual ora em voz alta, ao mesmo tempo. Isso poderia funcionar em sua igreja? Por que sim e por que não?

Notas

1. TORREY, R. A. *How to Work for Christ*. Grand Rapids, MI, Fleming H.Revell, 1901. p. 211.
2. CURRAN, Sue. *The Praying Church: Principles and Power of Corporate Praying*. Sh.ek.inah Publishing Company, 394 Glory Road, Blountville, TN 37617.
3. GRIEND, Alvin Vander. *The Praying Church Sourcebook*- Grand Rapids, MI, Church Development Resources, 1990.
4. CURRAN, *The Praying Church*, p. 27,8.
5. SMYTH, Frances. "Prayer Ministry", *The Alamo City Reflections*, 25 de setembro de 1991, p. 4.
6. CURRAN, *The Praying Church*, p. 48.
7. WILLHITE, B. J. "How to Get Your People to Pray", *Ministries Today*, novembro/dezembro de 1988, p. 36.
8. GESSWEIN, Armin. "Churches on Fire!" *Alliance Life*, s. d.

6. A ORAÇÃO PODE MUDAR A SUA COMUNIDADE

Chegamos à metade deste volume, e é chegado o momento de fazer uma avaliação de meio curso. Até este ponto, tentei fazer três coisas:

- O primeiro capítulo descreveu o excitante movimento de oração que está varrendo o mundo, e do qual muitos crentes desejam participar.
- Dois capítulos sondaram em profundidade a natureza da oração, destacando tanto o aspecto de falar com Deus como o aspecto de ouvir da parte de Deus.
- Mais dois capítulos explicaram como a oração pode ser vital e transmissora de vida, como parte das atividades de sua igreja local, semana após semana.

Mas agora quero mudar o enfoque da oração, passando do ambiente da igreja local para a comunidade secular. Grande parte daquilo que estarei compartilhando no restante deste livro será relativamente novo. O Espírito Santo tem estado a mostrar coisas ao povo de Deus, neste começo da década de 1990, acerca das quais apenas um pequeno número de crentes tinha consciência, durante a década de 1980.

O REAVIVAMENTO ESTÁ CHEGANDO

Muitos estão-se sentindo temerosos acerca do que está acontecendo atualmente. Ninguém, em minha geração, tem experimentado um verdadeiro reavivamento mundial, pelo que só podemos imaginar como serão esses sentimentos. Mas pressinto que a maioria dos crentes que estão vivos atualmente viverão o suficiente para testemunhar um grande reavivamento futuro. Não posso estabelecer datas; mas parece que esta é a geração que experimentará o maior derramamento do Espírito Santo, talvez durante toda a história.

Parece que se estão reunindo as condições que têm antecedido os reavivamentos referidos na história passada. Uma a uma, essas condições estão se interligando, como se fosse um gigantesco quebra-cabeça, ao mesmo tempo que a imagem do reavivamento vai-se tornando cada vez mais clara. Penso que o movimento de santidade, de mais de cem anos atrás, serviu de semente. E foi dali, nos primeiros anos de nosso século XX, que germinou o movimento pentecostal.

Terminada a Segunda Guerra Mundial, começou a grande colheita global de almas, que só vem aumentando desde então. Deus começou a impressionar a Igreja com um mais profundo interesse pelos pobres e oprimidos, iluminando a nossa responsabilidade social, na década de 1960, e isso também continua a desenvolver-se. Em seguida, teve início o grande movimento de oração, que venho descrevendo neste livro, como também o ressurgimento do moderno movimento profético. Ao entrarmos na década de 1990, a guerra espiritual começou a tomar vulto nas agendas dos crentes ativos.

Poderíamos acrescentar a isso que, no mundo secular, tem havido uma extrema degradação moral e social. Racistas neonazistas estão vindo à superfície, na Alemanha. Financistas que manipulam milhões e milhões de dólares estão sendo acusados de defraudar o público norte-americano mediante poupanças e empréstimos. Fetos sem defesa estão sendo assassinados, sem qualquer senso de culpa ou de remorso, aos milhões. Vastos recursos naturais estão sendo explorados a fim de satisfazer a cobiça dos homens. A AIDS está dizimando nações inteiras, na África e em outros continentes. Povos estão-se consagrando a se despedaçarem mutuamente nos Bálcãs, no Oriente Médio e no Sudeste da Ásia. Ao nosso redor vemos aqueles que vivem atolados na falta de retidão, na imoralidade sexual, na cobiça, na inveja, no homicídio e no ludíbrio; e também são odiadores de Deus, violentos, desobedientes aos pais, sem amor e incapazes de perdoar, somente para selecionar alguns poucos sinais de decadência moral e social, dentre a lista de defeitos graves, em Romanos 1.29-31.

Nada disso deveria surpreender-nos. A história mostra-nos que, paralelamente ao aumento do poder de Deus, que antecede os reavivamentos, ocorre um correspondente aumento do pecado público nas comunidades. No Antigo Testamento, isso aconteceu antes do reavivamento sob Samuel, do reavivamento sob Davi e do reavivamento sob Ezequias, para falar em apenas alguns. Presidentes ou reis mentem. Os congressos ou corpos legislativos lançam interpretações ímpias de constituições. Os analistas sociais proclamam que estamos entrando em uma era pós-cristã. Tudo isso seria avassalador se também não soubéssemos que, terminado o julgamento divino, Deus derramará o seu grande poder!

A GRANDE COLHEITA

Estamos testificando, pelo mundo inteiro, aquilo que, por qualquer padrão de aquilatação, é o maior recolhimento de almas desde os dias de Jesus. Embora ninguém possa fornecer dados estatísticos exatos, aqueles que estão bem informados a respeito da China dizem-nos que talvez trinta e cinco mil pessoas *por dia* estão-se convertendo, enquanto que na década de 1980, essa taxa

era de vinte mil pessoas por dia. E isso em uma nação onde toda forma de coação foi usada, pelo espaço de quarenta anos, para varrer do país o cristianismo. Na África, ao sul do deserto do Saara, calcula-se que entre vinte mil a trinta mil pessoas se estão voltando para Cristo todos os dias. Certa denominação efetua convenções anuais da Páscoa na África do Sul, atraindo cerca de dois milhões de crentes cada vez.

Alguém já calculou que na América Latina quatrocentas pessoas estão nascendo do alto a cada hora, vinte e quatro horas por dia. Na Guatemala, atualmente, mais de 30% da população consiste em evangélicos, e foi eleito, como presidente do país, um evangélico dedicado. Uma igreja evangélica que se reúne em um teatro, no centro de Buenos Aires, na Argentina, atualmente dirige cultos vinte e três horas por dia, sete dias por semana. O teatro é fechado da meia-noite à uma da madrugada, para efeito de limpeza. O papa tem ficado tão alarmado com o número crescente de evangélicos nascidos do alto, na América Latina, que ele já apertou o botão de pânico, tendo ordenado que isso seja estancado de qualquer maneira.

A queda da Cortina de Ferro produziu um fenômeno histórico na Europa Oriental. Nunca antes um número tão grande de pessoas mudou de povos tão teimosamente resistentes ao evangelho a acolhedores entusiastas do evangelho, em tão breve período de tempo. Um amigo meu, que não é conhecido particularmente como um evangelista, visitou recentemente uma pequena cidade da Ucrânia, onde ninguém era crente. Ao chegar, pediram-lhe que falasse no estádio local de hockey a fim de explicar o cristianismo ao povo. As pessoas estavam tão famintas de ouvir o evangelho que acabou havendo duas brigas, a primeira por causa de assentos vazios, e então por Novos Testamentos em russo, que estavam sendo distribuídos gratuitamente.

Ele pregou a mensagem da salvação, por meio de um intérprete, e fez o convite. Todas as quatro mil pessoas presentes puseram-se de pé para aceitar a Jesus Cristo. Pensando que eles não tivessem sido sinceros, ou não tivessem compreendido, ele repetiu o convite, com idêntico resultado. Então, um amigo russo disse-lhe que aquelas pessoas tinham falado realmente sério. Algumas delas tinham deixado suas fazendas em um momento crucial, no período de colheita, a fim de se fazerem presentes à pregação. Eles tinham decidido que queriam ser crentes, antes

mesmo de chegarem, e só precisavam saber como uma pessoa se torna um crente!

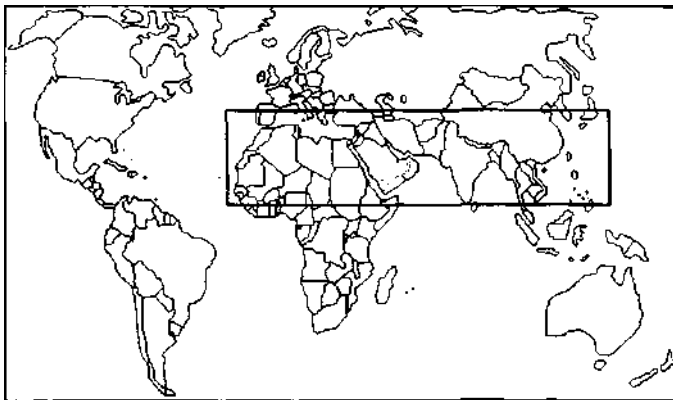
Tenho recebido tantos relatórios que contêm dramas similares, de igual magnitude, que já perdi a conta deles.

Empurrando o Diabo Para Trás

Ninguém jamais descobriu tão bem o que está acontecendo do que o fez George Otis Jr., em seu notável volume, *The Last of the Giants*. Se tendemos por sentir-nos desencorajados sobre a propagação mundial do evangelho, teremos apenas de dar uma espiada global acerca da propagação do evangelho, durante os últimos dois mil anos.

Disse Otis: "Nos dias da Igreja primitiva, a estratégia missionária era relativamente simples. *Todas* as terras ainda não tinham sido evangelizadas, *todos* os povos ainda não tinham sido alcançados." Durante os próximos mil e novecentos anos, a maré ficou subindo e descendo, mas o resultado líquido foi um avanço, primeiramente por todo o império romano, então por toda a Europa e as Américas e a Austrália. E acrescentou Otis: "Até esse ponto, da perspectiva satânica, as coisas não estavam tão ruins assim... o cristianismo continuava razoavelmente contido."

Novamente, da perspectiva de Satanás, entretanto, "o que *não* era esperado, e sem dúvida menos ainda acolhido, houve a desastrosa erupção da evangelização global do século XX". Em resultado disso, "para grande lamentação do inimigo, as fronteiras do mundo não-evangelizado encolheram com tanta energia que, atualmente, 75% da população do mundo têm uma razoável oportunidade de ouvir o evangelho."



"A JANELA 10/40"

O atual estado de coisas, em consonância com Otis, é que os exércitos de Deus "agora cercaram as fortalezas finais da serpente — as nações e os principados espirituais da chamada Janela 10/40. A tarefa que resta ser feita é, sem dúvida alguma, a fase mais desafiadora da batalha, em que as hostes de Lúcifer têm de enfrentar uma comunidade de crentes cujos recursos espirituais — se forem devidamente motivados, submetidos e unificados — são verdadeiramente tremendos."¹

Jesus Disse: Orai!

Jesus fez uma declaração muito significativa e bem conhecida a respeito da colheita: "Na verdade, a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos" (Mt 9.37, V. R.). Essa situação serve de lugar comum entre os agricultores. O período, durante todo o ciclo das atividades agrícolas, em que os trabalhadores mostram ser mais necessários é por ocasião da colheita. Conforme os agricultores sabem bem, se não houver um número suficiente de trabalhadores, por ocasião da sega, passar-se-á o tempo certo da colheita e a safra inteira será perdida.

Mas Jesus estava fazendo uma aplicação evangelística, referindo-se às multidões, as quais, sem Deus, assemelham-se a ovelhas que não têm pastor. Tal colheita está entre as nossas mãos

hoje em dia — multidões sem Deus que estão prontas para acolher o evangelho. Mas os obreiros são poucos demais.

Que nos convém fazer, por conseguinte? Há muitas formas de ação que precisam ser tomadas; mas a primeira delas a ser mencionada por Jesus foi que *orássemos*. Disse o Senhor: "Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara" (Mt 9.38, V. R.). As implicações contidas nessa injunção parecem claras para nós, nestes nossos dias. Suponhamos que resolvamos que não oraremos? É óbvio, então, que grande parte da colheita haverá de perder-se. Isso faz-me lembrar de novo daquilo que disse Jack Hayford: "Se não o fizermos, ele não o quererá." Em algum sentido teológico, como também prático, o desejo de Deus de que todos sejam salvos será cumprido ou não, tudo dependendo das nossas orações.

EVANGELIZAÇÃO É GUERRA ESPIRITUAL

A meta principal da evangelização do mundo, na década de 1990, poderia ser a chamada Janela 10/40; mas, honestamente, a maioria de nós sente maior responsabilidade por nossa própria comunidade, em nossa terra. Embora desejemos envolver-nos em missões mundiais, e que alguns de nós abrir-se-iam para o chamamento pessoal de Deus para nos atirmos a missões transculturais, não é aí que estamos vivendo no momento. Se eu olhar para cima e para baixo, no próprio quarteirão onde resido, verei muitas ovelhas sem pastor. Como poderiam essas ovelhas ser ganhas para Cristo?

O meio ambiente pode ser diferente, mas os princípios são os mesmos. Por que Jesus diria que a nossa primeira responsabilidade para penetrar em nossas comunidades com o evangelho consiste em orar? E que ele sabia aquilo que muitos de nós tendem por ignorar: a evangelização, tanto na Janela 10/40 quanto no meu quarteirão, é uma *guerra espiritual*.

Se não tivermos idéias claras a esse respeito, precisaremos apenas pensar de volta sobre a conversão do apóstolo Paulo. Conhecido então como Saulo de Tarso, ele foi um dos mais ferozes e temidos inimigos do cristianismo. Contudo, a caminho de Damasco, onde ele se dispunha a perseguir os cristãos, Saulo

converteu-se de forma dramática, mediante um aparecimento pessoal de Jesus. Não somente ele nasceu de novo, mas também Jesus chamou-o para a evangelização do mundo, ao mesmo tempo. E ele deu a Paulo instruções claras.

Quando Paulo, em obediência ao Senhor, chegava a alguma nação, naturalmente encontrava ali uma população formada por incrédulos. A descrição da tarefa que Deus lhe dera foi específica. Cabia-lhe convertê-los "das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus" (At 26.18, V. A.). O que talvez Paulo não soubesse, naquela ocasião, mas que mais tarde aprendeu mediante a própria experiência, foi que quando Satanás dispõe de incrédulos debaixo de seu controle, ele não desiste deles sem luta. É a isso que agora chamamos de guerra espiritual.

Nossa Arma Principal É a Oração

Quando afirmo que Paulo posteriormente aprendeu isso, penso naquilo que ele escreveu aos crentes de Efeso: "...porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Ef 6.12).

Temos aí uma das principais passagens do Novo Testamento, acerca da guerra espiritual.

Uma boa parcela daquilo que Paulo escreveu aqui é uma descrição do armamento e das defesas que Deus deixou conosco, para atacarmos o inimigo nessa guerra espiritual. Gosto da maneira como o erudito do Novo Testamento Clinton E. Arnold explicou essa passagem. Ele salientou que, embora para Paulo a guerra espiritual fosse tanto defensiva quanto ofensiva, "ela é mais ativa do que reativa."² Conforme Arnold parafraseou Paulo: "A ação agressiva primária para a qual o crente foi chamado neste mundo é propagar o evangelho."³

Tendo isso sido dito, qual é a arma principal da guerra espiritual de que necessitamos quando passamos para a evangelização de nossa comunidade? Oração! Disse Arnold: "Se Paulo quisesse sumariar a maneira primária de obtermos acesso

ao poder de Deus, a fim de efetuarmos uma guerra espiritual bem-sucedida, sem a menor sombra de dúvida afirmaria que essa maneira seria a oração. Nessa passagem sobre a guerra espiritual, à oração empresta-se muito maior proeminência do que a qualquer de outros implementos."⁴

Agora talvez tenha ficado um pouco mais claro por que Jesus diria que, quando nos achamos em meio a uma grande colheita, contando apenas com alguns poucos obreiros, deveríamos orar. Sem uma arma tão poderosa como a oração, não poderíamos esperar arrancar pessoas do poder de Satanás, ao qual Paulo chamou de "o deus deste século" (2 Co 4.4), conduzindo-os à fé em Jesus Cristo. Sem a oração ficaríamos virtualmente impotentes ao tentarmos evangelizar a nossa própria cidade ou a Janela 10/40.

* * *

Sem uma arma tão poderosa como é a oração, não poderíamos esperar arrancar pessoas do poder de Satanás... conduzindo-as à fé em Jesus Cristo.

* * *

ORAÇÃO DE GUERRA

Uma vez que entendamos por qual motivo a oração é tão importante, se quisermos alcançar a nossa comunidade secular para Cristo, precisaremos, então, decidir que tipo de oração usaremos. Conforme já mencionei, muitos tipos de oração são utilizados na Bíblia. Todos eles são importantes, e cada qual é apropriado sob certas circunstâncias.

O tipo de oração mais indicado para o evangelismo que visa a conquistar incrédulos das trevas para a luz e do poder de Satanás para Deus é a oração de guerra. Esse tipo de oração também tornou-se conhecido como "amarrar o valente". Outro livro desta série *Guerreiros da Oração*, intitulado *Oração de Guerra* (Bompastor), entra com grandes detalhes nessa questão. Por esta altura, simplesmente precisamos mostrar-nos claros acerca do que a Bíblia entende por "amarrar o valente".

Um grande marco ocorreu no ministério terreno de Jesus quando Pedro, falando por todos os discípulos, declarou: "Tu és o

Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16, V. R.). Em resposta a isso, Jesus, pela primeira vez, disse por qual motivo tinha vindo a este mundo: "Edificarei a minha igreja..." (Mt 16.18). Edificar a igreja, como é evidente, é uma afirmação de natureza evangelística.

E, então, Jesus acrescentou: "... e as portas do inferno não prevalecerão contra ela." Temos aqui um fortíssimo indício da guerra espiritual que estava esperando por qualquer um que estivesse tentando entrar na luta da edificação da Igreja. Satanás não tenciona que essa tentativa seja feita sem qualquer oposição. Mas Satanás não será capaz de parar o avanço do evangelho, porquanto Jesus disse: "E eu te darei as chaves do reino dos céus" (Mt 16.19). O Reino de Deus avançará, se essas chaves forem usadas.

Em que consistem, porém, essas chaves?

Asseverou Jesus: "E tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus" (Mt 16.19). Ligar (ou amarrar), pois, tem uma significação evangelística. Agora os discípulos estavam começando a entender melhor o que Jesus quis dizer, quando afirmou anteriormente: "Ou, como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens, se primeiro não *amarrar* o valente? e então lhe saqueará a casa" (Mt 12.29, V. R.; a ênfase é minha).

Tirando a Armadura e Dividindo os Despojos

O mais claro ensino de Jesus sobre o valente acha-se no capítulo onze de Lucas. Essa é uma passagem sobre demônios, e começa em Lucas 11.14. Jesus estava expelindo um demônio de um homem mudo. Quando o demônio partiu, o homem falou pela primeira vez.

Os fariseus estavam observando essa dramática demonstração de poder sobrenatural; e, então, perguntaram uns dos outros: "Como é que ele faz isso?" A partir do pressuposto deles, a conclusão a que chegaram lhes parecia lógica, pois disseram: "Ele expulsa os demônios por Belzebu, príncipe dos demônios" (Lc 11.15). Notemos que eles escalaram o nível da guerra.

Em *Oração de Guerra* distingui entre guerra espiritual ao nível do solo, guerra espiritual ao nível do ocultismo e guerra espiritual em nível estratégico. Jesus começou a sua luta ao nível do solo, ao expulsar um demônio comum. Mas os fariseus escalaram a guerra, ao mencionarem Belzebu, uma das principais potestades malignas. Portanto, o resto dessa passagem aborda a guerra espiritual em nível estratégico, o tipo que requer oração de guerra.

Jesus, como é natural, negou que ele expulsasse os demônios pelo poder de Belzebu. Antes, fazia-o pelo "dedo de Deus" (Lc 11.20), o que, conforme veremos na passagem paralela, de Mateus 12.28, significa "o Espírito de Deus". A fonte do poder de Deus era o reino da luz, e não o reino das trevas.

Isso posto, Jesus usou aquela oportunidade para ministrar algumas importantes lições. Disse ele: "Quando o valente guarda, armado, a sua própria casa, em segurança está tudo quanto tem" (Lc 11.21). Como é patente, nesse contexto, o "valente" refere-se a Belzebu, ou algum outro principado de alta patente. E quais seriam os "bens" que os principados e poderes das trevas guardam tão ciosamente? Sem dúvida há muitos desses bens; mas nenhum deles é mais valioso para eles do que as almas perdidas. Enquanto a armadura do valente estiver intacta, ele conservará os perdidos onde quiser conservá-los.

Quando, todavia, chega alguém "mais valente" do que ele, ou conforme Mateus disse, quando alguém o "amarra", então esse mais valente, "vencendo-o, tira-lhe toda a sua armadura em que confiava e reparte os seus despojos" (Lc 11.22). E o que desfecha essa guerra espiritual, capaz de amarrar principados e potestades? Conforme aprendemos no capítulo seis da epístola aos Efésios, o que desfecha essa guerra espiritual é a oração, e, mais especificamente, a oração de guerra.

Em suma, amarrar o valente é usar as chaves do reino dos céus, de tal modo que os portões do hades não mais obstruam a edificação da Igreja de Cristo neste mundo. Por intermédio da oração de guerra, podemos livrar almas perdidas, convertendo-as "das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus" (At 26.18, V. A.).

Também devemos conservar em mente que amarrar o valente, por si mesmo, ainda não é o ato de evangelizar. Somente o

evangelho de Jesus Cristo é o poder de Deus para a salvação, conforme Paulo esclareceu, em Romanos 1.16. Pregamos a Cristo, e este crucificado. Mas existem multidões, em nosso mundo, e mesmo em nossas comunidades seculares, que, se as coisas não forem alteradas, nunca serão capazes de ouvir o evangelho de Cristo e tomar uma decisão de aceitá-lo ou de rejeitá-lo. Acredito que a oração de guerra, dirigida pelo Espírito Santo, pode alterar as coisas e ajudar a remover a venda que o deus deste século colocou sobre os olhos dos perdidos.

ORANDO EM FAVOR DA COMUNIDADE

Como podemos desfechar, hoje em dia, orações significativas em favor de nossas comunidades? Deus está respondendo a essa indagação de maneiras notáveis, provendo-nos os meios para orarmos, como nunca pudemos fazer antes.

Os crentes oram por suas comunidades de duas maneiras básicas:

- Orações na igreja local, efetuadas somente pelos membros daquela igreja.
- Crentes de muitas igrejas locais que orem juntos por sua comunidade secular.

* * *

Aquilo que os espíritos territoriais mais temem é a unidade dos pastores, e, por meio deles, a unidade do Corpo de Cristo.
--

* * *

Se quiséssemos analisar a vida de oração da maioria das igrejas locais de nossos dias, encontraríamos bem poucas orações abertas e explícitas pela comunidade ao redor delas. Muitas igrejas oram pelas pessoas perdidas, em suas respectivas comunidades, mas não oram muito por sua comunidade como um todo. Isso deve-se em parte ao fato que as necessidades da congregação são tão grandes que elas mesmas precisam de muita e intensa oração.

E quando, no passado, tentaram orar por sua comunidade, não viram muitos resultados.

Uma das razões para isso é que a autoridade de uma igreja local isolada não é muito grande sobre a comunidade como um todo. Quanto mais estamos aprendendo sobre "conquistar nossas cidades para Deus",⁵ conforme diria John Dawson, tanto mais vamos compreendendo o sentido literal da oração de Jesus, no décimo sétimo capítulo do evangelho de João: "... para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste" (v. 21). Sem a unidade visível e prática do Corpo místico de Cristo, em uma dada cidade, poucas respostas poderão ser esperadas, até mesmo para as orações mais fervorosas.

A unidade necessária, em uma cidade qualquer, para que haja uma guerra espiritual eficaz, deve começar pela unidade entre os pastores e principais líderes evangélicos. Os pastores das igrejas locais são os guardiões das portas da cidade, e, como tal, eles possuem autoridade divina. Ao que tudo parece, Satanás sabe muito melhor do que a maioria dos pastores que "unidos, permaneceremos; divididos, cairemos" (John Dickinson, 1768). Em cidade após cidade, Satanás tem conseguido manter os pastores divididos, tendo assim podido manter a autoridade de qualquer "valente" que ele tenha designado para aquela cidade. Por boas razões, pois, aquilo que esses espíritos territoriais mais temem é a unidade dos pastores, e, por meio deles, a unidade do Corpo de Cristo.

Concerts of Prayer International

Um dos primeiros a reconhecer a falta de oração unida e que começou a dar passos para alterar essa situação foi David Bryant, fundador da Concerts of Prayer International. Durante toda a década de 1980, meu amigo, David, levantou-se até ao topo, por toda a América do Norte, como principal promotor da oração unida por toda uma cidade. Embora relativamente poucos líderes estivessem falando sobre isso, na época, o zelo de Bryant nunca amainou.

Bryant foi profundamente inspirado pela liderança de Jonathan Edwards no Primeiro Grande Despertamento da América do Norte, bem como pelo livro escrito por Edwards a fim de preparar os crentes para ele: *An Humble Attempt to Promote Explicit Agreement and Visible Union of God's People in Extraordinary Prayer of the Revival of Religion and the Advancement of Christ's Kingdom on Earth*. Bryant considera que esse título bastante longo é uma definição de "concertos de oração".⁶

Ao desenvolver os concertos de oração, Bryant estava tentando combinar os pontos positivos dos dois tipos de grupos que ele havia observado: aqueles que oravam pelo reavivamento na igreja e aqueles que oravam pela extensão do Reino de Deus. Ele reconheceu que a oração interior precisa ser equilibrada com a oração externa em favor das comunidades e do mundo.

A visão de Jonathan Edwards da "união visível do povo de Deus" é vista como um ingrediente-chave nos concertos de oração. Disse Bryant: "Um concerto de oração provê uma expressão visível da unidade no Corpo de Cristo". Ele vê essa modalidade de oração como uma reação positiva à oração de Cristo no capítulo dezessete de João, e então ajuntou: "Através da intercessão comunitária somos novamente forjados em Cristo uns aos outros e à missão de Cristo no mundo."⁷

Agora, que os concertos de oração se estão multiplicando pelas cidades dos Estados Unidos da América e do Canadá, vemos avanços significativos na união dos crentes em orações por suas respectivas comunidades. Novamente, quanto maior tem sido o número de pastores locais que têm captado a visão dos concertos de oração e de personalidades que têm participado, mais poderosos têm sido esses concertos de oração.

Picos de Oração

Talvez através da compreensão da necessidade de que os pastores assumam a liderança, produzindo a unidade do Corpo místico de Cristo em uma cidade, Joe Aldrich lançou os picos de oração, que ele definiu como "conferências cujo propósito é produzir a renovação e a unidade entre os pastores e outros liderei; eclesiais".⁸

Começando no noroeste do país, onde Aldrich serve como presidente da Multnomah School of the Bible, em Portland, estado do Oregon, ele e aqueles que ele está treinando têm conduzido picos de oração em cidade após cidade. Os resultados, que se têm tornado quase previsíveis, são deveras notáveis. Para mim, isso parece ser um exemplo de um concerto que está desfrutando de uma poderosa un-ção divina, quanto aos tipos de coisas que Deus está desejando realizar entre os líderes espirituais ou guardiões de nossas cidades, em nossos dias.

Os picos de oração têm um grande potencial para iniciar o processo de mudanças radicais na atmosfera espiritual de nossas cidades. De fato, o subtítulo do livro de Aldrich, *Prayer Summits*, é: *Seeking God's Agenda for Your Community*. Uma característica ímpar de um pico de oração é que os pastores reúnem-se em um ambiente de retiro por quatro dias, sem qualquer tipo de agenda própria. Não há oradores pré-determinados e nem programa diário de qualquer espécie. Usualmente terminam entoando de setenta e cinco a cem cânticos e hinos por dia, oram juntos, dão ouvidos a Deus, lêem as Escrituras e recebem qualquer coisa que o Espírito Santo lhes queira conferir. Um dos ministérios normais do Espírito Santo é um profundo arrependimento e a atitude de perdão. Os líderes vão sendo continuamente cimentados uns aos outros, para qualquer coisa que Deus queira para as suas comunidades.

Os pastores que freqüentam um desses picos de oração são encorajados a efetuar assembléias solenes em suas igrejas. As assembléias solenes são "assembléias especialmente convocadas para tratar das atitudes de desobediência e pecado na congregação de alguma igreja local."⁹

Após um desses picos de oração e de diversas assembléias solenes, os pastores de Portland, Oregon, resolveram cancelar seus cultos de domingo à noite, no santuário, a fim de se reunirem no Coliseu de Portland, no início do ano de 1992. Cerca de treze mil e quinhentas pessoas, provenientes de todas as igrejas e tradições, fizeram-se presentes para aquilo que veio a ser descrito como "A melhor reunião em família que Portland já teve". Dale German, um pastor da Igreja do Nazareno, relatou: "A celebração não sofreu solução de continuidade. Juntos cantamos, oramos e batemos palmas para Deus. Todos nós compartilhamos da carga. Todos nós sentimos a opressão espiritual que se sentia em Portland e no

noroeste do país. Todos nós queremos que a cidade de Portland seja abalada para Deus, em favor da retidão."¹⁰

Alertas de Oração de Uma Cidade Inteira

Embora o método ainda não tenha sido largamente testado, enquanto escrevo este livro, um dos mais promissores conceitos de oração unida em favor de toda uma cidade tem emergido da parte de Avery Willis, da Junta de Escolas Dominicais dos Batistas do Sul. Sob os auspícios da A. D. 2000 United Prayer Track, ele está desenvolvendo materiais que ajudam a organizar grupos de oração, compostos por membros das igrejas, que, em uma cidade selecionada qualquer, forneçam um cobertor de orações vinte e quatro horas por dia, em favor daquela comunidade secular.

Cada grupo de oração compromete-se a orar pelo espaço de uma hora por semana, o que significa que um total de cento e sessenta e oito desses grupos são necessários para cobrir cada cidade. O propósito disso é simples: Quando cada grupo está prestes a concluir sua hora de oração, telefona para o grupo seguinte, a fim de garantir que a corrente não se interrompa. Isso tem a potencialidade para vincular o Corpo de Cristo em uma cidade por uma semana sim e outra não, em um esforço comunitário de oração sem precedentes, até onde estou informado. Juntamente com os concertos de oração e dos picos de oração, esse método pode pavimentar o caminho para mudanças permanentes na atmosfera espiritual de uma cidade.

ORANDO NA COMUNIDADE

Na década de 1990, Deus tem feito vir à tona um conceito que, pelo menos para mim, é revigoradoramente novo. Alguns poucos crentes o vêm praticando faz algum tempo, mas agora Deus está mostrando, a todo o Corpo de Cristo, como se deve orar *na comunidade*.

Concertos de oração, picos de oração, alertas de oração por uma cidade e muitas outras atividades similares têm por finalidade

promover orações *em favor* das cidades. Faço parte de um movimento chamado "Ame Los Angeles". Os pastores reúnem-se três vezes por ano, das 7h às 10h da manhã para efeito de uma oração unida, na Igreja Presbiteriana de Hollywood, e, então, uma noite por ano, na parte sul central de Los Angeles, no Crenshaw Christian Center, para onde são convidados todos os membros de igreja. Fazem-se presentes de quatrocentos a mil e duzentos pastores, e até cerca de oito mil leigos, que chegam a fim de orar. No Ame Los Angeles, oramos *em favor* da nossa cidade.

Durante algum tempo, tenho sentido em meu espírito que Deus estava procurando mostrar-nos algo novo. Não que o que era antigo fosse ruim, ou que o que era antigo deveria ser descontinuado. Bem pelo contrário, as nossas orações, em favor das necessidades das cidades, têm-se multiplicado em sua frequência e intensidade. Não se trata nem de ou/ou e nem de ambos/e. Concordo com aquilo que ouvi ser dito por David Bryant, durante a Conferência Norte-Americana sobre Oração em Nível Estratégico, em 1993: "A oração em nível estratégico nunca deve ser efetuada à parte da oração unida pelo reavivamento, *porque* na mesma proporção em que Deus vencer a batalha, pelo lado de dentro da Igreja, removendo dali as fortalezas espirituais, nessa mesma proporção prevalecerão, finalmente, todas as demais orações em favor da Janela 10/40."

Derrubando as Muralhas

Aliar-me à oração pedindo reavivamento é algo tão importante para mim que não me esquecerei tão cedo de uma conferência sobre o crescimento eclesial, efetuada na Segunda Igreja Batista de Houston, no Texas, a que estive presente na primavera de 1992, onde ouvi Jack Graham, pastor da Igreja Batista de Prestonwood, em Dallas, o qual verbalizou exatamente o que senti que Deus me estava mostrando:

O reavivamento virá quando derrubarmos as muralhas entre a igreja e a comunidade.

Senti-me profundamente despertado no meu espírito quando ouvi essas palavras. Para mim, tanto quanto para o Corpo místico de Cristo como um todo, essa palavra tornou-se uma palavra

profética. Grande parte daquilo que Deus deseja fazer em nossas cidades, nesta década de 1990, acontecerá se obedecermos a essa palavra; e, por outra parte, muito daquilo que Deus deseja fazer não acontecerá, se deixarmos de obedecer.

Aprecio a maneira como Jack Graham colocou a questão: "*O reavivamento virá...*" Um reavivamento só pode vir, pois não o produzimos e nem o geramos. Deus envia um reavivamento por meio do seu Santo Espírito.

Todavia, há uma condição: "*quando derrubarmos as muralhas entre a igreja e a comunidade.*" Deus não derrubará sozinho essas muralhas. Ele poderia fazê-lo por intermédio de seu poder soberano, mas resolveu que não faria assim. Imagino que uma das razões disso é que não foi ele quem levantou essas muralhas, antes de qualquer outra razão. A nós compete derrubá-las.

Dentre todas as igrejas locais de todas as denominações de Londres, na Inglaterra, aquela que produziu o impacto mais mensurável sobre a sua comunidade imediata é o Kensington Temple, de acordo com um estudo recente feito pela MARC Europe. O pastor Wynne Lewis revelou que, no ano de 1982, havia vinte e seis cavernas de bruxas localizadas dentro do raio de um quilômetro em redor da igreja. Elas tinham unificado as suas forças e haviam declarado: "Vamos fechar o Kensington Temple."

Ouvindo isso, uma mulher de Uganda, que era membro da congregação, abordou o pastor Lewis, com um ar de indignação e desdém no rosto e disse: "Quem são essas bruxas que querem fechar-nos? Descubra o endereço delas e entregue-as a mim!" E ela formou uma equipe de intercessores provenientes de Ghana e da Nigéria, e saiu para a comunidade, efetuando reuniões de oração de guerra, fora dos centros das bruxas. Um por um, esses centros foram sendo fechados. Aquelas mulheres crentes africanas sabiam como derrubar muralhas."

A propósito, alguns leitores observarão que este livro sobre a oração, relativa à igreja local, é o quarto da série *Guerreiros da Oração*. Quando planejei essa série, pensei que este livro deveria ser o primeiro. Mas, mês após mês, eu não conseguia iniciar este livro, embora eu já contasse com todo o material necessário. E foi então que Deus me mostrou a razão disso. Ele mostrou-me, à sua maneira, que eu estava trabalhando à base de somente metade das premissas apropriadas. Minha idéia era preparar um livro sobre a

oração na igreja local, parte do qual versaria sobre a oração *em favor da comunidade*. A metade que faltava, conforme Deus me mostrou, era a oração fora das quatro paredes do templo, ou seja, *na comunidade*. Os últimos quatro capítulos deste livro, pois, formam o que anteriormente era a metade que faltava.

TANTO O QUERER COMO O EFETUAR

Não somente Deus nos disse para passarmos a orar também na comunidade mas também nos deu algumas maneiras excitantes e inovadoras de fazer isso. Outrossim, essas orações são divertidas! Orações divertidas são um conceito bastante incomum. Mas acredito que Deus esteja cumprindo entre nós aquilo que Paulo escreveu aos crentes de Filipos: "Porque Deus é o que opera em vós tanto *o querer* como o efetuar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.13; a ênfase é minha).

Quatro maneiras de orar na comunidade têm vindo à superfície, como uma das principais atividades cristãs, nesta década de 1990. E mais maneiras ainda poderão vir à tona a qualquer momento. Mas eis essas quatro maneiras:

- *Marchas de Louvor*. Essas concentram-se nas cidades.
- *Caminhadas de Oração*. Essas concentram-se nas circunvizinhanças.
- *Expedições de Oração*. Essas concentram-se em regiões.
- *Jornadas de Oração*. Essas concentram-se nas fortalezas espirituais do mal.

Uma referência bíblica que sinto ser uma palavra profética em favor das orações fora de nossas igrejas, hoje em dia, é aquela de Josué 1.3, dada por Deus a Josué, quando ele se preparava para liderar o povo de Deus até o interior da Terra Prometida. Disse Deus: "Todo o lugar que pisar a planta do vosso pé vo-lo tenho dado, como eu disse a Moisés" (Js 1.3). Creio que Deus nos está tirando de dentro de nossos templos, através de nossos

concertos de oração ou de nossos picos de oração, levando-nos dali para nossas comunidades seculares, para orarmos fisicamente ali.

Na medida em que nos mostrarmos obedientes ao Senhor, estaremos nos aproximando cada vez mais do reavivamento espiritual que ele nos quer enviar.

Perguntas para refletir

1. Você concorda que a Igreja, em seu conjunto, está no limiar de um grande reavivamento espiritual? Quais são algumas das coisas que o têm levado a essa conclusão?

2. Examine de novo o mapa chamado "Janela 10/40". Diga os nomes de alguns dos países que ali se encontram e o que você acredita serem importantes necessidades de oração naqueles países.

3. Em quais sentidos é exato dizermos que o evangelismo consiste em guerra espiritual? O ato de "amarrar o valente" salva almas por si mesmo? Fale a esse respeito.

4. Discuta os benefícios dos concertos de oração e os picos de oração. Você já testou qualquer dessas duas atividades, ou ouviu relatórios de outras pessoas acerca delas? Você pensa que seria possível manter um concerto de oração regular em sua cidade? Nesse caso, comunique-se com: Concerts of Prayer International, P. O. Box 36008, Minneapolis, MN 55435. Telefone: 612-853-1740, Fax: 612-853-8474.

5. Como você verbalizaria pessoalmente a diferença crucial entre orar *pela* sua comunidade e orar *em* sua comunidade? Você concorda que o trecho de Josué 1.3 tem uma aplicação direta a nós, nos dias de hoje?

Notas

1. OTIS JR., George. *The Last of the Giants*. Grand Rapids, MI, Chosen Books, 1991. p. 143,4.

2. ARNOLD, Clinton E. *Power of Darkness*. Downers Grove, IL, Inter Varsity Press, 1992. p. 159.
3. Idem, ibidem, p. 157.
4. Idem, ibidem, p. 158.
5. DAWSON, John. *Taking Our Cities for God*. Lake Mary, FL, Creation House, 1989.
6. BRYANT, David. *How Christians Can Join Together in Concerts of Prayer for Spiritual Awakening and World Evangelization*. Ventura, CA, Regal Books. p. 13.
7. Idem, ibidem, p. 96.
8. ALDRICH, Joe. *Prayer Summits*, Portland, OR, Multnomah Press, 1992. p. 15.
9. Idem, ibidem.
10. Idem, ibidem.
11. LEWIS, Wayne. "The Supematural", *World Pentecost*, primavera de 1993, p. 5.

7. MARCHAS DE LOUVOR

Durante o outono de 1991, Dóris e eu estávamos em Nuremberg, na Alemanha. Entre outras coisas, Nuremberg foi uma das principais localizações do poder nazista de Adolfo Hitler. Era ali que Hitler passava em revista as suas tropas, e de onde também jactava-se de seu poder militar. Nuremberg foi também um dos locais da notória "noite de cristal", a 9 de novembro de 1938, que se estendeu por toda a Alemanha, quando Hitler deu início ao massacre brutal de mais de seis milhões de judeus.

A DECLARAÇÃO DE BERLIM

Eu havia sido convidado como um dos principais oradores de uma conferência sobre crescimento eclesiástico, patrocinada conjuntamente pela Sociedade de Crescimento da Igreja Alemã e

pelo Movimento de Renovação da Igreja Protestante Oficial. A primeira consistia principalmente de não-carismáticos, e o segundo, de carismáticos. Por si mesmo, isso já era notável, porquanto a Alemanha é um dos países que se tornou conhecido como uma das nações do mundo que conta com a mais alta muralha de separação entre os crentes carismáticos e os crentes tradicionais. Cerca de cinco mil deles fizeram-se presentes à conferência, e os líderes de ambos os grupos compartilharam igualmente da plataforma.

Historicamente, uma das grandes barreiras da unidade cristã na Alemanha tinha sido erigida pelos líderes do Movimento Pietista e pela Aliança Evangélica, em 1909, com o que chamaram de "A Declaração de Berlim". Essa foi uma das mais fortes declarações anticarismáticas que já foram publicadas, atribuindo as atividades dos carismáticos (ou pentecostais) a algum poder vindo "de baixo", e não do alto. E periodicamente, no decorrer dos anos, aqueles que se afirmavam pietistas vinham reafirmando a sua aderência à Declaração de Berlim. Assim, essa declaração se tornara uma verdadeira fortaleza do inimigo, para manter fragmentado o Corpo de Cristo.

Uma Marcha em Nuremberg

Pouco depois de nossa chegada, fomos informados de que os organizadores da conferência tinham planejado uma Marcha para Jesus através das ruas de Nuremberg, em um dos dias da conferência. Essa marcha deveria começar e terminar no mercado aberto onde Hitler tinha exibido a sua "noite de cristal". O dia marcado para a marcha foi um dia frio e chuvoso. Não obstante, cerca de oito mil e quinhentas pessoas apareceram, trazendo bandeiras, balões, guarda-chuvas decorados, estando todos em uma atitude jubilosa e festiva, peruas tinham sido munidas de alto-falantes, e uma plataforma havia sido erigida para a reunião de oração que haveria no fim da marcha. A marcha serpeou pelas ruas centrais da cidade de Nuremberg, por cerca de três quilômetros. Os crentes da cidade tinham vindo para cantar juntos cânticos de louvor a Deus, em uníssono. Dóris e eu juntamo-nos à marcha; Dóris foi empurrada em uma cadeira de rodas, por causa de um joelho deteriorado, que mais tarde requereu uma

substituição cirúrgica. Estávamos ambos tomados pela emoção. Nos primeiros dez minutos, não podíamos nem falar nem cantar. Estávamos chorando, sob a presença do Espírito Santo, que nos dava um vislumbre das incríveis vitórias espirituais que estavam sendo ganhas sobre as forças das trevas, no mundo invisível.

Um dos líderes da conferência aproximou-se de mim. Era evidente que ele estava sentindo o que também estávamos sentindo. Disse ele: "Resolvemos mudar o nosso programa desta noite. Precisamos afirmar arrependimento público. E também gostaríamos que você alterasse a sua mensagem e falasse sobre o arrependimento."

Naquela noite, o Espírito Santo estava operando poderosamente. Falei a respeito da profecia do cordão de três dobras que não se parte com facilidade, sobre o qual mencionei em um capítulo anterior. Falei sobre o Congresso de Lausanne, em Manilha, onde carismáticos e não-carismáticos reuniram-se sob a orientação do Espírito de Deus como duas das dobras, com vistas à evangelização do mundo. Também mostrei-me ousado o bastante para admitir o desapontamento passado por aqueles dentre nós que eram líderes do Congresso de Manilha, quando os delegados alemães protestaram publicamente que o ministério de Jack Hayford, em uma sessão plenária, era por demais carismático e ofensivo para eles, deixaram entendido que provavelmente também era algo ofensivo para Deus.

E concluí narrando um incidente ocorrido em Tóquio, no ano de 1990, onde Deus me levou a expressar arrependimento público. Na qualidade de norte-americano, humilhei-me diante de mil líderes japoneses e arrependi-me do pecado de os Estados Unidos da América terem deixado cair uma bomba atômica sobre Hiroshima e outra sobre Nagasaki, durante a Segunda Guerra Mundial. Depois daquilo, pastores japoneses tomaram o microfone e exprimiram arrependimento, profundamente emocionados, diante dos pecados cometidos pelo Japão não somente contra a América do Norte, mas também contra muitas outras nações do mundo.

Repudiando a Declaração de Berlim

Pelo tempo em que eu havia terminado de falar, o Espírito Santo havia descido poderosamente sobre os ouvintes da Conferência de Nuremberg. Muitos dos cinco mil presentes estavam chorando audivelmente. Então, o líder da facção não-carismática, Klaus Eichoff, subiu à plataforma e, usando uma magnificente combinação de eloquência e remorso, afirmou que a Declaração de Berlim estava nula e sem valor, e confessou que, ao propagarem eles aquelas idéias, tinham pecado não somente contra Deus, mas também contra os próprios ensinamentos de Martinho Lutero.

E o líder dos carismáticos, Friedrich Aschoff, respondeu ao proferir palavras apropriadas de perdão concedido e de uma expressão de contra-arrependimento, devido ao orgulho e à arrogância espirituais. A conferência recebeu larga publicidade por parte da mídia alemã, e parte da publicidade foi negativa, da parte de teólogos que continuavam afirmando a Declaração de Berlim. Para muitos, entretanto, a reunião foi uma meia-volta histórica em favor da unidade do Corpo de Cristo na Alemanha.

E por que estou contando essa história?

Na posição de observador em primeira mão, creio que um dos instrumentos-chaves visíveis que Deus usou para produzir arrependimento e unidade foi a Marcha para Jesus. O poder espiritual liberado naquela marcha de louvor, em Nuremberg, foi realmente espantoso.

A IGREJA NAS RUAS

A Marcha para Jesus teve como pioneiro Graham Kendrick, um jovem compositor de hinos e líder espiritual inglês; Roger Forster, fundador da Ichthus Christian Fellowship; Gerald Coates, fundador da Pioneer Ministries; e Lynn Green, da YWAM. Uma marcha "embrionária, improvisada", usando o vocabulário de Graham Kendrick,¹ que atravessou o notório distrito de Londres, em 1985, iniciou os sucos criativos daqueles quatro inovadores um tanto iconoclastas, que assim ficaram remoendo as suas idéias.

O que eles perceberam claramente foi coloridamente sumariado por Graham Kendrick: "Muito daquilo que acontece na Igreja prossegue por detrás de portas fechadas. A antes poderosa Igreja visível tornou-se virtualmente invisível. Tenho uma visão em que a Igreja vai-se tornando visível novamente — a 'Noiva a exhibir-se', se assim você quiser chamá-la. E chegou o tempo de a Noiva de Cristo parar de esconder-se e exhibir-se".² Essa é outra maneira de dizer que a Igreja não somente deveria orar em favor da comunidade, mas também orar na comunidade.

A primeira Marcha para Jesus foi anunciada para maio de 1987, em Londres, na Inglaterra. Os organizadores esperavam que cinco mil pessoas poderiam aparecer a fim de proclamar a sua fé. Mas quando o dia marcado começou, era um dia chuvoso e miserável, e os organizadores diminuíram em muito as suas expectativas. No entanto, um surpreendente número de quinze mil pessoas uniram-se à marcha, e os resultados mostraram ser tremendamente positivos. Eles sabiam que a vitória estava ganha.

No ano seguinte, a Marcha para Jesus, em Londres, atraiu nada menos de cinqüenta e cinco mil pessoas. Em 1989, eles resolveram descentralizar a marcha, e marchas idênticas foram organizadas em quarenta e cinco grandes cidades. Em 1990, em setecentas cidades e aldeias, no mesmo dia, por todo o Reino Unido, um número calculado em duzentas mil pessoas se puseram em marcha. Em 1991, houve um sucesso similar. Naquele ano, igualmente, Tom Pelton organizou a primeira Marcha para Jesus em uma cidade norte-americana, Austin, no Texas, onde quinze mil crentes, vindos de cento e vinte igrejas, reuniram-se em louvor público. Marchas espontâneas também foram efetuadas na Argentina, no Japão, no Zimbábue, na Guatemala, no Brasil, na Austrália, e, conforme já descrevi, em Nuremberg, na Alemanha.

Um Dia Para Mudar o Mundo

Em maio de 1992, a primeira Marcha para Jesus coordenada e internacional, inicialmente planejada para a Europa, espalhou-se para o outro lado do Atlântico, incluindo também os Estados Unidos da América. Essa foi a precursora das marchas internacionais, em junho de 1993, e, então, o que está sendo

chamado de "Um Dia Para Mudar o Mundo", que ocorrerá a 25 de junho de 1994. Essa maciça iniciativa de oração, coordenada pelo A.D. 2000 United Prayer Track, tem programado numerosos eventos de oração em larga escala, para aquela data, patrocinados por virtualmente todas as redes de oração evangélicas internacionais que existem.

Tem sido antecipado que até 30% dos crentes dedicados do mundo participarão do evento de 25 de junho de 1994, em orações sincronizadas, coordenadas, informadas, em favor de suas próprias comunidades e nações, bem como em favor dos povos que estão dentro da Janela 10/40. A locomotiva daquele dia serão as Marchas para Jesus em quase todas as capitais de quase todas as nações do mundo, incluindo muitas centenas de outras cidades. A comissão do A.D. 2000 de Seul, na Coréia, estabeleceu um alvo de dois milhões de crentes coreanos que participarão naquele dia, somente na cidade de Seul.

Se a data de 23 de maio de 1992 serve de indicador em qualquer sentido, então há uma grande esperança. Naquele dia, a Marcha para Jesus envolveu duzentas cidades, quarenta na Europa e cento e sessenta nos Estados Unidos da América e no Canadá. Mais de seiscentas mil pessoas ao todo participaram. As marchas foram todas diferentes, mas tiveram sempre o mesmo propósito.

Eis como Graham Kendrick descreveu uma das Marchas para Jesus: "Uma floresta de bandeiras levantou-se e começou a mover-se como se fosse algo vivo, bem lentamente, quando o grande cortejo iniciou caminho. Havia crianças de carrinho ou nos ombros dos adultos; pessoas incapacitadas avançavam em suas cadeiras de rodas; pessoas de todas as idades, cores e classes, de braços dados. Aqui e ali, os mais ágeis iniciavam uma dança espontânea, enquanto os músicos tentavam caminhar e tocar ao mesmo tempo. Nosso coração se emocionava quando a preocupação de todos tornou-se glorificar a Deus."³

Jesus Está Vivo e Bem

A 23 de maio de 1992, em cidade após cidade os crentes foram encorajados em sua fé e testemunho cristão, novos níveis de

unidade cristã foram atingidos e os circunstantes descobriram que a Igreja de Jesus Cristo estava viva e de boa saúde, em suas comunidades. Eis alguns dos relatórios feitos em primeira mão:

Erica Youngman, de Londres, na Inglaterra: "Uma multidão colorida de mais de quarenta e cinco mil pessoas marchou para Jesus do parque Battersea para o parque Hyde, em Londres. A atmosfera estava ainda mais alegre do que nas marchas anteriores, com crentes vindos do inteiro espectro de denominações envolvidas, incluindo muitas das igrejas das índias Ocidentais. Houve uma cobertura positiva, por parte de ambas as nossas redes de televisão nacionais — um grande irrompimento!"

Lynne Quanrud, de Tirana, na Albânia: "A marcha começou com trezentas pessoas, mas no fim já havia inchado para duas mil. As pessoas apreciaram a liberdade de serem capazes de participar da marcha, e houve um real senso de bênção dada à nação."

Tobias Gerster, de Berlim, na Alemanha: "Juntos, apesar das diferenças denominacionais, sessenta mil pessoas caminharam publicamente pelas ruas, confessando a sua fé. Sob o sol brilhante, eles marcharam por baixo do Portão de Brandemburgo, símbolo da separação em duas Alemanhas, devido à influência comunista. A marcha foi um sinal impressionante da mudança que tem havido na Alemanha."

Tom Pelton, de Austin, estado do Texas: "Um cálculo conservador de participação, neste ano, é de vinte mil pessoas. Durante seis dias, antes da marcha, fomos engolfados por chuvas torrenciais. No dia da marcha, porém, tivemos um céu azul e temperaturas amenas. Foi recebida uma oferta de vinte mil dólares, entregues à cidade de Austin para o Hospital de Crianças."

Dougie Brown, de Moscou, na Rússia: "Quinhentas pessoas deixaram o ponto de concentração, a pouco mais de três quilômetros do Kremlin, marchando com bandeiras coloridas, fitas

e pendões, proclamando a Jesus. Houve uma tremenda adoração do lado de fora do parque Gorky e mais cem pessoas juntaram-se ao grupo. Cerca de quinze pessoas foram salvas."

Garry Martin, de Mênfis, estado do Tennessee: "Nesta cidade, conhecida por sua segregação racial, um pastor branco e um pastor negro tinham trabalhado juntos como organizadores. A localização que escolheram foi um lugar onde negros tinham sido vendidos como escravos, mais de cem anos atrás. A marcha contou com 50% de negros e 50% de brancos, um poderoso testemunho público do amor de Jesus."

Zdzislaw Weyna, de Wroclaw, na Polônia: "Quatro mil e quinhentas pessoas participaram da marcha em Wroclaw, tendo entrado na cidade vindas de diferentes regiões do país. Muitos observaram a magnífica atmosfera de oração e de boa cooperação por parte dos administradores da cidade. Vi muralhas de desconfiança ruírem por terra, entre líderes e crentes das diferentes denominações. Os crentes estão agora aguardando jubilosamente pela próxima marcha."

Adicionemos a isso testemunhos similares de participantes em cento e noventa e três outras cidades, e o impacto dessas marchas de louvor público começará a tornar-se mais claro.

AS MARCHAS DE LOUVOR SÃO ORAÇÕES?

Alguns, sem dúvida, estarão indagando por que estou incluindo um capítulo sobre marchas de louvor em um livro que versa sobre a oração. Para muitos de nós, orar significa falar com Deus em nossos períodos devocionais diários, inclinar a cabeça à mesa para agradecer ou fechar os olhos enquanto o pastor lidera em oração, em algum culto na igreja. A postura apropriada para a oração é "cabeças inclinadas e olhos fechados", conforme nos temos acostumado a ouvir Billy Graham dizer.

Como, pois, poderia caminhar pelas ruas de olhos bem abertos, batendo palmas, fazendo tremular bandeiras, cantando e

dando vivas, tocando tamborins e dançando poderia ser considerado como uma oração, mesmo remotamente?

Embora seja preciso algum tempo para alguns de nós acostumarem-se com essa forma de louvor como uma oração legítima, nunca realmente duvidamos que o louvor, por si mesmo, faça parte da atividade chamada oração. Quando os discípulos pediram de Jesus que lhes ensinasse a orar, Jesus respondeu com o que chamamos de oração do Pai-nosso. Esse modelo de oração começa com estas palavras: "Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome" (Mt 6.9). Sim, honrar, adorar e louvar a Deus é orar.

Há uma distinção técnica entre adorar e louvar; mas não estamos pressionando rigidamente aqui essa distinção. A adoração é a expressão de nosso profundo amor e devoção a Deus. O louvor é a expressão que dirigimos a Deus, a nós mesmos e ao mundo em geral a grandeza, a majestade, o poder e a glória de Deus. Na linguagem diária, entretanto, adoração e louvor são termos usados com considerável justaposição quanto ao seu significado. Em nossos períodos de adoração também louvamos, e em nossos períodos de louvor também adoramos. "Santificado seja o teu nome" é expressão que pode ser ampliada para incluir ambas as atividades.

Como esse louvor e adoração são expressos, em um dado tempo e lugar, é uma questão de forma, e não de substância. Quando acontece alguma coisa boa, podemos dizer: "Louvado seja o Senhor!" Podemos começar os nossos cultos, na igreja, pedindo que alguém lidere a congregação em uma "oração de louvor". Para aumentar o nível de ruído, podemos todos pôr-nos de pé e juntar-nos ao coro e ao órgão, entoando o hino "Santo, Santo, Santo".

Diferentes igrejas fazem isso de diferentes maneiras. Algumas delas dizem: "Vamos dar as mãos a Jesus!" e a resposta é um aplauso uníssono e barulhento, incluindo vivas e até assobios. Algumas pessoas louvam de mãos abaixadas e outras, de mãos erguidas. Algumas empregam longos períodos em cânticos de adoração, usando hinos contemporâneos. Outras cantam menos, usando hinos mais tradicionais e olhando para coros e solistas para que se ocupem de grande parte de seus cânticos de louvor, em lugar da congregação.

O PODER DO LOUVOR

Sem importar a sua forma, o louvor agrada a Deus, levando-nos a nos aproximarmos dele (veja Sl 100.4) e libera grande poder espiritual (veja 2 Cr 5.13, 14; 20.21-27; At 16.25, 26). Com frequência, não reconhecemos que o louvor, por si mesmo, pode ser uma arma de guerra espiritual, a fim de debilitar a influência dos poderes do mal, abrindo o caminho para Deus ser glorificado.

Lembro-me de Mel Tari que narrou um incidente durante o reavivamento da Indonésia de 1965-1970, quando ele e sua equipe foram chamados para ministrar em um funeral em Timor. Quando eles chegaram, o cadáver jazia fazia já dois dias; não havia sido embalsamado e o mau cheiro da morte era forte. Mas o povo, no funeral, acreditava que Deus ressuscitaria o homem dos mortos, e pediram que Mel Tari orasse.

Em vez de uma oração de petição, Tari preferiu uma oração de louvor. Ele pediu que o seu grupo formasse um círculo em torno do cadáver e entoasse um hino de louvor a Deus. Quando nada aconteceu, entoaram de novo o hino. Quando cantavam o hino pela sexta vez, alguns artelhos começaram a mexer-se. Na sétima vez, o homem abriu os olhos. E, na oitava vez, ele se levantou e andou! Como é óbvio, alguma coisa de extraordinário tinha acontecido nos lugares celestiais para que aquele homem se tornasse um Lázaro dos nossos dias e vencesse a morte. Naquela ocasião, o meio humano que Deus usou para manifestar a sua glória foi o louvor.

UM ENCONTRO DE PODER EM YAP

Um amigo, Sam Sasser, servia como missionário das Assembléias de Deus nas ilhas do Pacífico Sul. Quando ele aterrissou em Yap (um grupo de quatro pequenas ilhas), aproximou-se do chefe e pediu permissão para pregar o evangelho ao seu povo. O astuto chefe disse que consideraria a possibilidade, mas primeiro Sam teria de passar por alguns testes. Os testes acabaram sendo jogos tipo atlético com os homens de Yap, e Sam saiu-se bem. O chefe ficou obviamente impressionado, pelo que

Sam perguntou se agora poderia pregar. "Ainda não", disse o chefe. "Há mais uma competição."

Os homens formaram um grande círculo e começaram a cantar e bater palmas, obviamente invocando o poder dos principados tribais aos quais serviam. A determinado instante, duas jovens entraram no círculo e começaram a dançar no centro do círculo. Gradualmente, bem diante dos olhos de Sam, as jovens começaram a levitar e logo estavam dançando no ar, a cerca de três metros acima do solo!

Soltando um riso sardônico, o chefe disse a Sam Sasser: "O seu Deus pode fazer isso?"

Sam replicou: "Senhor, meu Deus não está no negócio da levitação. Mas eu digo-lhe o que ele pode fazer: Ele pode fazer as jovens descerem!"

O encontro de poder estava em seguimento. Os poderes das trevas tinham desafiado, aberta e visivelmente, o poder de Deus Yahweh.

Sam Sasser colocou-se fora do círculo, ergueu suas mãos aos céus e começou um jato constante de louvores ao Rei dos reis e Senhor dos senhores. As jovens caíram no chão, tendo uma delas se machucado no tornozelo.

O admirado chefe aproximou-se de Sasser e disse: "Agora você pode pregar o evangelho. Queremos saber mais sobre o seu Deus."

Como vemos, novamente o louvor abriu o caminho.

Quando Paulo e Silas foram lançados na prisão, em Filipos, a situação parecia desesperadora. Eles estavam com os pés presos em troncos, em uma prisão subterrânea, de segurança máxima. Que fizeram os dois? "Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus, e os demais companheiros de prisão escutavam" (At 16.25, V. A.). Sim, eles entoavam louvores a Deus alto o bastante para que os outros prisioneiros os ouvissem. E, então, ocorreu um terremoto, e eles foram miraculosamente soltos; e, assim, o carcereiro e seus familiares foram salvos.

Tal como na Indonésia e em Yap, o louvor a Deus, em Filipos, liberou um poder sobrenatural incomumente dramático.

Em suma, importa reconhecermos que o louvor e a adoração são *formas de oração*. *Afirmou Cindy Jacobs: "A adoração é intercessória*. Não importa se se trata de um cântico de louvor moderno ou um hino do século XVI; ela tem o poder de quebrar as fortalezas de Satanás nos corações e nas mentes."⁴

LOUVOR NAS RUAS DAS CIDADES

As atuais marchas de louvor fornecem-nos um veículo para conduzir os nossos louvores, usando todo o seu poder espiritual, às ruas das cidades.

Marcha para Jesus é um nome novo, embora não seja um conceito inteiramente novo. No Antigo Testamento, vemos Davi conduzindo um cortejo de louvores de pessoas que entravam em Jerusalém (veja 2 Sm 6.12-17). No Novo Testamento, a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém foi um jubiloso cortejo de louvores (veja Mt 21.1-9).

Graham Kendrick, em seu livro definitivo sobre o assunto, intitulado *Public Praise*, narrou como Aldhelm, abade de Malmesbury, levou cânticos de louvor até às ruas de Wessex, na Inglaterra, em 675 D. C. João Huss saiu às ruas, na Boêmia, no século XV. João Wesley, naturalmente, também pregou nos campos abertos. Mas talvez o mais poderoso protótipo histórico tenha sido dado pelo Exército de Salvação, no século XIX, quando suas bandas de música com muito metal rebrilhante tornaram-se um espetáculo comum nas ruas da Inglaterra. Kendrick refere-se a uma notável marcha do Exército de Salvação, em 1885, que "marchou até às casas do Parlamento com uma petição com mais de três quilômetros de comprimento, contendo trezentas e quarenta e três mil assinaturas exigindo que fosse descontinuado o comércio de prostituição infantil (muito comum na época), e que a idade da maioridade fosse elevada dos treze para os dezesseis anos de idade. E eles obtiveram sucesso."⁵

Mais recentemente, o movimento de Evangelismo em Profundidade efetuou onze cruzadas nacionais, de ano inteiro, por toda a América Latina, durante a década de 1960, cada qual com múltiplas marchas de louvor. A associação evangelística de Luis Palau com freqüência organiza marchas, sendo duas das maiores a

de setecentas mil pessoas, na cidade de Guatemala, e a de quatrocentas mil pessoas, na cidade do México. A Harvest Evangelism, de Edgardo Silvos, organizou uma marcha que atraiu dezoito mil pessoas em Buenos Aires, na Argentina, no ano de 1991. Kendrick fala sobre outra dessas marchas na Índia, dirigida por Bakht Singh, e na China, dirigida por Watchman Nee.⁶

* * *

Um requisito prévio fundamental para que se conquiste uma cidade para Deus consiste na unidade substancial do povo de Deus, a começar pelos pastores.

* * *

COMPREENDENDO A MARCHA PARA JESUS

Se resolvermos levar as nossas orações até à nossa comunidade, e se um dos veículos que escolhermos para isso for a Marcha para Jesus, devemos fazer tal coisa com o máximo de excelência. Se quisermos exibir a Noiva de Cristo, convidando o público em geral para ver-nos adorando a nosso Senhor e Mestre, isso deve ser feito com elegância, com dignidade, com exuberância, com boa ordem, com prioridade cultural e com classe. Compreender o quê e o porquê da Marcha para Jesus nos ajudará a realizar precisamente isso.

O Propósito

O propósito da Marcha para Jesus é levar o Corpo místico de Cristo inteiro a entrar em acordo quanto ao louvor público a Deus.

* * *

É minha opinião pessoal que a Marcha para Jesus tem maior potencial para produzir a unidade do Corpo místico de Cristo, atravessando fronteiras denominacionais e raciais, do que qualquer outro instrumento existente hoje em dia.

* * *

Conforme eu já disse várias vezes, um requisito prévio fundamental para que se conquiste uma cidade para Deus consiste na unidade substancial do povo de Deus, a começar pelos pastores. Concertos de oração, e, particularmente, picos de oração, têm dado passos significativos nessa direção em muitas cidades. A Marcha para Jesus não serve de substituto para qualquer dessas duas iniciativas; mas a sua simplicidade a torna mais imediatamente disponível para o Corpo de Cristo inteiro, especialmente para famílias como um todo, incluindo crianças e jovens. É minha opinião pessoal que a Marcha para Jesus tem maior potencial para produzir a unidade do Corpo místico de Cristo, atravessando fronteiras denominacionais e raciais, do que qualquer outro instrumento existente hoje em dia.

Quando analisamos a influência que as marchas de louvor podem exercer sobre uma cidade, importa que nos lembremos que, em um sentido muito importante, a adoração pode ser vista como uma finalidade em si mesma, e não apenas como um meio para se atingir um fim. Graham Kendrick asseverou: "A adoração não é tanto uma arma, mas é o próprio prêmio da batalha... o Pai está procurando adoradores sobre os quais possa derramar generosamente o seu afeto, por toda a eternidade."⁷ Se adorarmos bem, e nada mais fizermos, ainda assim estaremos agradando a Deus.

Podemos esperar que as marchas de louvor nos ajudem a obter a unidade no Corpo de Cristo. Podemos esperar que os clubes de nudismo e as atividades ilegais e de vícios sejam fechados, como aconteceu após a marcha em Soho, em Londres, na Inglaterra, no ano de 1985. Todavia, precisamos chegar mais fundo do que isso. As palavras de Graham Kendrick são extremamente importantes para qualquer pessoa que esteja planejando organizar uma Marcha para Jesus, ou dela participar: "O que resulta de tudo isso? Minha resposta é simples: o Senhor recebe a adoração. Não somente isso, mas a humanidade e os anjos observam-no a receber a adoração. Não seria isso uma realização de grande significação nas ruas de uma cidade, pequena ou grande, onde ele normalmente não é honrado?" ⁸

Os Princípios

Ainda recentemente ouvi Roger Forster, um dos originadores da Marcha para Jesus, alistar dez princípios fundamentais da Marcha para Jesus, cada qual com seus subtons teológicos. Parecem cobrir o espectro inteiro, pelo que os alisto aqui:

1. *Obediência.* Estamos obedecendo ao desejo de Deus de que o seu povo torne conhecidas a sua glória e a sua majestade a todos os povos.

2. *Visibilidade da Igreja.* A Igreja é vista amiúde como irrelevante para a vida da comunidade como um todo.

3. *Unidade do Espírito.* A Igreja é vista como um único povo, a despeito de diferenças quanto a doutrinas secundárias, práticas e estilos, coisas essas que mantêm separados os vários grupos evangélicos. John Dawson afirmou: "Somos uma nação que tem trazido opróbrio ao nome do Senhor, mediante contenção e divisões no Corpo de Cristo. Não existe maneira mais imediata de anular isso do que mediante o quadro gráfico de milhares de crentes que marchem juntos, fisicamente, lado a lado".⁹

4. *Confissão, Arrependimento e Reconciliação.* Um arrependimento público, poderoso e comovente é parte característica das reuniões de oração pública que se seguem a uma marcha.

5. *Proclamação.* Essa é feita em voz alta e em uníssono.

6. *Celebração.* A atmosfera festiva de uma marcha produz intenso júbilo.

7. *Simbolismo Profético.* Atos simbólicos públicos de muitas variedades caracterizavam os líderes do Antigo Testamento, como Moisés, Josué e os profetas. A marcha de louvores pública é um exemplo contemporâneo desses atos.

8. *Reivindicação de Território.* O recado de Deus a Josué foi: "Todo o lugar que pisar a planta do vosso pé vo-lo tenho dado, como eu disse a Moisés" (Js 1.3). Forster asseverou: "Por qual razão o inimigo ficaria com esse território? Por que ele dominaria as nossas ruas e controlaria a nossa economia? Por isso, pomos o pé em um pequeno território e declaramos: 'Senhor, aqui é teu território...'"¹⁰

9. *Ousadia*. Embora a Marcha para Jesus não se destine aos tímidos, por igual modo não admite somente os dotados de coração de leão. Por meio dela, os crentes medíocres podem tornar-se ousados em favor de Cristo.

10. *Testemunho nas Dimensões Celestes*. As batalhas feridas na guerra espiritual, necessárias para a conquista de uma cidade para Deus, são ganhas através dessas marchas.

O Método

Faz-se mister apoio logístico para a Marcha para Jesus. O escritório da Marcha para Jesus, em Londres, na Inglaterra, dirigido por Graham Kendrick e seus colegas, gerencia todas as atividades internacionais. Eles contam com um apoio decisivo da parte do escritório norte-americano, em Austin, estado do Texas, dirigido por Tom e Theresa Pelton. Outras nações estão desenvolvendo os seus próprios escritórios nacionais. Cada cidade que deseje uma Marcha para Jesus poderia entrar em contato com um destes escritórios:

Fora dos Estados Unidos:

March for Jesus
P. O. Box 39
Sunbury-on-Thames
Middlesex, TW16 6PP
England.

Nos Estados Unidos:

March for Jesus
P. O. Box 3216
Austin, TX
78764 U. S. A.

Esses escritórios estão preparados para suprir as instruções necessárias para organizar uma marcha a partir do zero.

As marchas requerem uma base de liderança evangélica que cubra toda uma cidade e seja tão ampla quanto possível. Um planejamento cuidadoso se faz necessário para o ponto de partida e o ponto de chegada, com aprovação e licença obtidas da municipalidade. Uma perua equipada com sistema de som externo faz-se necessária para cada duzentos a trezentos participantes. O que é permitido ou não nessas marchas deve ficar claro na mente

de todos os participantes. Blusas de malha com dísticos ou emblemas devem ser preparadas.

Música Para Uso nas Ruas

Durante a marcha propriamente dita, todos os participantes estarão cantando, falando e bradando as mesmas frases ao mesmo tempo. Os cânticos e a liturgia para o mundo de fala inglesa são escritos a cada ano por Graham Kendrick e publicados pela Make Way Music.

O tipo de música de louvor apropriado para as ruas é diferente da música contemporânea de louvor e adoração, escrita para a adoração nos templos. Os coros de louvor e adoração que se têm tornado tão populares hoje em dia foram escritos, principalmente, em conexão com o movimento de renovação carismática, a começar pela década de 1960. Quando esses coros foram publicados pela primeira vez, eram radicais tanto quanto ao estilo musical como quanto a seu conteúdo, que apelava particularmente para a geração criada ao som da música "rock". Os coros foram escritos como "cânticos de amor a Jesus", abordando os benefícios curativos que Jesus poderia dar a pessoas magoadas, que se aproximavam dele em adoração. A ênfase dessa música de adoração era, primariamente, elevar o nível de espiritualidade daqueles que já eram crentes. Bem pouco dessa música era dirigida à comunidade fora da igreja, às pessoas perdidas que ali estavam.

Graham Kendrick fez vir à tona um tipo diferente de música contemporânea de louvor, composta especificamente tendo em mente as marchas de louvor. "Muitos dos hinos que cantamos portas a dentro não são apropriados ao ar livre, tanto quanto ao seu estilo como quanto ao seu conteúdo."

"Brilha, Jesus, Brilha" é o hino mais bem conhecido, e, algumas vezes, é o hino tema das Marchas para Jesus. Essa nova música, talvez mais do que qualquer outra coisa, tem o potencial de transformar a renovação carismática, que quase sempre tem-se mantido com seus olhos voltados para dentro de si mesma, em uma poderosa força evangelística para o Reino de Deus nestes nossos dias. Um hino como aquele que diz: "Vamos tomar esta

cidade, vamos lutar pela fé, pois seu Reino se amplia até aos limites desta cidade", olha para cima e para fora. Mas um hino cuja letra diz: "Eu te amo, Senhor, e elevo minha voz para adorarte", olha para baixo e para dentro.

Alguns estão sentindo hoje em dia que o tipo de hinos que olha para dentro e exprime amor a Jesus, como expressão de adoração, corre o perigo de ser exagerado em alguns círculos. Certo líder evangélico, que ressalta a adoração em sua igreja local, foi recentemente afetado quando sentiu que o Espírito Santo lhe dizia: "O mundo está morrendo sem Jesus, e tudo quanto a Igreja está fazendo é entoar hinos!" Talvez as Marchas para Jesus e a nova hinologia que estão criando ajudarão a fazer voltar o pêndulo, permitindo que o povo de Deus consiga derrubar algumas muralhas que existem entre a Igreja e a comunidade secular ao seu redor.

O Enfoque

É óbvio que a atual crescente popularidade das marchas de louvor poderiam ser exploradas por grupos dotados de interesses especiais para promover suas próprias causas. Os crentes que estão realmente resolvidos a abençoar as suas respectivas comunidades seculares ou países precisam resistir fortemente a isso. Com toda a razão, Graham Kendrick afirma que essa exploração poderia ser um "beijo da morte" para o movimento da Marcha para Jesus. Ele tirou proveito de sua própria experiência a fim de esboçar, com todo o cuidado, nove coisas que a Marcha para Jesus *não é*:

1. As marchas não são protestos.
2. As marchas não giram em torno de questões, mas em torno de uma Pessoa.
3. As marchas não visam à crítica nem à confrontação.
4. As marchas não são um truque de publicidade.
5. As marchas não são uma campanha evangelística.

6. As marchas não são apresentadas como um método de guerra espiritual.
7. As marchas não são uni ritual.
8. As marchas não consistem em triunfalismo.
9. As marchas não destacam personalidades.¹²

Conforme já tivemos ocasião de dizer, o enfoque da Marcha para Cristo deve ser, primária e acima de tudo, uma declaração pública, feita por crentes de todos os matizes, que Jesus Cristo é exaltado e que ele é, por direito próprio, Rei dos reis e Senhor dos senhores sobre a cidade onde a marcha tiver lugar.

O Resultado

Uma marcha para Jesus produz uma mudança na atmosfera espiritual de uma cidade.

Essa é uma declaração tão corajosa que requer qualificação imediata. Antes de mais nada, visto que estamos tratando aqui com os efeitos de uma marcha visível sobre o mundo invisível, temo-nos removido da possibilidade de mensurações totalmente objetivas. Mas assim acontece com toda a oração, conforme já salientei antes, neste livro. Somente a nossa fé em Deus e a obediência à sua Palavra podem assegurar que as suas promessas acerca da resposta estão sendo guardadas. Quando vemos mudanças tangíveis na propagação da retidão e da justiça, em nossa comunidade, bem como no número de pessoas antes perdidas que estão vindo a Cristo, então a nossa confiança se aprofunda.

A segunda qualificação tem a ver com o grau. Mudanças ocorreram no mundo invisível, mas em qual proporção? Uma armadilha em que caem muitos líderes evangélicos ingênuos é suspeitar que, por causa de uma ou duas marchas para Jesus, os espíritos territoriais que dominam uma cidade terão sido derrubados, amarrados e despachados. Esse tipo de insensatez foi o que impeliu Graham Kendrick a dizer: "Não subscrevo ao ponto de vista de que o alvo de uma marcha de louvor seja exorcizar uma

cidade ou uma instituição das influências demoníacas. Uma marcha dessas não é a cura para todos os males de uma cidade, nem serve de substituto para o testemunho diário e para a ação social."¹³ Por essa mesma razão, ele também disse, conforme já vimos, que "as marchas não são apresentadas como um método de guerra espiritual".

Com isso não queremos dizer que a guerra espiritual não seja um dos resultados de uma Marcha para Jesus. Asseverou Kendrick: "Juntarem-se os crentes em um espírito de unidade por si mesmo é um poderoso ato de guerra espiritual. Pois declara, aos poderes das trevas, que eles estão desarmados e condenados, visto que, em Cristo, nos reconciliamos e nos unimos no amor, ao pé da cruz."¹⁴

As marchas de louvor não devem ser vistas como palcos para tipos diretos de confrontação com os principados, as potestades e as fortalezas, conforme andam fazendo alguns organizadores de marchas, que descreverei mais adiante. Também há um lugar e um tempo para as confrontações diretas, mas uma Marcha para Jesus não é a ocasião apropriada para isso.

As Marchas para Jesus são uma espécie de demonstração diante dos poderes dos lugares celestiais, da qual toda a família pode participar. Mas outras formas de guerra espiritual destinam-se exclusivamente aos adultos.

Seja como for, quando participamos de uma Marcha para Jesus, ajudamos a cumprir o desejo de Deus de que "a multiforme sabedoria de Deus seja manifestada, por meio da igreja, aos principados e potestades nas regiões celestes" (Ef 3.10).

Perguntas para refletir

1. Você já participou plenamente de uma Marcha para Jesus? Nesse caso, descreva os seus sentimentos. Em caso contrário, isso soa como algo que poderia ser implementado em sua cidade?
2. Se a Marcha para Jesus, em Nuremberg, exerceu alguma influência para modificar a atitude dos crentes alemães, qual explicação teológica você poderia dar para isso? Que pode ter acontecido no mundo invisível?

3. Fale sobre o conceito de que o louvor é uma forma de oração. Poderia você dar outros exemplos do poder tangível do louvor?
4. Que quis dizer Graham Kendrick quando afirmou: "A adoração não é tanto uma arma, mas é o próprio prêmio da batalha"?
5. Reveja e discuta a lista das nove coisas que uma Marcha para Jesus *não é*. Ao mesmo tempo, pode você achar um sentido *positivo* para cada um dos itens?

Notas

1. KENDRICK, Graham et alii. *March for Jesus*. Eastbourne, Inglaterra, Kingsway Publications, 1992. p. 26.
2. JONES, George. "Graham Kendrick: Taking Worship Into the Streets", *Ministries Today*, novembro/dezembro de 1991, p. 48.
3. ROBISON, Randy & ARCHER, John. "Praise Him in the Streets", *Charisma and Christian Life*, maio de 1992, p. 22.
4. JACOBS, Cindy. *Possessing the Gates of the Enemy*. Grand Rapids, MI, Chosen Books, 1991. p. 181.
5. KENDRICK, Graham. *Public Praise*. Altamonte Springs, FL, Creation House, 1992. p. 53.
6. Idem, *ibidem*, p. 54-8.
7. Idem, *ibidem*, p. 60.
8. Idem, *ibidem*, p. 19.
9. ROBISON & ARCHER, "Praise Him in the Streets", p. 26.
10. KENDRICK et alii, *March for Jesus*, p. 149, 150.
11. Idem, *ibidem*, p. 24,5.
12. KENDRICK, *Public Praise*, p. 20-2.
13. JONES, "Graham Kendrick", p. 51.
14. KENDRICK, *Public Praise*, p. 103.

8. PASSEIOS DE ORAÇÃO

As chamadas marchas de oração giram primariamente em torno das cidades. Os passeios de oração visam primariamente os bairros. Ambos os métodos ajudam a derrubar as muralhas entre a igreja local e a sua comunidade secular.

MUDANDO-SE PARA AS RUAS

Andrés Miranda é o pastor de uma pequena Igreja de Deus em Montevidéu, no Uruguai. E também é o editor do jornal evangélico nacional do Uruguai, *El Puente*.

Ele foi convidado para ser pastor da igreja quando ela estava com vinte e cinco anos de idade e estava totalmente estagnada. A igreja tinha vinte e cinco membros quando ele aceitou o convite.

Miranda trabalhou arduamente durante o primeiro ano, e a igreja cresceu até oitenta membros. Embora ele tenha visto algum crescimento mais rápido, ele também sabia, lá no seu íntimo, que as pessoas não estavam sendo alimentadas com um sólido ensino bíblico de que tanto precisavam. Em retrospecto, ele admitiu que estava edificando a igreja demasiadamente à base de suas ambições pessoais e não à base de sólidos princípios de desenvolvimento espiritual. Então ele começou a orar a esse respeito, sondando o seu próprio coração e mantendo-se aberto para ouvir recados da parte de Deus.

Deus falou com Andrés Miranda. Deus lhe disse que deveria levar sua gente para fora das quatro paredes do templo para orar na própria comunidade. Ele sentiu que não deveriam fazer isso como um aspecto permanente da vida de sua igreja, mas deveriam fazer isso ao menos por uma vez. Aqueles crentes nunca antes tinham feito aquilo.

Resolveu ir até às ruas, em um domingo, como parte do culto regular deles. Eles começaram no auditório da igreja e se dividiram em quatro grupos, naquilo que atualmente se convencionou chamar passeios de oração. Cada grupo dirigiu-se para uma das quatro esquinas da intersecção que havia nas proximidades e orou fervorosamente por sua cidade e vizinhança. Em uma dessas

esquinas estava o templo local da variedade de espiritismo popular chamado "macumba", que alguns anos antes tinha sido exportado pelo Brasil. Aqueles crentes não oraram especialmente pelo templo espírita, procurando uma batalha espiritual, mas oraram pedindo o poder de Deus e a sua glória, para que descessem sobre aquele bairro.

Depois de terem orado por uma vez, cada grupo começou a caminhar por uma das duas ruas que se cruzavam, pelo espaço de um quarteirão, orando pelas pessoas, pelas famílias e pelas lojas, enquanto iam caminhando. Então, os quatro grupos se reagruparam, e continuaram a sua vida como lhes era costumeiro.

Reação e Purificação

Aconteceram duas coisas incomuns.

Em primeiro lugar, sem nenhuma razão aparente, o templo espírita, que vinha funcionando naquela esquina fazia anos, fechou. Visto que os crentes não estavam em contato com os espíritas, no começo não descobriram o que tinha acontecido. Mais tarde, souberam que os dirigentes espíritas do lugar tinham aberto um templo novo quase cento e sessenta quilômetros distante dali. E assim, a vizinhança pela qual eles tinham orado agora não contava mais com nenhum centro local de macumba.

Em segundo lugar, uma reação espiritual atingiu a igreja. Espíritos malignos começaram a manifestar-se na congregação, vez por outra. O pastor Miranda mostrou estar à altura das circunstâncias, pois repreendia e expulsava os demônios; mas alguns deles devem ter permanecido, porque a igreja entrou em um período de dissensão e confusão. Os membros da igreja começaram a afastar-se; e quase todos os oitenta membros com o templo resolveram mudar-se para outra igreja.

A princípio, Miranda ficou desencorajado e desanimado, mas quando o êxodo prosseguiu, tornou-se cada vez mais patente para ele que a igreja vinha abrigando sérios problemas espirituais, sobre os quais ele não tinha tomado consciência. Alguns desses problemas vinham-se arraigando fazia vinte e cinco anos; até que, finalmente, vieram à tona, tornando-se questões conhecidas por

todos. A congregação ficou reduzida, praticamente, a nada; mas foi então que Miranda percebeu que tinha testemunhado uma completa purificação — algo mais necessário em sua igreja do que ele havia imaginado.

Depois disso, as bênçãos começaram a aparecer. Poucos meses mais tarde, segundo a última notícia que recebi deles, a congregação tinha voltado a contar com cinquenta membros. Mas agora 80% desse número compõe-se de novos convertidos, algo que nunca antes tinha acontecido. E mais encorajador ainda é que muitos dos novos convertidos moram no próprio quarteirão onde a igreja está localizada. Eles providenciaram uma clínica médica para o povo das circunvizinhanças, uma creche para cuidar de crianças durante o dia e a distribuição de quebra-jejuns gratuitos para as crianças pobres. Agora acreditam firmemente que todos os moradores daquele quarteirão converter-se-ão dentro de pouco tempo.

E a mudança? Tudo começou com um simples passeio de oração, depois que a Igreja de Deus resolveu derrubar as muralhas entre a igreja e a comunidade.

PRINCÍPIOS DOS PASSEIOS DE ORAÇÃO

Steve Hawthorne, o qual, juntamente com Graham Kendrick, acha-se no processo de escrever um livro definitivo sobre o assunto, definiu os passeios de oração como orar no local e com discernimento. "Trata-se de uma oração intercessória", disse Hawthorne, "orando no próprio local onde se espera que as nossas orações sejam respondidas."¹

A idéia de orar *no local* leva os intercessores até à comunidade em que operam. Isso ajuda a implementar um versículo tema para a década de 1990: "Todo o lugar que pisar a planta do vosso pé vo-lo tenho dado, como eu disse a Moisés" (Js 1.3). A idéia de caminhar leva-nos ao contato mais íntimo com aqueles que residem em uma comunidade, pela qual estejamos orando. Esse ato de andar, como é claro, não precisa ser um movimento perpétuo. Uma vez que tenhamos andado pela nossa comunidade, poderemos estacar, sentar-nos ou mesmo deitar-nos na grama, enquanto oramos. Hawthorne explicou: "Não são apenas

os pés que se ativam — pois com os pés vai o resto de nossa pessoa: corpo, alma, mente e espírito. Onde você escolher pôr o seu corpo, seu espírito também poderá funcionar com toda a sua força."²

Orar com *discernimento* traz à nossa atenção uma das mais promissoras das mais recentes inovações do atual movimento de oração: O terceiro volume desta série, chamada *Guerreiros da Oração*, ou seja, *Derrubando as Fortalezas em Sua Cidade*, versa precisamente sobre esse assunto. Estamos aprendendo que orações que tenham um alvo mostram-se mais eficazes do que orações vagas e dispersivas, quando estamos intercedendo por uma cidade ou vizinhança.

Esse discernimento pode ser adquirido pesquisando-se os aspectos históricos e físicos de uma cidade ou bairro, como também da simples observação das coisas, enquanto estamos caminhando pela região. Ajuntemos a isso o discernimento espiritual, o ato de ouvir diretamente, da parte de Deus, sobre o que devemos orar. Assim, os que oram passeando podem começar a orar com um considerável grau de exatidão.

O mapeamento espiritual, por si mesmo, não se faz mister como preparação para uma Marcha para Jesus, exceto a fim de determinar, com inteligência, a rota do cortejo, sobretudo o ponto de partida e o ponto de chegada. Entretanto, visto que as marchas de louvor usualmente não sejam designadas para uma guerra espiritual franca e intencional, o mapeamento é uma questão de prioridade secundária.

Esse mapeamento, contudo, torna-se útil para passeios de oração mais avançados, embora o mapeamento espiritual sob hipótese alguma deva ser considerado como um requisito prévio para que se comecem passeios de oração. Mais adiante, neste capítulo, explicarei como John Huffman desenvolveu uma forma simplificada de mapeamento simplificado, tendo em vista, especificamente, os passeios de oração.

Quando nos movemos para as expedições de oração e para as jornadas de oração, então, sim, o mapeamento espiritual torna-se uma parte vital do processo; discutirei mais sobre isso nos capítulos nove e dez.

QUEM PRIMEIRAMENTE PASSEOU ORANDO?

Lá nos dias antigos, em que o ato de andar era a forma principal de transporte de uma localidade para outra, muitos crentes devem ter orado, enquanto seguiam de cidade em cidade. Graham Kendrick e John Houghton acharam uma referência aos passeios de oração nos escritos de Hermas, em *O Pastor*, no ano de 180 D.C. Lê-se ali: "Enquanto, pois, eu caminhava sozinho, roguei ao Senhor que ele cumprisse as revelações e visões que ele me mostrara através de sua santa Igreja, que ele me fortalecesse e desse arrependimento aos seus servos que tivessem tropeçado, e que o seu grande e glorioso nome fosse glorificado."³

* * *

Uma excelente verdade sobre os passeios de oração é que qualquer crente pode utilizá-los. Esses crentes podem ser crentes comuns, que amam o Senhor e que crêem que Deus está chamando o seu povo, nestes dias, não somente para orarem por suas comunidades, mas também para orarem em suas comunidades.

* * *

Outras indicações de que os passeios de oração eram praticados por notáveis figuras cristãs, como Patrício, João Wycliffe, George Fox e outros, não são difíceis de achar.

A extensa pesquisa de Steve Hawthorne acerca do moderno movimento de passeios de oração não detectou qualquer pessoa ou evento que o tenha iniciado. Ele encontrou centenas de exemplos de passeios de oração sem qualquer relação entre um e outro. Bem pouca coordenação, no campo dos passeios de oração, tem sido feita em níveis locais ou nacionais. Não obstante, Hawthorne disse: "Ainda estou por encontrar um esforço de passeios de oração em boa fê, antes de meados da década de 1970."⁴ Desde aquele tempo, entretanto, as atividades próprias dos passeios de oração têm surgido como cogumelos, em muitas regiões do mundo.

GUERRA ESPIRITUAL EM NÍVEL DE COMEÇO

Uma excelente vantagem sobre os passeios de oração é que, tal como se dá com a Marcha para Jesus, qualquer pessoa pode

participar. Os participantes não precisam ser graduados em escolas bíblicas, nem ministros ordenados, nem ter mais de dezoito anos de idade, nem ser intercessores espiritualmente dotados, nem oradores eloqüentes, nem gigantes espirituais, nem crentes particularmente corajosos. Antes, podem ser crentes comuns, que amam o Senhor e que acreditam que Deus está chamando o seu povo, nestes nossos dias, para orar não somente *por* suas comunidades, mas também *em* suas comunidades. Mas precisam dedicar-se o bastante a esse ministério para que separem um tempo regular para se ocuparem em seus passeios de oração.

De modo diferente do que se dá com os que se utilizam das Marchas para Jesus, aqueles que passeiam orando não precisam organizar-se e coordenar-se, como sucede com aquelas marchas. Nenhuma permissão precisa ser obtida da prefeitura. Não se faz mister nenhum treinamento especial, ainda que, com um bom treinamento, esse ministério possa avançar para um estágio mais avançado, tornando-se assim mais eficaz.

Espiritualmente falando, os passeios de oração são relativamente seguros. Embora se trate de uma forma de guerra espiritual franca, os perigos não são tão grandes quanto outros tipos de conflito espiritual, sobretudo se forem seguidas as diretrizes de bom senso oferecidas neste capítulo. Disse Steve Hawthorne: "Ainda não encontrei casos de perdas de vidas nos passeios de oração, quando tudo é feito com sabedoria. Na proporção em que passear orando pela sua cidade é uma guerra espiritual, parece ser uma bem básica operação de guerra, e não o tipo de guerra heróica que merece ser condecorada, por assim dizer."⁵

VARIEDADES DE PASSEIOS DE ORAÇÃO

Havendo centenas de passeios de oração efetuados diariamente em muitos lugares de nosso país e pelo mundo, é óbvio que muitas variedades de passeios de oração tenham emergido. Visto que uma de nossas responsabilidades, no Movimento A.D. 2000, é coordenar as atividades de oração pelo mundo inteiro, na medida em que isso for possível, temos trabalhado arduamente na tentativa de definir certos termos. Os

quatro termos técnicos sobre os quais temos concordado atualmente são: (1) Marchas de louvor; (2) passeios de oração; (3) expedições de oração e (4) jornadas de oração. Na medida em que pudermos obter consenso sobre o significado desses termos, a comunicação dentro do Corpo de Cristo será facilitada.

No passado, os "passeios de oração" foram usados por alguns como um chamariz. Quase qualquer ministério de oração, feito nas comunidades, tem sido chamado por alguns de "passeio de oração". Esse estado de coisas é mutuamente reconhecido pelos principais líderes de oração; e, atualmente, estamos procurando não continuar usando o termo "passeios de oração" para descrever, por exemplo, aquilo que concordamos que deveria receber o nome de "expedições de oração" ou "jornadas de oração", embora essas expressões, sem dúvida, se justaponham e sejam usadas intercambiavelmente por alguns.

O principal tipo de passeios de oração, que detalharei neste capítulo, consiste em orar pelas circunvizinhanças, particularmente pelo bairro onde um crente esteja morando. Com isso, contudo, não quero dar a entender que outras maneiras de passear orando não sejam legítimas. Não há, nem deve haver, alguma forma oficial de pôr em prática os passeios de oração. Deus é um Deus de muitas variedades de ação, e ele deleita-se em liderar os seus filhos de diferentes maneiras. A regra principal consiste em seguir aquilo que o Espírito de Deus esteja querendo dizer.

Eis alguns exemplos das maneiras em que estão sendo postos em prática os passeios de oração, em nossos dias:

- Jorge Plourde é o Diretor Nacional de Orações da Confederação de Evangélicos da República Dominicana. Como parte de suas atividades interdenominacionais de oração, eles oram pelos parques públicos da capital, Santo Domingo. No terceiro sábado de cada mês, equipes de intercessores dirigem-se a cada um dos parques a fim de orarem durante três horas, das 14h às 17h. E concluem cada sessão atirando-se à guerra de oração, enquanto caminham ao redor do perímetro de cada parque.

- A capital, Santo Domingo, também é coberta por orações feitas nas esquinas das ruas. Uma equipe de cerca de quatrocentos intercessores reúne-se periodicamente, divididos em quarenta grupos de dez pessoas em cada grupo. Eles oram durante uma hora nas quatro esquinas de dez intersecções consecutivas, para cima e para baixo de alguma rua. E, então, no fim daquela hora, eles caminham por um quarteirão, na mesma direção, e cobrem as próximas dez intersecções durante mais outra hora.
- O pastor Steven Bunkoff, da Igreja Congregacional de Savannah, estado de Nova Iorque, resolveu passar um pente fino, cobrindo cada lar de sua cidade. Mas eles não distribuíram literatura nem apertaram campainhas das portas. Tudo quanto fizeram foi orar por cada casa e por aqueles que ali residiam. Um mapa grande, posto em um lugar bem visível do templo, retratava o progresso que iam fazendo. O projeto ocupou vinte e cinco semanas, e o pastor noticiou depois: "As pessoas começaram a visitar a nossa igreja, não havendo para isso qualquer explicação 'natural' — salvo o fato de que orávamos daquela maneira. Um domingo, quatro famílias de uma só rua chegaram, após uma semana de orações por eles."
- Três estudantes do curso colegial passeiam orando diariamente por seus dormitórios e por seus colegas estudantes.
- Pais passeiam orando, em volta das escolas de seus filhos.
- Certa igreja local resolveu passar toda uma sessão de Escola Dominical nas ruas, permitindo que os membros saíssem a caminhar pelas ruas em redor do templo.
- Uma enfermeira crente usa seu horário de folga para caminhar pelos corredores e enfermarias do hospital, orando pelos pacientes e pelo pessoal do hospital.

PASSEIOS DE ORAÇÃO PELO BAIRRO

Uma das principais razões para fazermos de nossos bairros o enfoque primário dos nossos passeios de oração é o conceito bíblico da territorialidade. Aqueles que realmente residem em uma área presumivelmente podem exercer maior autoridade espiritual do que podem fazer os que moram fora de\la. Isso aplica-se a nações, cidades, indústrias, grupos humanos e outras redes humanas, bem como a bairros.

Dóris e eu temos ministrado na guerra espiritual em nível estratégico internacional, e isso em cooperação com Cindy Jacobs, da Gerais de Intercessão. Ela vive sendo solicitada como consultora de iniciativas de guerra espiritual, em muitas cidades e países. Por onde quer que ela vá, ela tem o cuidado de explicar aos líderes locais a relação que há entre a territorialidade e a autoridade. Ela não permite que eles imaginem que ela, como alguém que veio de fora, tenha vindo para realizar intercessões em nível estratégico, conforme a situação possa requerer.

Ainda recentemente, estivemos com Cindy em Brasília, no Brasil, onde ela liderou um grupo de cento e cinco intercessores brasileiros maduros, em oração no local, em favor da nação. Embora Cindy tenha feito seu papel de treinadora, ela mesma não orou, porquanto não tinha ali autoridade territorial. Os brasileiros é que oraram.

Entretanto, pessoas vindas de fora podem mudar-se para um território que não lhes pertença, a fim de orarem. Conforme veremos nos próximos capítulos, as expedições de oração e as jornadas de oração são efetuadas quase sempre por pessoas que vêm de fora para algum local. Nesses casos, todavia, uma clara orientação da parte de Deus é aconselhável. Em contraste com isso, os passeios de oração que cubram a própria vizinhança ou bairro podem originar-se da resolução tomada por crentes, e não necessariamente por revelação divina. Outro tanto aplica-se aos membros de uma igreja que estejam orando em passeio pela vizinhança de uma igreja, sem importar se residem ali ou não.

TERRITORIALIDADE NA BÍBLIA

A idéia de autoridade territorial começa com Adão e Eva, no jardim do Éden. O jardim que lhes foi entregue, para que dele cuidassem, sem dúvida estava dentro de certos limites geográficos. Isso torna-se mais claro quando, após a queda no pecado, Deus "o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado", tendo postado um querubim para guardar o jardim, a fim de que Adão não pudesse voltar ali (veja Gn 3.23, 24).

O apóstolo Paulo deu a entender que sua autoridade tinha limites territoriais, ao escrever aos crentes de Corinto, porquanto ele confinaria a sua jactância ao "limite da esfera de ação que Deus nos demarcou e que se estende até vós" (2 Co 10.13, V. A.). E, um pouco mais adiante, ele escreveu: "...sem com isto nos gloriarmos de cousas já realizadas em campo alheio" (2 Co 10.16, V. A.).

Deus prometeu a seu povo que, se eles se humilhassem, orassem e buscassem a sua face, abandonando seus caminhos iníquos, ele os ouviria, perdoaria seus pecados e *sararia a sua terra* (veja 2 Cr 7.14). Ele não disse que sararia a terra dos egípcios, dos chineses ou dos astecas, mas antes a região geográfica pertencente a seu povo. Aquela era a terra sobre a qual o povo de Deus exercia autoridade inerente.

Quando os israelitas foram enviados em exílio para a Babilônia, o fato que agora eles passaram a residir ali conferiu-lhes uma certa medida de autoridade. "E procurai a paz da cidade, para onde vos fiz transportar, e orai por ela ao Senhor; porque na sua paz vós tereis paz" (Jr 29.7). Isso ajuda-nos a entender que não somente exercemos autoridade sobre os bairros onde talvez tenhamos alguma propriedade, mas também onde alugamos um apartamento, um quarto ou ensinamos em uma escola, ou pastoreamos uma igreja, ou onde algum outro meio legal estabeleça territorialidade.

Desempacotando a Bagagem de Beckett

Meu amigo, Bob Beckett, um dos líderes evangélicos no campo do mapeamento espiritual, confessa que ele ficou frustrado

e desapontado com a maneira como o seu ministério estava correndo em sua igreja e em sua comunidade, até que o Senhor impressionou fortemente, a ele mesmo e à sua esposa, Susana, com a necessidade que um pastor tem de dedicar-se territorialmente ao ministério.

Beckett declarou que se a sua cidade tivesse de experimentar livramento significativo dos principados das trevas, "alguém como eu precisaria começar a desempacotar suas sacolas de viagem, desistindo de seus sonhos de um ministério mais excitante no futuro. Pastores, líderes leigos e igrejas inteiras deveriam unir-se, assumindo responsabilidade territorial a longo termo pela região onde residem!"⁶

Quando Bob e Susana anunciaram que se estavam fixando na sua cidade de Hemet, na Califórnia, e tinham comprado lotes no cemitério, a fim de ajudar a selar o seu compromisso territorial, a comunidade começou a mudar e a igreja deles começou a crescer numericamente.

Na qualidade de crentes norte-americanos que vivem em uma sociedade dotada de grande mobilidade, é possível que não tenhamos levado muito a sério o conceito bíblico de territorialidade conforme deveríamos fazer. Mas quanto mais entendermos essa verdade, mais poderoso poderá ser o nosso ministério, em nossa circunvizinhança imediata. Acredito que, nestes nossos dias, Deus deseja levantar um verdadeiro exército de crentes comuns que vivam em bairros comuns e que tomem a sério essa questão de territorialidade. O custo maior, para quem queira ministrar em um bairro, mediante passeios de oração, é a questão tempo. Os crentes que se disponham a dar de seu tempo, dessa maneira colocar-se-ão bem em cima do fio cortante das coisas excitantes que Deus está fazendo nesta década de 1990.

Vejo duas maneiras gerais de passear orando por um bairro. A primeira maneira é fazer isso de maneira espontânea; a outra maneira é a sincronizada. Vamos examinar essas duas maneiras, uma de cada vez.

PASSEIOS ESPONTÂNEOS DE ORAÇÃO

Uma igreja local, uma família, um grupo dentro de uma família, ou mesmo qualquer círculo de crentes, pode sentir a responsabilidade de orar por sua circunvizinhança, sem qualquer supervisão dos ministros. Se outros crentes, na cidade ou no bairro, estão fazendo a mesma coisa, pouca diferença fará para esse tipo espontâneo de passeio de oração.

Brian Gregory, um ministro anglicano em Platt Bridge, Wigan, na Inglaterra, sentiu que Deus queria que a sua gente passeasse orando pelas noventa ruas dentro dos limites de sua paróquia. Ele enumerou as noventa ruas e pediu que a sua congregação orasse por duas das ruas a cada semana. Atualmente eles também estão orando pelos moradores das duas ruas designadas por semana, aos domingos pela manhã, na hora do culto. Às segundas-feiras, seguem equipes para cada lar, nas duas ruas, e distribuem um folheto com uma gravura representando Jesus e um anúncio de que, durante aquela semana, a igreja estará orando pelas pessoas daquelas ruas". E a cada quarta-feira pela manhã, a começar às 8h, uma equipe de crentes passeia percorrendo aquelas duas ruas, intercedendo pelos seus moradores.

Dias depois, eles distribuem outro folheto, dessa vez convidando o povo a apresentar os seus pedidos de oração, ou a convidar a equipe a visitar os seus lares, a fim de orarem. Depois de isso estar sendo feito por quatro anos, conforme anunciou Gregory, "os passeios de oração tornaram-se uma característica da vida da comunidade, tanto quanto a ronda policial, tendo mesmo sido mencionado pela imprensa local". E qual tem sido o resultado? "A taxa de criminalidade caiu, a atmosfera espiritual melhorou e casinhas vieram tomar o lugar das favelas. O relacionamento entre os ministros e as igrejas locais melhorou. E um número maior de pessoas está-se unindo à igreja."⁷

Queijo, Mel e Oração

Um de meus estudantes, que é porto-riquenho, fundou uma igreja entre os hispânicos, na parte oriental de Los Angeles, enquanto fazia estudos superiores. Um dia ele me disse que o

governo estava distribuindo gratuitamente queijo e mel aos residentes da área, e que a sua igreja tinha sido selecionada como um centro de distribuição. Ele só precisava prover o pessoal voluntário. Como condição para receber aqueles alimentos, cada residente precisava preencher um formulário, incluindo seu nome e endereço, bem como uma lista completa de todos quantos residiam em sua casa. Meu aluno perguntou: "Que farei com todos aqueles nomes?"

Perguntei-lhe como havia funcionado o testemunho tradicional de porta em porta, e ele respondeu que isso tinha funcionado muito inadequadamente. Era a resposta que eu já estava esperando ouvir; e assim retruquei: "Por que você não experimenta algo diferente? Por que dessa vez você não experimenta a oração?"

Sugeri que ele perguntasse quem estava disposto a participar daquela extensão para reunirem-se uma hora mais cedo para a reunião de oração às quartas-feiras à noite. Em vez de chegarem às 19h30, que chegassem às 18h30. Os que quisessem participar dividir-se-iam em equipes de três irmãos e receberiam uns tantos formulários para serem preenchidos. Cada equipe visitaria algumas poucas daquelas famílias, dizendo-lhes que pertenciam à igreja que lhes havia distribuído o queijo e o mel e que, dentro de cerca de meia hora, haveriam de reunir-se para a oração, perguntando-lhes sobre o que gostariam que a igreja orasse por eles. Cada equipe levaria uma caderneta para anotar os pedidos de oração. Na semana seguinte, as pessoas interessadas seriam novamente visitadas, para ver se as orações tinham sido respondidas e para anotar mais pedidos de oração.

Os participantes precisavam manter na mente que não se tratava de alguma visita evangelizadora. Não lhes cabia convidar as famílias para virem aos cultos da igreja. Os participantes apenas oferecer-se-iam para orar pelos que quisessem orações.

O método funcionou tão bem que o pastor ficou entusiasmado. A igreja obteve uma imagem muito positiva diante da comunidade, e em seis meses haviam crescido tanto que tiveram de procurar por novas e maiores instalações!

Começando

As possibilidades são inúmeras. Alguns de meus leitores devem estar dizendo por essa altura: "Eis alguma coisa que eu gostaria de experimentar. Como posso começar?" Eis algumas sugestões:

- Diga a seu pastor que você gostaria de começar a orar em sua vizinhança e que gostaria que ele o abençoasse e orasse por você, antes de você começar. Poucos pastores repeliriam um pedido dessa natureza. Essa bênção é mais importante do que alguns poderiam pensar, pois quando seu pastor ora por você, você recebe uma autoridade espiritual imputada, que você não receberia de outra maneira. Isso pode ser uma valiosa fonte de proteção espiritual contra possíveis ataques do inimigo.
- Forme uma equipe. Visite outros crentes de sua vizinhança para ver se Deus estaria chamando a qualquer deles para que se dediquem, junto com você, aos passeios de oração. O número mínimo de participantes deve ser três e o número máximo de seis. O plano A consiste em recrutar crentes de outras igrejas, e não de sua própria igreja. Quanto mais estiver representado o Corpo de Cristo, melhor. O plano B consiste em uma equipe formada por membros de uma mesma igreja.
- Estabeleça uma agenda, começando com um passeio de oração por semana. Que os participantes passem juntos por quinze minutos, em preparação, e, então, que passem pelas circunvizinhanças por trinta a quarenta e cinco minutos. Que os participantes formem um grupo em uma intersecção e orem, um depois do outro, pelos quatro quarteirões que formam a intersecção. Que os participantes orem com os olhos abertos por aquilo que virem com os seus olhos e também por aquilo que Deus lhes mostrar no espírito. Ao terminarem essa parte, que escolham uma das quatro ruas e caminhem lentamente por um dos lados do quarteirão e voltem pelo outro lado dele, orando enquanto andam.

Na semana seguinte, você poderia começar por uma intersecção diferente, e que os participantes não se espalhem

demais. Enquanto as semanas passam, a equipe de oração deveria tornar-se uma visão familiar para os moradores do bairro, e alguns poderão começar a perguntar o que você estaria fazendo. Esclareça e ofereça-se por orar especificamente por eles e seus familiares, ali mesmo. Se você for convidado a orar no interior de alguma casa, marque um encontro para outra ocasião, quando então você voltará para orar.

Siga essas instruções como ponto de partida; e, então, ao adquirir maior experiência, faça qualquer número de modificações que ache por bem, no tocante à frequência, ao tempo e à metodologia que você sentir que Deus está indicando. Use da imaginação.

Guerra Espiritual

Não se esqueça de que, embora os passeios de oração pela vizinhança não sejam algo particularmente perigoso, são uma forma de guerra espiritual. Certifique-se de que está em condições espirituais apropriadas, semana após semana, para atirar-se a essa tarefa. Cindy Jacobs tem um excelente conselho para dar-nos: "Antes de você iniciar os passeios de oração, é mister que você se vista espiritualmente para a batalha, tal como se vestiria de modo apropriado para outras ocasiões. Pare para orar antes de dirigir-se para a porta de saída e revista-se da armadura de Deus. Ore pedindo proteção para si mesmo, para seu lar e para seus familiares, de acordo com Salmos 91." ⁸

John Dawson, que reside em um segmento deprimido de Los Angeles, conta como ele levou seu pessoal para uma caminhada de oração pelo seu bairro. "Paramos diante de cada casa", explicou ele, "repreendemos a obra de Satanás em nome de Jesus e oramos pela revelação de Jesus na vida de cada família". E acrescentou que ainda temos de avançar muito, mas "está começando a evidenciar-se uma transformação espiritual, econômica e social".⁹

Mas um mero passeio de oração não resolveria prontamente os problemas do bairro. A família Dawson comprometeu-se territorialmente diante daquele bairro, e estão orando constantemente por ele e ministrando para os seus vizinhos.

* * *

Os passeios de oração, tal como as marchas de louvor, não substituem um evangelismo regular e um ministério social. Mas podem ajudar de maneira notável, abrindo o caminho espiritual para que outras coisas aconteçam.

* * *

PASSEIOS SINCRONIZADOS DE ORAÇÃO

Até agora, quase todos os passeios de oração têm sido espontâneos. Esse ministério e os seus resultados têm sido bons. Suponhamos, entretanto, que continuássemos agindo assim, aqui e acolá. Suponhamos que, uma vez por semana, cada quarteirão de cada rua de nossas cidades fosse coberto por uma caminhada de oração. Você acredita que no espaço de um ano haveria uma cidade diferente? Eu acredito que sim. Mas isso exigiria maior esforço, maior liderança e maior coordenação.

Meu amigo, John Huffman tem sido um pioneiro nesse tipo de passeio de oração pelos bairros, o que pode fornecer-nos alguns indícios acerca de como você poderia fazer isso em sua própria cidade. Suas experiências iniciais no campo, chamadas "Cristo para a Cidade", foram feitas em Medellín, na Colômbia.

Visto tratar-se de um esforço que envolve uma cidade toda, os pastores e os líderes evangélicos da cidade precisam unir-se no maior grau que for possível, dando apoio a esse esforço de oração. Eles precisam encorajar os membros de suas igrejas a participarem da iniciativa de oração pelas suas circunvizinhanças. Aqueles que conhecem bem a cidade deveriam traçar os limites de bairros que possam ser devidamente cobertos pelas orações. Coordenadores das vizinhanças deveriam, então, ser recrutados no maior número possível de bairros.

Orando em Prol do Evangelismo

Embora todos os passeios de oração sincronizados não precisem seguir essas normas, o plano de John Huffman é

explicitamente evangelístico. Mas a oração não pode ser encarada apenas como outro método de evangelização. A comunidade evangélica já dispõe de muitos excelentes métodos evangelísticos que estão sendo usados, havendo crentes treinados sobre como esses métodos devem ser aplicados. Disse Huffman: "A nossa idéia básica é aplicar os princípios bíblicos da guerra espiritual por meio de oração *antes* de começarmos o evangelismo." ¹⁰ Se a guerra espiritual for efetuada como deve ser, nós "amarraremos ou incapacitaremos o príncipe deste mundo por tempo longo o bastante para muitos ouvirem adequadamente o evangelho,"¹¹ e, então, poderemos aplicar a maior parte de qualquer metodologia evangelística para colher a colheita que Deus deseja conceder-nos.

A idéia geral consiste em mobilizar a maior massa possível de orações intercessórias em favor das circunvizinhanças que for possível, durante as duas semanas que antecedem a um evento evangelístico. Quanto mais definidas forem as orações, melhor, razão por que cada bairro deve ser mapeado quarteirão por quarteirão. Uma folha de papel será usada para identificar cada bloco de quarteirão. Residências, lojas, parques, escolas, terrenos vagos, edifícios de apartamentos e qualquer coisa que esteja localizado em qualquer dos quatro lados de um bloco de quarteirão. Cada edificação receberá seu número verdadeiro, o nome da família, a cor da casa e outras características identificadoras. Quando os mapas estiverem prontos, cópias serão entregues aos membros das equipes de oração e também enviadas a qualquer número de intercessores voluntários em outras partes da cidade ou da nação, bem como de outras nações que tiverem concordado em orar pelo evangelismo durante aquelas duas semanas. Um programa de orações que se poderia sugerir, para aquelas duas semanas, foi esboçado por Huffman, mas quaisquer variações que o Senhor indicar serão bem acolhidas. O programa incluirá, entre outras coisas, a preparação dos intercessores, as orações pedindo bênçãos, a guerra de oração, o jejum e a oração por grupos especiais. No local das operações, as equipes do passeio de oração percorrerão a vizinhança por pelo menos dois dias durante aquelas duas semanas, parando para fazer visitas em lugares previamente indicados, por meio de palavras que o Senhor tenha dado aos intercessores próximos e distantes.

Desvendando Uma Maldição

Em um esforço de oração de duas semanas, em Medellín, um grupo de oração de uma igreja local da Conferência Batista Geral do estado de Dakota do Norte tinha concordado em orar. Tal como muitos crentes evangélicos tradicionais, eles não eram particularmente experientes em ouvir da parte de Deus em orações de duas vias; mas acabaram ouvindo. Deus lhes disse claramente que alguma força maligna precisava ser expulsa de certo terreno vago que aparecia em um dos mapas. O recado foi tão intenso que eles enviaram a informação para a Colômbia, por meio de fax.

A equipe do bairro envolvido, na Colômbia, visitou o terreno vago e pediu ao Senhor que lhes mostrasse o que havia de errado. E ele lhes mostrou que as bruxas tinham enterrado cinco objetos de ocultismo ali, para amaldiçoar a iniciativa da Cristo para a Cidade. Eles desenterraram os objetos, destruíram-nos, quebraram a maldição e oraram pela bênção de Deus sobre a vizinhança e sobre aqueles que tinham sepultado os objetos. E muitas pessoas foram salvas.

Os Resultados

Dentro de suas possibilidades, John Huffman mantém o registro do que acontece na Cristo para a Cidade. Durante quatro anos de orações pelos bairros de Medellín que, incidentalmente, é o centro da Máfia da droga colombiana, o número de igrejas evangélicas aumentou de noventa e três para cento e quarenta, e o número de crentes aumentou em 133%, ou seja, de 4434 para 10350 pessoas.

Estando em operação a Cristo para a Cidade, a equipe da Every Home for Christ também estava ativa, distribuindo literatura evangélica de forma significativa em cada lar da cidade. Essa equipe conseguiu um bom número de pessoas para se matricularem em um curso de estudos bíblicos e convidou aqueles que concluíram o curso a receberem a Cristo e, então, assinarem um cartão que afirmava que assim haviam feito. As duas atividades apoiavam-se mutuamente, embora não tivessem sido explicitamente coordenadas uma à outra.

Então emergiu disso um fato notável. Quando o pessoal da Every Home for Christ dirigiu-se à circunvizinhança que ainda não tinha recebido uma equipe que tivesse passeado orando por ela, somente 10% daqueles que tinham aceitado o estudo bíblico terminaram a série e assinaram o cartão. Mas na circunvizinhança que fora coberta pelas orações, essa proporção era de 55%, em contraste com os 10%!

Poucas dúvidas restam de que os passeios de oração possam alterar a atmosfera espiritual de um bairro qualquer, permitindo, assim, que brilhe fortemente o evangelho da glória de Cristo.

Perguntas para refletir

1. Após ter feito passeios de oração, a Igreja evangélica do Uruguai experimentou uma perda drástica de membros. Você diria que isso foi obra de Satanás ou do Espírito Santo? Por quê?
2. Um dos pontos mais radicais deste capítulo consiste no conceito da relação entre a territorialidade e a autoridade espiritual. Discuta a sua opinião a esse respeito, sobretudo no tocante à decisão de Bob e Susan Beckett em permanecer em Hemet, estado da Califórnia.
3. O que você pensa sobre a maneira como os anglicanos da Inglaterra passaram orando por noventa ruas?
4. O seu pastor já mencionou os passeios de oração à congregação? Em caso contrário, você não acha que ele deveria abrir a mente para o que é dito neste capítulo, considerando o encorajamento desse ministério na comunidade?
5. Orar não é a mesma coisa que evangelizar. Mas fale sobre o papel desempenhado pela oração na evangelização de Medellín, na Colômbia, sob a supervisão da Cristo para a Cidade.

Notas

1. HAWTHORNE, Steve. "Prayerwalking", *Body Life*, dezembro de 1992, p. 1.

2. Idem, ibidem, p. 6.
3. KENDRICK, Graham & HOUGHTON, John. *Prayerwalking*. Eastbourne, Inglaterra, Kingsway Publications, 1990. p. 24.
4. HAWTHORNE, "Prayerwalking", p. 1.
5. Idem, ibidem, p. 6.
6. BECKETT, Bob. "Steps Toward Community Deliverance", *Breaking Strongholds in Your City*. C. Peter Wagner, editor. Ventura, CA, Regal Books, 1993. p. 163.
7. KENDRICK & HOUGHTON, *Prayerwalking*, p. 35.
8. JACOBS, Cindy. *Possessing the Gates of the Enemy*. Grand Rapids, MI, Chosen Books, 191. p. 219.
9. DAWSON, John. *Taking Our Cities for God*. Lake Mary, FL, Creation House, 1989. p. 28,9.
10. HUFFMAN, John C. *Christ for the City Manual of Participatory Prayer*. Christ for the City, P. O. Box 52-7900, Miami, FL 33152-7900, 1992. p. 3.
11. Idem, ibidem, p. 5.

9. EXPEDIÇÕES DE ORAÇÃO

Em 1991, os suíços celebraram o sétimo século da formação de sua pátria. Em 1990, uma diaconisa suíça que tinha um poderoso ministério de intercessão ouviu a chamada de Deus para conduzir uma expedição de oração. Cumpria-lhe orar em redor das fronteiras nacionais da Suíça!

ORANDO PELAS FRONTEIRAS DA SUÍÇA

A diaconisa suíça recrutou dois associados de oração para unirem-se a ela, formando assim um núcleo de três crentes. Começaram em Lausanne e estabeleceram um curso que as levava a caminhar pelas periferias de cada uma das doze províncias suíças que margeiam as fronteiras daquela nação. Ela efetuou

seminários de intercessão nas capitais de cada uma dessas províncias, convidando pessoas das igrejas locais para juntarem-se a ela na expedição. Houve dias em que somente as três pessoas estiveram caminhando; em outros dias, esse número chegou a aumentar até cinqüenta; mas a média foi de oito pessoas a cada dia. A expedição precisou de onze dias. A cada manhã, o grupo se concentrava às 9h da manhã para as suas devoções e orações. Dependendo da natureza do terreno, ordinariamente cobriam entre catorze e dezenove quilômetros por dia. Eles caminhavam em silêncio durante meia hora, procurando sintonizar-se espiritualmente com as orientações que Deus lhes desse para as suas orações naquele dia. Enquanto caminhavam, compartilhavam uns com os outros o que sentiam que tinham ouvido da parte de Deus. Então, oravam em voz alta, enquanto caminhavam durante as próximas uma ou duas horas. Dois dos temas de oração que vieram à tona mais constantemente foram: (1) Orar para que Deus levantasse uma nova geração de crentes que não estivesse manietada pelas tradições humanas criadas durante mais de setecentos anos de história; e (2) orar para que as crianças, de alguma maneira, fossem poderosamente usadas no Reino de Deus na Suíça. Naturalmente, porém, também oraram em favor de muitas outras coisas.

CONCENTRANDO A ATENÇÃO SOBRE REGIÕES

As marchas de louvor concentram a sua atenção primariamente sobre as cidades. As caminhadas de oração, sobre os bairros. E as expedições de oração (as quais, no passado também foram chamadas de "passeios de oração"),¹ como aquela que acabamos de relatar em relação à Suíça, concentram a sua atenção primariamente sobre regiões. A equipe daquela diaconisa estava orando fora das paredes do templo de sua igreja, dessa vez em favor de toda a sua nação.

Não poderiam eles ter-se reunido em um confortável santuário de igreja, orando por sua nação, em vez de terem de subir e descer pelos íngremes Alpes? Naturalmente que sim; e Deus continuará conduzindo muitos dentre o seu povo para continuarem a fazer exatamente isso. Naqueles dias, porém, parece que ele estava chamando alguns, dentre o seu povo, para

engajarem-se em algum tipo mais público e ousado de oração. Uma palavra da parte de Deus, que tem sido mencionada com frequência é aquela de Josué 1.3: "Todo o lugar que pisar a planta do vosso pé vo-lo tenho dado, como eu disse a Moisés." Graham Kendrick e John Houghton afirmam que o grande mérito das expedições de oração é o "grande leque de orações que elas geram, quando, por muitas vezes, questões nacionais e internacionais tornam-se claras de uma maneira como as caminhadas mais curtas não conseguem aclarar".²

As expedições de oração, à semelhança dos passeios de oração, não contam com alguém que poderia ser considerado o seu fundador. O Espírito Santo tem falado a muitos líderes evangélicos, em ministérios os mais diversos e desconexos entre si, a fim de levarem suas orações até ao nível do público em geral. Previsivelmente, entre aqueles que se têm mostrado pioneiros das expedições de oração, acha-se o mesmo grupo de inovadores, em Londres, que também tem influenciado as marchas de louvor e os passeios de oração.

A visão foi dada em parte quando Deus falou a esses líderes evangélicos por meio do trecho de Isaías 35.8: "E ali haverá um alto caminho, um caminho que se chamará o caminho santo" E, logo mais adiante, esse mesmo profeta asseverou que os remidos do Senhor seguirão por esse caminho santo "com júbilo; e alegria eterna haverá sobre as suas cabeças; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido" (Is 35.10). A primeira expedição de oração foi levada a efeito, simultaneamente, por John O'Groats, na Escócia, que caminhou até Londres, na Inglaterra, tendo-se encontrado com outra dessas expedições que haviam partido de Lan's End, no sul da Inglaterra, até Londres.³

Deus também falou com eles por meio das referências geográficas existentes na passagem de Isaías 43.5, 6: "Não temas, pois, porque estou contigo; trarei a tua semente desde o oriente, e te ajuntarei desde o ocidente. Direi ao norte: Dá; e ao sul: Não retenhas; trouxe meus filhos de longe, e minhas filhas das extremidades da terra."

A TRILHA DOS INDIGNOS DO MUNDO

Gwen Shaw, fundadora da End-Time Handmaidens, bem como certo membro fundador da Spiritual Warfare Network, sentiram recentemente que Deus a estava enviando, juntamente com o marido dela, Jim, em uma expedição de oração, que seguisse as trilhas de crentes perseguidos, "dos quais o mundo não era digno" (Hb 11.38). O enfoque dela foi sobre a Europa dos antepassados dela, e Deus a impressionou profundamente com as atrocidades perpetradas sobre grupos de crentes antigos como os cátaros, os huguenotes, os luteranos, os anabatistas, os menonitas, os hutteritas, os morávios e outros. Ela sentia que alguns dos pecados cometidos contra esses grupos de antigos crentes estavam exercendo um efeito negativo sobre a atmosfera espiritual da Europa moderna.

No verão de 1992, a família Shaw foi capaz de visitar e orar em locais que tinham sido ocupados pelos cátaros, pelos huguenotes e pelos morávios. Os cátaros do sul da França, que tinham defendido algumas doutrinas que a Igreja oficial considerava inaceitáveis, foram totalmente eliminados durante o século XIII. Nada menos de cento e quarenta deles, em uma única ocasião, sem importar sua idade, foram executados nas chamas de gigantescas piras.

Gwen Shaw noticiou: "Visitamos quase todos aqueles locais e oramos, pedindo que Deus removesse a maldição de haver sido derramado sangue inocente no sul da França, rogando que Deus estendesse a sua misericórdia e enviasse um grande e misericordioso reavivamento sobre os descendentes daqueles que tinham praticado aquelas más ações."⁴

O casal passou várias horas em oração no quartel-general secreto, no deserto, para onde huguenotes perseguidos tinham fugido para escapar com vida. E fizeram a mesma coisa no antigo refúgio dos morávios, na Alemanha Oriental, onde os morávios se tinham refugiado, depois de terem sido expulsos de suas terras, no sul da Checoslováquia.

E escreveu a irmã Gwen: "Sim, seguimos a 'trilha das lágrimas', lágrimas que nossos pais e mães na fé assinalaram para nós mediante sua coragem, dedicação e amor a Deus — pessoas das quais 'o mundo não era digno'."⁵

DE LONDRES A BERLIM

A mais extensa e mais bem organizada expedição de oração acerca da qual já tomei conhecimento, até o tempo em que este livro foi escrito, foi organizada em 1992, pela equipe londrina de Roger Forster, Gerald Coates, Lynn Green e Graham Kendrick. Cobriu uma rota de quase mil e trezentos quilômetros, de Londres a Berlim, com a participação de intercessores de seis países. De acordo com diferentes pontos da rota, a equipe variou quanto ao número de pessoas, chegando até trinta em diferentes lugares. Dez participantes da equipe caminharam pelo trajeto inteiro.⁶ Com a passagem do tempo, acredito que Deus dirigirá muitas dessas expedições, algumas delas, sem dúvida, mais sofisticadas, enquanto vamos obtendo, coletivamente, maior experiência.

No momento, entretanto, a expedição Londres-Berlim pode ser considerada um protótipo. Ao assim dizer, não quero dar a entender que cada expedição de oração possa ser efetuada da mesma maneira, e, sim, que as questões levantadas e as lições aprendidas, na expedição Londres-Berlim, nos ajudarão grandemente a entendermos o conceito dessas expedições de oração.

ONDE DEVE SER LANÇADA UMA EXPEDIÇÃO DE ORAÇÃO?

As expedições de oração são um tanto mais avançadas em seu escopo e complexidade do que as marchas de oração e os passeios de oração. Aqueles que planejam essas expedições deveriam ter alguma experiência na intercessão em alto nível. Deveriam saber o que é "orar no Espírito", conforme lemos em Efésios 6.18. São questões tão importantes se devemos ou não organizar uma expedição dessas, onde ela deve ser efetuada e quando ela deve ser efetuada, que é conveniente que tenhamos recebido um mandato claro da parte de Deus. As expedições de oração poderiam ser facilmente trivializadas ou tornarem-se

rotineiras; e podemos crer que Satanás gostaria que isso chegasse a acontecer. Pois o seu império vê-se perigosamente ameaçado quando os crentes se movem em poderosa intercessão, atravessando uma região.

Deus proporcionou a visão a respeito de uma expedição Londres-Berlim, como planos para o primeiro "Dia Europeu" da Marcha para Jesus, que ocorreu a 23 de maio de 1992. Embora naquele dia devessem ocorrer marchas em quarenta cidades européias, parecia correto usar o evento como preparação do caminho para que houvesse uma expedição de trinta e um dias; por toda parte, os organizadores da Marcha para Jesus, em Berlim, estavam encontrando uma reação favorável extraordinária para o conceito de os crentes celebrarem uma Alemanha unificada, particularmente se pudessem marchar e exaltar a Deus por baixo do Portão de Brandemburgo, que servia de símbolo da divisão do país em duas Alemanhas.

Berlim, por conseguinte, parecia ser a cidade apropriada na direção da qual deveria dirigir-se a expedição. Londres era a cidade onde residiam os organizadores, onde também havia instalações e escritórios adequados para o necessário apoio logístico. Por certo, um elo espiritual lançado entre as mais proeminentes cidades do Reino Unido e da Alemanha também exerceria um papel político pan-europeu, exatamente na ocasião em que estava sendo inaugurado o Mercado Comum Europeu. Surgiu assim o consenso que Deus estava conduzindo as coisas a uma expedição de oração que ligasse Londres a Berlim.

Depois de a expedição haver sido anunciada, líderes de oração entre os evangélicos, em outros países da Europa, sentiram que também deveriam participar da expedição. Quatro expedições secundárias foram em seguida organizadas, cada uma das quais serviria de tributário da expedição de oração de Londres-Berlim, a saber:

- Uma equipe deveria caminhar, atravessando a Irlanda, desde Port Stewart a Dublin, e então fazer a conexão com a expedição de Dover, na Inglaterra.
- Outra equipe deveria caminhar a partir de Paris, juntando-se à expedição em Calais, na França.

- Uma terceira equipe deveria caminhar desde Amsterdão, reunindo-se à expedição em Maastricht, na Holanda.
- E uma quarta equipe deveria caminhar a partir de Tübingen, juntando-se à expedição em Braunschweig, na Alemanha.

LANÇANDO UMA REDE DE ORAÇÕES

Em agosto de 1992, a Women's Aglow Fellowship sentiu que Deus estava dirigindo aquelas irmãs a "lançarem uma rede de orações" por sobre os Estados Unidos da América. Jane Hansen, Bobbyie Bierly, Doris Eaker e outras líderes da Aglow desafiaram juntas religiosas evangélicas de todos os estados da união a participarem, e essas juntas aceitaram o desafio. Embora houvesse muita margem para a criatividade local, foram feitas duas sugestões gerais:

A primeira foi que cada estado deveria ser coberto por orações: de leste a oeste e de norte a sul. Alguns participantes caminharam, outros guiaram veículos, outros viajaram de avião e alguns impuseram suas mãos sobre os mapas de seus estados e oraram.

Em segundo lugar, no fim de três dias, uma equipe deveria visitar a sede do governo estadual de cada estado, orar nas escadarias da entrada e "implantar ali a Palavra", enterrando em algum ponto do terreno da sede governamental um papel escrito com estas palavras das Escrituras: "Todo o lugar que pisar a planta do vosso pé vo-lo tenho dado..." (Js 1.3).

A iniciativa foi lançada por uma vigília de oração de vinte e quatro horas, a 21 de agosto de 1992. Reuniões especiais de oração deveriam ser levadas a efeito a 24 e 25 de agosto; e, então, a 26 de agosto, seria o dia de a expedição de oração multifacetada cobrir a nação inteira. Depois de isso ter sido feito, o relatório ajuntou: "Cada um dos estados dos Estados Unidos da América foi 'reivindicado' para os propósitos de Deus, tendo sido declarado ao inimigo que esta terra pertence a Deus — Ele continua sendo o Senhor!"

PELO QUE ORAM AS EXPEDIÇÕES DE ORAÇÃO?

A expedição de oração Londres-Berlim cobriu vinte e oito segmentos da expedição em trinta e um dias. O trajeto foi cuidadosamente planejado, e o manual da expedição alistou pontos-chaves de oração para cada dia. O manual também foi distribuído entre os intercessores e equipes de oração que ficaram na sede, mas que tinham concordado em orar diariamente pelos participantes da expedição propriamente dita. Cada um dos vinte e oito segmentos daquele manual incluía estes itens:

- Uma sugestão geral de oração para a equipe, apropriada para cada dia específico.
- Itens referentes a ações de graça e louvores, incluindo trechos bíblicos, para servirem de temas de orações dirigidas a Deus.
- Um enfoque de oração referente a cada dia.
- Vários "pontos-chaves de oração".

Mapeamento da Expedição

Os pontos-chaves da oração, no manual de expedições de orações, não emergiram com facilidade. Só vieram à tona mediante um cuidadoso mapeamento espiritual. Algum mapeamento espiritual elementar é útil, mas não é um requisito prévio para as marchas de louvor e os passeios de oração. Entretanto, a eficácia de uma expedição de oração, com frequência, será determinada pela habilidade dos mapeadores espirituais que participem, conferindo diretrizes aos participantes das expedições.

Seguindo as normativas do grande mapeador espiritual de nomeada de nossos dias, George Otis, Jr., podemos descrever o mapeamento espiritual como uma tentativa qualquer de ver nossa cidade (ou outra localidade qualquer) conforme ela *realmente é*, e não como ela *parece ser*. Procuramos pôr-nos por detrás do que é visível, a fim de dirigir o invisível, positivo e negativo, que há por detrás do que é visível. Esse conceito está fundamentado sobre o conceito bíblico de uma hierarquia de principados e potestades que operam sob o comando central de Satanás, em suas tentativas de

impedir que Deus seja glorificado no mundo. (Veja Dn 10.13,20; Mt 25.41; Ef 3.10; 6.12; Cl 2.15; cf. Ap 9.11.) Na medida em que as potestades, ou espíritos territoriais, possam ser identificados e desmascarados, nossas orações por uma cidade ou bairro, ou por uma presumível região, poderão ser bem mais definidas. (Cf. Ef 6.12 e Rm 15.30; Cl 4.12.)

O mapeamento espiritual busca primeiramente descobrir o "dom remidor" de Deus acerca de uma cidade. Escreveu John Dawson: "Determinar o dom remidor de uma cidade é ainda mais importante do que discernir a natureza dos principados da maldade. Os principados governam através de uma perversão do dom de uma cidade, da mesma forma que o dom de um indivíduo é posto a serviço do inimigo por meio do pecado."⁷ Quando uma expedição de oração aproxima-se de uma dada cidade, é importante indagar: "Por que esta cidade está aqui? Se o Reino de Deus tivesse de ser inaugurado plenamente, qual contribuição ímpar esta cidade seria solicitada a fazer?"

Esse é o ponto de partida positivo no mapeamento espiritual. Mas importa, igualmente, descobrir as fortalezas de Satanás na cidade. Cindy Jacobs descreveu nove tipos diferentes de fortalezas: Fortalezas pessoais, fortalezas mentais, fortalezas ideológicas, fortalezas do ocultismo, fortalezas sociais, fortalezas entre a cidade e a Igreja, tronos de Satanás, fortalezas sectárias e fortalezas da iniquidade.⁸ A influência de Satanás sobre uma cidade pode ser debilitada se forem derrubadas as fortalezas que lhe emprestam um direito legal de perpetuar o mal em uma cidade qualquer (cf. 2 Co 2.10, 11; Ef 4.26, 27; Ap 2.9, 13), e quanto mais sabemos sobre as fortalezas, mais precisamente podemos assestar nossas orações contra elas.

O contínuo apoio a algumas das fortalezas do inimigo consiste em pecados coletivos da cidade, tanto passados quanto presentes, que ainda não foram remidos. Escrevi com maiores detalhes sobre isso em outro volume desta série, chamada *Guerreiros da Oração*.⁹ E ainda em outro volume desta série, intitulado *Derrubando as Fortalezas em Sua Cidade*, provi uma lista de sessenta perguntas (veja o capítulo nove) que podem ser úteis para que cheguemos à raiz das coisas, conforme elas *realmente* são em uma cidade. Três abordagens precisam ser tomadas: pesquisa histórica, pesquisa física e pesquisa espiritual.

Quando essas pesquisas são feitas em seu conjunto, com a ajuda de intercessores experientes e daqueles que possuem o dom espiritual de discernimento de espíritos, a informação reunida pode ser de imensa utilidade para aqueles que se estão preparando para iniciar uma expedição de oração. O mapeamento espiritual faz em favor dos intercessores o que os raios-X fazem em favor dos médicos.

* * *

O mapeamento espiritual faz em favor dos intercessores o que os raios-X fazem em favor dos médicos.

* * *

Pontos-Chave da Oração

O mapeamento espiritual preparado para indicar os "pontos-chave para oração", nos vinte e oito segmentos da expedição de oração Londres-Berlim, mostrou ser deveras impressionante. Entretanto, quando me ponho a ler esse mapeamento, não posso deixar de pensar que, talvez dentro de tão pouco tempo quanto dois anos, a partir de agora, esse mapeamento nos parecerá bastante elementar. Já houve tempo em que as máquinas de escrever eram consideradas o máximo de avanço tecnológico quanto à arte de escrever; mas não mais agora, quando estamos bem dentro da era dos processadores eletrônicos. Confio que o mapeamento espiritual, no futuro, será muito mais sofisticado do que tudo quanto conhecemos atualmente.

Que quero dizer com isso? Eis alguns dos exemplos concretos, extraídos do *Diário de Orações* da expedição de oração Londres-Berlim.

- No domingo de 26 de abril a expedição movimentou-se de Dover, na Inglaterra, para Calais, na França. Calais é a localização da famosa Catedral de Notre Dame, onde os participantes realizaram um concerto de oração, naquela noite, com crentes tanto da Inglaterra quanto da França. Em

Calais, sugeriu-se aos participantes que eles orassem visando a dois pontos:

1. Humilhação: O símbolo da cidade de Calais é uma estátua com seis burgueses (residentes locais), com cordas em torno do pescoço e cabeças pendidas. A 3 de agosto de 1342, Eduardo III, rei da Inglaterra, ordenou que seis dos homens mais proeminentes da cidade se entregassem e deixassem a cidade a fim de oferecer-lhe as chaves da cidade. Esses seis homens foram forçados a ir descalços, com cordas enroladas no pescoço.

2. Potestades poderosas: Um dragão alado domina o topo do relógio da prefeitura da cidade. Na maioria das cidades francesas há um galo, e não um dragão!

- Em uma sexta-feira, 15 de maio, o grupo viajou de Hanover a Braunschweig, na Alemanha. Como pano-de-fundo histórico, Adolfo Hitler tornou-se um cidadão alemão na cidade de Braunschweig. Sob sua orientação, a catedral mor da cidade foi tomada pelas tropas SS e passou a ser usada para instruir oficiais da elite da SS. Hitler recebeu um tremendo apoio da parte dos habitantes de Braunschweig, e isso sem qualquer objeção significativa por parte da Igreja oficial. No presente, essa cidade é a que conta com a menor taxa de frequência à igreja, em qualquer das cidades alemãs. Os crentes oraram a respeito destas três coisas:

1. Contra as forças da maçonaria.

2. Contra os espíritos de divisão que contestam cada passo dado na direção da unidade entre os crentes e suas respectivas denominações.

3. Contra os espíritos de desconfiança que Satanás usa para extinguir o fluxo do amor de Deus entre os seus filhos.

- Morsleben, Alemanha: A única localidade na Alemanha onde, até recentemente, se aceitavam rejeitos nucleares. A cidade é uma das fortalezas da morte, e é também um dos pontos de concentração de muitos neo-nazistas. Os poucos crentes que ali residem são chamados de seita e vivem seriamente enfermos.

- Erxleben, Alemanha: Orar contra o desemprego que domina a área. Cerca de metade da população produtiva está desempregada.
- Magdeburgo, Alemanha: Orar contra o espírito de morte, que é fortíssimo ali. Com frequência, as crianças e os jovens morrem de maneiras desnaturais. A Autobahn (super-estrada) é um dos lugares onde ocorre a maioria dos acidentes de trânsito, e muitas pessoas têm morrido ali.

QUEM VAI ÀS EXPEDIÇÕES DE ORAÇÃO?

E óbvio que não são todos os crentes que se sentem chamados para investir o tempo, a energia e o dinheiro necessários para participarem de uma expedição de oração. A necessidade de maturidade, dedicação e chamada divina específica é mais elevada do que no caso das marchas de louvor e dos passeios de oração. Cada equipe de expedição de oração deveria contar com um número razoável de intercessores experientes e espiritualmente dotados, e todos precisam estar acostumados a participar de orações permanentes.

Seria uma tolice lançar uma expedição de oração sem o acompanhamento de uma suficiente intercessão. Cada membro de uma equipe dessas deve recrutar intercessores que permaneçam em suas casas mas que prometam orar diariamente pela empreitada. O *Diário de Oração* da expedição de oração Londres-Berlim foi designado especificamente para ajudar os participantes em todo o seu planejamento.

O *Diário de Oração* alista os nomes de cinquenta e quatro pessoas que se comprometeram a participar da totalidade ou de parte da expedição de oração Londres-Berlim, juntamente com outras oito pessoas que agiriam como pessoal de apoio. Para envolver mais crentes, em vinte e uma das trinta noites em que durou a expedição, eles agendaram algum concerto de oração com os crentes da cidade em que tivessem chegado. Em muitas das cidades, os crentes locais ficaram muito entusiasmados, e multidões de até quatrocentos crentes acolhiam os membros da equipe, enquanto estes caminhavam.

A expedição da Women's Aglow, chamada "Casting a Net of Prayer", nos Estados Unidos, se utilizou, principalmente, de automóveis como meio de transporte. Diz o relatório: "Desde o monte Denali, no Alasca, até às praias de Nova Jérsei, foram usadas fitas amarelas atadas aos veículos, ou usadas como tiras nos braços, como símbolos do amor de Cristo circundando as mulheres enquanto elas cobriam, com "redes de oração", as suas respectivas áreas.

Tanto na Louisiana quanto na Flórida as mulheres guiaram os seus veículos ao longo da costa marítima o dia inteiro, parando mais ou menos a cada onze quilômetros a fim de orar. Na Califórnia, as equipes guiaram do leste para o oeste e do norte para o sul, atravessando todo o estado e cobrindo-o com orações. Disseram eles: "Era como amarrar uma fita a um pacote". Certa dama do estado de Virgínia guiou o seu veículo por vinte horas em três dias. Outro grupo da Virgínia alugou um avião e cobriu o estado com orações, desde a fronteira com a Carolina do Norte até à fronteira com a Virgínia Ocidental.

No Japão, Paulo K. Ariga, coordenador nacional da Spiritual Warfare Network, organizou uma expedição de oração por linha férrea. Um executivo evangélico da linha férrea ajudou-os a alugarem um trem que tinha seis vagões para passageiros, e quatrocentos dos participantes se apresentaram como voluntários para viajar juntos por seis cidades da área de Osaka, orando e louvando a Deus, dentro do trem, enquanto este avançava, e fora do trem, quando este parava em alguma cidade. Mais tarde, Ariga alugou um barco capaz de transportar mil passageiros, para uma expedição de oração de um dia, em torno do porto de Osaka.

Em 1992, David Bryant e Jeff Marks, da Concerts of Prayer, organizaram doze líderes de igrejas da Nova Inglaterra para a organização de uma expedição de oração que cobrisse cinco estados da união norte-americana. Eles viajaram por mais de mil e trezentos quilômetros em três veículos motorizados. Durante um período de setenta e oito horas, eles participaram de quatro concertos de oração e de nove reuniões de oração de pastores e líderes evangélicos. A região da Nova Inglaterra bem pode liderar o caminho na direção de um reavivamento que cubra a totalidade dos Estados Unidos da América.

A RAZÃO DAS EXPEDIÇÕES DE ORAÇÃO

A razão das expedições de oração pode ser facilmente expressa: abrir espiritualmente, para o Reino de Deus, uma dada região.

Quando oramos: "Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu" (Mt 6.10), com muita razão podemos esperar que Deus se movimente. Nesse caso, ele movimenta-se no coração de seu povo, para que usem a oração como a principal arma de guerra espiritual em campo de batalha, onde esteja sendo oferecida alguma resistência óbvia ao Reino de Deus.

Quando oramos para que venha o Reino de Deus, pelo que estamos solicitando? Respostas específicas a essa indagação tendem a variar de grupo evangélico para grupo evangélico. Mas onde o Reino de Deus realmente se manifeste e onde a sua vontade esteja sendo cumprida, podemos concordar que ali não haverá guerra, nem assassinatos, nem derramamento de sangue; ali não haverá extremos de empobrecimento, nem fome, nem miséria; ali não haverá almas perdidas; ali não haverá ganância, nem injustiça, nem exploração; ali não haverá ódio, nem preconceitos, nem discriminações; ali não haverá enfermidades, nem demonismo, nem abusos contra a pessoa humana; e ali não haverá imoralidade sexual, nem perversão, nem pornografia.

MINISTÉRIOS DO REINO

Embora eu pessoalmente deseje que *tudo* quanto faz parte do Reino de Deus venha a nós, a minha própria chamada consiste em dar atenção prioritária ao evangelismo. Tenho amigos que também acreditam no evangelismo, mas eles sentem-se chamados primariamente para cuidar dos assassinatos de bebês que ainda não nasceram. Outros envolvem-se na alimentação dos famintos, no livramento dos endemoninhados, na reconciliação entre as raças humanas ou em qualquer outra coisa que ajuda a espalhar a vontade de Deus pela sociedade.

Quando leio o livro de Bill Wylie-Kellermann, *Seasons of Faith and Conscience*, descubro que ele se preocupa mais do que outros

na tentativa de eliminar a guerra como meio de resolver as pendências humanas. Quanto a mim, nunca me senti inclinado em favor do pacifismo; mas sou bíblico o suficiente para perceber que uma das principais características do Reino de Deus é a paz, e não a violência.

Menciono isso porque, nesse seu livro, Wylie-Kellermann vê as expedições de oração como um dos principais meios para estabelecer a paz e a concórdia entre os povos. Para exemplificar, na chamada sexta-feira santa, a cada ano, trezentos crentes encetam uma expedição de oração pelas ruas de Detroit, estado de Michigan, "fazendo pausas para orar em lugares onde o sofrimento se manifesta (bairros negligenciados ou destruídos, a detenção, os locais de tiro ao alvo, etc), onde se ministra aos necessitados (lugares onde se serve sopa aos desempregados, clínicas de atendimento médico gratuito, abrigo para menores fugidos, etc.) ou lugares onde são tomadas decisões importantes (prefeitura, sede do governo do estado, tribunal, etc.)."¹⁰ Não tenho dúvidas de que aqueles que participaram da expedição de oração Londres-Berlim, ou da Aglow, das mulheres crentes, teriam escolhido alvos similares a esses para ali oferecer as suas orações.

* * *

A verdadeira batalha em prol tanto da evangelização do mundo quanto da justiça social é uma batalha espiritual, e a nossa principal arma de guerra espiritual é a oração.

* * *

Em março de 1992, uma expedição de oração foi levada a efeito nas ilhas Filipinas, a que se deu o nome de "Marcha para a Vida de 1992." Foi traçado um percurso de cento e cinquenta quilômetros que acompanhou a infame Marcha da Morte de Bataã, que prisioneiros norte-americanos e japoneses tiveram de fazer, forçados pelos japoneses, durante a Segunda Guerra Mundial. Dos setenta mil indivíduos que tiveram de fazer essa marcha, dez mil perderam a vida. Foi um pastor evangélico japonês quem propôs essa expedição de oração, e, como parte dela, os líderes japoneses arrependeram-se publicamente dos pecados cruéis cometidos pelos militares japoneses, durante a Segunda Guerra Mundial e pediram perdão em lugar deles. E cidadãos norte-americanos pediram perdão pelo holocausto causado pelo uso de bombas atômicas contra Hiroshima e Nagasaki. Pontos adicionais de oração

incluíram uma terrível dívida forçada sobre os filipinos pela construção da Planta Nuclear de Bataã, feita pela companhia norte-americana Westinghouse, durante o corrupto governo de Marcos, pela destruição causada pela erupção do vulcão Pinatubo, e pela devastação econômica causada pelas áreas que foram abandonadas pelas bases militares norte-americanas."

Conforme já pude dizer anteriormente, é fascinante ver como o Espírito de Deus está falando para o Corpo místico de Cristo em geral, nestes dias, quando estamos começando a perceber que a verdadeira batalha em prol tanto da evangelização do mundo quanto da justiça social é uma batalha espiritual, e que a nossa principal arma nessa guerra espiritual é a oração. Estamos começando a reconhecer que o verdadeiro inimigo é o diabo, e não alguns dentre os nossos semelhantes. Fiquei intrigado ao perceber que Walter Wink, em seu excelente livro, *Engaging the Powers*, discutiu sobre Peter Wagner e Bill Wylie-Kellermann no mesmo parágrafo, para dizer: "Percebo aqui uma convergência de metas que pode ter o resultado desconcertante de vincular os carismáticos, os evangélicos conservadores e os liberais da ação social, transformando-os em uma frente de enorme poder."¹²

COMO DEVEMOS ORAR?

Quatro tipos básicos de oração caracterizam as expedições de oração:

1. *Orações de Arrependimento.* Gwen Shaw arrependeu-se dos pecados de seus ancestrais por terem perseguido crentes da época deles. Crentes japoneses arrependeram-se dos pecados cometidos por suas forças militares na Marcha da Morte de Bataã. Estipulam as Escrituras: "E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face, e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra" (2 Cr 7.14). A humilhação e o arrependimento estão entre as exigências divinas para que o Senhor responda, "sarando a terra".

2. *Orações de Intercessão*. Disse o Senhor: "E busquei dentre eles um homem que estivesse tapando o muro, e estivesse na brecha perante mim, por esta terra, para que eu não a destruísse..." (Ez 22.30). Os participantes das expedições de oração sentem profunda responsabilidade para se colocarem na brecha, em favor da terra pela qual estejam atravessando. Por meio da intercessão, eles imploram que Deus lhes revele as fortalezas do inimigo, em cada lugar em que visitam, e mostre-lhes qual a sua estratégia para derrubar essas fortalezas, conforme nos é ordenado fazer, no trecho de 2 Coríntios 10.4, 5.

3. *Orações de Proclamação*. Anunciar em alta voz a glória e a majestade de Deus é, ao mesmo tempo, um privilégio e uma responsabilidade dos participantes das expedições de oração. "Entre os deuses não há semelhante a ti, Senhor, nem há obras como as tuas. Todas as nações que fizeste virão e se prostrarão diante de ti, Senhor, e glorificarão o teu nome" (Sl 86.8, 9). Com frequência, isso é feito mediante cânticos, e, ocasionalmente, brados de louvor.

4. *Orações de Bênçãos*. Os indivíduos precisam de cura. As famílias precisam de cura. Cidades e aldeias precisam de cura. Centros de poder político, econômico, militar e religioso precisam de cura. Almas perdidas precisam ser salvas. Uma grande parte das orações das expedições de oração consiste em apelos a Deus, para que ele abençoe a terra e as pessoas.

PARA ONDE NOS IREMOS DAQUI?

Se as expedições de oração realmente podem ajudar a abrir regiões para a vinda do Reino de Deus, então são enormes as possibilidades de desenvolvimento delas.

Senti-me intensamente comovido quando, ainda recentemente, conversei com Lynn Green, da YWAM, um dos grupos londrinos que dão muito apoio às expedições de oração. Ele sente uma responsabilidade especial, conforme acontece a muitos crentes hoje em dia, empenhado como está que os islâmicos sejam

abençoados por Deus por meio de Jesus Cristo. Também creio que estejamos às vésperas de ver uma enorme colheita espiritual entre os muçulmanos. Porém, se uma meia volta maciça tiver de ocorrer, só acredito que isso possa acontecer em consequência de alguma vitória espiritual cataclísmica no mundo invisível.

Afirmou Lynn Green: "Indago como ficariam as coisas se fôssemos capazes, algum dia, de mobilizar milhares de crentes que se dedicassem a fazer expedições simultâneas ao longo de cada rota das cruzadas. Essas expedições teriam começo em cada cidade e aldeia onde se originaram as cruzadas, seguiriam as rotas das cruzadas, convergiriam a Estambul e continuariam dali a caminhada, até Jerusalém. Haveria apenas um item na agenda: arrependimento sincero e público pelos pecados cometidos pelos cristãos contra os muçulmanos e os judeus". De fato, um evento inicial teve lugar em Jerusalém, em 1993.

Não haveria ausência de pecados e iniquidades pelos quais os crentes poderiam demonstrar arrependimento, contanto que fosse feito um adequado mapeamento espiritual. Ouvi falar acerca de uma cidade da Alemanha, por exemplo, onde os líderes cristãos financiaram uma cruzada confiscando os bens materiais de quinhentas famílias judias. E também é sabido que Bernardo de Clairvaux pregava como segue: "Às armas, pois! Que uma santa indignação te anime a combater, e que o clamor de Jeremias reverbere por toda a cristandade: Maldito aquele que retém a sua espada do sangue!"¹³ Quando lemos coisas assim, não mais nos admiramos por que os líderes islâmicos chamam os presidentes norte-americanos de "o grande Satanás". E também por que os dirigentes muçulmanos declaram que o cristianismo está fora dos limites para os cidadãos islâmicos.

A política internacional, as reuniões econômicas de cúpula e os ataques tipo Tempestade no Deserto não podem fazer mais do que ajustes cosméticos no *status quo*, porquanto a verdadeira batalha pelo mundo islâmico fere-se na arena invisível, acerca da qual arena as Nações Unidas nada conhecem. Mas Lynn Green e os líderes de oração, como eles, sabem muito a esse respeito, como também sabem que, *sem* arrependimento e *sem* o derramamento de sangue, não há remissão de pecado. O sangue de Jesus Cristo foi derramado, e somente um arrependimento dado pelo Espírito Santo, no tempo determinado por Deus, e em uma escala designada por Deus, começará a abrir o caminho para que o Reino

de Deus se espraie pelo mundo islâmico, conforme Deus deseja que aconteça.

Acredito pessoalmente que, se organizarmos o tipo de expedição de oração concebido por Lynn Green, o mundo islâmico poderia ser permanentemente aberto para que a bênção de Deus se derramasse sobre ele.

Perguntas para refletir

1. Pense em caminhar e orar pelo espaço de trinta dias, de Londres a Berlim. Que tipo de pessoas se atiraria a um empreendimento como esse? Você sentir-se-ia animado a fazer parte de uma aventura de fé como essa?
2. Por que você pensa que os membros da Women's Aglow Fellowship enterraram versículos bíblicos no chão das sedes de governos de estados norte-americanos? Haverá algum precedente bíblico para esses atos proféticos de oração?
3. "Mapeamento espiritual" talvez seja uma expressão nova para você. Nesse caso, aliste alguns dos benefícios dessa prática, no tocante a dirigir orações de maneira mais específica. Quanto a maiores informações sobre o mapeamento espiritual, obtenha o livro *Derrubando as Fortalezas em Sua Cidade*, desta mesma série *Guerreiros da Oração*.
4. Na maior parte das expedições de oração, oferecem-se orações de arrependimento. Releia este capítulo e veja se você poderia sublinhar quatro ou cinco exemplos específicos. Por que esse tipo de oração é tão importante?
5. Considere a proposta de Lynn Green quanto às expedições de oração que procuram contrabalançar as cruzadas. Qual é a sua opinião a respeito? Poderíamos cuidar de outras iniquidades proeminentes de maneira similar? Que dizer sobre a escravidão e o racismo?

Notas

1. Passeios de oração já foi um termo genérico que cobria o que agora distinguimos mais exatamente entre passeios ou caminhadas de oração, expedições de oração e jornadas de oração.
2. KENDRICK, Graham & HOUGHTON, John. *Prayerwalking*. Eastbourne, Inglaterra, Kingsway Publications, 1990. p. 37.
3. KENDRICK, Graham et alii, *March for Jesus*. Eastbourne, Inglaterra, Kingsway Publications, 1992. p. 56-9.
4. SHAW, Gwen. *End-Time Handmaidens Newsletter*. P. O. Box 447, Jasper, AR 72641, outubro de 1992, p. 1.
5. Idem, ibidem, p. 4.
6. Kendrick et alii, *March for Jesus*, p. 113-4.
7. DAWSON, John. *Taking Our Cities for God*. Lake Mary, FL, Creation House, 1989. p. 41.
8. JACOBS, Cindy. "Dealing with Strongholds", *Breaking Strongholds in Your City*, C. Peter Wagner, ed. Ventura, CA, Regai Books, 1993.p.71-95.
9. WAGNER, C. Peter. *Oração de Guerra*. São Paulo, Ed. Bompastor, 1993, capítulo sete, "Apagando os Pecados das Nações".
10. WYLIE-KELLERMANN, Bill. *Seasons of Faith and Conscience*. Maryknoll, NY, Orbis Books, 1991. p. xxv.
11. JOHNSON, Kathryn J. "Marching for Life in the Philippines", *The Christian Century*, 3-10 de junho de 1992, p. 573-4.
12. WINK, Walter. *Engaging the Powers*. Minneapolis, MN, Fortress Press, 1992. p. 314.
13. Citado no livro de Marvin E. Tate, "War and Peacemaking in the Old Testament", *Review and Expositor*, outono de 1982, p. 589.

10. JORNADAS DE ORAÇÃO

Haroldo Caballeros é pastor da Igreja El Shaddai, com quatro mil membros, na Cidade de Guatemala, e também é um dos

maiores líderes da Rede de Guerra Espiritual. Por algum tempo, ele experimentou o que significa orar fora das paredes da igreja e na comunidade.

A GUATEMALA NA ENCRUZILHADA

Em 1990, a Guatemala achava-se em uma encruzilhada política. As igrejas evangélicas tinham crescido rapidamente naquela nação até cerca de 30% da população tornarem-se evangélicos, a mais elevada porcentagem na América Latina. Crentes por toda a nação estavam orando pela retidão e pela justiça em sua nação, e as eleições nacionais de 1991 estavam-se aproximando.

Sucedeu que um dos candidatos à presidência da nação, Jorge Serrano Elias, era memoro ativo da Igreja El Shaddai. Naturalmente, seus irmãos e irmãs em Cristo oravam com ele, quando ele entrou na corrida das eleições. Ele já tinha competido nas eleições de 1986, quando era membro de outra igreja, e havia perdido. A Igreja El Shaddai tinha sido treinada quanto à oração em duas vias; e, mediante a oração, Deus lhes dera uma mensagem profética de que Serrano Elias seria presidente da Guatemala. Tomando a sério a palavra do Senhor, eles oraram para que a vontade de Deus tivesse cumprimento e que Serrano Elias ganhasse as eleições.

Deus estava conduzindo Haroldo Caballeros em uma guerra espiritual em alto nível. Um ou dois anos antes, a igreja havia comprado um terreno que fazia limites, na parte de trás, com um monte de lixo de seis metros de altura. Mais tarde, descobriram que aquela era uma seção de uma imagem de mais de vinte e dois quilômetros de um espírito maia, Quetzacoatl, a serpente com penas. Essa imagem tinha sido reparada nos dias pré-colombianos, e sua origem maia só chegou a ser reconhecida pelos arqueólogos na década de 1960. Haroldo Caballeros começou a liderar a congregação El Shaddai em uma guerra espiritual séria contra os espíritos que havia por detrás da serpente.

Guerra Espiritual de Âmbito Nacional

Em 1990, Caballeros começou a sentir que Deus estava chamando a sua igreja para entrar em uma guerra espiritual de âmbito nacional, para aclarar o máximo possível o caminho, antes das eleições. Ele resolveu organizar jornadas de oração como veículo dessa guerra.

A igreja recrutou sessenta e seis de seus mais bem dotados e maduros intercessores para essa jornada. Eles precisavam de três intercessores para cada um dos vinte e dois departamentos (estados) da Guatemala. Depois que os intercessores reuniram-se para receber treinamento e orarem juntos, cada equipe foi para a cidade de um dos departamentos, alojou-se em um hotel, para ali permanecer e orar enquanto fosse necessário, até sentirem que houvera um irrompimento espiritual.

Muitos resultados positivos foram a consequência dessas jornadas de oração simultâneas. Disse o governador de um desses departamentos: "As orações dessas três damas alteraram literalmente a história de meu departamento. A bênção de Deus agora nos acompanha". Esse mesmo governador também reconheceu que a história pertence aos intercessores, conforme Walter Wink costuma dizer.

Quando os intercessores voltaram à sua igreja, alguns deles traziam relatórios fascinantes. Entre outras coisas, eles haviam identificado três seres humanos poderosos que estavam sendo usados pelas forças espirituais das trevas como seus valentes. Dois deles eram candidatos presidenciais, e ambos apareciam nas prévias eleitorais à frente de Jorge Serrano Elias. De fato, Serrano Elias estava tão atrás dos outros, na ocasião, que poucos estavam levando a sério a sua candidatura. Por muitas vezes a imprensa e seu país nem chegaram a incluí-lo na lista dos candidatos em potencial.

Os Três Valentes

O primeiro candidato era um dos magnatas das drogas que contava com muitos interesses investidos em apoio à sua

candidatura. Os intercessores oraram para que a sua campanha não prosperasse. Pouco depois da jornada de oração, ele efetuou uma reunião com seus mais chegados apoiadores, quase todos eles brandiam armas. Como medida de precaução, todos os presentes tiveram de deixar suas armas de fogo sobre uma mesa que havia na sala, enquanto se processava a sessão. Mas uma mulher, que estava arrumando as armas sobre a mesa, deixou cair uma delas, por puro acidente, a qual disparou, e a bala feriu seriamente o candidato à presidência do país. Seus familiares tiveram de levá-lo às pressas de avião até Houston, no Texas, onde ele foi submetido a uma cirurgia. Posteriormente, ele recuperou a plena saúde. Nesse ínterim, porém, ele precisou desistir da corrida eleitoral!

O segundo candidato era o prefeito da capital do departamento onde os intercessores crentes estavam orando. No espaço de uma semana, depois da jornada de oração realizada pela igreja, o prefeito foi detido pela polícia como traficante de drogas. Os policiais descobriram uma vasta quantidade de drogas, muitos dólares norte-americanos e um armazém cheio de carros roubados. Quando isso se tornou conhecido, os membros de seu partido ficaram tão indignados que votaram em Serrano Elias, não tanto por favorecerem este último, mas porque queriam a derrota de seu ex-candidato.

O terceiro valente, identificado pelos participantes da jornada de oração, não era traficante de drogas, mas era um líder que promovia a violência. A Igreja El Shaddai também orava contra os espíritos da violência, que controlavam esse candidato.

O resultado foi que Jorge Serrano Elias foi eleito presidente por um recorde de 67% dos votos, logo no primeiro turno, uma daquelas raras vezes em que não foi preciso instituir eleições de segundo turno, em uma campanha da qual participaram vários partidos políticos.

* * *

As jornadas de oração giram primariamente em torno das fortalezas espirituais. Uma fortaleza é um conjunto de circunstâncias, no contexto da vida humana, que fornece aos principados e potestades demoníacos uma base legal sobre a qual podem estabelecer um centro de operações.

* * *

Enquanto redijo, o novo presidente da Guatemala, juntamente com o vice-presidente, que também é crente, reúnem-se duas vezes por ano para um encontro de oração, das 9h às 14h, com mil e oitocentos a dois mil pastores da Guatemala. E ele diz que ainda há uma longa caminhada antes que a retidão e a justiça, pelas quais estão orando, venha a caracterizar plenamente a nação; mas eles todos sentem que passos importantes já foram dados nessa direção.

AS JORNADAS DE ORAÇÃO GIRAM EM TORNO DAS FORTALEZAS ESPIRITUAIS

As marchas de louvor giram em torno de cidades, os passeios de oração giram em torno dos bairros e as expedições de oração giram em torno de regiões; mas as jornadas de oração giram primariamente em torno das fortalezas espirituais.

Uma fortaleza é um conjunto de circunstâncias, no contexto da vida humana, que fornece aos principados e potestades demoníacos uma base legal sobre a qual podem estabelecer um centro de operações. Cindy Jacobs definiu uma dessas fortalezas como "um lugar fortificado que Satanás edifica para exaltar a si mesmo contra o conhecimento e os planos de Deus".¹

Escreveu o apóstolo Paulo: "Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e, sim, poderosas em Deus, para destruir fortalezas; anulando sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, levando cativo todo o pensamento à obediência de Cristo" (2 Co 10.4, 5, V. A.). Essa passagem parece dar a entender quatro tipos de fortalezas, a saber:

1. *Fortalezas do Sectarismo.* "Anulando sofismas" (v. 4). Um grande número de crentes gosta de argumentar por meio de sofismas. A natureza de tais argumentos é tentar provar que sua posição está correta; e, naturalmente, uma maneira sobejamente comprovada de fazer isso é mostrar que a pessoa que discorda está errada. Fico bastante perplexo diante do considerável número de artigos e de livros que estão sendo escritos, argumentando que algumas das coisas que estou dizendo a respeito da oração, nesta série chamada *Guerreiros da Oração*, laboram em erro. Um amigo

que está escrevendo grande parte desses sofismas disse-me: "Creio que fui chamado para ser um polemista". Ele não pode compreender como posso citar, com aprovação, algumas das coisas que uma pessoa como, por exemplo, Walter Wink, está dizendo, ao mesmo tempo em que não concordo com outras questões e não refuto essas posições dele. Ele quer que eu apareça sob uma boa luz, fazendo outras pessoas aparecerem sob uma luz distorcida.

A atitude polêmica raramente persuade outras pessoas que elas deveriam mudar de atitude mental, tornando-se mais parecidas com o polemista. No mais das vezes, esses argumentos polêmicos apenas cristalizam as pessoas em suas opiniões, alargando ainda mais o abismo. Essa é, precisamente, a causa de grande parte das divisões que há hoje em dia no Corpo místico de Cristo. Jamais deveríamos comprometer os princípios bíblicos essenciais a respeito da pessoa e da realização de Jesus Cristo ("um só Senhor, um só batismo" [Ef 4.2-5]). Todavia, há muito espaço tanto para desacordos quanto para respeito mútuo sobre doutrinas secundárias. Grande parte da nossa polêmica cristã, conforme temo, constitui fortalezas do inimigo.

2. *Fortalezas do Ocultismo*. "Toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus" (v. 5). A palavra grega aqui traduzida por "altivez" é *húpsoma*, acerca da qual diz o *New International Dictionary of New Testament Theology*: "Provavelmente reflete idéias astrológicas, pelo que denota poderes cósmicos... poderes que se voltaram contra Deus, que buscam intervir entre Deus e o homem."² E afirmou Cindy Jacobs: "Os espíritos territoriais que dominam uma cidade ou região são grandemente fortalecidos pelas declarações do ocultismo, pelas maldições, pelos rituais do fetichismo, usados pelas bruxas, pelos feiticeiros e pelos adoradores de Sata-nás."³ Quando Haroldo Caballeros descobriu a serpente de penas dos antigos índios maias, no terreno por detrás do templo de sua igreja, ele começou a desvendar algumas das fortalezas do ocultismo, que subseqüentemente foram debilitadas.

3. *Fortalezas da Mente*- "Levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (v. 5). Muitos têm criticado Robert Schuller por que ele ensina o "pensamento de possibilidades". Mas tenho descoberto pessoalmente que a tentativa de moldar meus pensamentos e planos sob uma luz positiva tem ajudado em muito o meu ministério e o meu próprio bem-estar pessoal. Meu amigo, Edgardo Silvano, tem dito em muitas ocasiões: "Uma fortaleza é

uma atitude mental impregnada pela desesperança, o que leva o crente a aceitar como imutável algo que ele sabe ser contrário à vontade de Deus". Tanto Schuller quanto Silvosso estavam descrevendo a fé bíblica, sem a qual é impossível alguém agradecer a Deus (veja Hb 11.6).

A falta de fé é uma fortaleza de que Satanás se utiliza. Jesus ficava quase exasperado diante da falta de fé, ao ponto de ter exclamado acerca de seus discípulos, e isso por mais de uma vez: "Ó homens de pequena fé!"

4. *Fortalezas Pessoais*, "...à obediência de Cristo; estando prontos para punir toda desobediência..." (vs. 5, 6). Todo rebaixamento dos padrões de obediência ou da santidade, na vida dos crentes, fornece um trampolim para Satanás. Se tivermos de "resistir ao diabo", conforme Tiago recomendou, também teremos de "chegar-nos a Deus" (veja Tg 4.7, 8). Entre outras coisas, isso significa que devemos "limpar as mãos" e "purificar o nosso coração". Ou atos errados, ou motivos errados, ou mesmo a combinação dessas duas coisas, podem fornecer a Satanás fortalezas pessoais e o direito legal para ele realizar as suas obras malignas.

Esses quatro pontos não exauzem a lista de fortalezas espirituais possíveis, mas nos oferecem exemplos concretos de algumas das coisas que Deus quer que "destruamos". Um aspecto importante das jornadas de oração consiste em fazer precisamente isso, assim libertando os ministérios de evangelismo e de ação social que se seguem.

DOIS TIPOS DE JORNADAS DE ORAÇÃO

A experiência mais recente tem indicado que é útil distinguir entre duas modalidades de jornadas de oração. Uma delas chama-se "jornadas de oração intercessória", ao passo que a outra chama-se "jornadas de oração profética". Ambas são formas bastante avançadas de oração na comunidade, embora as jornadas de oração profética sejam as mais avançadas. Isso pode ser confrontado com os demais tipos de oração fora dos limites do templo, o que pode ocorrer em uma escola primária ou secundária. Mas as jornadas de oração intercessória seriam como um curso

ginasial, e as jornadas de oração profética seriam como um curso universitário.

O diabo mostra-se muito cauteloso, no afã de garantir que as fortalezas que ele está usando no momento sejam seguramente conservadas. As jornadas de oração são uma ameaça direta e franca ao bem-estar do inimigo, e ele fará tudo quanto estiver ao seu alcance para opor-se a elas. Assim afirmo não a fim de instilar o medo, porquanto "maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo" (1 Jo 4.4, V. R.), mas a fim de encorajar, de nossa parte, um grau apropriado de cautela. Juntar-se às Marchas para Jesus e à maioria dos passeios de oração é uma coisa; mas desafiar o inimigo nas jornadas de oração é algo bem diferente. Planejar uma jornada de oração é declarar guerra a Satanás.

JORNADAS DE ORAÇÃO INTERCESSÓRIA

A fim de realizar uma jornada de oração intercessória, uma igreja local ou ministério precisa recrutar uma equipe de cinco a dez membros, enviando-os a outra cidade ou a outro ponto estratégico com o propósito de orarem no local.

O ministério designado como Asian Outreach, em Hong Kong, recentemente enviou uma equipe de quatro intercessores a Da Nang, em uma jornada de oração. Ao desembarcarem, após uma viagem de trem que durou trinta horas, eles não tinham qualquer plano previamente traçado. No entanto, tinham um propósito. "Tínhamos chegado a Da Nang com um alvo específico na mente", explicou Cao An Dien, uma das intercessoras. "Chegamos aqui a fim de orar".⁴ Ela disse que não sabia para onde, no Vietnã, o Senhor os conduziria, ao partirem de Hong Kong. "Mas quando oramos pelas cidades do Vietnã, sentimos trevas em redor de Da Nang, como se ali houvesse algo de significativo para orarmos a respeito."⁵

Quando começaram a explorar e a procurar alvos para as suas orações, logo no primeiro dia, eles pararam em um pequeno restaurante, a fim de tomarem a sua primeira refeição matinal. O cozinheiro-chefe do restaurante, um vietnamita chinês de nome Trung, disse-lhes que no momento tinha três empregos a fim de que pudesse poupar dinheiro suficiente para escapar do Vietnã.

Não tiveram oportunidade de expor a ele o evangelho, mas oraram por ele diversas vezes, enquanto estiveram em Da Nang. Oraram pela cidade; oraram contra as fortalezas do mal que puderam discernir; oraram pelos sessenta e sete grupos populacionais que ainda desconheciam o evangelho no Vietnã; oraram pelos crentes perseguidos que ali residiam; e oraram pelos indivíduos com quem se encontraram no dia-a-dia.

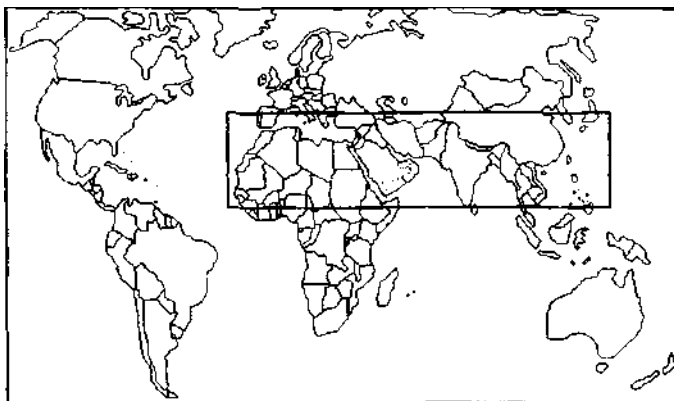
Oito meses mais tarde, ficaram radiantes quando um dos membros de sua equipe, que estava ministrando em um acampamento de vietnamitas, em Hong Kong, encontrou-se com Trung! Então ela compartilhou com ele o evangelho e deixou com ele um livro devocional, escrito em inglês e em chinês. Seis meses mais tarde, encontraram-se de novo com ele. Dessa vez quem estava radiante era ele. "Tornei-me crente", foi dizendo ele. "Ao ler este livro devocional, vim a conhecer a Jesus como meu Salvador e Senhor".⁶

E a cidade de Da Nang? A jornada de oração surtiu algum efeito? Disse Cao An Dien: "Nos meses que se seguiram à nossa visita ali, foi noticiado que as igrejas evangélicas em Da Nang estavam sentindo maior liberdade, visto que o governo não os estava mais perseguindo, conforme vinha fazendo até pouco tempo antes. E muitas pessoas estavam sendo salvas naquela cidade". Então, ela adicionou algo muito importante, que os guerreiros de oração fariam bem em nunca esquecer: "O Senhor estava respondendo não somente às nossas orações, mas também às orações de muitos outros crentes, que apresentavam esta cidade a Deus, em suas orações."⁷

Orando Pela Janela 10/40

Durante o mês de outubro de 1993, ocorrerá o mais maciço evento de oração internacional de que há memória. Chamado de "Orando Pela Janela", tem o patrocínio do A.D. 2000 Movement United Prayer Track, coordenado por Dick Eastman, da Every Home for Christ, e por Jane Hansen, da Women's Aglow. Crentes do mundo inteiro serão desafiados a fazer um esforço especial para orar por p*ovos não-alcançados e por cidades não-evangelizadas da Janela 10/40.

"A Janela 10/40"



Milhões de intercessores estão sendo arrolados, a fim de orarem durante todo o mês de outubro. Enquanto escrevo, alguns alvos ousados têm sido determinados:

- A Women's Aglow International espera mobilizar quinhentas mil mulheres a fim de orarem durante todo aquele mês.
- William Kumuyi espera conseguir o apoio de até dois milhões de africanos, de mais de quarenta nações diferentes.
- A comissão coreana do A.D. 2000 está bastante segura de que eles contarão com um milhão de coreanos que orem especificamente em favor da Janela 10/40.

A idéia de encher estádios públicos foi sugerida pelos japoneses. O representante da United Prayer Track, Paulo K. Ariga, está trabalhando junto com a comissão organizadora da All-Japan Revival Koshien Mission, que alugou o famoso estádio de baseball Koshien por três noites. Tendo em vista algo similar, Ariga também está promovendo cento e oitenta mil horas de oração intercessória. Visto que eles esperam preencher o estádio com sessenta mil assentos durante todas as três noites, serão ocupados nada menos de cento e oitenta mil assentos. A fim de prover uma hora de oração por cada assento, Ariga dispõe de mais de sete mil crentes japoneses que se comprometeram a orar, jejuar e enviar um cartão postal sempre que tiverem completado dez horas de oração. Todos os números são computadorizados e monitorados.

Muitos líderes evangélicos, em outros países, estão planejando seguir as idéias dos japoneses, pelo menos por uma noite, em alguns casos, na noite do dia das Bruxas, 31 de outubro de 1993.

Duzentas e Quarenta e Oito Jornadas de Oração

Essa iniciativa não somente deseja orar em favor da Janela 10/40, mas também está planejando orar na Janela 10/40, através de, pelo menos, duzentas e quarenta e oito jornadas de oração intercessória. O número duzentos e quarenta e oito deriva-se da multiplicação de sessenta e duas nações da grande Janela 10/40, que é o alvo dessas orações, pelas quatro semanas do mês de outubro. O plano consiste em postar uma equipe de oração em cada uma das sessenta e duas nações (ou, em alguns casos, uma equipe precisará ficar nas fronteiras de uma nação), em cada uma das quatro semanas daquele mês. Várias equipes chegarão a manter contato com outras equipes de oração, que estarão orando nas proximidades.

Somente o Senhor sabe se qualquer ou todos esses alvos, ou outros alvos que surjam subsequenteemente, serão atingidos, plena ou parcialmente. Seja como for, a visão das jornadas de oração sincronizadas é um conceito dos mais delicados, digno de ser posto em experiência.

As jornadas de oração estão sendo coordenadas por Ted Haggard, pastor da New Life Church de Colorado Springs, estado do Colorado, que organizou um novo ministério para esse empreendimento, chamado Christian Information Network. A tarefa de Haggard consiste em cuidar para que haja quatro equipes de oração enviadas para cada país, uma equipe a cada semana. Espera-se que as equipes de oração procederão de muitas nações do mundo, recebendo os vistos de entrada em muitas das nações que ficam dentro da Janela 10/40. Ted assegurará que as equipes de nações apropriadas receberão tarefas em países de acesso limitado.

O mapeamento espiritual será provido pela Divisão de Mapeamento Espiritual da United Prayer Track, sob a direção de George Otis, Jr. Declarou Otis: "Precisamos encontrar uma

maneira de levantar o véu de encantamento do inimigo sobre os corações e as mentes dos grupos étnicos que vivem dentro dessa Janela 10/40. Para realizarmos essa tarefa — que a Bíblia define como amarrar o valente (Mt 12.29) —, é mister que tanto identifiquemos com exatidão a nossa competição espiritual quanto tenhamos fé e nos dediquemos a perseverar em oração."⁸

A equipe de Otis tem-se consagrado a pesquisar e distribuir o que eles chamam de "alvos coordenados", que trata com fortalezas espirituais específicas de toda espécie, no caso de cada uma das sessenta e duas nações que receberão intercessores. Outrossim, ele tem trabalhado juntamente com Dick Eastman a fim de produzir um guia de orações gerais para ser usado naquele mês, com esboços gerais de como orar, dia após dia, por aquelas sessenta e duas nações.

Treinando Para as Jornadas de Oração

O treinamento para uma guerra de oração estratégica e inteligente será provido para aqueles que se apresentarem como voluntários para as jornadas de oração intercessórias. Uma conferência com a ajuda de videoteipes, apresentando Luis Bush, Peter Wagner, Dick Eastman, David Bryant, Cindy Jacobs, George Otis, Jr. e Ted Haggard, pode ser conseguida na Christian Information Network. Otis está produzindo um manual de treinamento chamado *Strongholds of the 10/40 Window* (The Sentinel Group), que incluirá instruções sobre como podem ser entendidas as fortalezas espirituais, como identificá-las e como reagir diante delas. Muitos crentes também estão usando meus livros *Oração de Guerra* e *Derrubando as Fortalezas em Sua Cidade*, bem como o livro de Cindy Jacobs, *Possuindo as Portas do Inimigo*.

O custo para enviar duzentas e quarenta e oito equipes de cinco a dez pessoas cada, ao sueste da Ásia, ao norte da África, à Índia, aos Himalaias, ao Japão e a outros destinos que ficam dentro da Janela 10/40, é considerável. E isso levanta uma interessante pergunta para os líderes das igrejas evangélicas: Quão importante é a oração, no que tange a um evangelismo eficaz? A maioria dos líderes evangélicos haverá de responder: "A oração é a prioridade de número um". Mas conforme eu cheguei a observar no segundo capítulo deste volume, muito disso é apenas declaração retórica.

Coisa alguma demonstra o nível real de dedicação das pessoas do que sua disposição em entrar com algum dinheiro.

Dependendo de muitos fatores, custaria a uma igreja entre dez a vinte e cinco mil dólares o envio de uma equipe de oração intercessória à Janela 10/40. Isso, conforme compreendo bem, é o bastante para quase fulminar um pastor como uma descarga elétrica. Entretanto, também acredito que duzentas e quarenta e oito igrejas ou ministérios, de muitas nações, consideram a guerra de oração de modo profundo o bastante para desembolsarem os fundos necessários. Uma igreja da Guatemala já se comprometeu em levantar os fundos e está confiando em Deus que esses fundos estarão disponíveis quando chegar o tempo de sua equipe partir. Outra equipe, formada por índios navajos, da América do Norte, também dedicou-se a tomar parte nessa jornada de oração.

Aqueles que se apresentarem como voluntários de uma jornada de oração intercessória devem tomar consciência de que não estão partindo em uma viagem de férias. Não serão sete ou dez dias de diversões e folguedos. Mas será uma autêntica aventura de missões transculturais a curto prazo. Uma das vantagens de que desfrutarão é que não terão de aprender qualquer língua nova, porquanto poderão orar cada qual em seu idioma nativo. Mas em muitos casos a alimentação deixará a desejar; ou serão afetados por enfermidades incômodas como diarreia ou resfriados; as diferenças de fusos horários deixarão os seus sistemas biológicos fora de equilíbrio; as acomodações, em alguns casos, serão espartanas, desconhecendo os confortos de que desfrutam em seus próprios lares. E visto que todos estarão ocupados em uma aberta guerra espiritual, desafiando áreas onde os demônios desde há muito estão profundamente entrincheirados, inevitavelmente haverá baixas. Não será uma tarefa para os desanimados, mas para aqueles poucos que foram chamados, fortalecidos e espiritualmente dotados pelo Deus Todo-Poderoso.

Os resultados poderão ser mudanças radicais no equilíbrio de poder nos lugares celestiais e um derramamento do Reino de Deus sobre terras antes escravizadas às trevas.

JORNADAS PROFÉTICAS DE ORAÇÃO

Imagino que a porcentagem dos crentes que se engajam nas jornadas de oração profética, em comparação com os que fazem parte das jornadas de oração intercessória, seria semelhante à de atletas do ginásio que eventualmente competem nos Jogos Olímpicos.

Embora o conceito das jornadas de oração profética seja uma novidade para muitos de nós, não é algo novo para o intercessor sueco Kjell Sjöberg. Kjel (nome pronunciado como "xel") é um daqueles atletas olímpicos do mundo espiritual, por assim dizer, que tem conseguido amearhar tanta experiência como qualquer outro poderia fazer, dentro desse ministério tão preciso. Em seu livro, *Winning the Prayer War*, ele diz que eles confirmaram "que existem indivíduos hoje em dia, dotados do dom da espionagem profética. Certas pessoas têm experimentado a santidade de Deus e o seu amor constante, estando em adoração diante dele, recebem um instinto de caça que os leva a detectar as manipulações do inimigo. O mal é algo que podemos localizar, dando-lhe um nome".⁹

Sjöberg acredita que as jornadas de oração devem ser usadas muito mais do que têm sido, como preparação para o evangelismo. Afirmou ele: "Cem anos atrás, quando os missionários estavam sendo mobilizados para irem à China e outras terras, anunciando o evangelho, seus apoiadores de oração recebiam instruções para ficarem na pátria enviada em apoio àqueles que iam combater na linha de frente. Acredito que podemos fazer algo bem melhor do que isso, em nossos próprios dias, e por esse motivo digo aos intercessores: 'Vocês irão na frente, limpando o caminho para os evangelistas e para aqueles que implantam novas igrejas!'"¹⁰

Em seu livro, Sjöberg, o qual garante que foi chamado para "conduzir equipes de oração a lugares difíceis e árduos, a nações fechadas e a povos não-alcançados",¹¹ narra jornadas de oração proféticas a cidades como Paris, Bruxelas, Bonn, Varsóvia e Atenas. E ele refere-se a fortalezas espirituais que encontrou nessas jornadas, como Mamom, a Prostituta, o Materialismo, a Perda dos Progenitores, a Morte, a Conspiração e muitas outras. E, em seguida, conta vitórias espirituais.

Para exemplificar, ele fala de uma viagem de oração a Budapeste, onde identificaram o valente que dominava a Hungria e que era um espírito de servidão. Eles oraram mui especificamente para expulsar aquele espírito territorial da servidão. E ajuntou: "As respostas às nossas orações vieram quando, dois anos mais tarde, foram derrubadas as cercas de arame farpado que marcavam as fronteiras, para serem vendidas como lembranças, quando então os húngaros puderam, de novo, viajar livremente para outros países."¹²

Em Paris, eles sentiram que precisavam combater o espírito de revolução e, particularmente, voltaram-se contra as demonstrações do dia Primeiro de Maio. Afirmou Sjöberg: "Desde que oramos ali, as celebrações do Primeiro de Maio, nos ex-países comunistas e socialistas, perderam o seu poder de atrair as multidões."¹³

Atos de Oração Profética

Aqueles que acompanham as atividades dos intercessores proféticos algumas vezes sentem-se atônitos diante do comportamento deles. Algumas coisas que eles fazem parecem irracionais, ou mesmo bizarras. Triste é dizê-lo, alguns entusiastas imaturos e sem sabedoria cometem atos estúpidos que não procedem do Espírito Santo. Mas os intercessores que verdadeiramente estão em contato com Deus algumas vezes são solicitados a fazer coisas estranhas. Disse Kjell Sjöberg: "As ações das orações proféticas são realizadas somente por ordem do Senhor, dentro do tempo perfeito de Deus, de acordo com uma estratégia que o Senhor revelou à equipe."¹⁴

Para exemplificar, meu amigo Filiberto Lemos, que pastoreia uma igreja rural na parte ocidental da Guatemala, também é um intercessor reconhecido. Em uma recente reunião da Spiritual Warfare Network, ele disse como as coisas não estavam correndo bem em sua igreja, por causa de uma severa oposição ao evangelho, por parte dos habitantes da cidade. Quando ele estava orando a esse respeito, Deus lhe deu instruções bastante estranhas. Às 4h da madrugada, quando a cidade ainda dormia, os membros de sua igreja deveriam reunir-se em três grupos, ao redor

da cidade, efetuando marchas com tochas simultâneas, atravessando as ruas da cidade, e terminando na igreja, a fim de orar. A partir da data desse ato de oração profética, a frequência aos cultos de sua igreja aumentou dramaticamente.

Kjell Sjöberg fala sobre um grupo de intercessores que foi levado a um ato de oração profética no deserto perto de Berseba, em Israel. Eles levaram duas varetas. Em uma das varetas eles escreveram: "A Judá e aos filhos de Israel". E na outra escreveram: "Para José, a vareta de Efraim". Amarraram juntas as duas varetas, com um fio de prata, e uniram as duas varetas com uma aliança de casamento. Mas isso não fizeram de moto-próprio. Deus levou-os a repetirem o ato referido em Ezequiel 37.16-22, orando fervorosamente pela unidade entre os judeus ortodoxos radicais e os judeus seculares, e pela harmonia entre os judeus messiânicos e os demais judeus.¹⁵

Quando nos lembramos de determinados comportamentos dirigidos por Deus, da parte dos profetas do Antigo Testamento, as coisas entram na devida perspectiva. Ezequiel teve de ficar deitado em seu lado esquerdo por trezentos e noventa dias, e em seu lado direito por quarenta dias (Ez 4.4-6). Também precisou assar bolos de cevada usando fezes humanas como combustível (vs. 12,13). Jeremias precisou enterrar o seu cinto interior e, mais tarde, precisou desenterrá-lo (Jr 13.1-7). Oséias precisou casar-se com uma prostituta (Os 1.2). E assim por diante. Os atos de oração profética daqueles homens devem ter parecido irracionais e mesmo bizarros na ocasião; mas pelas Escrituras ficamos sabendo que esses atos foram, verdadeiramente, determinados pelo Senhor.

Jornadas aos Pontos Cardeais

Loren Cunningham, líder da Jovens com uma Missão - JOCUM, sentiu recentemente que Deus estava dirigindo a JOCUM a uma estratégia de oração profética, a qual envolvia jornadas aos pontos cardeais do mundo. Sentiram-se impulsionados a fazer isso depois que estudaram o sentido da expressão "as extremidades da terra" na Palavra de Deus, particularmente no convite de Salmo 2.8: "Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e as extremidades da terra por possessão" (V. R.).

Roger McKnight, que atualmente encabeça a Coordenação Internacional dos Eventos de Oração da JOCUM, foi nomeado para organizar equipes de oração que fossem orar no local nos extremos norte, sul, leste e oeste dos seis continentes. Tendo escolhido o termo técnico geográfico e cartográfico "pontos cardeais", essa iniciativa de oração foi designada como "Estratégia de Oração nos Pontos Cardeais". A despeito de previsíveis desafios logísticos e de relatórios que diziam coisas como: "Sentíamos que o inimigo estava contestando cada quilômetro que cobríamos; foi uma luta", vinte e quatro equipes de oração estavam em seus lugares, em um grande esforço de oração, a 21 de setembro de 1991.

E agora que ele aliou-se ao A.D. 2000 United Prayer Track, e tendo maior apoio da parte do Corpo místico de Cristo espalhado pelo mundo, a visão de Roger McKnight expandiu-se mais ainda. Como parte do Dia da Mudança do Mundo, a 25 de junho de 1994, ele espera não somente organizar jornadas de oração profética que formem uma "segunda onda" para os mesmos vinte e quatro pontos cardeais continentais, mas também adicionar os quatro pontos cardeais de tantas nações individuais do mundo que for possível, naquele mesmo dia.

Esse tipo de ato de oração soa como algo tão diverso do convencional que algumas pessoas acabam indagando: "Que bem poderia trazer-nos uma prática como essa?" A mesma pergunta provavelmente foi feita por aqueles que observaram Jesus misturar saliva com terra, antes de ungir os olhos de um cego. Mas esses atos refletem a lógica do Reino de Deus.

* * *

Se a salvação de Deus deve atingir os "confins da terra", então uma jornada de oração profética, que afirme o domínio de Deus sobre "o mundo e aqueles que nele habitam", pode não parecer ortodoxo, mas por certo não é algo inválido. Pode fazer parte de um plano que foi orquestrado pelo próprio Deus, anunciando um dia de mudança para o mundo!

* * *

Ademais, a maioria dos proprietários inspeciona os limites de suas terras, ou, pelo menos, pede para seus agentes fazerem isso, ou então seus herdeiros assim o fazem. Essas inspeções usualmente ocorrem quando algo de significativo está prestes a acontecer em uma propriedade. Sob essa luz, se a salvação de

Deus deve atingir os "confins da terra" (Is 52.10), então uma jornada de oração profética, que afirme o domínio de Deus sobre "o mundo e aqueles que nele habitam" (SI 24.1), pode não parecer ortodoxa, mas por certo não é algo inválido. Pode fazer parte de um plano que foi orquestrado pelo próprio Deus, anunciando um dia de mudança para o mundo! Se Deus ordenou a Jeremias que enterrasse uma peça de suas vestes interiores, ele também pode ordenar que vão orar equipes de oração no Cabo Branco, no Brasil e em Xaafum, na Somália, e no Cabo Príncipe de Gales, no Alasca, a 25 de junho de 1994.

Orando Contra a Guerra

Bill Wylie-Kellermann e um grupo de amigos sentiram que o Senhor os estava conduzindo a uma jornada de oração profética, em 1983. Dessa vez eles sentiram que Deus os estava dirigindo a orar contra a guerra nuclear, e que o seu ato de oração profética deveria ter como epicentro nada menos que a Base Wurtsmith, da Força Aérea norte-americana, no extremo norte do estado de Michigan, onde dezesseis bombardeiros B-52, carregados de bombas nucleares, estavam estacionados e prontos a decolar minutos depois de um aviso. Eles oraram durante meses, antes de buscarem a orientação de Deus, e, então, iniciaram a jornada em um sábado santo de 1983, a fim de chegarem àquela base no domingo da páscoa, ao amanhecer o dia.

Começaram a orar às 2h da madrugada do domingo de Páscoa e começaram a caminhar nas trevas, na direção da base aérea, debaixo de uma tempestade de neve úmida. Ao chegarem a uma cerca divisória, sentiram que deveriam pôr em prática dois atos proféticos: acender a vela pascal e cortar a cerca divisória, para então entrarem pacificamente na base da Força Aérea.

Eles chegaram até à pista, oraram em voz alta, "renunciando a Satanás e todas as suas obras" (veja Rm 13.12), e se dirigiram na direção da área brilhantemente iluminada, onde os bombardeiros estavam em estado de alerta permanente. Chegaram ali exatamente quando o sol estava começando a surgir no horizonte. Eles esperavam que seriam detectados e presos. Mas Wylie-Kellermann relata: "Foi então que ocorreu um fenômeno

estonteante, muito incomum em empreendimentos dessa natureza. Passamos sem ser vistos!"¹⁶

Ao atingirem a área de segurança máxima, ajoelharam-se e tomaram a Santa Comunhão, rogando a Deus que impedisse que as bombas nucleares viessem a colher a vida de seres humanos inocentes. E somente então foram cercados por perplexos e embaraçados guardas armados, antes de terem terminado; e até tiveram licença de terminarem o seu culto com cânticos evangélicos exaltando a ressurreição de Cristo. Esperavam que seriam detidos, mas foram apenas revistados e, então, levados sem qualquer cerimônia até ao portal da frente da base, sem que houvesse qualquer acusação.

Quem sabe o que o futuro reserva para nós? Mas sabemos que desde aquela jornada de oração profética o perigo de um holocausto nuclear de dimensões globais vem diminuindo cada vez mais. Até agora, os artefatos nucleares não têm sido usados.

Palavras em Código no Iraque

Uma fascinante jornada de oração profética foi conduzida ao Iraque sob a orientação de Kjell Sjöberg, em 1990. Minha filha, Becky, fez um artigo a respeito para a *G. I. News*, em uma circular da Gerais da Intercessão. Portanto, deixarei que ela conte a história:

No verão de 1990, Kjell Sjöberg liderou quinze homens em uma jornada de oração de dez dias ao Iraque. Foi durante a semana em que eles chegaram que o presidente Saddam Hussein convocou uma reunião de cúpula de líderes árabes, imediatamente antes da invasão do Kuwait. Em resultado, as fronteiras foram fechadas para todos os turistas. Miraculosamente, o grupo de Kjell foi o único grupo de turistas que teve permissão de entrar no país.

Visto que eles tinham planejado visitar certo número de sítios arqueológicos, seu guia iraquiano de turismo enganou-se, julgando-os arqueólogos, e escoltou-os exatamente ao local que eles tinham escolhido como alvo de suas orações. Sentindo como se estivessem sendo vigiados pela polícia

secreta, o grupo arranhou palavras em código em suas orações. Israel foi chamada de "terra de Miguel"; Saddam Hussein era o "homem de feno"; eles chamavam os muçulmanos de "músicos"; as organizações missionárias eram as "companhias"; e os brados de aleluia a Deus eram proferidos como "Honolulu!"

Kjell noticiou que o guia deles, de nome Mohammed Ali, bradou "Honolulu!" tanto quanto qualquer dos membros do grupo de intercessores!

A história agora reflete que a coligação árabe de cúpula se despedaçou durante o período em que Kjell e seu grupo de oração estavam no Iraque. Saddam Hussein teve de invadir sozinho o Kuwait, e isso, afinal, levou à sua derrota na guerra. Assim, o Senhor já contava com os seus guerreiros por detrás das linhas inimigas, desfechando guerra espiritual nos lugares celestiais, em um momento que mostrou ser estratégico na história do mundo.

Kjell Sjöberg e seus homens certamente não foram os únicos que o Senhor impressionou a fim de interceder naquela semana diante dos acontecimentos no Oriente Próximo e Médio, mas cremos que a fidelidade deles ao mandato de Deus exerceu algum impacto histórico.¹⁷

Assim também penso eu. Alio-me a Walter Wink e muitos outros, quando declaro: A história pertence aos intercessores!

Perguntas para refletir

1. Discuta sobre o que significa "fortaleza" e dê exemplos de diferentes tipos de fortalezas sobre as quais você mesmo tem consciência, em sua própria igreja ou comunidade.
2. Enviar duzentas e quarenta e oito equipes para orarem na "Janela 10/40", pelo espaço de uma semana, será um empreendimento muito dispendioso. Essa é uma boa causa para gastarmos o nosso dinheiro, ou deveríamos gastá-lo em outras coisas?
3. Você pensa que o conceito de "espionagem profética" é um conceito válido? Que tipo de pessoa você pensa que deveria ser cha-

mado para ocupar-se dessa tarefa? Você conhece bem alguém que se ajuste a esse perfil?

4. Quais são os seus sentimentos acerca da equipe que orou dentro da base Wurtsmith da Força Aérea norte-americana? Que dizer a respeito daqueles que oraram nos quatro pontos cardeais da terra, em 1991 ? Esses atos são por demais radicais para merecerem a aprovação da maioria dos crentes?

5. Pode você chegar a algumas conclusões acerca do que você, seus amigos e sua igreja poderiam fazer para implementar as orações *em* sua comunidade, como também para orarem *em favor* de sua comunidade?

Notas

1. JACOBS, Cindy. "Dealing with Strongholds", *Breaking Strongholds in Your City*. C. Peter Wagner, ed. Ventura, CA, Regai Books, 1993. p. 80.

2. BLUNCK, J. "Heigh, Depth, Exalt", *The New International Dictionary of New Testament Theology*. Colin Brown, editor. Grand Rapids, MI, Zondervan Publishing House, 1976. p. 200.

3. JACOBS, "Dealing with Strongholds", p. 86.

4. DIEN, Cao An. "That God May Open a Door", *Asian Report*, maio/junho de 1992, p. 17.

5. Idem, *ibidem*.

6. Idem, *ibidem*, p. 20.

7. Idem, *ibidem*.

8. OTIS, JR., George. "Operation Second Chance" um documento que circulou privadamente, expedido pelo Sentinel Group, 1992, p.2.

9. SJÖBERG, Kjell. *Winning the Prayer War*. Chischester, Inglaterra, New Winé Press, 1991. p. 60.

10. Idem, *ibidem*.

11. Idem, *ibidem*, p. 76.

12. Idem, ibidem.

13. Idem, ibidem.

14. SJÖBERG, Kjell. "Spiritual Mapping for Prophetic Prayer Actions", *Breaking Strongholds in Your City*. C. Peter Wagner, ed. Ventura, CA, Regai Books, 1992. p. 105.

15. Extraído de uma carta circular de Kjell e Lena Sjöberg, de 21 de abril de 1992.

16. WYLIE-KELLERMANN, Bill. *Seasons of Faith and Conscience* Maryknoll, NI, Orbis Books, 1992. p. xxii.

17. WAGNER, Becky. "Profile of a General: Kjell Sjöberg", *G. I. News*, maio/junho de 1992, p. 4.

FIM

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante aos deficientes visuais e a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.